

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Débora de Mello e Souza

Tão Longe, Tão Perto:

Socionomia, Proxêmica e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
no Cotidiano

Doutorado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Débora de Mello e Souza

Tão Longe, Tão Perto:

Socionomia, Proxêmica e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
no Cotidiano

Doutorado em Psicologia Clínica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani.

SÃO PAULO

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Mello e Souza, Debora
Tão Longe, Tão Perto: Socionomia, Proxêmica e os
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Cotidiano /
Debora Mello e Souza - São Paulo: [s.n.], 2022.
303 p. il.; 21 x 29, 7 cm.

Orientador: Marlise Aparecida Bassani.
Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós - Graduação em Psicologia Clínica, 2022.

1. Agenda 2030. 2. Psicologia Clínica. 3. Psicologia
Ambiental. 4. Socionomia. 5. Fenomenologia. I. Bassani, Marlise
Aparecida. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós - Graduação em Psicologia Clínica.
III. Título.

BANCA EXAMINADORA

*“Vi todos sendo capazes de através da
responsabilidade tornarem-se deuses”.*

Jacob Levy Moreno

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil". Projeto n.870439/1997-9.

This work was carried out with the support of the National Council for Scientific and Technological Development, CNPq, Brazil. Project n. 870439/1997-9.

AGRADECIMENTOS

À todas as crianças, em especial as que tenho mais próximas, meus filhos João e Vitória e meus afilhados Pedro e Felipe. Sou grata por me lembrarem o tempo todo do porquê precisamos falar urgentemente de nossas relações com objetivos para o ano de 2030 e sobre o futuro. Com a ajuda das crianças, também dou sentido à grandeza das ações cotidianas, que sei que tem a força de salvar mundos.

Às patinhas negras de meus filhos caninos, Gandhi e Gaia, que muitas vezes tiraram minhas mãos dos teclados, pedindo carícias, fazendo-me perceber muita ternura. Vocês, assim como as crianças, nunca desistiram do Amor.

A meu companheiro de vida Rodrigo, que se fez multitarefa ao longo destes últimos anos, para dar conta daquilo que, muitas vezes, eu já não conseguia mais realizar. Obrigada por se manter vivo, depois do grande susto que seu coração nos provocou. Seus sonhos continuam sendo os meus, você é minha inspiração.

A meus pais e irmãs, que me ajudam não esquecer quem sou. Às queridas sobrinhas, Stephanny e Jackeline, vê-las crescer estudando e se formando, em temas que abordo nesta tese, me fez sentir que as sementes plantadas, de fato, geraram vida.

Aos amigos e amigas que criaram uma incrível rede de apoio, na qual atravessamos pandemias e oceanos tempestuosos juntos, em especial: Lilian, Vinícius, Simone, Cecília, Lili, Victor, Helena, Luciana, Júlia, Cléu, Wagner, Silvana, Sandra, Lúcia, Mulheres 4.0+ e as redes de amigos, autores e estudiosos de Socionomia, Filosofia e de temas sobre Sustentabilidade. Com vocês compartilhei muitas ideias, e suas escutas sempre atentas fizeram-me sentir que não estava sozinha.

Às queridas Teresinha e Mara, pela cuidadosa parceria na revisão deste trabalho.

Com destaque, reforço o enorme respeito aos 265 participantes da pesquisa, que vieram se juntar a mim nessa travessia e com quem tanto aprendi.

Por fim, agradeço à jornada trilhada com os colegas do Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, na PUC-SP. Ao Professor Diogo Corrêa, aos Professores que participaram de minhas bancas, à Professora Iara Gustavo, e, de maneira especial, um enorme obrigada à minha orientadora, Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani, que me fez muitas vezes perceber que não devíamos “jogar a

água do banho fora junto com o bebê.” Incentivou-me a não desistir, no processo de criação de algo novo, partindo da bagagem que eu já trazia. Foi neste processo, muitas vezes doloroso, nas escritas e reescritas desta tese, que surgiam sempre novas formas de se enxergar algo que estava ali, o tempo todo. Essa dança, entre desmanchar e reconstruir, fez com que a pasta de arquivos, onde as diversas versões deste trabalho foram armazenadas, fosse nomeada como “*Phenix*”, assim como o ser mitológico que ressurgiu das cinzas, é assim que me sinto. Continuamente agradecendo ao que fui ontem, e que se esvai, para dar lugar àquilo que estou por me tornar. Sempre em movimento!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Análise Temática
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CGI.br	Comitê Gestor da Internet no Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS/MS	Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde
CNODS	Comissão Nacional para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
COVID-19	<i>Corona Vírus Disease</i>
DR	Discussão da Relação
GSMA	<i>Global System for Mobile Association</i>
IAGP	<i>International Association of Group Psychotherapy</i>
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MAP-ODS1	Mapa de Aproximação aos ODS 1
MAP-ODS2	Mapa de Aproximação aos ODS 2
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGs	Organizações Não Governamentais
PIB	Produto Interno Bruto
QSV1	Quem Sobreviverá - Volume 1
QSV2	Quem Sobreviverá – Volume 2
QSV3	Quem Sobreviverá – Volume 3
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UN	United Nations

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aspecto visual da comunicação institucional da Agenda 2030.....	25
Figura 2 - Marcos Conceituais do Desenvolvimento Sustentável.	34
Figura 3 - Objetivos do Milênio (ODM).	36
Figura 4 - Epistemologia Socionômica	51
Figura 5 - Mapa de Temas	114
Figura 6 - Síntese das etapas	115
Figura 7 - Participantes: cor e gênero	121
Figura 8 - Balizadores	132
Figura 9 - Participantes dos Diálogos.....	133
Figura 10 - ODS 1	134
Figura 11 - ODS1 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	137
Figura 12 - ODS 2	139
Figura 13 - ODS2 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	141
Figura 14 - ODS 3	142
Figura 15 - ODS 3 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	144
Figura 16 - ODS 4	145
Figura 17 ODS 4 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	147
Figura 18 - ODS 5	148
Figura 19 - ODS 5 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	150
Figura 20 - ODS 6	151
Figura 21 - ODS 6 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	153
Figura 22 - ODS 7	154
Figura 23 - ODS 7 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	156
Figura 24 - ODS 8	157
Figura 25 - ODS 8 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	160
Figura 26 - ODS 9	161
Figura 27 - ODS 9 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	163
Figura 28 - ODS 10	164
Figura 29 - ODS 10 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	166
Figura 30 - ODS 11	167
Figura 31 - ODS 11 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos	168
Figura 32 - ODS 12	169

Figura 33 - ODS 12 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	171
Figura 34 - ODS 13.....	172
Figura 35 - ODS 13 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	174
Figura 36 - ODS 14.....	175
Figura 37 - ODS 14 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	177
Figura 38 - ODS 15.....	178
Figura 39 - ODS 15 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	180
Figura 40 - ODS 16.....	181
Figura 41 - ODS 16 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	183
Figura 42 - ODS 17.....	184
Figura 43 - ODS 17 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos.....	186
Figura 44 - MAP-ODS1 -Graduações Proxêmicas na visão coletiva.....	190
Figura 45 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 1 (N=122).....	194
Figura 46 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 2 (N=137).....	195
Figura 47 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 3 (N=4).....	196
Figura 48 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 4 (N=1).....	196
Figura 49 - Participantes da Etapa 1 - Agrupamento 5 (N=1).....	197
Figura 50 - Familiaridade com a Agenda 2030.....	201
Figura 51 - Cenas Sati, Hélio, Cibele, Irene e Iris.....	202
Figura 52 - Cenas Guaraci, Selene, Bia, Freyr e Doris.....	206
Figura 53 - Cenas Wadd, Rama, Jaci, Isis, Ossaim.....	209
Figura 54 - Participantes dos Grupos.....	212
Figura 55 - Questões Essenciais e Temas Protagônicos.....	229
Figura 56 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 – Diva.....	234
Figura 57 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Malina.....	235
Figura 58 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Irene.....	235
Figura 59 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 - Guaraci.....	236
Figura 60 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Ossaim.....	237
Figura 61 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Wanadi.....	238
Figura 62 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Yara.....	238
Figura 63 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Mitra.....	239
Figura 64 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Hélio.....	239
Figura 65 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Dafne.....	240
Figura 66 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Freyr.....	240

Figura 67 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Rama	241
Figura 68 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Dóris	242
Figura 69 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Adonis.....	242
Figura 70 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Filó.....	243
Figura 71 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Camila.....	243
Figura 72 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Cibele.....	244
Figura 73 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Leda.....	245
Figura 74 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Bia	245
Figura 75 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 - Flora.....	246
Figura 76 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Wadd	246

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participantes da Etapa 1 - Grau de familiaridade com a Agenda 2030 .	119
Gráfico 2 - Participantes da Etapa 1 – Escolaridade	120
Gráfico 3 - Participantes da Etapa 1 - Região de atuação.....	123
Gráfico 4 - Participantes da Etapa 1 - Região de residência	123
Gráfico 5 - Participantes da Etapa 1 - Faixa etária	124
Gráfico 6 - Participantes da Etapa 1 - Estado civil.....	124
Gráfico 7 - Participantes da Etapa 1 – Gênero	125
Gráfico 8 - Participantes da Etapa 1 - Átomo social residencial: quantas pessoas residem no domicílio	125
Gráfico 9 - Átomo social no trabalho: com quantas pessoas interage no trabalho..	126
Gráfico 10 - Participantes da Etapa 1- Papel escolhido com maior prontidão	127
Gráfico 11 - Participantes da Etapa 1- Interesse em participar próximas etapas....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição das etapas e instrumentos da pesquisa	109
Quadro 2 - Dúvidas registradas na Etapa 1	117
Quadro 3 - Atividades profissionais declaradas.....	122
Quadro 4 - ODS 1 - Frequência de Graduações	135
Quadro 5 - ODS 2 - Frequência de Graduações	139
Quadro 6 - ODS 3 - Frequência de Graduações	142
Quadro 7 - ODS 4 - Frequência de Graduações Proxêmicas.....	146
Quadro 8 - ODS 5 - Frequência de Graduações Proxêmicas.....	148
Quadro 9 - ODS 6 – Frequência de Graduações	151
Quadro 10 - ODS 7- Frequência de Graduações	154
Quadro 11 - ODS 8 - Frequência de Graduações	157
Quadro 12 - ODS 9 - Frequência de Graduações	161
Quadro 13 - ODS 10 - Frequência de graduações	164
Quadro 14 - ODS 11 - Frequência de Graduações	167
Quadro 15 - ODS 12 - Frequência de Graduações	170
Quadro 16 - ODS 13 - Frequência de Graduações	172
Quadro 17 - ODS 14 - Frequência de Graduações	175
Quadro 18 - ODS 15 – Frequência de Graduações	178
Quadro 19 - ODS 16 - Frequência de Graduações	181
Quadro 20 - ODS 17 - Frequência de Graduações	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Agrupamentos, Participantes e Etapas	198
---	-----

MELLO E SOUZA, Débora. **TÃO LONGE, TÃO PERTO:** Socionomia, Proxêmica e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Cotidiano. 2022. 303f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Marlise A. Bassani.

RESUMO

A Agenda 2030, iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), projeta-se na contemporaneidade em face a um mundo globalizado e interconectado tecnologicamente, com informações que nem sempre se alinham à experiência direta do dia a dia das pessoas, trazendo a necessidade de problematizar como os enunciados que comunicam essa agenda são percebidos. O objetivo geral deste estudo, de caráter descritivo, foi investigar percepções acerca de proximidade e distância cotidianas em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. O método consistiu em quatro etapas. Na primeira, 265 participantes avaliaram, via instrumento MAP-ODS1, a proximidade de cada ODS em relação ao cotidiano vivido, utilizando graduações entre 0 (totalmente distante) e 5 (totalmente próximo). Tiveram interesse em continuar nas etapas subsequentes 212 participantes. Selecionaram-se, a partir de análise estatística, 56 participantes com padrões de respostas diversos para a segunda etapa *Diálogos online* na qual contemplaram suas respostas e reflexões sobre o instrumento anterior. Essa etapa foi finalizada por 29 participantes que foram convidados para a terceira etapa, com 5 encontros de grupos, constituídos por até 5 participantes cada. Ao final de cada grupo os participantes receberam o Questionário *online* MAP-ODS2, quarta etapa. Concluíram essa etapa final 21 participantes, que analisaram novamente suas graduações proxêmicas, assim como o impacto de cada etapa em suas reflexões. Analisaram-se barreiras e facilitadores, indicados pelos participantes em seus relatos, no que concerne à aproximação aos ODS, também sobre as contribuições dos procedimentos desta pesquisa, baseados na Epistemologia socionômica e na promoção de reflexões em temas pró-sustentabilidade. Os participantes caracterizaram os procedimentos da pesquisa como um exercício relevante sobre estilo de vida, papéis e aquisição de novos hábitos e valores. Identificaram-se 8 balizadores das graduações proxêmicas utilizados pelos participantes na abordagem aos ODS: ação pessoal; ação de outros; ação institucional; acesso; afetos; conhecimento; importância; vontade. Sobre as contribuições do método: Na etapa *Diálogos* uma parcela dos participantes avaliou o instrumento MAP-ODS1 como tendo impacto neutro e outra parcela como um momento reflexivo sobre sensações de potência e/ou impotência frente aos ODS; a reflexão sobre papéis foi indicada como relevante por todos os participantes, e sua associação com outros procedimentos foi assinalada como fator de ampliação da compreensão de possibilidades de ação. Segundo os participantes, as etapas vivenciadas de forma coletiva foram as que mais contribuíram para suas reflexões, impulsionando para ações no cotidiano: Dos 21 participantes, 60% informaram o interesse em inserir os temas dos ODS em seu cotidiano e 40% em torná-los tópicos prioritários em suas vidas. Os resultados do MAP-ODS2 apontam que o interesse dos participantes a respeito da Agenda 2030 foi ampliado, ao mesmo tempo em que as alterações em termos de percepção de proximidade e distância foram vivenciadas em diferentes posições, papéis e contextos. O estudo aponta para a importância de se trabalhar com diferentes dimensões no cotidiano, desvelando-se barreiras e facilitadores na implementação dos ODS da Agenda 2030. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil. Projeto aprovado: 870439/1997-9

Palavras-chave: Agenda 2030. Psicologia Clínica. Psicologia Ambiental. Socionomia. Fenomenologia.

MELLO E SOUZA, Débora. **SO FAR, YET SO CLOSE: Socionomy, Proxemics, and the Sustainable Development Goals on a Daily Basis.** 2022. 303s. Thesis (Doctorate in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Advisor: Profa. Dra. Marlise A. Bassani.

ABSTRACT

The 2030 agenda, a United Nations initiative (UN, 2015), projects into contemporaneity facing a globalized and technologically interconnected world, where information has not always been aligned to the daily direct experience of people, thus bringing forth the need to question upon how enunciations communicating this agenda have been realized. This study overall objective, in its descriptive nature, was to investigate perceptions about everyday closeness and distance regarding Sustainable Development Goals (SDGs) in 2030 Agenda. The method has consisted of four steps. At the first step, 265 participants evaluated, via MAP-ODS1 Questionnaire, how close they were to each SDG regarding their daily lives by using grades from 0 (totally distant) to 5 (totally close). Two hundred and twelve participants showed some interest in going on to subsequent steps. From the statistical analysis, 56 participants with diverse answer patterns were selected into the second step, *Online Dialogues*, where they considered their answers and reflections on the previous tool. This step has been completed by 29 participants, all of them invited into the third step, where 5 group meetings, with up to 5 participants, would be held. At the end of each group step, the invited participants were given the online MAP-ODS2 Questionnaire, and this was the fourth step. Twenty-one participants completed this final step, and they analyzed their proxemic grades again, as well as the impact of each study step on their reflections. Barriers and facilitators indicated by participants in their reports concerning how close they were to SDGs have been analyzed, with the contributions to this survey procedures being also analyzed based on socioeconomic epistemology and the promotion of pro-sustainability themes. The participants characterized the study procedures as a relevant experience about lifestyle, roles, and the acquisition of new habits and values. Eight benchmarks of proxemic grades used by participants have been identified by the participants as they approached the SDGs: personal action; other people's action; institutional action; access; affection; knowledge; importance; willingness. On the method contributions, this is the conclusion: at the *Dialogues* step, part of the participants evaluated the MAP-ODS1 tool as having a neutral impact, and another part of them saw it as a moment of reflection on feelings of either power or powerlessness before SDGs; the reflection on roles has been indicated as relevant by all participants, and their association with other procedures has been indicated as a factor for enhancing the understanding of possible action. According to the participants, the steps collectively experienced were the ones that contributed the most to their reflections, driving them to everyday actions: Out of the 21 participants, 60% reported they were interested in adding SDG themes to their daily life, and 40% reported an interest in making them high-priority topics in their lives. The MAP – ODS2 results indicate the interest of participants in 2030 Agenda has been augmented, at the same time that changes in terms of nearness and distance perception have been experienced in different positions, roles and contexts. The study points to the importance of working with different dimensions on daily life by disclosing barriers and drivers to 2030 Agenda SDG implementation. The present study has been conducted under the support by CNPq, the National Board for Scientific and Technological Development – Brazil. Project approved: 870439/1997-1999

Keywords: 2030 Agenda. Clinical Psychology. Environmental Psychology. Socionomy. Phenomenology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. AGENDA 2030 - UM “COMO SE” TRANSFORMAR O MUNDO	233
1.1 A Agenda Global: Comunicação Institucional.....	233
1.2 Marcos conceituais	28
1.3 Origens, propostas e controvérsias.....	29
1.4 Desenvolvimento e Sustentabilidade.....	30
1.5 A Perspectiva do “ <i>como se</i> ” Socionômico	39
2. TRAJETÓRIA DE PESQUISA E NOSSAS BASES CONCEITUAIS	45
2.1 A caminhada em uma postura fenomenológica-existencial	46
2.2 Socionomia como nosso ponto de partida.....	50
2.3 Sociometria e Sociodinâmica de Papéis	58
2.3.1 Sociodinâmica de Papéis	69
2.4 O Fenômeno Proxêmico e a Bioatria.....	75
2.4.1 Bioatria.....	88
2.5 Inspiração e conexão com a Psicologia Ambiental.....	92
3. MÉTODO	98
3.1 Local	99
3.2 Procedimentos éticos.....	101
3.3 Abrangência e participantes	101
3.4 Etapas, Instrumentos e Materiais	102
3.4.1 Desenho dos Instrumentos MAP-ODS1 e MAP-ODS2: Conexões e Adaptações em Relação à Sociometria	103
3.4.2 Etapa 2 – <i>Diálogos</i>	106
3.4.3 Etapa 3 - Cocriando em Grupo.....	107
3.4.4 Etapa 4: Levantando as cortinas: Ação!	109
3.5 Procedimentos de análise de dados.....	110

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	115
4.1 Etapa 1 - Preparação do Palco	116
4.1.1 Compreendendo as Graduações Proxêmicas	129
4.1.2 Critérios balizadores das Graduações Proxêmicas	187
4.1.3 Não viajamos para lugares, viajamos para pessoas.....	191
4.1.4 A formação dos agrupamentos – ou, em que portos ancoramos?.....	192
4.2 Diálogos.....	198
4.3 Cocriando em Grupo na Etapa 3.....	210
4.3.1 Fazendo a DR, Discutindo a Relação com os ODS.....	226
4.4 Levantando as Cortinas: Ação!	232
5. DISCUSSÃO	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
REFERÊNCIAS	263
APÊNDICE A - Convite etapa 1 – enviado via <i>Google forms</i>	273
APÊNDICE B - Questionário MAP-ODS1	274
APÊNDICE C - Convite etapa 2 – enviado via <i>Google forms</i>	287
APÊNDICE D - Diálogos	288
APÊNDICE E - Questionário <i>online</i> para registro do plano de ação – via <i>google forms</i>	289
APÊNDICE F - Convite etapa 3 – enviado via <i>Google forms</i>	295
APÊNDICE G – Cocriando em Grupo	296
APÊNDICE H - Questionário <i>online</i> MAP-ODS2	297

INTRODUÇÃO

A atuação frente a acontecimentos críticos globais, que geram impactos em grande escala, como pandemias, mudanças climáticas, riscos de perda de biodiversidade e recursos naturais, ou colapsos socioeconômicos, mobilizam governos e instituições a desenvolverem estratégias de atuação amplas. Por outro lado, nem sempre tanto em escala pessoal, quanto do cotidiano, há o desenvolvimento de abordagens específicas que possam ser desdobradas, de maneira a compreender e lidar com as tensões, conflitos e paradoxos que levam, ou não, as pessoas a se engajarem diretamente nestes processos.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, também conhecidos pela sigla ODS, constituem uma agenda da Organização das Nações Unidas (ONU) de metas a serem alcançadas até o ano de 2030 (ONU, 2015; Comissão Nacional para os Objetivos de Desenvolvimento - CNODS, 2017). Lançada em 2015, esta agenda congregou os esforços dos países membros, trazendo à tona 17 objetivos, desdobrados em 169 metas e 232 indicadores, apregoando que, além das instituições, as pessoas também são agentes fundamentais de mudança. Nos âmbitos pessoal e planetário, visando trazer prosperidade, paz e parceria, os ODS são enunciados como:

1. Erradicação da pobreza;
2. Erradicação da fome;
3. Saúde de qualidade;
4. Educação de qualidade;
5. Igualdade de gênero;
6. Água limpa e saneamento;
7. Energias renováveis;
8. Empregos dignos e crescimento econômico;
9. Inovação e infraestrutura;
10. Redução das desigualdades;
11. Cidades e comunidades sustentáveis;
12. Consumo responsável;
13. Combate às mudanças climáticas;
14. Vida debaixo da água;
15. Vida sobre a terra;

16. Paz, justiça e instituições eficazes;
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Esta agenda também tem como desafio atingir um público mais amplo e chamar as pessoas à ação. Desta forma, pensando em contemplar a necessidade de se problematizar como este contexto global é percebido pelas pessoas, e traduzido em vivências diretas no dia a dia, aspecto no qual identificamos a relevância desta pesquisa, exploramos as pontes entre aquilo que o mundo é hoje, e aquilo que a Agenda 2030 propõe, num “como se” prospectivo, visando à criação de novos modos de vida e de relação.

Com este enfoque relacional, propusemos como **objetivo geral** deste estudo investigar as percepções das pessoas em seu cotidiano, quanto às proximidades e distâncias em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Incluímos neste olhar, como **objetivo específico**, investigar papéis, percebidos pelos participantes, como mais potentes para a ação intencional em direção ao mundo desejado e expresso nos enunciados dos ODS. Assim como, a descrição de barreiras e facilitadores para a tomada, ou não, de ações relativas aos ODS.

Objetivamos, também especificamente, analisar as contribuições do procedimento adotado no Método para reflexões sobre temas pró-sustentabilidade.

Nossa pesquisa foi voltada a privilegiar o mundo da vida, o olhar das pessoas e das relações ao tratar das questões humano-ambientais concernentes à Agenda 2030, conforme explicitamos no primeiro capítulo.

É nesta posição, de dar luz ao vivido, que no Capítulo dois abrimos o relato desta trajetória, compartilhando o que promoveu a intersecção autora-tema, assim como a postura fenomenológica e as escolhas de referências adotadas na construção desta tese.

Partimos da Psicologia Clínica e levamos em conta a epistemologia fenomenológica, na concepção socionômica de Jacob Levy Moreno (1983, 1992, 1997, 1999, 2020), com aportes da ontologia de Merleau-Ponty (1999, 2013).

Escutando as pessoas participantes desta trajetória de pesquisa, identificamos como elas se referem à percepção sobre estarmos longe, ou perto dos Objetivos desta Agenda 2030. Este aspecto trouxe a imprescindibilidade de se estudar o que chamamos de Fenômeno Proxêmico. No Capítulo dois, apresentamos um panorama

sobre este conceito, e exemplificamos algumas formas de como ele foi aplicado em pesquisas na epistemologia socionômica, em especial na Sociometria, assim como as lacunas, e abertura de novas vias sobre este fenômeno, que se pretendeu discutir nesta tese.

No Capítulo três, delineamos o método, o qual contemplou a produção de dados descritivos expressos em graduações proxêmicas, auto informadas pelos participantes, e complementadas por narrativas sobre papéis e cenas cotidianas, relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O procedimento de análise dos resultados, também é descrito no terceiro capítulo, no qual detalhamos as etapas de pesquisa inspiradas, com adaptações, nos métodos utilizados por Jacob Levy Moreno (1992), dando ênfase ao olhar fenomenológico sobre questões essenciais descritas pelos participantes, em conjunto com os temas protagônicos, que emergiram ao longo da pesquisa (FALIVENE, 1999).

Detalhamos também como estes temas foram estruturados em uma análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).

No capítulo quatro, além dos resultados foram também descritas as temáticas relacionadas a barreiras e elementos facilitadores para se implementar, ou não, ações relativas aos ODS via decisões rotineiras, ocorridas no “aqui agora”, da vida das pessoas e nas diversas categorias de papéis que os participantes desempenham em seus cotidianos.

Neste quarto capítulo, colocamos no *palco central* as impressões de tudo o que foi vivido, nomeando cada etapa da pesquisa de acordo com o desvelar de uma dramaturgia, em alusão à epistemologia de Jacob Levy Moreno.

Na “*Preparação do Palco*” apresentamos um panorama geral dos 265 questionários *online*, respondidos pelos participantes que aceitaram contribuir conosco na primeira etapa. Apresentamos os agrupamentos formados por meio de instrumentos estatísticos descritivos, e iniciamos os entrelaçamentos entre as graduações proxêmicas expressas pelos participantes e os trechos narrativos produzidos nas etapas seguintes do estudo.

Em “*Diálogos*”, aprofundamos o relato sobre as sessões *bipessoais*¹ com os 29 participantes da segunda etapa. Nestas sessões, cada item do questionário Mapa de Aproximação aos ODS 1 (MAP-ODS1) foi revisitado e explorado no contexto dramático, via narrativas de cenas. Os papéis percebidos como mais potentes, para a ação relativa aos ODS, puderam ser abordados, assim como outros papéis emergentes nas cenas narradas.

Na sequência, descrevemos e analisamos a terceira etapa da pesquisa, a qual chamamos “*Cocriando em Grupo*”. Nesta etapa, a troca entre os participantes, nos grupos organizados com até 5 pessoas, com diferentes perfis demográficos e padrões de graduação proxêmica, produziu mais material sobre narrativas vividas, ou por viver, relativas à Agenda 2030.

“*Levantando as cortinas: Ação!*”, etapa relatada na conclusão deste quarto capítulo, teve como base as impressões dos participantes sobre o caminho trilhado e sobre o mergulho a ser dado no retorno ao cotidiano.

Visamos como contribuição desta pesquisa que os resultados obtidos apoiem uma visão crítica de modos de implementação de ações de larga escala, como a Agenda 2030 da ONU, em seu foco nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Esperamos ampliar a compreensão sobre como tais movimentos globais são apreendidos pelas pessoas e como o lócus ontológico do agenciamento destas ações se reflete em atividades, narrativas e na criação de novos modos de ser e estar no mundo. Na Discussão e Considerações Finais, nos capítulos que fecham esta tese, delineamos nossos limites neste processo e, também, provocamos novas reflexões.

¹Rosa Cukier (1992) aplicou este termo na definição do manejo clínico psicodramático, em sessões com a presença apenas de um psicoterapeuta e um paciente. Todavia, na prática e na literatura sacionômica as sessões bipessoais sejam recorrentes, originalmente, a base metodológica desenvolvida por Moreno pressupunha a intervenção majoritariamente em grupos e não em sessões com uma única pessoa. Em nossa tese, usamos o termo para designar sessões com duas pessoas, reforçando que o cunho desta etapa, que chamamos de *Diálogos*, não foi psicoterapêutico, mas de investigação clínica de base sacionômica (NERY e COSTA, 2008), com participantes pesquisando sobre papéis e graduações proxêmicas na aproximação, neutralidade/ambivalência e distanciamento relativos aos ODS.

1. AGENDA 2030 - UM “*COMO SE*” TRANSFORMAR O MUNDO

“Tudo começa no cotidiano...”
Isabel Rauber

Estudamos a Agenda 2030 em duas perspectivas: na primeira perspectiva, buscamos compreender as formas de comunicação institucional, que a estruturam em resposta à pergunta sobre **como se** poderia unificar todas as questões para transformarmos o mundo. Nesta perspectiva de **Agenda Global** analisamos, também, seus marcos conceituais e refletimos sobre algumas de suas controvérsias.

Na segunda perspectiva, inspirada na **Socionomia**², vemos a Agenda 2030, como uma realidade ainda não concreta, mas *suplementar*, podendo ser experimentada na ação, por qualquer um que queira viver, “*como se*”, isto já fosse possível, no campo fenomênico e existencial, partindo-se do aqui-agora³ de onde se está, e sendo quem for.

A perspectiva socionômica tem um enfoque inclusivo e preza pela possibilidade de criarmos um método para reflexões mais profundas sobre os temas comuns à Agenda 2030, com instrumentos que investigam as percepções das pessoas, na relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Nesta perspectiva, antes mesmo de convocarmos para qualquer ação com planos e escopos, nos inclinamos à escuta dos significados subjetivos e intersubjetivos deste processo, o que inclui analisar as barreiras, facilitadores e conflitos que precisam ser explicitados nestes movimentos, considerando papéis e seus contextos singulares e coletivos.

As junções e sobreposições destas duas perspectivas sobre a Agenda 2030 constituem o percurso de nossos aprendizados nesta pesquisa.

1.1 A Agenda Global: Comunicação Institucional

Entendemos como Comunicação Institucional, as iniciativas da própria Organização das Nações Unidas no sentido de tornar pública a Agenda 2030.

² Dedicamos o capítulo 2 a explicar os conceitos socionômicos relevantes em nossa tese.

³ Aqui-agora é um conceito socionômico dialético, proveniente da concepção filosófica existencial (MORENO, 1983, p. 241).

Ressaltamos que a ONU, sendo uma organização constituída por redes, realiza a publicidade de suas iniciativas em ações de comunicação distribuídas entre diversos atores. Desde suas agências interligadas, a parcerias com governos e sociedade civil.

Na constituição destas redes, destacamos que desde o início dos anos 2000, com a criação do Pacto Global, intensificou-se a presença das empresas e corporações na formulação destas iniciativas e na divulgação das pautas propostas (ONU, 2022)⁴.

Em função desta natureza, descentralizada, é possível se encontrar conteúdos sobre a Agenda 2030 em múltiplas fontes, uma vez que estes materiais têm sido replicados em diferentes sites, da própria ONU, e por instâncias governamentais dos países membros. Também por organizações do terceiro setor; academia; assim como por outros atores da sociedade civil.

Definimos como escopo desta parte de nosso estudo, utilizarmos as fontes primárias sobre a Agenda 2030, tendo como limites as páginas oficiais identificadas como ambientes de comunicação específica das ações da Agenda 2030, tanto em português, como em inglês (ONU BRASIL, 2022; UN, 2022).

Identificamos, também neste processo, conteúdos disponíveis em links destes sites oficiais da ONU, desenvolvidos em parceria com outras instituições com o objetivo de divulgar ações e campanhas (UN, 2022)⁵.

Nossas consultas às fontes mencionadas ocorreram ao longo do período de construção desta tese (2018-2022), no qual realizamos acessos recorrentes às páginas, tendo-se realizado o último acesso no mês de maio de 2022.

Em nossas análises, notamos que a publicidade institucional da Agenda 2030 vem ocorrendo como um processo vivo. Neste período, foi possível visualizar-se a inclusão constante de novos elementos. Assim como atualizações e exclusões de conteúdos mais antigos.

⁴ Lançado em 2000 pelo então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, o Pacto Global é uma chamada para as empresas alinharem suas estratégias e operações aos Dez Princípios universais nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção e desenvolverem ações que contribuam para o enfrentamento dos desafios da sociedade. É hoje a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 16 mil membros, entre empresas e organizações, distribuídos em 69 redes locais, que abrangem 160 países.

⁵ Disponível em: <https://www.globalgoals.org/> <https://sdgs.un.org/goals>.
Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/be-the-change/>.

A ampliação de conteúdos em linguagem menos técnica e voltada ao grande público também vem ocorrendo em maior frequência.

Outro ponto importante corresponde ao maior volume de conteúdos em inglês, em contrapartida a outros idiomas, incluindo o português.

Sobre a estrutura das informações nos ambientes acessados, a Agenda 2030 é comunicada, em primeiro nível, via enunciados estruturados em quadros coloridos, que se relacionam com cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (Figura 1)⁶. Cada quadro contém imagens vetoriais e textos, que embora curtos, ambicionam resultados bastante abrangentes e ambiciosos, em um horizonte curto de tempo, dada a complexidade a que se propõe (2015-2030).

Os enunciados dos ODS refletem, nestes quadros, os resultados a serem alcançados em escala global, não detalhando-se neste nível as ações a serem feitas.

Figura 1 - Aspecto visual da comunicação institucional da Agenda 2030.



Fonte (ONU, 2015)

Observamos na apresentação deste conteúdo, aos participantes de nossa pesquisa, que o formato visual deste material, em textos curtos e diretos, tem um apelo de fácil visualização ao grande público. Por outro lado, também se limita a ser um ponto de partida.

Para acessarmos níveis mais profundos, entendemos serem necessários diferentes métodos de aprofundamento a estes temas. Considerando em um primeiro nível, abordagens que levem a processos reflexivos, como propusemos em nossa perspectiva sacionômica, na qual utilizamos os quadros da Figura 1 como um iniciador de *Diálogos*⁷.

⁶ Para acessar os textos referentes, ver Capítulo 3, no qual apresentamos as figuras com os enunciados de cada ODS, seguidas dos resultados do questionário MAP-ODS1.

⁷ Detalharemos ao longo de nossa tese todos os procedimentos desenvolvidos.

Além deste caminho reflexivo que propomos, é possível e necessário para aqueles que busquem aprofundamento se buscar mais informação. Observamos que as informações para este aprofundamento constituem predominantemente duas categorias voltadas a diferentes públicos – instituições e pessoas.

Para o **público institucional** que se dedica ao trabalho direto com a Agenda 2030, há métricas que informam “O QUE” se espera quantitativamente e qualitativamente de cada ODS, em níveis globais e institucionais. Nestes conteúdos, há o detalhamento e desdobramento das 169 metas e 232 indicadores que estruturam a Agenda. Em nossa perspectiva socionômica não abordamos este conteúdo com o público participante da pesquisa.

Com foco ainda em atender demandas institucionais, nestas fontes primárias há *kits* pré-estruturados para serem usados por escolas, empresas e ONGs, que podem voluntariamente usá-los, junto aos seus públicos de interesse (ONU, 2022).

Este processo de comunicação atribui a governos locais, ou iniciativas da sociedade civil como ONGs, além do ambiente acadêmico e das empresas, a capilarizar a Agenda 2030 em âmbitos locais e específicos, fazendo este conteúdo chegar as mais diversas comunidades. Nestes casos, há materiais desenvolvidos e disponíveis em *links* nas fontes primárias citadas. Tais materiais, são voltados a agentes institucionais voluntários que queiram replicar este conteúdo em ações dentro e fora do mundo digital.

Entendemos que são estas iniciativas voluntárias, de agentes institucionais de governos ou da sociedade civil que podem promover um dos grandes desafios da Agenda 2030, ou seja, incluir o público formado por **pessoas sem acesso às plataformas digitais** neste processo, ampliando-se o entendimento pleno do que representa esta iniciativa global.

Já para as **pessoas, que tenham acesso ao mundo digital**, há *links* com materiais enfocando “como” fazer ações em escalas menores e cotidianas. Este conteúdo apresenta-se em linguagem acessível ao público com menor conhecimento prévio dos conceitos que são apresentados na Agenda 2030. Os materiais com este tipo de abordagem eram mais escassos, em 2015, quando a Agenda 2030 foi lançada, porém têm se tornado cada vez mais presentes. Como destaque, mencionamos alguns destes conteúdos em *links* nos sites da ONU:

- **Seja a Mudança** (tradução livre): página dedicada a dar ideias de coisas a serem feitas por qualquer pessoa, mesmo as que se achem preguiçosas e

desanimadas em começar. Neste conteúdo, há: **o guia para preguiçosos**, no qual são demonstrados 4 níveis possíveis de engajamento onde se pode fazer algo estando: 1) no sofá; 2) em casa; 3) fora de casa, na vizinhança; 4) no trabalho. É um material que busca passar a mensagem em um tom bem-humorado, assumindo que não há apenas um nível de engajamento possível na relação com este tema, considerando um espectro mais inclusivo e menos moralizante e idealizado de ações a serem realizadas⁸. <https://www.un.org/sustainabledevelopment/be-the-change/>

Agregado ao modelo de conteúdos sobre “o que fazer”, há *links* com depoimentos e histórias de pessoas⁹, vinculadas aos atingimentos de aspectos dos ODS. Assim como campanhas inspiracionais para engajamento, a exemplo das duas iniciativas abaixo:

-Take Action (Entre em ação, em tradução livre): página em inglês na qual há quadros onde listam-se ideias por ODS, que no entendimento dos autores, indicam exemplos que qualquer pessoa pode colocar em prática. Disponível em: <https://www.globalgoals.org/>.

-Project Everyone (Projeto Todos, em tradução livre). Neste conteúdo, contemplam-se não apenas textos, mas vídeos, vídeo-clips e conteúdos com depoimentos e participação de personalidades influentes e populares, como artistas, atletas e pessoas conhecidas como celebridades. Assim como, campanhas voltadas aos temas da Agenda 2030, tanto para divulgação como para arrecadação de fundos. Disponível em: <https://www.project-everyone.org/>. Acesso em: 10 janeiro de 2021.

Estes dois projetos acima descritos, contam com a participação do produtor de cinema e fundador da ONG *Comic Reliefs*, Richard Curtis¹⁰, e são apresentados como “*formas de colocar a tecnologia em comunicações globais a serviço da Agenda 2030*”.

⁸ A compreensão da existência de diferentes tipos de engajamento à Agenda 2030 é um dos eixos de nossa perspectiva nesta tese.

⁹ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/stories>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

¹⁰ Richard Curtis se tornou-se bastante conhecido globalmente como produtor e diretor de filmes de sucesso na década de 1990. Em paralelo, assumiu protagonismo em filmes ligados a causas sócioambientais, entre eles a campanha *No Pressure*. Alvo de grandes críticas na mídia e em correntes de ativismo, que classificaram o filme como violento, apelativo e equivocado. Nas histórias narradas, as pessoas eram convidadas a tomarem parte de ações para redução da pegada de carbono, quem não aderisse à campanha, embora lhes tivesse sido dito que tinham escolha, era eliminado por bombas detonadas pelas personagens proponentes da ideia, que eram figuras de poder na cena: a professora, o chefe, o treinador, o produtor. Os destroços resultantes de explosões eram lançados em meio aos outros personagens. Os erros da campanha foram bastante potentes em levantarem uma discussão, principalmente nas mídias europeias, sobre quais seriam as formas corretas de se comunicar a

Em 2020, o *Project Everyone* também lançou, em conjunto com a empresa multinacional de telecomunicações, de origem europeia, GSMA, um aplicativo nos idiomas: inglês, francês, russo, árabe, espanhol e chinês. Neste aplicativo, acessível pelos links oficiais da própria ONU, ao se fazer a instalação em um celular, é possível se conectar a uma rede social específica do aplicativo e realizar as seguintes atividades:

- Ver o que outras pessoas ao redor de uma localização específica estão fazendo em relação a Agenda2030, e começar a realizar suas próprias ações, inspirando-se nestas ideias;
- Ver ações que já estão sendo realizadas em grupos e se unir a estas, podendo convidar mais pessoas para os mesmos grupos;
- Criar ações novas e convidar pessoas a fazerem parte.

Neste exemplo do aplicativo, as propostas grupais e de redes sociais, bastante utilizadas também em nossa perspectiva sionômica, são o eixo da iniciativa. Porém, fazendo-se uso de uma infraestrutura econômica de origem privada e de tecnologias de informação, que visam coletar dados e atingir um público em massa.

Os impactos e os níveis de inclusão, quanto a diferentes entendimentos sobre meios de engajamento destas e outras estratégias de comunicação sobre sustentabilidade, nos levam a reflexões que abordamos ao longo de toda nossa tese.

Ponderamos, em especial, a associação crescente de marcas e empresas que se vinculam a Agenda 2030, patrocinando ações institucionais diretamente vinculadas à ONU, como as citadas nos parágrafos anteriores. Entendemos ser importante uma discussão mais ampla e profunda sobre conflitos de interesse, nos âmbitos éticos, comerciais e econômicos. E sobre como tais interesses podem, ou não, interferir nestes processos.

1.2 Marcos conceituais

A Agenda 2030 se insere em um contexto histórico, sucedendo outras tentativas iniciadas desde o século passado, na proposição de um projeto planetário comum e globalizado, guiando as relações entre todos os seres do sistema Terra.

Ao analisarmos suas preposições, consideramos que são resultantes das visões de mundo que foram sendo construídas, ao longo dos tempos, também modificadas em função de: novos conhecimentos científicos, crenças dominantes, cultura, valores, ideologias e instâncias de poder acrescentadas, excluídas, reorganizadas ou transformadas, na composição dominante dos paradigmas que regem estas premissas.

Nesta parte de nosso estudo, optamos por olharmos um pouco mais de perto as origens e o que significam, na nossa visão e de outros comentadores, os conceitos de “**Desenvolvimento**” e “**Sustentabilidade**”, como eixos da Agenda 2030.

Utilizamos para tanto, ainda as fontes primárias da ONU, citadas anteriormente, além dos resultados de nossa revisão de literatura, realizada nas fontes: *web of science; science direct; periódicos capes, research gate e google scholar*.

Em nossas análises, discorremos também sobre as concepções que configuram o método da Agenda 2030, no formato de “**Objetivos**” para o **Desenvolvimento** e a **Sustentabilidade**, a serem alcançados globalmente, de forma unificada, crescente e com prazo final.

Agregamos a esta discussão a natureza da atribuição de indicadores e agentes de execução, monitoramento e governança deste processo.

1.3 Origens, propostas e controvérsias

Na segunda metade do século passado, questionamentos sobre limites do crescimento econômico começaram a ganhar maior protagonismo e relevância, com ênfase ao final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Foi nesta segunda metade do século XX, que também começaram as primeiras versões de documentos propositivos, ainda não no formato de Agenda, mas em publicações e compromissos sobre sustentabilidade por parte de grupos diversos, o que incluiu alguns de grande influência¹¹ global entre: instituições acadêmicas, da sociedade civil e agências intergovernamentais, como a própria ONU (figura 2).

¹¹ O relatório intitulado *Os Limites do Crescimento* foi amplamente divulgado, após ter sido elaborado por uma equipe do MIT, chefiada por Donella Meadows, em 1972. Este relatório foi contratado com recursos do Clube de Roma. Organização fundada em 1966, que tem como membros celebridades, cientistas de grande influência nos meios acadêmicos, acionistas e altos executivos do meio corporativo. Neste tópico retomamos nosso olhar crítico sobre como são tratados os conflitos de interesse em pesquisas patrocinadas por instituições, devendo ser consideradas as influências e paradigmas a partir dos quais estes estudos são realizados.

Em Estoque (2020)¹² é possível se acessar uma revisão sistemática, sobre as referências paradigmáticas que foram convergindo e divergindo, na origem dos conceitos que moldam a Agenda 2030.

Os autores, citados nesta revisão (ibidem), identificam os paradigmas de **progresso e desenvolvimento econômico**, como os elementos estruturantes centrais da **Agenda 2030**, assim como o foram nas propostas de Agendas Globais anteriores a ela. Destaca-se também como visão recorrente, entre autores citados neste artigo:

-Controvérsias e significados difusos entre os conceitos de *Desenvolvimento e Sustentabilidade* ao longo do tempo;

- A lentidão com a qual trabalhos científicos foram ganhando relevância. Demorando a influenciar propostas com base em mais evidências científicas. O que vem ocorrendo com mais consistências a partir da última década, com o surgimento da ciência da sustentabilidade;

-Atravessamentos de atores políticos vinculados à interesses econômicos, influenciando nas propostas e noções sobre Sustentabilidade, aspecto por nós também enfatizado em passagens anteriores.

Em Purvis et. al. (2019), os autores assinalam que a associação de sustentabilidade à pilares como: **social, ambiental e econômico**, assim como na Agenda 2030, se tornou um padrão repetido em larga escala, mesmo que não se tenha discutido em profundidade tais composições semânticas, confrontando-se o fato de que nenhum desses pilares pode ser considerado como universal.

Para os autores citados, a própria concepção de “ pilar ” é um artifício que encobre a noção em sustentabilidade de que recursos são limitados. Com recursos limitados, os pilares tornam-se concorrentes, e requerem inevitavelmente escolhas baseadas em valores. Tanto na definição de hierarquia de ações, como em decisões sobre políticas públicas, ou nos próprios investimentos nas pesquisas que são feitas sobre sustentabilidade. Assinalam, também, que o uso recorrente de tais pilares estaria correlacionado a reproduzir-se de forma cíclica sempre o mesmo viés.

1.4 Desenvolvimento e Sustentabilidade

¹² O autor faz um extensivo cruzamento longitudinal, entre as primeiras publicações na Europa no séc. XVI e indicadores de referências que vão se cruzando até citações recorrentes do século XX.

Embora os modelos desenvolvimentistas tenham assumido o protagonismo dos processos sobre Agendas Globais, outros movimentos pró-sustentabilidade, em escala local e global ganharam espaço.

Extensa literatura se tornou amplamente acessível, nos últimos 50 anos, sobre outros paradigmas em: pesquisas acadêmicas; relatos e estudos sobre cosmologias de povos originários; estudos de culturas diversas e ancestrais, publicações no campo religioso e filosófico.

Nestas outras premissas, aponta-se para alternativas que não concebem desenvolvimento e crescimento econômico como pilares de sustentabilidade. Problematizam, inclusive, o paradigma desenvolvimentista como aquilo que torna o mundo insustentável (MORENO 1992; LATOUCHE, 2003; KOPENAWA e ALBERT 2015; ACOSTA, 2016; KRENAK 2019; SANTOS, 2019; LATOUR 2020; LEFF, 2021).¹³

Além dos autores acima citados, para Boff (2015), o padrão de desenvolvimento sustentável ainda está baseado em crescimento infinito, em um planeta finito, e na visão de que "desenvolvimento" se resume ao crescimento econômico e financeiro do produto interno bruto dos países, geridos, em grande parte, pela produção de grandes corporações.

Da mesma maneira, novos modelos acadêmicos questionam em suas pesquisas as formas como se ensinou economia até hoje. Formas de ensinar, segundo Raworth (2019), baseadas prioritariamente em indicadores financeiros, como Produto Interno Bruto (PIB); Índices de Bolsas de Valores; Resultados da Balança Comercial; Macroeconomia baseada em austeridade fiscal, sem um olhar para impactos sociais. Nestes paradigmas econômicos de "desenvolvimento", o bem-estar social e a própria desigualdade social são preocupações secundárias a serem resolvidas apenas, e se, questões financeiras permitirem (RAWORTH, 2019; OLIVEIRA, 2018).

Ainda neste contexto econômico, os recursos naturais são vistos como "serviços" ecossistêmicos e "externalidades" que não são valorados pelo aspecto

¹³ Alguns destes autores foram mencionados por participantes diferentes ao longo de nossa pesquisa. Entendemos que o acesso a estas referências e paradigmas implicam um olhar mais crítico às propostas paradigmáticas hegemônicas e desenvolvimentistas da Agenda 2030. A perspectiva sacionômica de Moreno se localiza, ao nosso ver, como uma destas visões não hegemônicas.

intangível, ou limitado, que representam. São apenas transformados em cifras monetárias, criando disfunções na forma como lidamos com eles e acelerando o risco de suas extinções em massa (RAWORTH, 2019; OLIVEIRA, 2018).

Como pontua Acosta (2016), o conceito de desenvolvimento sustentável, em si, carrega um chamado a novos modos de vida, mas, ao mesmo tempo, não incorpora uma visão pós-desenvolvimentista. Repete ainda muitos padrões, ao invés de buscar alternativas ao desenvolvimento que sejam livres da noção de progresso como um movimento constante e linear, assim como desvinculado da acumulação de bens materiais.

Em Purvis *et al.* (2019), os autores partem de revisões de literatura, concluindo que o movimento que vem sendo convergente no conceito de sustentabilidade, embasando Agendas Globais, busca acomodação através de consensos. Os autores assinalam que neste modo de estruturação, não há espaço para propostas disruptivas que recusem meios unificantes, a favor de outros meios alternativos.

Estes autores sustentam esta tese com o fato de que todas as abordagens adotadas pela ONU, nas últimas décadas, se encadearam na seguinte lógica repetitiva: a pobreza causa degradação; essa degradação ambiental pode ser reduzida pela redução da pobreza; para reduzir a pobreza, os países em desenvolvimento precisam de crescimento econômico, o crescimento econômico exige mais liberdade aos mercados, que só assim vão poder criar os subsídios para mais desenvolvimento. Porém, tais subsídios nunca retornam, ou são redistribuídos, nas proporções necessárias e a concentração de renda continua sendo exponencial, como se mostra ao longo dos últimos 200 anos de história (PIKETTY, 2014). Ao mesmo tempo, os eixos de desenvolvimento econômico continuam mantidos e pouco questionados, na tomada de decisão sobre os tipos de soluções a serem adotadas.

A visão crítica neste caso, em Purvis (2019), é que o argumento centrado na **erradicação da pobreza e crescimento econômico**, é um argumento simplista, que transforma tais Agendas em formas de se manter o *status quo*, apresentando-se como sendo mais viáveis e menos “radicais”. Porém, afastando-se da pauta central de exigências de mudanças sistêmicas mais profundas.

A visão conservada culturalmente, sobre formas de se manter o crescimento econômico, vem se apregoando nos últimos 50 anos no discurso recorrente sobre sustentabilidade ser a forma de se colocar “limites” e “reduzir-se danos”, nas relações eco planetárias. Também englobando processos compensatórios a qualquer ação

predatória sem, no entanto, se atuar em condições verdadeiramente estruturais nos sistemas que se impõem, ou se buscando radicalmente a transição para outros valores (OLIVEIRA, 2018).

Em função deste discurso recorrente, de redução de danos, sem tocar-se em mudanças estruturais, a Agenda 2030, ainda moldada nestes padrões, tem dado margem a muitas controvérsias, o que impacta o andamento e evolução de uma pauta única pró-sustentabilidade, como esta mesma Agenda propõe.

Neste caso, em face ao que se colocou anteriormente, caberia questionar-se o oposto, ou seja: “**Se**” e “**como**” deve existir um modo global e “unificante” de: **Como se** Transformar o Mundo.

A repetição de iniciativas, ainda sob as mesmas premissas desenvolvimentistas, antes e depois do lançamento da Agenda 2030, nos fazem presumir que há de fato uma lacuna em termos de alternativas inovadoras tornando-se esta série de iniciativas algo ainda decidido em processos pouco inclusivos, hegemônicos e com menor profundidade crítica ou reflexiva.

Recobrando-se o padrão recorrente entre todas as ações desde 1987 (Figura 2), notam-se textos inspiradores de um lado e impactos em ações nem tanto transformadoras de outro.

Na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, discutia-se a necessidade de se conciliar as pautas relativas aos direitos das pessoas, em todo o planeta, à alimentação adequada, habitação sã, água potável, acesso a meios de escolher o tamanho de suas famílias e seus modos de vida.

O texto, *Nosso futuro Comum*, reforçava, naquele momento, os paradoxos que deviam ser enfrentados, uma vez que: *A Terra é única, mas o mundo não*. (ONU, 1987 p. 28 - grifos nossos) ¹⁴

O texto emblemático deste relatório, também mencionava “desenvolvimento” com limites em função de agregar à discussão sobre sustentabilidade a garantia de direitos às futuras gerações:

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. (ONU, 1987 - tradução livre).

¹⁴ Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MARCOS CONCEITUAIS DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

algumas iniciativas de repercussão
globais que antecederam o
desenvolvimento da Agenda 2030



Figura 2 - Marcos Conceituais do Desenvolvimento Sustentável - Fonte: Autora

Este documento, ficou conhecido como relatório Brundtland¹⁵ e popularizou a expressão *Desenvolvimento Sustentável*, fundamentando-se em conceitos que não questionavam totalmente o crescimento, nem buscavam outras alternativas, mas impunha-lhe “limites”.

Os problemas do crescimento, já haviam sido indicados anos antes, na conferência de Estocolmo, em junho de 1972 (UN, 1973). Neste mesmo ano, meses antes, em março, havia sido lançada uma publicação de grande impacto, por um grupo não pertinente à ONU, mas de grande influência.¹⁶ Neste relatório, produzido por cientistas do MIT, liderados por Donella Meadows, os autores alertavam sobre :*Os limites do crescimento*. (MEADOWS *et al.*, 1972)

Nota-se que a problemática dos argumentos baseados no desenvolvimento, é que: não nos libertamos da necessidade de crescer progressivamente, e a solução encontrada até aquele ponto e que, ainda, prevalece, era “crescer com limites.”¹⁷

Na Conferência do Clima, em 1992 no Rio de Janeiro, a temática central abordada na ‘*Declaração do Rio*’, foi composta por 27 princípios que visavam orientar o futuro “**desenvolvimento sustentável**”, surgindo no formato de “**Agenda 21**”. Este documento articulava um plano mais participativo que os anteriores para colocar em prática esses princípios, uma vez que estendeu seu chamado além dos líderes políticos dos Estados membros, incluindo organizações da sociedade civil. Partia das mesmas problemáticas já indicadas no Relatório Brundtland, enfatizando ainda os problemas da divisão de desenvolvimento e desigualdades entre o Norte-Sul globais. Defendia a economia, crescimento e livre comércio, e enfatizava a necessidade de vincular desenvolvimento social e econômico às preocupações com o meio ambiente, lançando mão da estrutura de pilares: econômico, social e ambiental, já mencionada anteriormente.

Já em 2000 o lançamento dos Objetivos do Milênio (ODM), manteve os mesmos marcos conceituais, mas abriu um novo formato de comunicação de Agenda. Enquanto a Agenda 21 era composta por um material de 40 capítulos, a ser consultado

¹⁵ Em função de Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra da Noruega à época, que assumiu protagonismo na condução deste processo.

¹⁶ Trabalho patrocinado pelo Clube de Roma, já mencionado em Nota anterior.

¹⁷ Foram retomados aqui autores já citados anteriormente, contudo que criticam o modelo desenvolvimentista e propõem visões pós-desenvolvimentistas, ou mesmo, de decrescimento sustentável.

em documentos de texto. Os ODM traziam, além do documental de texto robusto, um material em linguagem icônica, sintetizando em 8 quadrados ilustrados, os Objetivos do plano a ser seguido para os 15 anos seguintes.



Figura 3 - Objetivos do Milênio (ODM) - Fonte (UN, 2015)

Os resultados obtidos neste período (2000-2015) (UN, 2015) mostram avanços em certas pautas, porém paralisação e até retrocessos em outras. Colocando em questão se, de fato, o atingimento de certas metas garante algum tipo de estágio de estabilidade linear e progressiva.

Ou mesmo, se o conceito de progresso, sendo evidenciado como inconsistente, não deveria nos fazer repensar e descartar hipóteses de que existiriam datas, ou momentos definitivos na história, onde algumas questões não serão mais uma problemática a ser perseguida. Algo já bastante discutido em diversos campos da filosofia e nas ciências sociais e humanas¹⁸.

Com base nestas questões, lançamos outras perguntas como: se estamos simplesmente falhando em atingir metas, ou se nunca as atingiremos por estarmos enxergando as questões sob a perspectiva e complexidade equivocadas.

¹⁸ Destacamos em especial o pensamento da filósofa Hanna Arendt (2011) questionando a noção de progresso e do Economista Celso Furtado, que em 1974 escreveu sobre o Mito do Desenvolvimento Econômico.

Em face ao caráter não conclusivo destes planos de metas, que repercutem numa postura contínua e de repetição, em 2015, a Agenda 2030 foi lançada com base nos seguintes argumentos: *Transformando nosso Mundo: Um plano de Ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade*¹⁹ (ONU BRASIL, 2015).

Os ODS foram posicionados como uma forma de continuidade aos ODM:

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas que estamos anunciando hoje demonstram a escala e a ambição desta nova Agenda universal. Eles se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e concluirão o que estes não conseguiram alcançar. Eles buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. (ONU BRASIL, 2015)

Neste texto, continuam ocupando posição central, os pilares: econômico, social e ambiental. Ao tema da erradicação da pobreza, é adicionada ênfase à questão dos Direitos Humanos. Ganham ainda mais destaque as questões ecossistêmicas e climáticas.

Na mesma direção de todos os planos anteriores, o *Desenvolvimento Sustentável*, permanece como eixo e em termos dos limites de crescimento, são adicionadas às pautas um olhar para a mudança de padrões de Consumo e Produção (ODS 12).

Nos Objetivos da Agenda 2030, as preocupações de limitar-se o crescimento, aparecem de forma controversa a expressão sobre como **manter-se** o “**crescimento econômico contínuo**” (ODS 8). Não se discute a possibilidade de “eliminar” a diferença de classes. Neste contexto, é visto como radical aderir-se a qualquer discussão que retome paradigmas de luta de classes²⁰. Evita-se colocar em questão outros primas sobre a concentração de riqueza, mas contudo, fala-se em **reduzir-se desigualdades**²¹ (ODS 10).

¹⁹ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

²⁰ As discussões globais surgidas com o marxismo no séc. XIX, que permaneceram pós segunda guerra mundial, nas décadas de 1940 e 1950, e que continuaram ao longo da guerra fria não são retomadas. Por outro lado, a ideologia neoliberal assume o eixo central dos marcos conceituais presentes nestas iniciativas de Agenda Globais (ACOSTA, 2016).

²¹ Conforme os ODS 8 e 10. Ver detalhamento dos enunciados de cada ODS no Capítulo 4.

As questões Climáticas foram ressaltadas e alinhadas à Convenção do Clima, ocorrida em Paris no mesmo ano, 2015. Originando o ODS 13: Ação contra a Mudança Climática, e também sendo pauta transversal em todos os outros ODS.

Das lições aprendidas, comentadas por (Machado Filho, 2016), ao analisar-se diferenças entre as estratégias de implantação dos objetivos do milênio (ODM) e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), destacamos:

- Ambas as Agendas apresentam um modo de comunicação mais atrativo ao grande público;
- O escopo das ações requeridas na nova Agenda, dentro da estrutura dos ODS, é mais abrangente quando comparado à estrutura dos ODM;
- Nos ODM as demandas eram relacionadas aos agentes governamentais e à provisão pública de bens comuns, enquanto nos ODS a proposta é que as ações sejam executadas por atores diferentes, incluindo mais a sociedade civil, com destaque ao setor privado e corporações. No entanto, a falta de clareza em relação às responsabilidades e a não interação entre atores diversos, ainda é vista como geradora de dificuldades no encaminhamento das questões e governança de todo o plano. Assim como mencionado, anteriormente, a necessidade de se aprofundar na existência de conflitos de interesses, relativos às corporações que tem assumido protagonismo neste processo.

Também se questionam as fragilidades em termos de atribuição e acesso eficaz, aos dados e ao monitoramento de indicadores, que não são equitativos, entre os vários países e as várias regiões do planeta (ESTOQUE, 2020).

Por fim, como um olhar para o futuro, outras tendências que podem ser destacadas quanto a Agenda 2030, relacionam-se com novas combinações temáticas possíveis de serem observadas na relação com os ODS.

Nakamura *et al.* (2019), em um estudo promovido pela *Web of Science*, analisaram que tipo de pesquisas científicas tem sido associadas à expressão: *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*²², encontrando em maior frequência:

- Estudos que vinculam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e temas de impacto na primeira infância;

²² *Sustainable development goals* na expressão original em inglês.

- Pesquisas sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na relação com Saúde, tanto do ponto de vista de bem-estar em diferentes faixa-etárias, como Saúde na relação ao acesso à Água Potável e Saneamento;
- Estudos sobre as adaptações necessárias futuras, considerando transformações e extinções nos Ecossistemas e mudanças climáticas;

Estas seriam, grosso modo, as perguntas que a ciência tem feito nos últimos anos em relação ao tema e, talvez, algumas das maiores preocupações em termos de pós-2030.

Sendo importante também refletirmos, conforme bem coloca Bassani (2020): *Qual a urgência para o Tempo de Cuidar?* A autora reforça a função da Psicologia, na compreensão e necessidade de fazermos a junção das dimensões do tempo objetivo -concretizado na execução de todas estas iniciativas internacionais sobre sustentabilidade- e do tempo subjetivo, no qual fluímos a partir da Psicologia Clínica, neste nosso investigar.

1.5 A Perspectiva do “*como se*” Socionômico

Contrabalanceando a inclinação de uma abordagem apenas objetiva, institucional e desenvolvimentista da Agenda 2030, ou que se repita sempre nos mesmos moldes, acionamos nesta outra perspectiva, Socionômica, uma abordagem diferente deste processo.

Aterrizarmos a Agenda 2030 na vida comum das pessoas e no cotidiano, buscando entender como ocorrem as aproximações e distanciamentos aos objetivos de desenvolvimento sustentável em diferentes contextos.

Nesta proposta, com os participantes da pesquisa exercitando suas próprias lentes e percepções: aprendemos, questionamos, refletimos, destruimos e reinventamos as porções que entendíamos nos caber nesta Agenda, invertendo em alguns momentos o olhar sobre o que vinha, muitas vezes, de um lugar remoto para algo intrínseco às nossas próprias vidas.

Neste exercício, quando necessário, refletíamos sobre as palavras que comunicam os marcos conceituais e objetivos da Agenda 2030, e buscávamos, em conjunto com os participantes, outros significados de seus termos.

Para tanto, partimos não só na pesquisa subjetiva, mas intersubjetiva dos fenômenos humano-ambientais, acessando outras dimensões, além da realidade linear e factual.

Exploramos os papéis e cenas cotidianas nos quais eram descritas as percepções e vivências sobre o que se apresenta nesta Agenda, a partir das próprias óticas dos participantes. Assim como, barreiras e facilitadores para a tomada, ou não, de ações relativas aos ODS.

Diferentemente dos materiais desenvolvidos institucionalmente pela ONU, em escalas pessoais e que dão exemplos do que pode ser feito, buscamos com as pessoas os seus próprios exemplos. E, antes disso, que sentidos dão a isto. A que distância cada um se encontra da possibilidade de executar qualquer ação, e que reflexões fazem sobre todo este processo.

Nos apropriamos dos enunciados da **Agenda 2030**, como pistas provocativas de um mundo desejado. Porém, não mais lidos apenas com a frieza de um plano de ação institucional e impessoal. Mas, buscando como encarnar a potência de um devir a ser vivido, quer seja no presente ou no futuro. Ou mesmo, recobrando em memórias passadas pessoais, coletivas e ancestrais, mapas condutores, para transportarmos ao presente e futuro outros jeitos de ser.

Fomos ajudados, neste exercício, pelo fato de em Socionomia entendermos os fenômenos como inerentes ao contexto. Os meios sociais, aspectos geográficos, da cultura e da história, imbricando coordenadas espaço-temporais na manifestação do ser.

Nesta epistemologia, temos um olhar sobre os papéis que vivemos, nos recortes: *social, grupal e dramático*, possibilitando análises, ora das implicações particulares e privadas de uma experiência, ora das implicações públicas e globais, sendo estas instâncias inseparáveis, embora passíveis de serem visualizadas em camadas.

Ao analisarmos os fenômenos a partir do *contexto social*, visualizamos as interconexões entre papéis sociais e todo o macroambiente. Os aspectos culturais e históricos são evidenciados e estudados de forma ampla. A interiorização das pautas culturais, geradoras de certas condutas esperadas, como mãe, pai, filho, filha, professor, juiz, irmão, cidadão, e outros papéis sociais, podem ser discutidas e, inclusive, questionadas, desconstruindo paradigmas e repensando o quanto, tais modelos e modos de funcionamento conservados de alguns papéis, impactam nas

dinâmicas humano-ambientais. Também não trazemos ações prontas a serem seguidas como exemplos, pois estas ações podem não fazer o mínimo sentido ao contexto do vivido.

No *contexto grupal*, podemos trabalhar as relações de uma comunidade específica e a interação entre papéis também específicos. Podem-se viabilizar, nesse contexto, intervenções para um trabalho direcionado aos conflitos e a questões de um grupo, em um determinado momento, ou mesmo para a pesquisa e a compreensão da rede intersubjetiva que dado grupo compartilha.

No *contexto dramático*, é possível se atuar a partir do “*como se*”, assim como denominamos esta dimensão, criando-se outras realidades suplementares percebidas, imaginadas, desejadas ou temidas. O propósito investigativo e experimental deste contexto é intermediado por processos expressivos, o que inclui diferentes linguagens, incluindo a narrativa, assim como as graduações proxêmicas. Possibilita criarmos com aquilo que ainda não é existente, mas que habita possibilidades de vir a ser, em uma, ou várias, *realidades suplementares* em questão.

Frente ao mundo que se manifesta independente de nossa vontade, os intercâmbios entre diferentes dimensões e contextos, mediados por métodos socionômicos, nos ajudam a ir criando no hoje, em uma realidade suplementar, um devir, independentemente de qualquer conexão realística ou apriorística. O que é fundamental na concretização da Agenda 2030. Ou seja, viver sucessivos exercícios que nos façam habitar, aqui agora, o que queremos ver se concretizar, mas ainda não sabemos como.

Tal qual um mergulhador, ou um astronauta, ao adentrarmos nestes outros devires, criados a partir de cenas, traduzidas no corpo, lembradas ou imaginadas, abrimos brechas e podemos ir parcialmente trazendo à tona, elementos antigos e paralisados. Mas também, como “cavalos de Tróia”, criamos as alternativas que escapem e lutem com a repetição insalubre. Compondo elementos novos e diferenciadores, intercambiados entre realidades e movidos ao contato com o mundo, que aí está.

Nestes movimentos, potencializamos micro revoluções existenciais, num constante fluxo que questiona aquilo que está conservado culturalmente, e ao qual nos aprisionamos em modos de vida e de relação insustentáveis.

No que concerne a Agenda 2030, atuamos em nossos procedimentos de pesquisa iniciando nossa investigação na busca por expressões do quão perto, ou quão longe, estamos de um tempo futuro, em 2030. “*Como se*” no, aqui e agora, pudéssemos experimentar assumir papéis, a partir de nosso *contexto social*, e em nossas cenas cotidianas. Encontrando os fluxos já existentes e percebidos com maior potência para a ação.

Em um segundo plano, também exploramos nos **contextos grupais** os territórios conflitivos entre o eu e o outro. Ou a relação entre o eu, o nós, e as coisas. Onde estão inclusas em “coisas”: as ideias, os valores, os objetivos, entre humanos e todos os outros entes não humanos (MORENO, 2020). É aqui que atuamos enxergando a relação entre pessoas e os ODS.

Ao trabalharmos nos aspectos do contexto grupal, tanto nas sessões *bipessoais*, em *Diálogos*, ou com mais pessoas *Cocriando em Grupo*, circunscrevemos aquilo que aglutinou cargas intersubjetivas. Observando o que se manifestou como **questões essenciais** e o que chamamos de **temas protagônicos**, que mobilizaram e uniram todos por emoções e por projetos comuns, quer sejam por aspectos positivos ou negativos.

Nas narrativas realizadas pelos participantes, envolvemos passado, presente e futuro na exploração de papéis e linhas de ação, já realizadas e por realizar. Não executamos, neste feito, apenas métodos socionômicos clássicos, isolados. Trabalhamos elementos epistemológicos socionômicos em nossa investigação, e agregamos a isto outros referenciais, de forma a dar corpo àquilo que buscamos compreender.

No enfrentamento dos temas protagônicos, nos deparamos com “heróis existenciais”. Aqueles que na presença concreta do “aqui e agora”, no cotidiano, elevam sua existência (Moreno, 1999), e, num exercício constante, de *ajuste* e *desajuste*, se provocam a criar a partir da realidade dada:

A controvérsia espontaneidade-ajustamento é questão de dialética. Temos que aprender a nos ajustar com um “extra” de espontaneidade disponível (este extra está para o comportamento assim como a piscada está para o olho) de tal modo que possamos nos “des-ajustar” sem resíduos desagradáveis e sem nos tornarmos obcecados pela conserva cultural. (MORENO, 1983, p. 206)

Nos exercícios sobre nossas relações com os ODS, e seus temas protagônicos, confrontamos, a nós próprios, e a toda a extensão existencial que permeamos, sobre

em que medida estamos ajustados ou *des-ajustados* ao mundo que aí está. No aqui- agora, muitas vezes dolorido e indesejado, nesta dimensão que por hora nos é concreta.

Da mesma forma, deflagramos dialeticamente neste confronto, em que medidas nos ajustamos e des-ajustamos às metas propostas e desejadas para 2030,

Neste exercício futurístico, nossa ação é tomada como jornada à uma *realidade suplementar*, intermediada pelos enunciados dos ODS, em um “*como se*” sendo feito, na ação e na inter-relação, e respeitando-se os contextos singulares e subjetivos, notamos que outros fluxos de potência podem surgir. É este o caminho que aqui defendemos.

Baseamo-nos na visão Moreniana de que a partir da relação potencializam-se reflexões profundas sobre questões existenciais entre pessoas com perspectivas diferentes, exercitando-se a espontaneidade e criatividade.

Nos momentos dos *Diálogos* e *Cocriando em Grupo* aderimos a uma

(...) realidade suplementar, que não assume o status de realidade objetiva e absoluta, é a realidade criada no momento, como uma experiência de integração de múltiplos vetores num produto singular, o qual favorece a abertura para novos múltiplos sentidos, nenhum deles exclusivo e definitivo, nenhum deles ideologizante. [...] Ao se oferecer a oportunidade de contar histórias, estimula-se o reencontro com aspectos que ficaram perdidos na trajetória da vida, recuperando assim extensas áreas desertificadas, que podem recobrar vitalidade, significado e importância. Relembrar histórias permite reintegrar a história, o que teria como efeito principal o fortalecimento da identidade, especialmente na medida em que o relembrar acontece dentro de um contexto de aceitação e valorização das reminiscências e invenções, sem críticas ou explicações que as coisifiquem. (AGUIAR, 2011, p. 10)

As narrativas surgidas nos *Diálogos*, e *Cocriando em Grupo*, expressaram em cenas, e, ao olhar socionômico, as inter-relações percebidas pelas pessoas no mundo. Capturamos neste caminho, o já intrínseco às pessoas, que seja, se perceberem:

Por imagens de si mesmas em algum estágio futuro, imagens que são o mosaico de transformações segmentais sucessivas sem que, no entanto, estejam prejudicando (e transformando) o si-mesmo tal como é, mas, ao contrário, acrescentando-lhes novas dimensões (NEHNEVAJSA, 1983, p.199)

Entendemos que ao narrarem suas percepções e experiências, as pessoas o fazem a partir do pensamento em cenas. Conceito que Bouquet (1977) trabalhou e descreveu. Para o autor, as pessoas comunicam suas histórias a partir de imagens,

onde relatam ações, acontecendo na inter-relação entre personagens e outros elementos pertencentes aos espaços onde ocorrem. Estas narrativas também são carregadas de emoções e sentimentos.

Para Davoli (2020) a cena pode partir de uma narrativa verbal, não numa narrativa única, mas tantas quantas forem os participantes.

Nesta perspectiva de “como se”, acolhemos estes conteúdos em recortes em cenas, e centramos neles nossa investigação qualitativa. Atualizando aspectos do método socrômico clássico, à visão contemporânea proposta por (SCAGLIARINI, no prelo) na qual todos os fragmentos de vida, são cenas encarnadas, que criam e liberam um campo, que contém corporalidade, nos âmbitos social/político e imaginário.

2. TRAJETÓRIA DE PESQUISA E NOSSAS BASES CONCEITUAIS

Em 2015, por ocasião do lançamento da Agenda 2030, tinha comigo as mesmas perguntas que acredito que outros estudiosos das questões humano-ambientais se fazem de forma recorrente: *Como os enunciados dos materiais sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável se apresentariam à consciência das pessoas? Como, de fato, tais premissas poderiam se tangibilizar em algo familiar e cotidiano em um chamado concreto e potente à Ação?*

Para compreender melhor estas questões iniciei, neste mesmo ano de 2015, minha pesquisa de mestrado sobre o Desenvolvimento do Papel de Lideranças para a Sustentabilidade²³. Utilizei os enunciados dos ODS como instrumento principal para o diálogo com as lideranças que compuseram o grupo participante, e, ao trabalhar com o conceito moreniano de Papel (MORENO, 1997; 1999), os aspectos existenciais da corporeidade e das noções de tempo e espaço, nas perspectivas de proximidade e distância, apresentaram-se de forma significativa neste primeiro trabalho, porém não pudemos aprofundá-los. Defini que estes seriam temas para os quais eu me voltaria mais tarde.

Ao finalizar o mestrado, motivada pelo que se desvelou na pesquisa de dissertação, iniciei, então em 2018, o doutorado com a intenção de desenhar um projeto para compreender, de forma mais profunda, aquilo que se manifestara no estudo anterior, e ao qual estamos denominando nesta tese de *fenômeno proxêmico*²⁴ relacionado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Com esta pesquisa de doutorado, desenvolvida com novos participantes, distinto do grupo de lideranças com o qual trabalhamos no mestrado, agregamos ao enunciado institucional dos ODS um olhar clínico sobre como pessoas em geral, em diferentes papéis, tem se relacionado com as questões abordadas na Agenda 2030. Buscamos assim formas diferenciadas de abordar este tema.

Utilizamos recursos da Socionomia, em especial conceitos da Sociometria e da Sociodinâmica de papéis, vistos na perspectiva dos diferentes contextos: social, grupal e dramático (MORENO, 1997; 1999), ampliamos e adaptamos instrumentos de

²³ Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21027>.

²⁴ Conceito desenvolvido mais adiante neste capítulo, que se refere à percepção de proximidade e distância em diferentes dimensões, como as de tempo e espaço, as quais trataremos neste trabalho.

inspiração sociométrica e colocamos “em situação”²⁵ os enunciados de cada um dos 17 objetivos.

Apreciando as narrativas das pessoas, traduzimos os ODS em cenas constituídas por histórias de vida, relatos de episódios passados, escolhas, posições existenciais ou projeção de sonhos e desejos futuros. Neste entoar, cada um dos ODS pôde ser traduzido ao cotidiano e se tornar história vivida, ou por viver. Histórias narradas por pessoas, que embora anônimas por questões éticas da pesquisa, têm rostos, idades, origens étnicas, lembranças de infância, medos do futuro, expressões de cansaço e de regozijo, cicatrizes, angústias, dúvidas e alegrias, e que de formas, mais ou menos otimistas, neutras, ambivalentes ou até pessimistas, expressaram a demanda para que esta Agenda 2030 fosse, cada vez mais, uma agenda povoada e atravessada de afetos para aqueles que se sentem apropriados dela. Nesta pesquisa, para quem deixou seus próprios depoimentos, foi assim que ela se constituiu, tornando-se por alguns momentos: A Nossa Agenda, com todas as suas controvérsias e potencialidades.

2.1 A caminhada em uma postura fenomenológica-existencial

Merleau-Ponty (1999, 2013) refere-se à adoção de uma certa atitude e à prática de uma certa atenção às coisas do mundo como as vivemos, em vez de apenas conceituá-las ou teorizá-las. Para ele, fazer fenomenologia é método reflexivo, é a prática da redução daquilo que nos impede de fazer contato primitivo com a concretude da realidade vivida. Esta tem sido a busca desde o início de minha carreira, e nesta tese de doutorado continuamos este caminho, articulando a pesquisa de

²⁵ Os procedimentos na situação ou “*in situ*”, como Jacob Levy Moreno os nomeou em sua epistemologia, constituem um elemento chave em seus métodos. Refere-se a estar, ou retomar com as pessoas seu ambiente de vida, seja a casa, uma escola, uma organização e não atuar simplesmente a partir do ambiente de um laboratório, ou consultório, que para Moreno eram “ambientes artificiais”. Quando isso não era possível, ou seja, atuar exatamente com pessoas e grupos em seus ambientes concretos, recriava-se, com um dos seus instrumentos centrais - o “palco”, a situação em questão. Fisicamente, ou de forma conceitual, “estar no palco” é poder reviver conflitos, também criar formas de relação, sendo apoiado por instrumentos socionômicos ao se fazer isto. Porém, mais do que simplesmente uma estética, uma excentricidade ou uma teatralização, a busca no palco é por uma forma radical de se criar ou retomar na carne cenas vividas ou imaginadas, chegando-se o mais próximo possível de seus pormenores exatos, inclusive os ambientais (MARINEAU, 1989; MELLO E SOUZA e BASSANI, 2020). Autores pós-morenianos, mantiveram este conceito vivo, porém adaptado, uma vez que o espaço físico para o palco nem sempre é disponível. Este, pode ser imaginado e descrito via narrativas. Nesta tese, trabalhamos de forma *online* e com narrativas, solicitando aos participantes relatos de cenas concretas do cotidiano e suas sensações e percepções a respeito.

campo sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, via relação pesquisadora-participantes deste estudo e, também, dialogando com os autores e perspectivas que nos ajudaram a refletir sobre os acontecimentos vividos.

Embora comece este texto citando Merleau-Ponty (1908 -1961), que entrou em cena em minha trajetória de pesquisa mais recentemente, foi a partir da obra de Jacob Levy Moreno (1889 -1974) que aprendi nos últimos vinte anos a “entrar em ação”, a fazer o trabalho com pessoas e grupos em diferentes ambientes com a possibilidade de compreender via, não só teórica, mas pela existência concreta e corpórea, aquilo que se manifesta nos fenômenos.

Partindo de uma ampliação de conceitos da Socionomia, concebidos por Jacob Levy Moreno, investigamos clinicamente o fenômeno proxêmico relativo aos ODS, não buscando solucionar as questões que se apresentaram, mas percebê-las e descrevê-las, refletindo²⁶ sobre elas e buscando, em nós, a partir de que papéis nos sentimos mais potencializados à ação. Esta última proposição é importante pois, embora nosso método tenha partido da Socionomia, não remete apenas a esta concepção, mas recria algumas perspectivas e traz elementos novos a esta epistemologia.

Neste recorte clínico, crítico e reflexivo sobre os fenômenos que investigamos, posicionamos o processo com os participantes como uma pesquisa descritiva. É neste lugar que nos colocamos, reconhecendo que após o vivido saímos inevitavelmente tocados e transformados no acontecido, porém não necessariamente imbuídos de qualquer atingimento de metas ou resultados pré-estabelecidos, mas com o registro descritivo do vivido ao longo da pesquisa.

Compreendemos no trabalho de Moreno uma forma de realização daquilo que bem coloca Merleau-Ponty (1999), no sentido de que fazer fenomenologia é retomar o contato primitivo com a concretude da realidade vivida. Na Socionomia moreniana reúne-se uma cosmovisão orientada em bases fenomenológico-existenciais, com concepções conceituais e recursos metodológicos reconhecidos, em especial a

²⁶ O conceito de reflexão aqui se alinha não ao intelectualismo, ou ao discurso meramente no plano de ideias ou eidético, mas à experiência de se viver ou reviver uma situação, podendo-se, ao mesmo tempo, acessar as sensações, emoções e sentimentos do acontecimento, também alternar de posição e tomar outras distâncias do ocorrido, seguindo uma Direção que proporcione estar dentro e fora do fato.

dramaturgia²⁷, como forma original de investigar os fenômenos, a partir da ação e da perspectiva sensível e concreta do corpo e da intersubjetividade.

Ao chamarmos Merleau-Ponty à cena, incluímos a visão que o pensador francês teve sobre a obra de Moreno, referenciada no conteúdo presente nas aulas ministradas pelo próprio Merleau-Ponty (2006). O autor trabalhou com seus alunos em Sorbonne, no período de 1949-1952, em pesquisas a respeito do que havia de mais atual, àquela época, em investigações de orientação fenomenológica e fez uma análise do método moreniano, destacando como interessante o fato de que:

Moreno opõe-se, portanto, a uma abordagem apenas exterior dos fatos sociais e a substitui por um método interior. Não se trata de reabilitar a introspecção, mas de conhecer a sociedade vivendo nela, participando dela. Em toda sociedade, ele distingue sua história oficial ou manifesta e uma história vivida efetivamente pelos indivíduos que fazem parte dela. Vê-se aqui a origem marxista das ideias de Moreno. Segundo ele, é preciso entrar na dinâmica social para compreender os conflitos latentes que animam a vida de um regime. Marx foi quem primeiro propôs os princípios de uma “Sociologia em profundidade”. Segundo Moreno, é preciso despertar a espontaneidade social; a história real é aquela que se vive. Acrescenta que não podemos conhecer uma sociedade sem a transformar (estar ativamente implicado nela) (MERLEAU-PONTY, 2006 p. 151).

Concordamos com Moreno e, nesta citação, vemos explicitadas as justificativas pelas quais ele se tornou o autor eixo em nosso trabalho. Além disso, reiteramos o destaque que Merleau-Ponty fez ao valor da obra moreniana, por se opor a uma abordagem apenas exterior e objetiva dos fatos. Neste movimento, abordamos a necessidade de se fazer transformação implicando-nos ativamente nos processos, como caminho para acessarmos a Agenda 2030. Esta é a posição primeira deste trabalho: conhecer percepções e histórias vividas e relatadas pelas pessoas no tocante aos ODS e refletir a partir disto.

Por outro lado, reforçamos o contraponto que Merleau-Ponty fez como um alerta, sobre como a perspectiva moreniana poder ser tomada pela “*tendência a*

²⁷ A palavra dramaturgia é proveniente de “drama”, uma transliteração do grego *Δράμα* e significa ação (MORENO, 1997, p.61). Conforme descrito pelo próprio Moreno, sua obra desde sua fase europeia no início do séc. XX, à sua produção conceitual e metodológica nos EUA, entre 1925-1974, baseou-se em formas de compreender os entes e fenômenos a partir da ação e da primazia da experiência do sensível, da espontaneidade e da criatividade. O método psicodramático é o conjunto de suas técnicas mais conhecidas e, muitas vezes, uma versão reducionista pela qual seu trabalho é interpretado. Nesta tese não iremos trabalhar apenas com o eixo psicodramático, mas com a base filosófica e epistemológica de sua obra, o que inclui conceitos como papel, realidade suplementar, a visão da inseparabilidade mente-corpo a partir de concepções da Socionomia e Sociometria que nos auxiliam na compreensão do fenômeno proxêmico.

ignorar pura e simplesmente a história institucional e a abordagem objetiva, que deve funcionar como cotejo para a análise subjetiva". (MERLEAU-PONTY, 2006 p.152).

O que também nos fez considerar como articular os aspectos institucionais e estruturais relacionados à Agenda 2030, ao mesmo tempo em que buscamos compreender, no campo pessoal, como os enunciados desta Agenda são percebidos e vividos.

Dessa forma, a trajetória realizada para este trabalho também vai ao encontro dos aspectos institucionais, e da investigação de tensões não solucionáveis por intervenções ou recursos exclusivamente socionômicos, sendo que reconhecemos estes limites, analisados na década de 1950 por Merleau-Ponty, assinalando também que *"o método de Moreno seria um excelente meio auxiliar de recorte, mas, como método único de estudo certamente é insuficiente"*. (MERLEAU-PONTY, 2006 p.150).

É a partir desta passagem que justificamos, em nossa trajetória, convocarmos outras vozes e autores para compor este estudo, desde um grupo de participantes convidados, a autores de diversas épocas e disciplinas, uma vez que embora Moreno tenha problematizado muitas questões que hoje constituem a Agenda 2030, sobram elementos que precisam ser atualizados e aprofundados por olhares complementares, ou como mencionam Dedomenico e Merengué (2020, p.18) que provoquem uma *"hibridização do arsenal moreniano"*, que nunca se propôs ser estático.

Ao acionarmos uma ampla rede de pessoas, que participaram deste estudo, produzimos conteúdos a partir das próprias diferenças de perspectiva que se manifestaram. Em meio a esta diversidade, encontramos nosso fio condutor: a investigação das relações pessoas-ODS, a partir de um olhar sobre o fenômeno proxêmico.

Com o trabalho de base moreniana foi possível tocar em questões em diferentes contextos e escalas. Ao mesmo tempo, as brechas epistemológicas na obra moreniana tornaram-se convites para se criar caminhos, uma vez que o conjunto de seus métodos perfaz um acervo repleto de instrumentos com potencialidades, principalmente, nos temas humano-ambientais.

Numa reflexão permeada pela busca de novos sentidos, sem renunciar a conhecimentos já instaurados, a preparação para este projeto envolveu, também, além de ambos os autores supracitados, uma ampla revisão bibliográfica em diferentes etapas, sobre referências que embasassem o desenho do método de pesquisa.

O fenômeno proxêmico, conceito essencial em nossa proposta, foi objeto das buscas iniciais em bases de dados científicas (*Science Direct*, Periódicos CAPES, *Researchgate* e *Google Scholar*) e na literatura, priorizando-se localizar sua historicidade, lacunas de investigação e não propriamente uma concepção definitiva do termo. Associamos o que, até então se trabalhava na Socionomia moreniana, sobre este fenômeno, com algumas inserções ontológicas inspiradas no pensamento de Merleau-Ponty (1999; 2006; 2013) e conceitos trabalhados pelo antropólogo Edward Hall (1959; 1968).

Estudos em Psicologia Ambiental ampliaram estas reflexões e apoiaram o entendimento de um panorama sobre temas humano-ambientais, do passado próximo, ao cenário mais contemporâneo, vinculado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tais como globalização, mudanças climáticas, riscos ambientais e comportamentos pró-sociais e pró-ambientais, assim como as controvérsias que os acompanham.

2.2 Socionomia como nosso ponto de partida

A Socionomia foi descrita por Moreno (1999) como um sistema científico e teórico no qual seus ramos Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria estão intrinsicamente ligados entre si, cada um deles possuindo uma série de métodos, tanto qualitativos, como quantitativos, como se pode observar na Figura 4.



Figura 4 - Epistemologia Socionômica -Fonte: adaptado de Mello e Wechsler (2017)

Historicamente formalizada e consolidada entre as décadas de 1930 a 1950 nos Estados Unidos, a Socionomia configurou-se como uma busca por tornar compreensível, em meio ao contexto positivista e cientificista da época, o trabalho iniciado por Moreno, ainda em sua fase europeia (1914-1925). Tinha como pano de fundo uma cosmovisão e posição filosófica bastante singulares e extrínsecas ao contexto americano naquele período (MELLO; WECHSLER, 2017). Entendemos, como mencionado anteriormente em nosso primeiro capítulo, que a Socionomia propõe posicionamentos que constituem uma via paradigmática não hegemônica.

Ao longo de toda sua vida²⁸, Moreno deixou transparentes estes entrelaçamentos dos aspectos de sua cosmovisão, biografia e obra, assim como sua

²⁸ No livro “Quem sobreviverá?” No volume 1, há um prelúdio em que o autor tece toda sua biografia a partir de suas relações, afetos e desavenças com pessoas que fizeram parte de sua trajetória (MORENO, 1992).

proposta de desenvolver estudos e métodos que corroborassem e influenciassem transformações sociais em diversas escalas, inclusive a planetária.

Apesar de se colocar em confronto com posições paradigmáticas ortodoxas, a parte metodológica da Socionomia foi absorvida, apropriada, algumas vezes distorcida e replicada a partir de diferentes áreas do conhecimento, o que para o próprio Moreno era um fenômeno preocupante:

Podemos até ver, com surpresa, com que rapidez, técnicas sociométricas, como o sociograma, o teste sociométrico, a análise de pequenos grupos, o *role playing*, o psicodrama e o sociodrama, foram aceitos como certos, como técnicas provadas, enquanto as bases teóricas, os conceitos do ator *in situ*, do alter-ego ou ego auxiliar, da espontaneidade, criatividade, tele, aquecimento, átomo social, redes psicossociais de comunicação, efeito sociodinâmico, etc, foram tratados com displicência, ignorados ou contrabandeados para a literatura sem que se fizesse referência à sua fonte. Isto não seria tão problemático se estas hipóteses tivessem se desenvolvido independente das técnicas sociométricas, mas, como está, desenvolveram-se e foram impostas por evidência empírica; são o resultado de processo rigoroso de análise de material coletado. Esta é circunstância infeliz por ainda outra razão. O novo sistema de teorias e conceitos não apenas dá indícios importantes para hipóteses significativas; é, também, *pré-requisito* importante para o uso apropriado das técnicas e estabelecimento de experimentos produtivos. (MORENO, 1992 – QSV1 - pp.156-157).

Atualmente, quase meio século após sua morte, o conjunto de textos, artigos e produções de Moreno pode ser considerado bastante pertinente, orientando uma análise sobre a relação pessoas-ODS, como também para um exercício crítico sobre o que apontam os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Elencaremos abaixo, conceitos desenvolvidos por Moreno entendidos como relevantes a esta discussão mais profunda da Agenda 2030, reforçando neste exercício nosso próprio posicionamento e leitura sobre a obra moreniana.

A nosso ver, assim como em Mello e Wechsler (2017), a Socionomia, relida nas fontes originais, é uma das vias que se desenvolveram a partir de uma postura fenomenológica, ao mesmo tempo que também antecipou atuais visões sistêmicas sobre a complexidade nas ciências.

Como síntese das preocupações de Moreno, transcrevemos uma de suas frases mais conhecidas: “*Um procedimento verdadeiramente terapêutico deve ter como objetivo toda a espécie humana*” (MORENO, 1992, QSV1, p.117).

A ideia, um tanto quanto grandiosa para muitos, de que ninguém pode ser excluído de processos que visem a procedimentos de cuidados à vida, em todas as suas escalas e formas, era uma das questões centrais para Moreno.

Tal preocupação é detalhada já nos primeiros textos morenianos, do início do século passado, abordando a inter-relação cósmica entre todos os entes²⁹. Estes textos mencionavam a conexão entre a linha evolutiva da vida no planeta e a responsabilidade das gerações presentes, sobre a garantia de vida para as futuras gerações e para a existência da, e na, Terra. Conceito denominado como Bioatria por Moreno (MELLO; WECHSLER, 2017).

Assinalamos, como colocou Merleau-Ponty (2006), em suas análises sobre a Socionomia e, mais recentemente, Bispo (2017), que Moreno encontrou formas de questionar as instituições a partir de “dentro”. Método extremamente potente, e feito a partir de múltiplos instrumentos.

Partindo destas premissas, a Socionomia moreniana e pós-moreniana, fluiu e se desenvolveu ao longo do último século entre pesquisas, publicações e posturas que tiveram como escopo uma ampla variação de procedimentos em diferentes dimensões, sendo seus instrumentos utilizados por diferentes referenciais epistemológicos, o que ainda hoje é alvo de muitas divergências.

Também foi a fonte originária de métodos expressivos, baseados no teatro, e que buscam desvelar conteúdos intrassubjetivos e intersubjetivos. Sendo a dramaturgia, um dos fundamentos da Socionomia, algo: “...*tão natural ao ser humano, que é encenar a sua imaginação expressando-a para outros.* (RODRIGUES, 2013, p.44).

Esta profusão de amplitudes e métodos, criando variados tipos de intervenções para resoluções de conflitos que vão de questões pessoais, conjugais, familiares, microsociais, saltando para pautas coletivas, comunitárias e até geopolíticas e planetárias gerou também certo caos.

Para Bustos, na obra moreniana:

A falta de uma formulação conjunta mais ordenada causou a atomização de seus componentes. Utilizam-se isoladamente o *role-playing*, ou o teste sociométrico, ou Psicodrama, dentro de esquemas referenciais diferentes (1979, p. 25).

²⁹ Vide (MELLO; WECHSLER, 2017) onde há uma articulação de Publicações como: Quem Sobreviverá? (MORENO, 1992) e Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (MORENO, 1999) sobre a cosmovisão bioátrica explicitada em várias passagens dos textos de Moreno. Ver também em (FONSECA, 1980; MARINEAU, 1989; MORENO, 1983, p. 226) menção ao Seinismo em Viena (Ciência do Ser). Palavra proveniente do alemão: *Sein*, que significa Ser, que nomeou o movimento no qual Moreno foi um dos fundadores, atuando em uma comunidade de práticas para aplicação, no cotidiano, do que entendiam ser as premissas existenciais para as relações humanas. Baseavam-se em pressupostos religiosos de influência judaico hassídica.

Retomamos as raízes da epistemologia e produção moreniana nas décadas de 1930 a 1950. Em sua obra mais densa: *Quem Sobreviverá?* (MORENO,1992), percebemos que já tratava de muitos dos temas, hoje abordados na Agenda 2030.

O título desta obra na qual nos concentramos, provocativo, e em formato de pergunta sobre” *Quem Sobreviverá?*”, é pelo autor justificado como uma alusão às suas ideias, contestações e sua cosmovisão, em uma perspectiva que os conceitos que lançava sobreviveriam àquela época. Neste livro, incluiu relatos e resultados de suas pesquisas de campo, utilizando instrumentos da Socionomia, que corroboravam com a ideia de sermos todos, coletivamente, cocriadores e corresponsáveis pela realidade que compartilhamos em redes. Postulava que, compreendendo esses modos de funcionamento, conservados culturalmente, poderíamos desenvolver sociedades inclusivas, bioátricas e que fossem capazes de atender criativamente às necessidades e escolhas de todos os seus membros no presente e no futuro.

Nesta obra, publicada em 1934 em sua primeira edição, Moreno (1992) expressa sentir-se pouco compreendido em suas preocupações e antecipações sobre o futuro, fazendo questão de ressaltar sua crença de que suas propostas se fortaleceriam ao longo do tempo. Entendemos que, de fato, a Socionomia, desenvolvida nos Estados Unidos, e levada para outros países, pôde abarcar apenas parcialmente o escopo de suas ideias, sendo que procuramos resgatar a outra parcela, menos compreendida, em nossa tese.

Neste território, menos explorado, lidamos com sua cosmovisão; aspectos filosóficos de bases fenomenológico-existenciais; o aprofundamento da Sociometria e seus posicionamentos bioátricos (MELLO; WECHSLER, 2017).

Nas vertentes menos conhecidas de seu trabalho, estão as maiores aproximações com as propostas sobre sustentabilidade, trazendo elementos que nos ajudam a provocar uma discussão sobre as aproximações e distanciamentos cotidianos à Agenda 2030, destacando, como exemplo, que na visão moreniana, origens e concepções geopolíticas denotam um pensar ancestral e global concomitantes.

Moreno viveu como um ser do mundo e costumava contar que sua mãe havia dado à luz em um navio sem bandeira, pondo em questão o próprio conceito de nacionalidade. Com preocupações globalistas, em tempos nos quais o nacionalismo era muito mais presente que o senso de comunidade global, seu registro de

nascimento na Romênia em 1889, e sua origem judaica, são elementos que marcaram sua experiência como pertencente, ao mesmo tempo, a um grupo étnico com fortes raízes religiosas e ancestrais, mas por milênios sem território fixo, fadado a constantes movimentos imigratórios³⁰.

Ainda sobre origens, Moreno radicou-se com a família ainda na infância em Viena, na época em que a cidade pulsava como um centro cultural, intelectual e científico produzindo e formando grandes nomes nas artes, na filosofia e nas ciências em geral. Formou-se Médico Psiquiatra pela Universidade de Viena em 1917 e atuou com a prática de Medicina em projetos e ações de campo e de cunho social e comunitário, muitas vezes, com grupos sub-representados naquele ambiente, como campos de refugiados e coletivos de trabalhadoras do sexo em Viena. Sendo educado nesta região, cresceu em meio às fontes de onde surgiu o pensamento eurocêntrico, e foram estes sistemas de pensamento com o quais ainda lidamos, que Moreno colocou em teste, ora os confrontando, ora submetendo-se a eles.

Nunca foi afeito à prática restrita apenas aos consultórios ou laboratórios de pesquisa. Ao mesmo tempo, transitava pela cena intelectual e cultural vienense como editor do periódico *Daimon*³¹, agregando à sua prática clínica e comunitária elementos da filosofia existencialista e iniciativas ligadas ao teatro, que se tornaram a base de seu Método Psicodramático, e pelo qual ficou amplamente conhecido, desvelando a potência terapêutica de suas técnicas de ação.

Em 1925, quando Moreno imigrou para os EUA, agregou ao que construiu em sua fase europeia, uma série de práticas mais em voga à cultura estadunidense, voltada a pesquisas experimentais de campo, aplicadas em intervenções sociais, institucionais e clínicas, dando origem à Socionomia.

Para Moreno (1992; 1997; 1999; 2020) em cada um dos ramos da Socionomia, instrumentos e enfoques se alinhavam de maneiras complementares sendo, conforme descrito pelo autor:

³⁰ Vide em Moreno (2016, p.171) registro biográfico sobre o não posicionamento frente à proposta sionista, que defendia a criação de um estado judeu. Diferentemente de outros intelectuais e figuras célebres de ascendência judaica do movimento sionista, Moreno fazia questão de se posicionar como pessoa universal e não se destacar a partir do pertencimento a apenas uma nação, etnia ou religião.

³¹ Publicação fundada por editores existencialistas baseados em Viena e Praga, na qual Moreno teve papel central. O periódico teve grande expressão na Europa e seus colaboradores eram autores bastante proeminentes, como Franz Kafka, Martin Buber, entre outros.

-A **Sociometria**, principalmente conhecida pelo uso de seus instrumentos como os **Testes³² Sociométricos e Testes Sociométricos de Percepção**, compõe-se por estudos sistemáticos quantitativos e qualitativos das inter-relações entre pessoas, como também entre pessoas e objetos. Analisa as redes que são constituídas em determinados ambientes, assim como padrões de atrações, neutralidades, ambivalências e rejeições em pequenos e grandes grupos. Além dos Testes, Moreno também indicava como instrumentos, o uso de intervenções de caráter sociométrico, que não configurariam testes sistemáticos em si, mas seriam embasadas no mesmo conceito, ou seja, analisar e atuar-se sobre os fluxos de forças, vínculos e afetos manifestos nas relações. Na Sociometria se observaria o quanto, em que intensidade e sentidos ocorrem as relações. Quais as escolhas relacionais feitas entre um universo restrito de possibilidades, e quais estruturas essas forças alimentam nos fenômenos grupais. Este ramo teria um caráter e potencial não só diagnóstico, mas de intervenção microssociológica, e de forma combinada entre séries de iniciativas, macrossociológica também;

- A **Sociodinâmica**, atuando a partir dos mesmos princípios, embasados nas leituras sociométricas, empregaria adicionalmente a investigação sobre os papéis no contexto analisado. Neste escopo, o Teste de Papéis e o Teste de Espontaneidade são exemplos de adições instrumentais, assim como todas as leituras das dinâmicas existentes nos grupos analisados, podendo ou não se lançar mão de instrumentos sistemáticos da Sociometria como recurso. A Sociodinâmica se aprofunda no “como”, e a partir de que papéis, ocorrem as inter-relações.

- A **Sociatria** seria a terapêutica para tratar dos aspectos manifestos a partir dos conceitos e métodos relacionados anteriormente, englobaria a **Psicoterapia de grupo**; o **Psicodrama** (nos quais se parte do indivíduo para tratar intersubjetivamente o grupo) e o **Sociodrama** (no qual se parte do grupo para tratar indivíduos e grupos em pautas mais amplas, sociais e coletivas)³³.

³² A palavra teste, remonta ao vocabulário positivista utilizado à época, contudo, a proposta moreniana, de base fenomenológica, pautava estes processos como exercícios. Propunha um caminho de escuta e intervenção possibilitando às pessoas expressarem suas subjetividades, fazendo também emergir aspectos intersubjetivos. Tais processos não eram vinculados a parametrizações. O que se comparava, enquanto resultados, eram as correntes afetivas espontâneas, descritas pelas próprias pessoas, em contrapartida às estruturas formais estabelecidas nos grupos: hierarquias, lideranças, divisões de tarefas, organização arquitetônica e regras de convivência e ocupação dos espaços. Para Moreno, o desconhecimento e desconsideração das redes sociométricas ampliava o potencial conflitivo ou patológico dos grupos, impactando na saúde e bem-estar.

³³ Vide em (MORENO, 1997, p. 412).

Importante acrescentar que “*em seu sentido mais amplo, a Sociometria compreendia não somente os testes sociométricos, mas todas as formas de avaliação social, entrevista de grupo e dinâmica de grupo subjacentes*” (MORENO, 1992. QSV1 - p.59).

Com este conjunto teórico-metodológico, a Socionomia ofereceu um ponto de partida, um olhar sistemático a partir dos ramos acima mencionados. Assim como visões sobre os contextos em que se inserem os papéis vividos pelas pessoas. Ao diferenciarmos os contextos em: **social, grupal e dramático** transitamos em análises ora das implicações subjetivas, particulares e privadas de uma experiência, ora das implicações intersubjetivas, públicas e globais, sendo estas dimensões inseparáveis.

Em meio a este sistema, desdobramos, ampliamos e criamos em nossa tese, elementos novos a partir da **Sociometria** e da **Análise Sociodinâmica de papéis**, utilizando a graduação proxêmica e a linguagem narrativa dos participantes de nossa pesquisa, em recortes de cenas cotidianas, assim como analisamos *temas protagônicos* nas relações manifestas, nos diferentes contextos pesquisados.

Ressaltamos que neste caminho, fizemos também escolhas conceituais em referências associadas a autores da literatura socionômica pós-moreniana, que representam vertentes com as quais concordamos. Uma vez que, em muitos aspectos da obra socionômica, não existem consensos ou desdobramentos conceituais que o próprio Moreno tenha aprofundado:

A obra moreniana, repleta de aberturas e pontos em discussão, faz-se útil como obra inacabada, como provocação a um pensamento científico mais próximo aos paradigmas de uma nova ciência, menos determinista e cartesiana e mais adepta a uma visão sobre a complexidade não só das relações humanas, mas de todos os fenômenos (MELLO; WECHSLER, 2017, p,39).

Tendo em vista estas aberturas, agregamos, também, aos conceitos socionômicos, um olhar sobre como a questão proxêmica é desvelada nesta epistemologia. Desta forma, destacamos mais adiante um tópico exclusivo neste texto para melhor detalhar nossa ótica sobre este fenômeno.

Por último, a **Bioatria**, termo pouco explorado e conhecido na obra moreniana, foi por nós resgatado, e apoiou nossas reflexões, por ser o conceito mais diretamente relacionado a uma cosmovisão sobre questões humano-ambientais, com a qual ampliamos nossa visão, e analisamos as questões da Agenda 2030.

2.3 Sociometria e Sociodinâmica de Papéis

Conforme falamos anteriormente, Moreno buscava meios para compreender a partir da Sociometria, as forças de atração, rejeição, ambivalência, ou mesmo neutralidade nas relações. Forças estas, atuantes nos fenômenos humano-ambientais e, conseqüentemente, os possíveis desdobramentos destes fenômenos em intencionalidades, conjunturas estruturais e ações pessoais e coletivas.

A Sociometria compreende investigar tanto o que é quantificável nos fenômenos inter-relacionais, como aquilo que é qualitativo.

Para Bustos (1979, p.12) “a Sociometria responde ao período do “*furor métrico*” de Moreno. Momento entre as décadas de 1930 a 1950, em que tais estudos foram executados mais intensamente por Moreno e seus colaboradores, e no qual esteve mais envolvido no ambiente acadêmico.

Após estas duas décadas, Moreno deixou todo este legado à Associação Sociológica Americana, constituída pelas redes de pesquisadores com os quais atuava e com os quais fundou o Periódico *Sociometry*, em 1937. Tais estudos se expandiram e influenciaram diferentes áreas das ciências humanas.

Distanciando-se do ramo sociológico, entre os anos de 1960 e 1970, Moreno viveu sua última fase produtiva e se tornou influente em outras redes de profissionais ligados à Psiquiatria e Psicologia, dando ênfase à **Sociatria**³⁴, ramo terapêutico da Socionomia³⁵, pelo qual se tornou mais conhecido.

Esta mudança, e de certa forma, redução de escopo, justamente nas fases finais de sua vida, nos coloca frente aos motivos pelos quais entendemos que as maiores lacunas (ou aberturas) em seu trabalho, encontram-se ainda nas fases iniciais

³⁴ Sobre o maior desenvolvimento da Sociatria, ainda em 1959, Moreno publicou um levantamento de P. Renouvier, um dos seus colaboradores, que havia contabilizado 351 métodos sociátricos documentados até aquele momento. (MORENO, 1999, p.122).

³⁵ Neste período, o hospital psiquiátrico fundado por Moreno, em Beacon e seu Instituto, ambos sediados no estado de Nova Iorque, tornaram-se o cerne de seus últimos trabalhos. Recebeu nestes locais estudiosos de diversas partes do mundo, também viajou a muitos países, criando redes de profissionais e formando seguidores mais enfocados nos métodos sociátricos, em especial o Psicodrama. Este movimento fez com que o conjunto de sua obra permaneça, até hoje, compreendido erroneamente como resumido ao método psicodramático. Neste período, seus colaboradores e seguidores trabalharam ativamente na publicação de suas ideias e métodos predominantemente com este enfoque (MARINEAU, 1989).

de sua obra, quando se encontrava na Europa e, depois, na consolidação da Sociometria até o final da década de 1950 nos Estados Unidos.

É recorrente entre comentadores da obra moreniana, apontar-se a falta de aparato teórico em sua epistemologia. Por outro lado, examinando em profundidade sua cosmovisão e posição filosófica, podemos colocar em questão se tal postura, de fato, compreenderia um arcabouço teórico fechado, ou se poderíamos sugerir que Moreno, deixando em aberto todos estes caminhos, não estaria apenas sendo coerente com suas premissas filosóficas iniciais.

Em suas próprias palavras, em 1914, no poema *Convite a um Encontro*³⁶ vemos ressonância desta intencionalidade para o legado de um sistema aberto no trecho: *Mais importante do que a ciência é o seu resultado. Uma resposta provoca uma centena de perguntas.*

Mais tarde, em *Quem Sobreviverá?* também acrescentou: *A principal qualidade da ciência deverá ser estar sempre pronta para estudar a si própria e discordar de si própria* (MORENO, 1992, QSV1 - p.167).

E especificamente sobre a Sociometria disse em 1951:

Um esquema conceitual pode se tornar tão prejudicial ao crescimento de uma ciência experimental jovem e tateante quanto um esquema político. Existem muitos elos na cadeia das inter-relações que não podem ser adivinhados. Eles precisam ser explorados concretamente. Não é o resultado de um estudo que nos interessa aqui, por exemplo, se ele aproxima ou não as relações factuais prováveis, mas o contraste entre os métodos empíricos e simbólicos do procedimento. No decorrer do trabalho sociométrico, aprendemos que nossas melhores adivinhações não eram a estrutura social. Portanto, preferimos deixar nossos conceitos emergirem e se desenvolverem com o crescimento do experimento e não os tirar de qualquer fonte apriorística ou não sociométrica (MORENO, 2020, p. 42).

Entendemos com estas colocações, que o caminho, ou método e suas experimentações, assim como as ações terapêuticas, sempre foram o eixo mais importante para Moreno, ao invés da conclusão de uma teoria, a ser conservada. Ao mesmo tempo, reforçava a necessidade do rigor no método, que não deveria ser aplicado de forma descolada de reflexões filosóficas e conceituais, mesmo que estas fossem se atualizando ao longo do tempo.

Compreendemos este posicionamento, também, a partir de suas declarações sobre evitar fortemente qualquer coisa que o aprisionasse em um parâmetro fechado,

³⁶ A tradução deste trecho pode ser recuperada em Moreno (1997) - página introdutória.

sem a possibilidade de constantes revisões e criações espontâneas, o que levaria à uma **conserva cultural**, termo que o próprio Moreno cunhou.

Embora seja difícil, a partir destas posturas, defender um terreno sólido por onde trilharmos, que não seja por isso que como o ditado diz: *Jogaremos a água do banho, junto com o bebê*. Por isso, nos sentimos impelidos a remontar pontas soltas desta epistemologia. Pontas estas, que geram muitos choques na interpretação de que caminhos seriam os legítimos a se seguir. Geram também atrações, ambivalências, neutralidades ou repulsas entre os diversos grupos que se propuseram a dar prosseguimento aos estudos que Moreno iniciou. Fenômeno que fez emergir diferentes correntes sociométricas, passíveis de serem analisadas a partir do que a própria Sociometria busca entender.

Quanto à parte que nos cabe, frente a nossos objetivos de pesquisa, não pretendemos dizer que nosso caminho é o único, ou definitivo. Visamos com a epistemologia moreniana provocar reflexões sobre as relações pessoas-ODS, a partir dos princípios que ela oferece. Que seja, a Socionomia, principalmente via Sociometria, uma forma de desvelar como nos percebemos vinculados ao mundo, ou de forma ontológica, como experienciamos as inter-relações no todo do qual somos parte.

Vemos na pesquisa sociométrica, premissas do campo empírico e inspiração para caminhos que envolvem compreender, com as pessoas, suas percepções sobre suas inter-relações, e foi a partir destas bases que desenvolvemos nosso método de pesquisa.

Neste processo, retomamos também os conceitos bioátricos de Moreno (1992) e expandimos os estudos da Sociometria a uma visão não apenas antropocêntrica. Ao fazermos isso, nos aproximamos de ramos científicos voltados à ecologia e demais visões sistêmicas, algo antecipado e visualizado por Moreno³⁷, que porém não se aprofundou nestes temas a partir destas nomeações ecológicas, mas contribuiu com outros autores neste aspecto.

³⁷ Como exemplo, com base no trabalho de Moreno em *Quem Sobreviverá?* Urie Bronfenbrenner desenvolveu sua teoria Bioecológica. O autor colaborou com a revista *Sociometry* na década de 1940 e Moreno cita todos os artigos de Bronfenbrenner na edição de 1953 de *Who shall survive?* Vide em Bronfenbrenner, U. (2011) as articulações que o autor propôs entre a Sociometria e a Teoria Bioecológica. Vide também em Wechsler, (2008; 2018) as análises epistemológicas que a autora articula sobre a Socionomia.

Relatando alguns de seus estudos, Moreno (2020, p.21) exemplifica sua publicação em 1945 com o título “*Duas Sociometrias, a Humana e Subhumana*”. Artigo no qual articulava sobre as possibilidades e benefícios de se investigar empiricamente conceitos por ele criados como *tele*, *átomo social*, e *rede psicossocial* entre diferentes espécies. Com ênfase nas sociedades de mamíferos e primatas superiores, sendo:

Tele: O fluxo afetivo e recíproco entre dois ou mais indivíduos, independentemente da espécie, manifestando as intensidades e sentidos do fenômeno inter-relacional.

Átomo Social: Rede de relações e tipos de vínculos, vistos a partir da perspectiva de um certo indivíduo. Neste recorte, toma-se um indivíduo específico como núcleo, traçando-se todos os vínculos que este estabelece, podendo-se, também, qualificar estes vínculos enquanto atrações, rejeições, ambiguidades ou neutralidades e se estas qualidades são recíprocas ou não, aos entes aos quais se liga.

Rede Psicossocial: Conjunto de átomos sociais analisados em conjunto. O conjunto de redes, formariam um panorama maior, ao qual denominou de “geografia psicológica”.

Tomando-se como exemplo este enfoque e conceitos, podemos perceber a partir da revisão de literatura da obra de Moreno, o questionamento recorrente sobre a necessidade e possibilidades de não limitar a pesquisa sociométrica apenas às inter-relações entre grupos humanos:

Cosmo em devir é a primeira e última existência e o *valor supremo*. Apenas ele pode atribuir sentido à vida de qualquer partícula do universo, seja o homem ou um protozoário. A ciência e os métodos experimentais, se têm pretensão a serem verdadeiros, precisam ser aplicados à teoria do cosmo (MORENO, 1999, p. 15).

Por outro lado, Moreno não operacionalizou esta expansão. Manteve-se pesquisando grupos humanos e lançando em paralelos ideias para que aqueles que as enxergassem, de alguma forma prosseguissem nestes caminhos.

Nesta vertente, cogitou também a possibilidade do uso da Sociometria não só extensiva apenas a outros seres vivos, mas também [...] *um teste sociométrico voltado às inter-relações com coisas [...] É a partir de tais estudos que seremos capazes de estimar diferenças entre níveis de preferências* (MORENO, 2020, p.83). E

complementa, de forma mais específica, a ideia sobre estudos englobando [...] *as preferências de sentimentos por várias coisas, valores, ideias, objetos ou objetivos* (p.84).

Em nosso caso, nos ancoramos na ideia de pesquisar a relação das pessoas com objetivos – os ODS.

Moreno via Sociometria como uma Ontologia, em seu olhar para o ser e para as especificidades na relação, com cada tipo distinto de manifestação fenomenológica, incluía um entendimento não excludente. Compreendia que linguagens complementares deveriam ser usadas nas ciências. Respeitava a necessidade de caminhos diferentes entre as ciências naturais e humanas, sabendo das limitações de ambas e criando a partir destas próprias limitações:

Toda ciência reporta-se à constelação dos fatos e como medi-los. Sem meios adequados de descobrir fatos e sem formas apropriadas de avaliá-los, a ciência não existe. [...] O passo preliminar ao desenvolvimento de toda ciência é a compreensão das condições nas quais fatos significativos emergem [...] nas ciências físicas, uma vez que se trata de objetos inanimados, maior importância foi dada aos aspectos mecânicos e físicos da situação. Este problema não se altera muito quando se trata de organismos não-humanos [...] nas sociedades animais, podemos adotar o princípio de que são determinadas e pré-ordenadas. A sociedade humana, porém, não é automaticamente, determinada e pré-ordenada. Apesar de estar profundamente relacionada a condições físicas e biológicas, possui estrutura cuja criação e desenvolvimento podem ser iniciados e estudados a partir de dentro [...] os organismos do grupo devem tornar-se “atores”; tem de emergir na situação como representantes de objetivo comum, ponto de referência (critério) e o “meio ambiente” ou “campo” tem de transformar-se em situações ativas específicas, carregadas de provocações estimuladoras. Como mesmo nossas observações mais detalhadas das interações podem ser incompletas e não ter um resultado ou significado para os atores, temos de fazer com que eles atuem como se estivessem vivendo situação real. (MORENO, 1992, QSV1 p. 165).

Nesta passagem, fica claro que, muito embora, Moreno não descarte ou rechace nem os métodos das ciências naturais, ou métodos das ciências humanas, entende que ambos são formas válidas, e ao mesmo tempo parciais, de se lidar com os fenômenos. Por outro lado, na epistemologia socionômica e na Sociometria, o “como” sempre se sobrepôs aos “porquês”, sendo que na Sociometria, as linguagens métricas compõem e são agregadas ao todo, sem, contudo, se tornarem centrais ou exclusivas, pois são recursos adicionais.

Para Monteiro *et al.*:

Focalizando a ação em sentido amplo, Moreno nos legou uma metodologia que permite transitar entre os números, as palavras, os silêncios, e os

movimentos, sem ignorar as posições estáticas e as expressões gráficas. Podemos fazer pesquisa empregando todas as possibilidades de interação humana, inclusive as imaginárias (2006, p.39).

Em suma, os instrumentos sociométricos não têm ambição psicométrica ou de previsão, mas de apoiar o entendimento de como potencializar fluxos de cooperação entre indivíduos de uma comunidade (MORENO, 2020 p. 237) e, aqui, incluímos a visão bioátrica entre indivíduos de um ecossistema.

Os métodos sociométricos têm por premissa não serem preditivos, apesar de também usarem linguagens quantitativas, visando ampliar a condição de escuta, de um olhar para as recorrências, intercorrências e padrões que se impõem entre as necessidades reais dos integrantes de um sistema, e as formas mais típicas como estão percebendo, construindo e conservando suas estruturas. Tais estruturas, não são vistas como determinísticas fixas, mas mutáveis, desta forma busca-se movimentos mais saudáveis, inclusivos e sustentáveis para o todo. Nestas condições, atreladas aos estudos sociométricos, as intervenções de cunho sociátrico, ou bioátrico podem ser implementadas como ações visando saúde e sustentabilidade da vida nestes sistemas.

Ao partir da Sociometria, criamos nosso instrumento de Graduação Proxêmica³⁸, sendo este um instrumento expressivo e baseado na descrição das pessoas sobre suas percepções de proximidade e distância quanto aos ODS.

Não temos neste instrumento ambições de exatidão ou parametrização. Ele apenas rompe com a linguagem estritamente verbal, via palavras, e solicita aos participantes um grau numérico relativo à intensidade de suas percepções de proximidade e distância quanto a um objetivo. Este processo recorre à noção de percepção embrenhada na condição integrada entre corpo-tempo-espaco-cultura-valor-si-mesmo-alteridade em um só movimento. Assim como na premissa de que esta investigação é feita em conjunto com as próprias pessoas, em seus campos perceptuais.

O conceito de percepção, neste sentido, está estritamente vinculado a noção de inter-relação. Perceber é **perceber-se em relação a algo**, ou também perceber algo ou o outro, também sempre em inter-relação³⁹. Não existe em Socionomia

³⁸ Detalhado nos Capítulos 3 e 4.

³⁹ Aqui nos associamos a Ontologia de Merleau-Ponty, que vai nesta mesma direção.

nenhum constructo que assimile percepção como função psicofísica isolada, ou que alinhe percepção apenas às funções psicológicas ou cognitivas separadamente. A epistemologia socionômica, de raízes fenomenológicas, busca entender percepção a partir do que as próprias pessoas relatam sobre suas inter-relações com o mundo e com o cosmo.

Partindo-se destes exercícios perceptuais, desencadeiam-se convites a experimentar movimentos a outras posturas existenciais. Assim, ativamos a atitude **parentética**, derivada da noção da fenomenologia de colocar **em suspenso, entre parênteses** o que se conhece. Assume-se nestes exercícios a atitude de não se tomar nada como **natural**, permitindo também refutar a naturalização imediata do que ocorre. A atitude crítica suspende ou coloca entre parênteses a crença no mundo comum, permitindo às pessoas alcançarem um nível de pensamento e sensações alternativas e, portanto, de liberdade⁴⁰. Coloca-se o ambiente entre parênteses e gradua-se o fluxo da vida diária para examiná-lo e avaliá-lo sob diferentes perspectivas (GUERREIRO RAMOS, 1984).

Conforme Almeida (2012), a obra moreniana considera os fenômenos sempre como um **vir a ser**, compreendendo a ação humana, engendrada numa cosmovisão ampla e a partir de papéis em situação inter-relacional. Nessa perspectiva não se fecha a análise de um fenômeno humano em uma estrutura isolada, mas considera-se a inter-relação pessoa-ambiente e as possibilidades de movimentos constantes a outros modos de ser.

No trabalho a partir desta ótica, os eixos espaciais, temporais e culturais se estabelecem entrelaçados e podem ser compreendidos a partir de uma leitura fenomenológica-existencial. Propõe-se, na presente pesquisa, convidar os participantes a revisitarem suas posições e seus papéis cotidianos e todo o entrelaçamento afetivo, relacional e comportamental inerentes a estes, ou mesmo, experimentar papéis imaginários, que possam transportar para um exercício de **habitar outras coisas em si**. Buscando-se, assim, compreender os entes e fenômenos a partir de outro *locus* existencial.

Nos métodos socionômicos, e por conseguinte sociométricos, acionamos formas de nos concentrar não só na pesquisa subjetiva, como também na intersubjetiva dos fenômenos humano-ambientais, acessando outras dimensões,

⁴⁰ Mesmo entendendo-se ser esta liberdade parcial e temporária.

além da realidade linear instaurada, na expressão factual puramente positivista ou objetiva, indo também além do cunho humanista⁴¹.

Essa é a ideia motriz que nos leva a alternarmos esta nossa pesquisa em diferentes escalas a cada etapa de procedimento. Começando pelo convite aos participantes responderem um questionário com critérios subjetivos, individualmente inicialmente, seguido de um diálogo com a pesquisadora, no qual as questões intersubjetivas se tornam mais aparentes e, na sequência, desdobrando-se para um encontro de grupo, onde as reflexões puderam ser compartilhadas em escala mais ampla.

Segundo Moreno (1992), as redes sociométricas são a manifestação proveniente de escolhas inter-relacionais, com base em critérios específicos e intersubjetivos. O desvelamento destas correntes afetivas constitui o foco de instrumentos sociométricos, com os quais podemos analisar a atração, rejeição, ambivalência ou indiferenças mútuas ou não, e em rede, entre indivíduos que elegem, ou não, se aproximar, se relacionar e participar, ou não, de uma mesma ação em determinada situação, dado um certo contingente de possibilidades.

A Sociometria oferece, ao invés de explicações, descrições, tanto quantitativas como cálculos e gráficos, como qualitativas tais como narrativas e expressões não generalizáveis. Já a Sociodinâmica de papéis possibilita aprofundarmos estas pesquisas.

Até onde chegou, na evolução de sua obra, Moreno (1992) compôs toda uma linha de estudos sociométricos, que tinha como objetivo não só **mensurar**, mas compreender e descrever fenômenos entre pessoas que compartilham um mesmo espaço-tempo, ou mesmo, entre redes de indivíduos que extrapolam certas dimensões espaço-temporais, mas que ainda coadunavam um mesmo campo fenomênico.

⁴¹ Embora reconhecendo proximidades e até suas influências no movimento humanista, principalmente as linhas surgidas na década de 1960 nos EUA, Moreno via com muitas ressalvas correntes que, a seu ver, confrontavam-se com aspectos centrais da cosmovisão e epistemologia sacionômica. Para J.L. Moreno e colaboradores, o ser humano só pode ser compreendido e tratado em um contexto inter-relacional social e cósmico, ao passo que parte das correntes humanistas se concentra basicamente no potencial humano individual, também aplicando técnicas reconhecidas na Sacionomia, de forma desvinculada aos cuidados e conceitos propostos em suas origens. (MORENO, 2016. p. 228). Nas concepções sacionômicas e bioátricas, também se colocam em questão paradigmas dos conceitos de "Eu", de indivíduo e o antropocentrismo humanista (MORENO, 2020, p.39). Vide comentários anteriores sobre essa obra.

Neste aspecto, como exemplo, realizou pesquisas com redes transgeracionais, com investigações de relações entre pessoas e seus antepassados, ou mesmo sobre a manutenção de correntes afetivas entre indivíduos vivos e seus entes falecidos. Também pesquisou a relação entre pessoas localizadas em espaços geográficos separados. Buscava, também, compreender como se davam as ligações sociométricas que se sobrepunham à distância espaço-temporal⁴². Desenvolveu a partir disso, investigando em profundidade os conceitos de **tele**, de **coconsciente** e **coinconsciente**, eixos não apenas físicos, mas virtuais dos vínculos sociométricos (KNOBEL, 2020)

A continuação destes estudos sobre redes, tanto em espaços físicos, como virtualmente conectadas, em espaços-tempos alternativos, deu origem também ao que se conhece hoje como ciência das redes sociais, o que pode ser recuperado nos levantamentos históricos de autores como Freeman (2004), Giesmann (2017) e Giacomucci (2021). Estes autores destacam as origens morenianas deste ramo das ciências, e articulam o uso destes conhecimentos, em campos como políticas públicas, economia e saúde. Com destaque especial à epidemiologia, essencial em tempos pós-pandemia, para compreensão dos fenômenos antropológicos e sociais na saúde (CRISTAKIS, 2021).

Para Moreno (1992), com base no que é possível captar na Sociometria, o conflito central e mais amplo, que buscava mapear entre as décadas de 1930 e 1950, era o fenômeno ao qual nomeou de **Tricotomia Social**. Denunciava, neste processo, as tensões sociais produzidas na forma autocrática como se organizavam as estruturas sociais.

Para Moreno (1992) a realidade social seria a síntese entre a forma como os grupamentos humanos visíveis e palpáveis refletem, ou não, as escolhas sociométricas autênticas de cada um de seus membros. Defendia que as escolhas sociométricas embasassem novas formas de organização social, nas escalas micro e macro, e que tais aspectos necessitavam ser continuamente estudados e trabalhados, conjugando ambientes que favorecessem escolhas mútuas e intencionais, entre pessoas cocriando continuamente vínculos, responsabilidades e formas de ação no mundo que permeiam.

⁴² Vide Moreno, 1999, p. 124, 125, 341; Moreno, 2020 p. 87.

Muito embora, todas as passagens supracitadas estejam presentes na literatura moreniana, tanto sobre Socionomia, como Sociometria, entendemos que na literatura pós-moreniana alguns destaques e pontos que iluminamos foram menos comentados ao longo do tempo.

Como mencionamos anteriormente, nota-se, em especial, entre autores que estudaram diretamente com Moreno nas décadas de 1960 e 1970, e que hoje ainda exercem grande influência quanto ao que se publica na atualidade, maior interesse nos aspectos sociátricos e terapêuticos da Socionomia, o que resultou em um vasto volume de publicações e desenvolvimentos com este enfoque.

Ao mesmo tempo, a visão da Sociometria como algo apenas instrumental, esvaziou o encaminhamento de novos aprofundamentos filosóficos e conceituais deste ramo. Como exemplo, Bustos (1979), autor bastante reconhecido no desenvolvimento da Sociatria pós-moreniana, publicou um livro em formato de manual, dando ênfase ao olhar estritamente instrumental e restrito do Teste sociométrico, direcionando sua interpretação apenas para intervenções sociátricas em pequenos grupos. O autor sinaliza, neste livro, ter a compreensão de que a forma como aborda o tema, o faz sem tocar no potencial muito maior que a Sociometria oferece. Retoma também a problemática sobre a visão separada entre as práticas de base socionômica, motivo pelo qual o conjunto da obra moreniana permaneceu pouco compreendido.

Para Carlson-Sabelli *et al.* (1994), Moreno criou a Sociometria como base para a 'Sociatria', e na continuidade de seu legado, as novas gerações de pesquisadores deveriam manter viva essa conjunção de propriedades que aglutinam possibilidades do método matemático, arte clínica e ética social. Para estes autores, estes são três aspectos da tradição moreniana que não deveriam ser separados.

A nosso ver, na pesquisa com base socionômica e sociométrica, incluem-se tudo e todos no campo fenomenológico, pesquisadores e participantes são membros de um processo de coprodução do conhecimento (MELLO E SOUZA, 2018), no qual é possível afastar-se do meio familiar e deliberadamente romper raízes; experimentar outros papéis e formas de expressão em realidades suplementares e tornar-se, por um momento ao menos, um estranho em seu próprio meio social, de maneira a maximizar a compreensão da vida muito além das esferas apenas humanas.

Na Socionomia, “a inversão de papéis com todas as pessoas e objetos de seu universo social parece, pelo menos teoricamente, uma necessidade indispensável para a construção de uma sociedade psicodramática”. (MORENO, 1999, p. 227).

Como caminho para uma **sociedade psicodramática**, ou em outras palavras **sociatricamente** saudável, empática e bioátrica, Moreno (1992;1999;2020) propôs que fizéssemos uso mais constante não só de instrumentos, mas dos conceitos sociométricos associados às pesquisas e intervenções terapêuticas e socioeducacionais, com ênfase ao estudo inter-relacional de papéis. Tais pesquisas englobariam, por exemplo, estudarmos:

- ✓ a inter-relação sociométrica entre pessoas em seus papéis e seres de outras espécies: animais, aves, peixes, répteis, insetos, plantas;
- ✓ a inter-relação sociométrica de pessoas-papéis com coisas e seres sem vida, como pedra, água, cor, luz, até objetos, máquinas e utensílios;
- ✓ a inter-relação sociométrica com seres ideais, mitológicos e lendários de instâncias de poder supra-humanos como anjos, demônios, Deus e divindades (MORENO, 1999, p.236).

Nessas investigações a visão filosófica e dialógica de *Encontro* e das relações Eu-Tu e Eu-Issso, comuns a Moreno e ao filósofo Martin Buber, são centrais (MORENO, 1992, p.171) ⁴³.

Em Moreno (2020, p.83), o autor problematiza o fenômeno sociométrico no qual pessoas dão preferência às suas relações com as coisas (Eu-Issso), em intensidade maior a relações com outros seres vivos, relação Eu-Tu. Assim como, chama atenção de forma crítica, a processos educacionais e de cuidados na infância, nos quais se prioriza a relação com objetos, ao invés de práticas em que crianças interajam com outros seres vivos (MORENO, 1997, p. 21). O que se desdobra em redes utilitárias, ou de caráter destrutivo e assimétrico, nas quais outros seres diversos ao “Eu”, não são percebidos como dotados de direitos.

Esta reflexão, se atualizada às pautas com as quais nos defrontamos atualmente, seria ponto de partida para se pensar fenômenos como consumismo, ação predatória na inter-relação com o meio ambiente, racismo, misoginia,

⁴³ J.L Moreno e Martin Buber colaboraram em publicações do periódico *Daimon*, na Europa, no início do séc XX. Em Fonseca (1980) o autor aprofunda as conexões entre as publicações e posições dos dois autores quanto às suas posturas filosóficas e dialógicas e o conceito de *Encontro*.

LGBTQIA+fobia, condições de trabalho abusivas, ou em situação análoga ao escravagismo, fascismo, genocídio. Sobre estes últimos dois pontos, presentes na experiência de vida de Moreno, judeu imigrante à época da segunda guerra, ele escreveu sobre suas preocupações de forma recorrente (MORENO, 1997, p.60)⁴⁴.

Em seus estudos antropológicos, Moreno (1983, p. 171; 1999 p. 237) resgatava, constantemente, registros sobre jogos de papéis nas sociedades primitivas e a importância deste processo em uma epistemologia que nos levou à evolução da espécie. Via com naturalidade, a ser mais ressaltada em nossas práticas, os sistemas animistas e suas cosmovisões que empregam um olhar inter-relacional menos exploratório e mais de respeito harmônico com o cosmo.

Moreno não coloca o animismo como *status* de ciência clássica, mas como caminho epistemológico ancestral, também a ser reconhecido e respeitado. Para o autor, a ideia de se colocar na posição de outros organismos e seres, sempre foi usada como meio de se compreender o universo, esclarecer ou criar formas de relação com diferentes forças, ou mesmo, ameaças da natureza e cósmicas. Classificou esses processos como uma ampliação de nossa capacidade de transformação e auto corporificação, que poderia nos levar a respostas mais espontâneas e criativas (MORENO, 1999, p. 237-239).

Da mesma forma, em Moreno (1997) o autor coloca como central, em sua epistemologia, o processo de **introvisão**, ou buscar entender algo a partir de uma **visão de dentro**, colocando-se no lugar, ou o mais próximo possível de outras manifestações do ser.

2.3.1 Sociodinâmica de Papéis

Do ponto de vista existencial, para Moreno (1997) é no desempenho de papéis que surge o “Eu”. Nesta concepção, vemos os papéis e a inter-relação entre papéis como o produto mais importante dentro de qualquer cultura específica. Assim, compreendermos a forma como nos relacionamos a partir de diferentes papéis, com outros seres e elementos nos ambientes e ecossistemas que compomos, transforma-

⁴⁴ Vide Silva (2016) pesquisa que tece proximidades entre as noções de alteridade entre Merleu-Ponty e Moreno, em intervenções interculturais com grupos de estudantes estrangeiros no Brasil.

se no cerne para operarmos quaisquer transformações humano-ambientais, também, para promovermos mudanças culturais.

A teoria dos papéis emerge da Sociometria, a partir do pressuposto de que cada rede sociométrica, cada vínculo, é exercido a partir de um papel definido como unidade psicossocial de conduta. Moreno postula que é o papel que estrutura o Eu e não o contrário. (BUSTOS, 1979, p. 20).

Desse modo, o estudo sociométrico, numa visão ampliada e bioátrica de papéis, nos coloca em posição de explorarmos as inter-relações entre entes de uma maneira diferenciada. Colocando em suspensão os pressupostos culturais, que sustentam as condutas típicas de uma determinada cultura. Ao resgatar os conceitos desenvolvidos por Moreno sobre papéis (MORENO, 1992, 1997, 1999, 2020) identificamos a inspiração não só do teatro nesta construção, mas nas formas primitivas dos primeiros grupos humanos de lidarem com o cosmo.

Para Moreno (1999, p.21), *No começo existia o grupo, no fim existia o indivíduo*. Nesta visão, compreende-se que as constelações humanas arcaicas eram organizadas em outras formas de subjetividade, na qual a intersubjetividade era a motriz, não o indivíduo.

Esta visão alinha-se também com paradigmas não hegemônicos, que citamos em nosso primeiro capítulo. Aponta para a premissa, com a qual concordamos, de que não é ponto pacífico nas ciências, se olhar a Humanidade como um conjunto de indivíduos que, nascem se desenvolvem, produzem bens econômicos e morrem, experimentado subjetividades de maneira **separada**, ou isolada do grupo e do ambiente ecossistêmico no qual se encontram.

Embora o indivíduo e, no extremo, o individualismo, sejam invenções mais recentes de nossa espécie, importante colocar que esta separação entre indivíduo e ambiente tem sido culturalmente reforçada. Em nossa era antropocêntrica, em vários sistemas de conhecimento e políticos, a noção dominante de **civilização** tem sido arraigada a noção de indivíduo. Nesta visada, se classificaria como subdesenvolvido, ou como ameaça ao processo civilizatório, qualquer sistema que confronte paradigmas sobre o indivíduo e seu papel econômico produtivo, centrado em ideologias fundadas na visão de subjetividades individuais, progredindo via aquisição de bens econômicos.

A seu modo, Moreno questionava os paradigmas do individualismo puro, e via o processo vincular como fenômeno que poderia ser captado pela Sociometria.

Descreveu a partir de seus experimentos a manifestação da inseparabilidade entre indivíduos e seus ambientes⁴⁵. Também provocava a necessidade sobre novos estudos sobre paradigmas econômicos, além do que o marxismo já havia proposto, e via nas forças de colaboração a evidência etológica desta conexão:

As numerosas contribuições à biologia social de Aristóteles a Darwin têm a mesma orientação e sustentam os achados sociométricos em outros domínios da vida. Todos eles já tinham visualizado as forças de atração e repulsão recíprocas que existem nas sociedades humanas e animais. As forças de cooperação são *biologicamente* mais importantes que as forças de destruição. Se a cooperação não tivesse sido a força mais importante, as formas animais mais complexas, como os vertebrados e os antropóides, não teriam se desenvolvido a partir de formas mais simples. (MORENO, 1999, p.19)

Moreno também assumiu que os vínculos, como fenômenos coletivos, não ocorriam de forma padrão, ou sempre nas mesmas intensidades. Recorria à Sociometria para compreender essas singularidades, e como intuía que havia tocado apenas parcialmente a questão, mantinha-se numa posição sempre aberta ao devir.

Reconheceu e, ao mesmo tempo, criticou Freud como aquele que:

[...] viu na situação de grupo a volta inevitável e obrigatória à horda primitiva. Freud não tomou consciência da constelação fluida e em perene mudança dos grupos [...] O primeiro passo além de Freud foi, portanto, o desenvolvimento de uma ciência do grupo terapêutico [...] A pesquisa sociométrica foi a base de uma ciência diagnóstica dos grupos normais e patológicos. A descoberta mais importante foi a de que cada grupo tem uma estrutura peculiar de coesão e profundidade. Segue-se que dois grupos nunca são iguais. Cada grupo tem já na primeira sessão uma estrutura definida, que se desenvolve tipicamente no decorrer das sessões posteriores e indica a intensidade do sucesso terapêutico. Não era o caso de se iniciar com teorias e hipóteses rígidas, mas de se encontrar métodos e testes que pudessem levar ao descobrimento de estruturas típicas dos grupos terapêuticos. (MORENO, 1992, p. 23).

Nestas concepções, mais provocativas, o conceito de **Papel** que Moreno criou foi a resposta. A visão de papéis, embora reconhecida como uma teoria, tem um arcabouço mais descritivo que teórico. Provoca uma mudança na necessidade de se

⁴⁵ Moreno não concebia, por exemplo, um inconsciente ou consciente individuais, mas fenômenos coconscientes e coinconscientes grupais. Estes fenômenos não são fundados em estruturas fixas, mas móveis, em constante mudança. Provenientes do que ele denominou de Interpsique. Articulou tais conceitos em contrapartida aos posicionamentos de Freud e Jung e criou uma terceira posição (MORENO, 1997, p. 30). Criticava em Freud a noção central de um determinismo intrapsíquico, inconsciente, e dominado por uma concepção individual. (MORENO, 1997, p.153) e em Jung, apesar de concordar com suas concepções, indicava que ainda via falta de concretude empírica ao conceito de inconsciente coletivo, a ser aplicado em manifestações menos universais e mais cotidianas. (MORENO, 1983 pp.63-64).

compreender o ser humano apenas como estrutura rígida e isolada, mas como fenômeno inter-relacional em devir. Embora não sendo mais possível, nesta altura civilizatória, se rechaçar o fenômeno do ser humano se perceber como indivíduo, algo fortemente forjado pela cultura, o conceito de **Papel** abarca ambas as manifestações considerando de forma inseparável as inter-relações **indivíduo-cosmo**.

É por este ponto, que nos alinhamos a Moreno que buscou *Encontrar um método que influenciasse terapêuticamente o indivíduo e o grupo* (MORENO, 1992, p.21). Enxergando, assim, os fenômenos em manifestações de estruturas temporárias, inter-relacionadas e não rígidas.

Partindo dessas influências, antropológicas, sociológicas, filosóficas e cósmicas, Moreno desenvolveu a ideia de **matriz de identidade**. Processo no qual descreve como surgem nossos papéis:

A matriz de identidade é a placenta social da criança, o *locus* em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia. O mundo em torno dele é denominado primeiro universo[...]A matriz de identidade dissolve-se gradualmente, à medida que a criança vai ganhando autonomia – isto é desenvolve-se um certo grau de auto arranque numa função após a outra, tais como a alimentação, a eliminação, a capacidade de agarrar coisas e locomoção (MORENO, 1997, p.115).

Na etapa inicial da vida, a criança sairia de uma condição de isolamento orgânico intrauterino, na qual constitui-se indiferenciada do organismo da mãe, para uma condição social. Neste aspecto, Moreno (1997) problematiza duas questões: a primeira sobre a discussão etológica, da gestação humana se encerrar em um período em que o bebê ainda esteja muito imaturo para sobreviver.

Sobre este ponto, ele reforça a ideia de que dependemos de uma “placenta social”, ou seja, da extergestação, ou gestação fora do corpo materno, onde a criança continua sendo **gestada** a partir não só da mãe, mas de toda a rede de cuidados que se estabelecem além da figura materna.

Menegazzo *et al.* (1995, p.99) descreve este processo como sendo *Na percepção da criança, neste universo, a função parental oceanicamente fundida à unidade vivencial globalizante que inclui tudo.*

Mais do que apenas enxergar a mãe, que com certeza exerce um papel essencial neste processo, o conceito de matriz de identidade, coloca não só a mãe,

mas, ela, e todas as contingências ambientais inter-relacionais, como estratégia evolutiva da espécie.⁴⁶

O segundo ponto, é sobre os papéis e o processo que vivemos a partir deles. Este não seria um desdobramento que nos levaria a algo estacionário, que atingiria um estágio normativo, ou uma estrutura rígida a ser perseguida, mas, um caminhar contínuo, que descreve formas diversas, típicas e atípicas nas quais os papéis podem se desenrolar.

Nesta descrição, na primeira infância, coloca-se em destaque o que se chamou de **papéis psicossomáticos**, nos quais a criança exercita os atos que lhe proporcionam os domínios do corpo e da fisiologia de alimentação, excreção, movimentação, fonação, sexualidade entre outras, desenvolvendo-se na inter-relação com outros e com todo o ambiente. Agregamos aqui, que as noções ligadas ao fenômeno proxêmico se relacionam também com experiências vividas a partir dos papéis psicossomáticos. Perceber-se ou permitir-se estar em proximidade ou distância a outros entes tem ligação com repertórios vividos no corpo.

Entendemos, também, que se experimentar nestes papéis psicossomáticos, não se restringe apenas à infância, e não vemos este processo de forma linear. A constante organização, desorganização e reorganização, nestes desempenhos, também não é vista como regressão, postura psicanalítica clássica, ou com olhos de patologização, postura normativa (MORENO, 1997; WECHSLER, 2008).

Pelo contrário, esta concepção de papéis, diferencia-se de outras perspectivas conceituais que enxergavam esse processo como uma direção única, passiva e de resposta determinística e inata, dada apenas a determinações da Biologia. Neste olhar, o corpo visto em movimento fluido, ao contrário do corpo como algo a ser domesticado, busca-se como criação permanente, compondo e recriando-se de maneira incessante (CORRÊA, 2020).

Na visão que temos, via matriz de identidade, desde o ato de nascer a todo o caminhar pelas diversas idades, todos os papéis, desde os psicossomáticos, estão

⁴⁶ Esta visão nos coloca ainda mais sensíveis às condições materno-infantis e à indispensável estruturação de redes de apoio e assistência ao binômio mãe-criança, em suas inter-relações com família e comunidade. Nos afastamos, de paradigmas que enxergam os elementos deste processo, individualmente, ou que promovam interdições ao pleno intercâmbio destas relações por premissas estritamente econômicas. Desta forma, criticamos epistemologias que colocam os eixos econômicos isolados, ou de forma prioritária no desenvolvimento de propostas para sustentabilidade.

em constante inter-relação e mudança, em respostas adaptativas, que podem ser mais ou menos espontâneas e criativas, ao todo que se apresenta.

No caminhar pela matriz de identidade, ao longo da primeira infância, saímos de um primeiro universo, onde não nos diferenciamos de outros corpos e objetos, para um segundo universo, onde podemos nos perceber em alteridade. Ou seja, começamos a existir como um Eu, que vai se formando e se transformando nas inter-relações, e percebendo os Outros, que se apresentam a este Eu⁴⁷. Conseguimos, então, atuar com autonomia e intencionalmente em nossos outros tipos de papéis, como os **papéis sociais** e **papéis psicodramáticos**.

Se tomarmos um recorte cronológico, quando nascemos, já ocupamos papéis sociais, na rede sociométrica ao qual fazemos parte: somos filha/o de alguém; somos geograficamente parte de uma localização e uma classe social; nossa ancestralidade é eminente ao processo histórico onde estamos constituídos. Estas são as pautas iniciais que recebemos e, nem sempre, é trivial criarmos trajetórias que nos distanciem destas determinações prévias. Este é um processo que levamos ao longo de toda a vida, e que vai se construindo em nossas inter-relações e contingências.

Neste processo, os **papéis sociais** refletem as pautas de condutas criadas em uma determinada cultura. Sempre são vistos em conjunto com papéis complementares como: mãe-filhos; professor-alunos; esposa-esposo; médico-pacientes; empregado-empregador; líder-liderados; celebridade-fãs; juiz-julgados, e assim por diante. Em todos os papéis sociais há sempre um aspecto transitivo, dialético e de constante transformação.

Já os **papéis psicodramáticos** são os que surgem a partir de um contexto dramático, em uma realidade suplementar. Eles ainda não existem, ou podem nunca existir na realidade concreta, assim “*como ela é*”, mas são as brechas que exploramos no “*como se*”, experimentando outras possibilidades de ser. Acionamos estes papéis em nossas instâncias psíquicas e imaginativas. Também, mas não só, tais papéis podem ser acionados via métodos psicodramáticos ou sociodramáticos da Sionomia. Os papéis psicodramáticos são manifestações de nosso psiquismo no

⁴⁷ Para aprofundamento filosófico e sociológico das origens e limites nos conceitos de Eu, Identidade e Papel em Moreno, ver influências e articulações que Moreno fez sobre a Filosofia Existencialista; a visão Bergsoniana do conceito *durée: ou duração e élan vital* (MORENO, 1992, p.121) Assim como suas articulações sobre o pensamento dos sociólogos George Simmel e George H. Mead (MORENO 1983; 1992; 1999). Ver também em Merleau-Ponty (2006) a análise conceitual que o filósofo francês fez sobre a obra moreniana.

“*como se*” experimental. Gestam novas formas de ser e estar nas inter-relações, com o mundo e com o cosmo.

Propusemos, enquanto pesquisa, convidarmos os participantes a revisitarem seus papéis sociais cotidianos, com todo o entrelaçamento afetivo, relacional e comportamental inerentes a estes. Ao mesmo tempo, provocamos experimentos abertos ao surgimento de papéis psicodramáticos. Contemplando a produção de narrativas onde os participantes pudessem se transportar a exercícios de **habitar outras coisas em si**, buscando-se, assim, compreender os entes e fenômenos a partir de outros *locus* existenciais.

2.4 O Fenômeno Proxêmico e a Bioatria

O termo proxêmico tem sua origem na palavra latina, *propinquitatem* que quer dizer proximidade, vizinhança; relacionamento, afinidade, de “*propinquus*”, próximo, vizinho (HARPER, 2000).

Este termo foi popularizado pelo antropólogo Edward Hall, na década de 1960. Na definição deste autor, refere-se ao estudo da linguagem não verbal em diferentes estados emocionais, durante diferentes atividades, em diferentes relacionamentos e contextos.

Entendemos que as percepções e expressões proxêmicas têm sido usadas na epistemologia sacionômica de forma recorrente, como prática, e quase como diz o ditado: *como água para o peixe*. Porém, de forma conceitual o fenômeno proxêmico nunca recebeu, por parte do Moreno, nomenclatura específica, embora ele tenha criado mais de um método para investigá-lo.

Nos métodos sacionômicos, as noções entre o espaço e a percepção de proximidade e distância, subjetiva e intersubjetiva e seus impactos, são colocadas como essenciais.

Para Moreno:

Um aspecto da teoria sociométrica frequentemente negligenciado é o problema da proximidade. O Teste sociométrico é um teste de proximidade social, um teste de aproximação [...] As relações simbólicas não são negligenciadas na teoria sociométrica, mas devem ser vistas em seu devido lugar, dentro da estrutura da polaridade de proximidade e distância. (2020, p.77).

A Sociometria moreniana comporta o olhar de aspectos fenomênicos proxêmicos, percebidos nas inter-relações: de corporalidade, tempo, espaço e correntes de atração, neutralidade, ambivalência e repulsa entre entes, formando correntes afetivas e manifestando-se nas ações, intra e intersubjetivas.

Tateando estes aspectos, o jovem Moreno, ainda estudante, afirmou em um de seus registros mais antigos, datado em 1912:

A hipótese da proximidade-espacial postula que quanto mais próximo no espaço dois indivíduos estão entre si, mais devem um ao outro sua atenção imediata e aceitação, seu primeiro amor. Não dê atenção às pessoas que estão longe de você, a menos que já tenha se desobrigado de sua responsabilidade para com seus próximos e que a recíproca também seja verdadeira. Por “mais próximo” quero dizer aquele que mora perto de você, que você primeiro encontrou na rua, que está trabalhando a seu lado, que se senta ao seu lado ou que lhe é apresentado primeiro. A sequência de “proximidade no espaço” estabelece ordem precisa dos laços de aceitação social e a sequência de dar amor e atenção está, portanto, estritamente pré-ordenada e pré-arranjada, de acordo com o “imperativo espacial”. (MORENO, 1992, p. 27).

Na passagem acima é visível a mistura, ainda confusa, entre a cosmovisão de influência hassídica, a filosofia existencialista moreniana e os atravessamentos da linguagem das ciências naturais. Moreno propunha, na continuação deste texto, investigações a respeito do que denominou como “imperativo espacial. Ao mesmo tempo, descrevia o que percebia no sentido espacial como algo “pré-ordenado” e passível de ser visto com “precisão” (MORENO, 1992, p.27). Misturando postulados e, paradoxalmente, questionando como se davam os fenômenos entre entes e o espaço. Utilizava, ao mesmo tempo, descrições de palavras poéticas, articulando elementos científicos a termos como o amor.

Já em suas fases mais maduras, Moreno chegou a tentar criar sub-ramificações na Sociometria, ligadas diretamente ao estudo sobre as noções espaço-temporais e proxêmicas, sendo todas estas propostas pouco replicadas, se considerarmos o conjunto todo de sua obra e da produção de seus seguidores. Tais sub-ramificações seriam:

- **Teometria**,⁴⁸ definição que deu para o estudo dos locais e inter-relações onde emergiam pessoas e grupos em papéis protagônicos e criadores. A Teometria investigaria estas coordenadas espaço-temporais, como **locus** para o surgimento de obras materiais ou imateriais, inéditas e relevantes.

⁴⁸ Vide Moreno, J.L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1997 p.74.

Seria o estudo de como um acontecimento, se tornaria fonte matricial de produtos da cultura, tornando-se uma **conserva cultural**.

Neste conceito, Moreno dava como exemplo o surgimento de obras de arte, de literatura, de modos diferentes de relação, de ideias originais que se tornaram costumes. Defendia que ao compreendermos o **locus**, e como se davam estes atos, chegaríamos ao potencial máximo e exponencial que possibilitaria transformações necessárias para a humanidade.

Na visão de Moreno, a Teometria estudaria as condições espontâneas do “*locus nascendi*”. A fonte original das criações. Assim como, o espalhamento, no tempo e no espaço, dos produtos destes fenômenos espontâneos e criativos.

Como utopia, Moreno pretendia propor um mundo onde existissem mais “*locus nascendi*” de acontecimentos espontâneos e criativos, e menos reproduções inautênticas destes momentos. Ao criar o método de Teatro Espontâneo, pretendia torná-lo uma usina destas experiências.

Na mesma linha classificatória, de ramos de estudos espaço-tempo, também criou:

- a **Locometria**, ou ciência das inter-relações entre pessoas, em espaços e locais variados e específicos, acontecendo em determinado tempo (Moreno, 1983;1992; 2020)

Estes estudos apareceram originalmente em registros feitos por Moreno entre 1921-1923, em suas documentações de Teatro Espontâneo, em sua fase europeia, sendo publicados no livro *Quem Sobreviverá?* No qual Moreno relata que costumava computar⁴⁹ e investigar com os atores, as movimentações espontâneas que surgiam no palco, além das preferências destes de inter-relação com outros atores, objetos e papéis ao longo do tempo:

Comecei com a premissa de que o tempo e o espaço são as propriedades mais queridas do universo social [...] por exemplo, quanto tempo **A** passa com **B** e qual a distância entre eles? Comecei, então, a contar itens, coisas e eventos para os quais não há unidades de medida. Comecei ao acaso, pensando encontrar um significado depois [...] Como resultado de vinte e cinco anos de pesquisa, o que mais importante aconteceu foi que, realmente, as contei e tive a noção que deve haver algum significado nestes números.

⁴⁹ O perfil de pesquisa realizada por Moreno, com práticas quantitativas, não centra nestes dados numéricos suas análises. Agrega estes dados ao caminho para encontrar significados emergentes dos fenômenos. Moreno reportou a análise quantitativa surgindo de forma espontânea em seu sistema de estudos. Introduziu estas práticas gradualmente, constituindo seu sistema métrico. Entendia que elementos quantitativos podiam expressar algo importante a ser considerado, porém a isso não atribui nenhum conceito à priori. São elementos não generalizáveis a serem considerados nos contextos específicos onde surgem. (MORENO, 1992, QSV 1 - p.41-42).

Foi isto que, gradualmente, lançou os fundamentos científicos da pesquisa de Sociometria e interação. (MORENO, 1992, QSV1, p. 40-41).

Também registrou, em *Fundamentos do Psicodrama* (MORENO, 1983), momentos autobiográficos com sua própria família⁵⁰, nos anos em que seu filho Jonathan Moreno vivia sua primeira infância.

Nestes relatos, Moreno e sua esposa Zerka, registraram, detalhadamente, sua vida com o pequeno Jonathan a partir de diagramas sobre o espaço. Ao invés de apenas fotos, como faziam as famílias, registravam em diários como Jonathan preferia se movimentar nos espaços da casa, seus locais preferidos, a proximidade física maior ou menor com seu pai, ou sua mãe, em momentos distintos, assim como sua proximidade com objetos específicos e animais domésticos. Registravam nestas passagens os jogos de papéis que surgiam espontaneamente iniciados pelo filho, sozinho, com animais ou objetos, e de forma interativa os jogos de papéis com os pais.

Aos registros feitos denominou *locograma*, “o diagrama de posições no qual o lugar dos participantes e os movimentos de um lugar a outro constituem o aspecto central” (MORENO, 1983, p.175).

Seu objetivo era criar um método para compreender movimentações e inter-relações entre membros de um certo coletivo ou grupo, em dado espaço-tempo. Também investigava como eram percebidas e repercutiam as escolhas na direção de movimentos conservados culturalmente, que levassem à patologia, ou, à saúde e bem-estar de determinadas populações com as quais estivesse trabalhando.

Além dos relatos acima, voltando a um período mais inicial da biografia de Moreno, destacamos abaixo seus projetos de grande impacto e mais conhecidos, nos quais de fato conseguiu unir princípios sociométricos e proxêmicos. O primeiro deles, foi em sua ação como recém-formado no campo de refugiados tirolezes, aos arredores de Viena. Moreno esteve por três anos atuando como médico neste campo (1915-1918), sendo responsável por cuidados de questões epidemiológicas deste assentamento e pelo hospital infantil daquela comunidade.

Sobre o campo de Mitterndorf registrou, em 1934, anos após o ocorrido:

Estudei uma colônia italiana com população de mais de dez mil pessoas, durante a primeira guerra mundial, quando muitos camponeses, cidadãos austríacos de ascendência italiana, antes da investida do exército italiano

⁵⁰ Vide Moreno, J.L. *Fundamentos do Psicodrama*. Cidade: Editora, 1983. pp.175-179.

fugiram de suas casas, foram removidos pelo governo austríaco para o local perto de Mitterndorf [...] A comunidade era constituída de cabanas simples, cada uma alojando várias famílias [...] Foram jogados para viver juntos, sem seleção prévia, sem conhecer o novo meio ambiente, desajustados mesmo em suas vidas. Estudei as correntes psicológicas que se desenvolveram, usando critérios variados: nacionalidade; filosofia política; sexo; função comunitária; pessoal de supervisão; pessoal da comunidade e outros critérios – e os considerei como fontes principais dos desajustes e dos distúrbios observados (MORENO, 1992, pp.37-38)

Nesta mesma década de 1930, na qual publicou suas reflexões sobre este seu primeiro projeto de grandes proporções, realizou nos Estados Unidos, os dois outros projetos mais conhecidos de sua carreira: na prisão de *Sing Sing* (1931) e na instituição de abrigo a jovens em conflito com a lei, em Hudson (1932).

Como panorama central, nestes três projetos mais conhecidos: Mitterndorf, Sing Sing e Hudson, Moreno deparou-se com pessoas em situação de **distanciamento** forçado de seus locais de origem, postos de maneira compulsória a conviverem em **proximidade**, com pessoas em ambientes que não haviam escolhido.

Nesta passagem, os **critérios** e **intencionalidades** de aproximação e distanciamento entre entes, permaneceram como questão chave e, por isso, entendemos que emergiram como necessidade primeira a serem desvelados nas ações que seguem princípios sociométricos. Uma vez que para o criador da Socionomia “os organismos do grupo devem tornar-se “atores”; têm de emergir na situação como representantes de objetivo comum, ponto de referência (critério) e o “meio ambiente” ou “campo” (MORENO, 1992, QSV v1, p. 165).

Nos projetos originais de Moreno, ele iniciava os estudos sociométricos investigando critérios situacionais, os mais concretos possíveis, nos quais escolhas espaciais e relacionais poderiam ocorrer.

Nas situações colocadas, os critérios referiam-se, grosso modo, a partir de que coordenadas espaço-temporais iria se investigar com os participantes, as escolhas que fariam, em meio às opções que lhes eram disponíveis naqueles momentos, ou seja:

- 1) com quem gostariam de estar, ou viver em proximidade;
- 2) com quem gostariam de realizar atividades, pontuais ou recorrentes, em papéis específicos.

Também se solicitava aos participantes que indicassem de 3 a 5 escolhas, em ordem de preferência, para cada situação. Com base no cruzamento de todas estas respostas surgiram os Sociogramas, que são gráficos representativos, resultantes

destas redes de escolhas, na qual se mapeavam atrações, neutralidades, ambivalências ou rejeições entre membros. Nestes sociogramas, visualizavam-se também as mutualidades entre estas escolhas.

Com estes dados, trabalhavam-se as distorções na Tricotomia Social, ou seja, o desenho formal do grupo, definido de forma institucional, sem a participação das pessoas, em contraposição às escolhas autênticas de seus membros. Também era possível se identificar membros mais isolados do grupo, por conseguinte mais vulneráveis socialmente, e pessoas que concentravam maior força sociométrica, uma vez que eram escolhidas por um número maior de integrantes dos grupos.

Como desdobramentos dos projetos, abria-se a possibilidade de criar outras vias, mudando-se estruturas por onde correntes de afetos poderiam circular, não se atribuindo ao termo **estrutura** um aspecto objetivo, ou rígido, típico de escolas estruturalistas nas ciências. Na Socionomia, as estruturas sociais são vistas como aspectos conservados culturalmente, conjunturas sociais, estruturais, passíveis de serem foco de intervenções. Levando-se em conta que os fenômenos são produtos da constante inter-relação entre individual e coletivo, levam tempo para se consolidar, e tempo para serem dissolvidas, mas são mutáveis.

Considerando-se estas concepções, intervenções pontuais, ou sem a adesão autêntica de seus membros, não têm a mesma potência de propostas que consideram os aspectos temporais, culturais e intencionais de seus participantes.

De modo pragmático, a partir dos resultados de levantamentos sociométricos, grupos podem ser reconstituídos com bases nestes critérios sociométricos escolhidos para serem trabalhados. Da mesma forma, a arquitetura dos espaços e a ocupação nos ambientes pode ser repensada.

Para Contro (2011) regras, simbologias, modelos relacionais manifestam aspectos que atravessam tramas sociais intersubjetivas, mas que são observáveis em camadas concretas. Para este autor, a contribuição de Moreno foi constituir uma filosofia e métodos sociométricos, que têm potência para fazer emergir as contradições institucionais, ao mesmo tempo em que se atua sobre estas.

Entendemos que como obra aberta, nossa tese resgata pontos da epistemologia sacionômica, ao mesmo tempo em que traz ao palco novas formas de se experimentar caminhos da Sociometria. Seguindo o que encontramos em uma das muitas citações em *Quem sobreviverá?*:

O procedimento sociométrico não é um conjunto rígido de regras. Tem de ser modificado e adaptado às situações de grupo, à medida que aparecem. Este procedimento deve ser moldado de acordo com a potencialidade momentânea dos sujeitos, de modo a despertá-los para um máximo de expressão (MORENO, 1992, p.201)

Retomamos, ampliamos e agregamos elementos aos procedimentos e termos recorrentes usados por Moreno, assim como desenhamos caminhos que nos ajudaram a desvelar o fenômeno proxêmico, parte de nosso objetivo de pesquisa, na compreensão das inter-relações pessoas-ODS.

Relembramos também, que em sua origem:

A Sociometria não oferece nenhum plano, pelo menos, nenhum “plano” no sentido em que a palavra é geralmente usada – exceto o de descobrir as condições dinâmicas de cada situação social e empregar este conhecimento em benefício de melhor equilíbrio. Como ciência não oferece nenhum privilégio e não se perde em julgamentos de valores. (MORENO, 1992, p. 80).

Citamos abaixo algumas publicações da literatura pós-moreniana. Estas passagens representam múltiplas práticas, descritas por autores em estudos e intervenções de caráter sociométrico-proxêmico. Não se constituem como uma compilação completa do que se promoveu neste sentido na Socionomia, no último século, uma vez que não era nosso objetivo tal levantamento em estado da arte, mas exemplificam caminhos já trilhados.

Desde a década de 1950, Ancelin-Schutzenberg e Weil (1977) relataram que investigavam em seus trabalhos, vinculados ao Psicodrama Triádico, as questões proxêmicas:

Durante vinte anos (1955-1975) utilizei, apliquei, aprofundei o grupo triádico [...] com a vivência de espaço e tempo, a abordagem ecológica-biológica (território e proximidade: Hall, Lorenz, Tinbergen), [...] e sobretudo a comunicação não-verbal, por meios cinésicos, paralinguísticos e de proximidade (JURGEN RUESCH, ROY BIRDWHISTELL, ERVIN GOFFMAN, GREGORY BATESON) (ANCELIN-SCHUTZENBERGER e WEIL, 1977, p.7).

Em Kule (1967), o autor também citando o trabalho de Edward Hall (1959), em associação às suas referências socionômicas, descreve a técnica que denominou como Espectrograma, usada para esclarecer questões abstratas, tornando-as concretas. Também elencou como funcionalidade desta abordagem, facilitar a expressão dos participantes, de formas não-verbais e mais profundas, sobre inter-relações entre as pessoas de um grupo e alguma questão.

Para operacionalizar o procedimento, Kole (1967) dizia ser possível, o grupo ou o diretor definirem, no espaço onde estivessem, dois polos, ou extremidades, imaginando estes polos conectados por uma linha, como um espectro. Esses polos são relacionados a alguma temática emergente no grupo, podendo cada polo simbolizar, por exemplo: concordo-discordo; querer-não querer; identificar-se - não identificar-se. Estabelecidas as polaridades, cada membro do grupo definia onde se posicionar, no *continuum* do espectro entre as duas extremidades.

Neste método, a neutralidade e a ambivalência são elementos recorrentes e aceitos como formas de manifestação possíveis no processo. A ambivalência pode ser demonstrada ao se permitir que os membros, que queiram, possam mover-se, para frente e para trás, em uma certa porção do espectro, até chegarem à posição definitiva.

Todos os membros podem ser solicitados a responderem **por que** se colocaram onde estão posicionados. Como desdobramento, algumas técnicas sociátricas⁵¹, como duplo, espelho e outras podem ser incorporadas ao Espectrograma a qualquer momento.

Outra dimensão adicional, quando a prática é realizada por um grupo, é a aglutinação entre as pessoas. Muitas vezes, participantes se posicionam em certas localizações em função de outros membros do grupo, e não necessariamente em função de sua relação com o objeto em questão no espectro.

Cada grupo, ao chegar ao posicionamento final, produz uma grande quantidade de informações, aglutinando-se ao mesmo tempo, visões individuais e coletivas sobre o fenômeno. A singularidade obtida nestes procedimentos, se deve por ser muito difícil, se não impossível, obter-se definição consensual, ou repetição exata, em momentos e grupos distintos, na forma como cada membro se coloca, entre os polos, e, entre os demais membros do grupo, sendo possível captar e estudar padrões que ampliam reflexões sobre determinados temas.

Vemos na descrição de Kole (1967) uma prática que pode ser facilmente reconhecida por estudiosos da Socionomia, uma vez que este tipo de procedimento é recorrentemente replicado até hoje, desta mesma forma, ou com variações, em sessões de base socionômica.

⁵¹ Algumas destas técnicas foram utilizadas em nossos procedimentos. São exemplificadas no relato dos resultados.

Seguindo uma ordem cronológica, outro trabalho icônico de cunho proxêmico, surgiu nas últimas décadas do século passado, quando Pierre Weil (1986), publicou o livro “O Corpo fala”, em conjunto com o ilustrador Roland Tompakow. A obra, construída em linguagem predominantemente gráfica e imagética, propunha tornar acessível conhecimento sobre a comunicação corporal. O livro tinha enfoque didático, quase de “alfabetização” da linguagem não verbal e seus impactos nas inter-relações. O autor, pessoalmente próximo a Moreno, foi um dos responsáveis pela introdução dos métodos sociométricos no Brasil, também um expoente dos conceitos Bioátricos de Moreno.

Já com enfoque psicoterapêutico, Cukier (1992), em um de seus livros mais conhecidos, relatava utilizar como prática solicitar aos pacientes montarem seus átomos sociais de forma concreta. O procedimento consistia em que escolhessem objetos para representarem pessoas e, assim, irem posicionando estes objetos em relação a si próprios. Neste exercício, o paciente é solicitado a expressar a distância em que os objetos são posicionados, conforme proximidade ou distâncias afetivas que percebem nestas relações com as pessoas representadas. Esta é uma prática bastante conhecida e reproduzida por diversos psicodramatistas. A expressão gráfica dos átomos sociais, em papel, também é um procedimento recorrente entre as escolas de Socionomia. Este método é, em essência, sociométrico-proxêmico.

Em Filipini (2009) a autora também relatou o uso de método similar ao descrito por Cukier (*ibidem*) no trabalho com átomos sociais, com crianças e jovens em processo de reconfiguração sociométrica, em famílias passando por processos de divórcio e separações.

Carlson-Sabelli *et al.* (1994), comentando o trabalho de Kule (1967) descreveram outras técnicas que desenvolveram, unindo e destacando os mesmos princípios sociométricos-proxêmicos em seus procedimentos. Classificaram estes procedimentos como métodos de ação, usado para investigarem e trabalharem questões de interesse emergentes em grupos com os quais trabalharam.

Elencaram trabalhar de duas formas distintas nestes métodos: em dimensões (2D), nos quais pediam para que os participantes se expressem em desenhos e gráficos; ou em três dimensões (3D), no qual os participantes se movimentavam corporalmente pelo espaço físico.

Como exemplo descreveram o instrumento (*Diamond of opposites*) “*Diamante de opostos*”⁵²: Neste processo, ao invés de determinarem um espectro em apenas 2 polos, como no Espectrograma (KOLE, 1967), ampliam as possibilidades, com 4 polos.

Para a ocupação do espaço, pelos participantes a esta maneira, os autores imaginavam com o grupo a sala tomada em formato de um diamante, dividido em duas linhas centrais (norte-sul e leste-oeste)⁵³. Nesta disposição, as pessoas poderiam se posicionar nos espectros destes dois contínuos de linhas, e nos quadrantes adjacentes.

Carlson-Sabelli *et al.* (1994), também argumentaram que percebiam que ao usarem um *continuum* para relatar emoções, atitudes ou comportamentos, possibilitavam aos participantes entrarem em contato com suas próprias dicotomias, podendo, estes, imediatamente revê-las. Para os autores, tais técnicas tornam visíveis os contrastes, assim como, a coexistência dos opostos. Fornecem uma maneira aos participantes, de explorarem neste *continuum*, proximidades e diferenças entre os membros do grupo. Assim como, a visualização de que existem múltiplas possibilidades de intensidade, além apenas dos opostos.

Ainda segundo estes autores (1994), alguns indivíduos se colocam no centro do *continuum* porque não se relacionam muito com nenhum dos opostos (neutralidade). Outros podem estar sentindo a coexistência de ambos os polos (ambivalência). Essas situações ficariam ocultadas e menos expressas em métodos muito abertos, que não oferecem instrumentos como balizadores para a reflexão.

Além disso, as pessoas em ambas as extremidades, conforme colocam Carlson-Sabelli *et al.* (1994), podem ser solicitadas a avaliar se geralmente estão em uma posição definitivamente polarizada, em relação ao oposto que está sendo explorado, ou se também gostariam de experimentar ir modulando suas respostas. Muitas vezes, estas pessoas descobrem que pertencem ao quadrante ambivalente, e não a um extremo polar.

Nos relatos da publicação acima citada, os autores enfatizam que estes métodos são percebidos, pelos próprios participantes, como um veículo para

⁵² O nome das técnicas é uma tradução livre do original em inglês.

⁵³ A descrição como polos cardeais é uma adição nossa, para facilitar o entendimento espacial da proposta.

reconhecerem e relatarem interações complexas de atitudes concorrentes, e de pensamentos e sentimentos subjacentes a seus comportamentos.

Nas pesquisas com o procedimento *Diamante de opostos*, os autores exemplificam que, além das possibilidades clássicas utilizadas nos instrumentos sociométricos criados por Moreno - no caso o binômio atração-repulsão - outros possíveis polos espectrais podem ser criados para escolhas sociométricas como **harmonia e conflito; aproximação e evitação**.

Como exemplo, em nossa pesquisa, sobre a relação pessoas-ODS, utilizamos as polaridades: **totalmente próximo e totalmente distante**, do cotidiano.

Ampliando-se a escala, agora com um olhar sobre o trabalho com grandes grupos, o mapeamento expressivo via movimentos espaço-temporais também é frequentemente usado por sociodramatistas. Como exemplo, em trabalho conectando aspectos humanos e geopolíticos, Greeb e Hauser (2013), publicaram um relato sobre o Sociodrama em um grupo com 80 pessoas de países distintos, em um congresso internacional da *International Association of Group Psychotherapy* (IAGP). A técnica utilizava a montagem de um Sociograma em 3D, para leitura e o acompanhamento imediato da Sociometria do grupo. Neste processo, manifestaram-se os afetos e tensões existentes, em visões compartilhadas por todos os participantes. Conforme colocam as autoras, essa técnica exige um tempo de sofisticada elaboração, que implica correr o risco da dinâmica do grupo mudar, antes que se termine a interpretação realizada pela coordenação, ou pior, ocorrendo fechamento forçado e abrupto do processo, em função de limitações de tempo, ou das condições inadequadas em que o método tenha sido empregado.

Já com um enfoque diferente, em Giro *et al.* (2015), os autores relatam suas investigações sobre o processo de *Ressonância Corporal*. Nestas práticas, iniciam os exercícios sociométricos com os participantes, movimentando-se pelo ambiente. Ao atingirem um ponto de aquecimento com o grupo, desdobram uma proposta de intervenção sociátrica que exercita a comunicação por meio do corpo, solicitando às pessoas que expressem em movimento, e em posturas corporais esculpidas na inter-relação grupal, seus sentimentos e conteúdo intra e intersubjetivos. Contemplam, investigam e elaboram com o grupo, conforme as etapas de sessões sociopsicodramáticas,⁵⁴ o que emerge e é despertado.

⁵⁴ Utilizamos o termo sociopsicodramático, unindo as palavras Sociodrama e Psicodrama, pois neste método é possível a direção para ambos os aspectos, conforme demanda e contrato com o grupo. Em

Por último, de nossa autoria, citamos dois estudos prévios a esta tese:

- 1) A pesquisa *Encontro com Gaia* (MELLO; WECHSLER, 2017): método sociométrico, em conjunto com intervenções sociodramáticas. Investigou os significados que os participantes atribuíam às suas relações com a Terra, assim como as possibilidades de se engajarem, ou não, em iniciativas visando à sustentabilidade.

Neste método, o aquecimento dos grupos, ocorreu via instrumentos de Teatro e incluiu uma performance dramática, na qual uma atriz assumia o papel de Gaia e dialogava com o público. Este processo baseou-se em premissas da Teoria Gaia⁵⁵ e nas perspectivas dialógicas, das relações EU-TU, EU-ISSO, de Buber (2001).

Após interagirem com Gaia, de forma concreta, e provocados pelo posicionamento da personagem que expunha suas dores, seus conflitos, seus limites, os participantes eram convidados a se posicionarem corporalmente na distância que sentiam estar afetivamente relacionados a ela. No caso, poderiam fazer isto tendo como referência um objeto de tecido mantido no centro da sala, onde estava o palco. A partir dos posicionamentos, os mapas sociométricos, que podiam ser imediatamente visualizados pelo próprio grupo, eram investigados com intervenções por parte da Direção da pesquisa.

Nestas investigações, os participantes compunham e viviam, no “*como se*” dramático, cenas que emergiam de subgrupos, sociometricamente divididos. O critério destas divisões tinha relação com a posição proxêmica que se colocaram em relação à Gaia.

Na análise dos resultados, foram identificados padrões inter-relacionais configurando três tipos de agrupamentos:

- a) Escolhas Positivas: Participantes que se colocavam muito próximos a Gaia, alguns até entrando em seu lugar e tomando seu papel, defendendo e acolhendo-a. Nas cenas destes agrupamentos os papéis sociais relacionados a estas posturas também emergiam como ambientalistas, cuidadores, defensores;

outros casos, quando a proposta já é determinada antes do início da sessão, para se tratar aspectos de pautas sociais e coletivas (Sociodrama) ou de pautas que possam surgir a partir de um protagonista único (Psicodrama), usamos os termos de forma separada.

⁵⁵ Teoria Gaia, criada por James Lovelock (2001), versa que a Terra (Gaia, ser mítico para os antigos gregos) é um sistema complexo, integrado e autorregulado, entre organismos vivos e seu ambiente. Nas culturas de povos originais da América do Sul esta figura mítica é Pacha Mama. Sobre as relações EU-TU e EU-ISSO, *vide* em Moreno (1992; 1997; 1999), Martin Buber (2001), Fonseca (1980).

b) Escolhas Ambivalentes ou Neutras: Nas quais os participantes relatavam suas ambiguidades em relação à posição e aos sentimentos que expressavam. Descreviam que queriam estar mais próximos, mas não conseguiam, nem sabiam como. Indicavam mais ambivalência do que neutralidade na relação, expressando isso também nos papéis assumidos nas ações dramáticas;

c) Escolhas Negativas: Participantes distantes, que sentiam certa repulsa, não necessariamente de Gaia, mas das altas exigências feitas para que Gaia fosse mais bem cuidada. Também relatavam que queriam estar perto, mas não sabiam como fazer, ou que o comportamento das pessoas mais próximas de Gaia, chorando, exigindo muito e impondo regras, os afastava.

2) Já no outro estudo, realizado em nossa pesquisa de Mestrado: *“Lideranças para a Sustentabilidade e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma articulação entre a Teoria de Papéis e a Psicologia Ambiental”*. (MELLO; SOUZA, 2018), foram convidados executivos de nível Diretivo, atuantes em organizações brasileiras. A estes, eram apresentados cartões contendo cada um dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável. Os participantes, que iniciavam o procedimento no papel de líder para a sustentabilidade, deveriam expressar em um “Mapa de Aproximação”, seu posicionamento em relação a cada ODS. Quanto mais se sentissem relacionados a um ODS, deveria posicioná-lo mais perto, quanto menos relacionado, mais longe no mapa.

Na segunda parte do procedimento, se repetia o mapeamento, só que desta vez com o participante colocando-se a partir de outro papel escolhido espontaneamente por ele, que considerasse relevante em sua vida. Em geral, papéis parentais, ou de funções de responsabilização por outras pessoas, como papel de professor, foram escolhidos nesta segunda rodada. Uma das participantes escolheu um papel profissional de seu passado, com o qual se identificava mais do que com o papel profissional atual.

O exercício foi vivido pelos participantes como algo que se assemelhou a um diagnóstico daquilo que fazem, ou ainda, daquilo que não fazem, mas que gostariam de fazer. O **Mapa de Aproximação** foi descrito de duas maneiras, como algo que trazia desconforto, pois forçava a perceberem as diferenciações de atuação entre os papéis e da hierarquização da importância entre os objetivos.

Por outro lado, alguns perceberam o instrumento como um “*radar*” com o qual conseguiam identificar suas atuações diversas, a partir de cada papel, em diferentes momentos de vida, elucidando questões sobre suas atuações e, inclusive, subsidiando novas reflexões sobre escolhas e posicionamentos futuros.

2.4.1 Bioatria

O conceito de Bioatria está inserido no volume final da obra: *Quem sobreviverá?* (MORENO, 1992).

Surge em articulação a caminhos possíveis em meio às preocupações finais que o autor expõe no livro.

Apontava, àquela época, início da década de 1930, algo ainda pouco discutido nas ciências em geral, mas já sinalizado por autores em diferentes áreas do saber, desde o século XVI, sobre ameaças à manutenção da vida na biosfera.

Como exemplo, Moreno cita neste texto o economista e matemático iluminista britânico Thomas R. Malthus (*1766-+1834). O economista apontava o crescimento populacional como o estopim catastrófico, que daria origem a uma crise iminente nos próximos séculos, e propunha o controle demográfico como saída.

Para Moreno, embora enxergasse que a prospecção de Malthus se concretizaria, entendia que as próprias pessoas deveriam ter o direito de participar das discussões éticas sobre estes processos e, de antemão, posicionava que estas escolhas, influenciadas pelo malthusianismo, como esta corrente ficou conhecida na Economia, não estavam sendo discutidas de formas democráticas e inclusivas, ou mesmo, das formas criativas que poderiam estar.

Como contraponto, Moreno (1992), enfatizava este processo do crescimento da população humana no planeta sobre duas dimensões:

- ✓ A primeira, quanto a ética do direito de decisão pela vida. Problematizando, inclusive, temas tabus como o direito à vida e longevidade apenas a certas pessoas, etnias e classes sociais, ou mesmo, questões ligadas ao suicídio e eutanásia;
- ✓ A segunda, quanto a definição dos modos de provermos os meios econômicos de sobrevivência, que deveriam partir de pressupostos do direito universal, e não de buscas por caminhos que nos levassem a

modelos categóricos ou seletivos, ou de se escolher: *Quem deve nascer, quem deve viver e por quanto tempo.*

Preocupava-se com o fato que apenas alguns indivíduos, dotados de poder econômico, mas carentes de inventividade, direcionavam as respostas a estes problemas. Assinalava, também, sua preocupação sobre as correntes eugenistas que se expandiam nas ciências, ao longo do século passado, contra-argumentando que as bases biológicas a que estes defensores da **seleção sobre quem tem direito a vida**, atuavam, não se lastreavam em fatos verdadeiramente científicos, pelo contrário, representavam enorme risco à continuidade da espécie, ao tentarem interferir artificialmente nos aspectos sobre a biodiversidade:

A resposta à pergunta Quem Sobreviverá? é: todos deveriam sobreviver. O imperativo supremo da sobrevivência é da maior importância, sendo seus meios de importância secundária. Malthus se preocupa com os “meios” da sobrevivência e chega à conclusão desesperadora. Eu, por outro lado, visualizei as “origens” da vida e da sobrevivência; a dedução é, igualmente desesperadora, mas o panorama que se nos apresenta é diferente. Analisemos, primeiro, o universo primário - a fonte da vida - antes de analisarmos o universo secundário – os meios para viver. Os espaços infinitos e o céu estrelado eram, para nossos ancestrais, símbolos de que havia algum lugar para todos viverem. Representaram desafio constante à inventividade humana para que se criassem os meios necessários à sobrevivência de todos [...] deveríamos ser igualmente generosos com a vida que está para chegar quanto somos, ou deveríamos ser, com a vida que se apaga [...] nosso critério deveria ser: *deixemos que os outros nasçam e compartilhem com eles as consequências* (MORENO, 1992, QSV3, 176-177).

Moreno uniu a Bioatria à Sociometria, entendendo estes como caminhos para compreensão das inter-relações planetárias, entre humanos, e além da Humanidade. Estes são, também, os caminhos que influenciaram todos os aspectos metodológicos para se criar soluções, frente à crise planetária que já visualizava.

Buscava um escopo muito mais amplo, com uma proposta terapêutica, não mais restrita apenas à Sociatria, como ramo terapêutico único da Socionomia, mas lançava a Bioatria, no contexto de “Cuidado à Vida.”

Há uma forma superior de democracia “bioátrica” e sociométrica na qual os não-nascidos, os vivos e os mortos são todos parceiros [...] é um estado de coisas em que a igualdade de oportunidade estende-se [...]A Sociometria junta-se, aqui, à Bioatria; compartilha tanto as riquezas biológicas quanto as sociais com todos, nascidos ou não, distribuindo-as entre eles. (MORENO, 1992, QSV3, pp.178-179, itálicos do original).

Nesta cosmovisão moreniana, se vai além do "sócio", tendo como escopo o "bio" e a relação do homem com a vida além do humano, com o planeta e com todo o universo.

Moreno entendia o humano como um ser cósmico; mais que um ser psicológico, biológico e natural, também corresponsável:

Pela limitação da responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz-se dele um banido. Ou ele é também responsável por todo o universo, por todas as formas de ser e por todos os valores, ou sua responsabilidade não significa realmente nada. A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa; é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo, como tipo de civilização, como espécie [...] A ciência e os métodos experimentais, se têm pretensão a serem verdadeiros, precisam ser aplicáveis à teoria do cosmo. (1999, p.15).

Por mais que este tema tenha passado despercebido para muitos, e a proposta bioátrica, apareça de forma mais clara e concreta, apenas ao final de *Quem Sobreviverá?*, ao longo de toda sua obra, o olhar de Moreno não incluía apenas a vida humana. Citava constantemente esta concepção expandida, e temos um dos exemplo na passagem: “*O fator E, emerge apenas em grupos humanos? Ou a hipótese pode ser estendida, dentro de certos limites a grupos não humanos, aos animais mais inferiores e plantas? (MORENO, 1992, QSV1 p.150).*

Voltando ao que discutimos no início deste capítulo, sobre as influências filisóficas e religiosas hassídicas⁵⁶, Moreno tinha também um olhar no qual o conceito *Tikun olam*, em hebraico: **reparar, cuidar ou consertar o mundo**, foi de fato levado a sério e transformado em ação.

Em sua experiência religiosa, vivida de maneira heterodóxica, a ideia da não separatividade entre o mundo e a divindade, e de que a divindade pode ser reconhecida em cada forma de vida, em todas as criaturas, humanas e não humanas era uma premissa. Neste conceito, o fenômeno proxêmico, que se manifesta nos modos de ser que nos distancia, ou aproxima deste todo cósmico, é um fator essencial a ser compreendido e investigado.

Na biografia de Moreno, como exemplo, há constantes relatos dele percebendo-se em total proximidade com o cosmo. Em seu primeiro período filosófico na Europa, publicava suas ideias de forma anônima e não autoral, pois entendia que

⁵⁶ Em Fonseca, (1980, 2014), o autor faz as conexões da epistemologia de Moreno, com outros dois autores de origem judaica, Espinosa e Buber. *Vide* também o artigo de Baliardo publicado no Estadão.

suas palavras não pertenciam só a ele, mas a toda a coletividade e, ao próprio Cosmo, ou Deus.

Acreditava, conforme registrou mais tarde no livro: *Palavras do Pai* (MORENO, 1992) que qualquer um de nós, e não apenas alguns poucos escolhidos ou doutrinários de poderes institucionalizados de religiões, poderia colocar-se no lugar de divindade, uma vez que não estaríamos separados de nenhuma destas manifestações divinas⁵⁷.

Esta postura, inclusive, rendeu-lhe muitos questionamentos quanto à credibilidade do que dizia, sendo taxado de louco por muitos, aspecto com o qual ironizou em algumas de suas obras mais tarde. Em resposta às críticas, delimitou com clareza em seus textos, que entendia perfeitamente a diferença sobre rupturas de realidade, como padrão psicótico, e de como o fazia, criando realidades suplementares, que rompessem com esta realidade que se impõe e aprisiona os seres humanos aos delírios da acumulação de propriedade, do controle e do ego e que ameaçam inclusive nossa espécie e o planeta como um todo.

Ainda sobre sua origem religiosa, vemos que esteve diretamente intrincado às ideias bioátricas, na concepção de seus estudos, conforme depoimento dele próprio sobre esta jornada:

É preciso traçar a trilha exposta por alguns expoentes modernos do hassidismo, como Martim Buber, e também meus próprios escritos anacrônicos tendo o *Convite ao Encontro* como o núcleo central a fim de ficarmos frente a frente com as inspirações originais, a partir das quais cresceram as teorias interpessoais e a sociometria. (MORENO, 2020, p. 259).

Assim como no trecho que destacamos antes, Moreno traça recorrentemente linhas paralelas em seus textos, de autores, que assim como ele, partiram de suas raízes religiosas para criarem caminhos axiológicos que repercutissem em novas linhas filosóficas, teóricas e de pesquisas, mencionando, por exemplo, Kierkgaard e Espinosa.

Destaca que estes autores, assim como ele, saíam do imperativo teológico ou místico para experimentarem no campo das ciências e da filosofia suas premissas. Nestes processos, a faceta dogmática se confrontaria com o mundo da vida, e daria lugar ao arcabouço ético que serviu de inspiração para desenvolver a Socionomia em suas vertentes: sociodinâmicas, sociométricas e sociátricas. Tendo como elemento

⁵⁷ Vide Fonseca (2014) sobre correlações entre Moreno e Espinosa.

central desta ética, a Bioatria, que configura um modo de fazer ciência colocando a vida, em todas as suas formas, em seu centro.

Moreno defendia atualizar o enfoque da psicoterapia, que conforme ele, até o século XIX, conseguiu avançar em propostas biodinâmicas ou psicodinâmicas, para uma cosmodinâmica inclusiva, do século XX em diante (MORENO, 1983, p.251).

A partir da concepção Bioátrica questionava:

Poderá o terapeuta se recusar a se ocupar com a estrutura do universo, quando o grupo insiste em uma discussão dessa natureza? Seja o universo benfazejo ou neutro, é importante para o terapeuta conhecer sua estrutura para a ela adaptar sua atitude e seu método. Se o universo, entretanto, é hostil e malfazejo, que pode fazer a psicoterapia, se não é capaz de repará-lo ou substituí-lo por outro? Finalmente, como se deve comportar o terapeuta em um universo desumano, frio e indiferente em relação a existência do homem? Poderá o terapeuta se recusar a responder, ou responder: Eu não sou sacerdote, nem mágico, sou apenas um médico? [...] O movimento da psicoterapia, significativo para todo mundo, pode ser melhor compreendido se voltarmos a dois problemas básicos da medicina: o problema da saúde e o da manutenção da vida. (MORENO, 1999, p.16-17).

Com essa postura provocava uma ampliação dos limites das responsabilidades e das práticas clínicas, saindo de enfoques absolutamente privados e particulares, para uma clínica que acolha os impactos sociais, ecológicos e geopolíticos em uma cosmovisão muito mais abrangente.

A nosso ver, concluímos que Moreno não foi claramente compreendido na vertente bioátrica de suas ideias. Tentamos criar, a nosso modo, caminhos para prosseguir o que Moreno propôs:

Eu sempre tive a ideia de que o mundo em que vivemos necessita uma *terapia mundia I* e todos os meus livros voltam a esse ponto – e de que eu *com minha própria pessoa* deveria fazer algo para criar e divulgar essa terapia. (MORENO, 1999, p.10).

Que nesta trajetória de pesquisa tenhamos exercitado o que Moreno chamou de espontaneidade, sendo esta: “*uma nova resposta para uma situação antiga*” (MORENO, 1983, p.223).

2.5 Inspiração e conexão com a Psicologia Ambiental

Nosso encontro com a Psicologia Ambiental se dá por ser um campo que posiciona seus estudos nas inter-relações, a partir de uma concepção que o humano impacta o ambiente e o ambiente impacta o humano. Neste campo, engloba-se no

conceito de ambiente, tanto os espaços construídos como os naturais. Considerando-se, além das dimensões espaciais, os aspectos temporais e culturais. Estas são bases comuns que também identificamos na epistemologia socionômica (MELLO e SOUZA; BASSANI, 2020)

Na Psicologia Ambiental, transita-se também do particular e do privado ao público e global; identifica-se o tempo objetivo, marcado por cronologias, também o tempo subjetivo marcado pelas percepções individuais. Articulam-se valores, crenças, referências religiosas e espirituais para a compreensão de comportamentos em seus espectros e conflitos, compreendendo a interdependência humano-ambiental e seus impactos na saúde e bem-estar, assim como, de forma mais ampla, a investigação das motivações da ação ou inação humana frente aos riscos da manutenção e sustentabilidade da vida no planeta (BASSANI, 2011; 2020).

A partir deste panorama, fenômenos inerentes a inter-relação humano-ambiental, e a atual crise ecológica que se apresenta, foram abordados por pesquisas em Psicologia Ambiental. Realizamos um recorte de alguns destes estudos, nestas primeiras décadas do século XXI.

Os exemplos destacados, a seguir, não ambicionam reportar toda a extensa revisão de literatura que realizamos, mas representam publicações realizadas nestas primeiras décadas do século XXI, selecionadas por terem nos inspirado na definição de nosso objetivo de pesquisa. *compreender as percepções de pessoas em seu cotidiano, acerca de proximidade ou distância em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU.*

Uzzell (2000), em estudos em quatro diferentes grupos na Austrália e Europa, identificou o que ele denominou como hipermetropia ambiental, concluiu que percepções e atitudes das pessoas em relação aos problemas ambientais, bem como a consciência do impacto de seus comportamentos cotidianos, estão relacionadas a um viés perceptivo que leva ao público a ter maior dificuldade de relacionar o risco das questões ambientais graves com elementos concretos, imediatos, locais e próximos de suas vidas.

Nas pesquisas descritas por Uzzell (2000), indicava-se que embora o sentimento de potência e responsabilização para a ação, vinculava-se aos eventos que se localizavam mais próximos aos participantes, estes tendiam a não identificar ameaças graves, referentes aos acontecimentos ocorridos perto de si, não atribuindo relevância para tomada de ação em termos de mudanças de atitudes e estilo de vida.

Por outro lado, as ameaças globais, ocorrendo em locais percebidos como distantes, por estes mesmos grupos, se categorizavam como situações para as quais as pessoas atribuíam importância, mas ao mesmo tempo, se julgavam impotentes em agir e responsabilizavam outros agentes para a tomada de ação.

Uzzell (2000) também indica com estes dados, o paradoxo encontrado de pessoas sentindo-se potentes para agir em ações locais, mas não enxergando com facilidade, riscos e oportunidades para a ação em seu entorno imediato. Porquanto para locais distantes, as pessoas percebendo os eventos como críticos, não se sentem potentes ou responsáveis por uma tomada de ação.

Em Garcia-Mira, Sabucedo-Cameselle, Romay-Martínez (2003) e Pol, Castrechini, Carrus (2017), os autores concluíram que para a população em geral, a experiência cotidiana nem sempre é vivida de modo a validar evidências de crise em aspectos relativos às questões socioambientais.

Em outras vertentes de estudos, pesquisas também reportam o desenvolvimento de instrumentos para investigação sobre valores e crenças, citando o Ecocentrismo, eixo de crenças e valores que prioriza aspectos ecológicos, como também o Antropocentrismo, eixo que prioriza que se satisfazer as necessidades humanas deva ser um valor prevaiente. Nestas pesquisas, analisam-se correlações entre crenças e valores e aquilo que as pessoas entendem como crítico para a tomada de ação, mudanças de estilo de vida e adoção de comportamentos pró-sociais e pró-ambientais (PATO *et al.*, 2006).

A necessidade de se aprofundar e abordar valores e crenças em intervenções com foco socioambiental, são elementos também enfatizados nos estudos como o de Schultz (2011). Neste trabalho, o autor defende a tese de que apenas argumentos, em campanhas apenas informativas, mesmo que apresentados a partir de evidências científicas, em programas de conscientização e educação socioambiental, não bastam e, muitas vezes, não levam a uma tomada de ação no sentido esperado de quem as promove.

Ainda na perspectiva da tomada de ação, especificando-se sobre **Onde e quem deve ser responsável pelas questões socioambientais**, destacamos estudos como o de Gifford *et al.* (2009). Realizado em 18 nações, indicou que pessoas que responderam questionários com escalas sobre otimismo e pessimismo, relativos às questões ambientais nos níveis local, nacional e global tendiam a avaliar de forma

mais positiva os problemas ambientais de suas localidades, e de forma mais negativa e crítica, os mesmos problemas, nos níveis nacional e global respectivamente.

Os autores evidenciam com estes resultados, o que identificaram como negação ou atenuação dos problemas em âmbito local (otimismo espacial), e a tendência de que as avaliações da qualidade ambiental atual diminuem à medida que o nível espacial aumenta.

Páramo *et al.* (2015), em artigo relacionado a replicação adaptada do instrumento utilizado pelo estudo de Gifford *et al.* (2009), analisaram os resultados de amostra de participantes em 10 países da América Latina, incluindo o Brasil. Enfatizaram que embora os resultados coletados mostrem diferenças de visão entre pessoas de diferentes países, em geral, a percepção da dimensão temporal configurou-se como pessimista sobre o presente e também sobre o futuro. No quesito responsabilização, a maioria das responsabilidades são atribuídas a agentes sociais externos e não locais, ou seja, a ação para problemas ambientais tendia a não ser percebida como uma ação a ser provocada por agentes locais e próximos, ou mesmo pelas próprias pessoas em geral.

Vale o destaque que, nesta mesma amostra analisada por Páramo *et al.* (2015), a parcela coletada com participantes brasileiros, sob a coordenação da Professora Doutora Marlise Bassani, obteve resultados distintos de outros países latino-americanos. Notou-se que os brasileiros, participantes do estudo, atribuíam maior responsabilidade pela geração de problemas ambientais à população local em geral, ao contrário de outros países, que indicavam interesses internacionais como geradores de problemas ambientais locais.

Conclui-se nestes estudos a importância de se considerar os atravessamentos espaço-temporais e culturais nestes resultados. Novas replicações do instrumento analisarão se tal tendência permanece ou se modifica ao longo do tempo. (BASSANI; PÁRAMO, em andamento).

Ainda sobre a questão espaço-temporal, destacamos publicações como Seamon (2017), revendo a historicidade do conceito de lugar, a partir da perspectiva fenomenológica-existencial. Também destacamos sobre articulações e apropriação do espaço, apego ao lugar e qualidade de vida no processo de envelhecer, a contribuição de Corrêa (2017) em sua tese, partindo de uma investigação fenomenológica com idosos.

E a visão de **subjetividades espacializadas**, em uma abordagem construcionista, trabalhada na investigação realizada por Pinto de Carvalho (2018). No trabalho com famílias em ocupações de áreas de risco no Chile, a autora articula concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas, e sua própria subjetividade, implicadas na vivência de campo em seu processo investigativo.

Por fim, resumizando o encadeamento de diferentes linhas de estudos, além dos que citamos acima, elencamos o estudo de Pinheiro *et al.* (2018). Nesta publicação, identificavam, até aquele período, três grandes áreas de investigação, sobre aspectos psicológicos que tinham sido cada vez mais recorrentes na produção da Psicologia Ambiental:

- ✓ Comunicação e percepção das mudanças climáticas globais;
- ✓ Comportamentos que impulsionem a mitigação ou intensificação do problema;
- ✓ Comportamentos de adaptação, sentimentos e bem-estar frente aos impactos das mudanças climáticas.

Os autores enfatizam a necessidade de mais pesquisas sobre percepção das escalas espacial e temporal, como forma de ampliar a compreensão sobre fenômenos perceptivos, que afetam o grau e a velocidade de mudanças de atitude e valores necessários, mas ainda não colocados em prática, de forma mais contundente, por parte de governos, instituições e da população em geral, na mitigação e reparação de problemas socioambientais.

Inclinando às aspirações para o futuro da Psicologia Ambiental, em 2019, Pato e Delabrida, apontaram para a demanda emergente em se educar a partir de uma visão holística, sistêmica e dinâmica, integrando a perspectiva do espaço e do tempo, do individual, grupal e global e dos seres vivos e não vivos. Segundo as autoras, essa empreitada só será possível se for partilhada por todas as áreas de conhecimento.

Também projetando o futuro, Bassani (2020), destacou o desafio de ampliar o entendimento por parte de estudantes e futuros pesquisadores no tocante às articulações possíveis entre Psicologia Ambiental e Psicologia Clínica. Assim como, sobre o esclarecimento e produção de novos conhecimentos sobre compromissos internacionais rumo à sustentabilidade, como apregoa a Agenda 2030.

Sob a coordenação de Professora Doutora Marlise Bassani, temos trabalhado no núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica na PUC-SP nesta perspectiva. De forma inclusiva, neste núcleo, são compreendidas gamas interdisciplinares e em diferentes abordagens teórico-metodológicas (BASSANI,

2020), contemplando estudos que resultam em um importante e rico repertório de publicações, e grupos de pesquisa em diferentes frentes temáticas da Psicologia Ambiental.

3. MÉTODO

O objetivo geral deste estudo foi investigar as percepções de pessoas em seu cotidiano acerca de proximidade ou distância em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU. Desdobramos, a partir deste eixo central, os seguintes objetivos específicos:

- 1) Descrever potencialidades, barreiras e facilitadores, na perspectiva dos participantes, em diferentes papéis para a tomada, ou não, de ações relativas aos ODS;
- 2) Analisar as contribuições dos procedimentos adotados como método que promova reflexões sobre temas pró-sustentabilidade.

A pesquisa contemplou a produção de dados descritivos expressos em graduações proxêmicas, autoinformadas pelos participantes, complementadas por narrativas sobre papéis e escolhas cotidianas, relacionadas à perspectiva contemporânea dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O procedimento foi sequencial, em quatro etapas e produziu dados quantitativos e qualitativos que foram analisados de forma complementar (BRAUN e CLARK 2006; CRESWELL, 2007; CRESWELL; CLARK, 2013; HEATH; GREENFIELD; REDWOOD, 2015; MORENO, 1992; MORSE, 2003; MAYOH; ONWUEGBUZIE, 2015; PALINKAS *et al.*, 2015).

O desenho dos procedimentos, baseado na perspectiva sicionômica, possibilitou que instrumentos fossem inseridos, em etapas subsequentes, sendo os dados apresentados e reapresentados aos participantes em um exercício de triangulação, visando ampliar os significados e sentidos que foram sendo atribuídos aos fenômenos (EZZY, 2002; CRESSWELL, 2007; STAKE, 2008).

A produção de dados descritivos fenomenológicos ocorreu a partir de procedimentos nos quais os participantes expressaram graduações proxêmicas e, também, escreveram e narraram cenas cotidianas e suas percepções, sobre suas experiências em questionários, *Diálogos* bipessoais e *Cocriando em Grupo*, nos quais as descrições foram gravadas e depois transcritas.

Os métodos sicionômicos (MORENO, 1983; 1992; 1997; 1999); foram incorporados aos instrumentos expressivos de graduação proxêmica, criados por nós: o Mapa de Aproximação aos ODS 1 (MAP-ODS1) e o Mapa de Aproximação aos ODS 2 (MAP-ODS2), detalhados mais adiante.

Quanto aos demais dados qualitativos, narrativos, nos referenciamos no conceito de cena definido por Bouquet (1977), Davoli (2020) e Scagliarini (no prelo) na condução e registros dos procedimentos das etapas de *Diálogos* e *Cocriando em Grupo*.

Nas etapas de grupo, guiamos também nossa ação no encontro de temas protagônicos, conforme desenvolvido por Falivene (1999).

3.1 Local

Em função da pandemia de *Corona Vírus Disease* (COVID-19), que demandou adaptações necessárias frente às restrições de deslocamento, o acesso presencial às pessoas tornou-se um ponto crítico. Portanto, avaliamos a possibilidade desta pesquisa ser realizada utilizando-se apenas de tecnologia *online*.

Considerando-se esta necessidade, levantamos dados sobre o ambiente *online*, constatando-se que este tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Em 2018, 47 milhões de domicílios do Brasil reportaram estar conectados à internet, o que representa (70%) do total de domicílios do país. Como tendência, a pesquisa (CGI.br, 2019) indica a partir de sua série histórica que cada vez menos o computador, especialmente o de mesa, tem sido utilizado e que mais da metade (56%) dos usuários da rede no Brasil tem se conectado à internet exclusivamente pelo celular, portanto, a navegabilidade via celular, é um aspecto essencial na adaptação de todos os instrumentos. Quanto à distribuição entre usuários por faixa-etária e níveis de escolaridade, tem-se índices superiores a 40% em todas as categorias, com exceção de analfabetos (14%) ou idosos acima dos 60 anos (28%). Uma vez que analfabetos não fariam parte do público-alvo deste estudo, pôde-se observar impactos limitantes à aderência da população idosa, o que não inviabilizaria o estudo, mas surge como limitação a ser considerada, e mesmo, como uma provocação para se pensar em futuros estudos, nos quais outros tipos de procedimento de acesso poderão ser desenhados, de forma a incluir este público.

Além da questão da acessibilidade, seguindo-se uma análise mais depurada, com base em (BOWDEN; GALINDO-GONZALEZ, 2015), listam-se abaixo os critérios gerais utilizados para avaliação das condições, necessidades de adaptação e planejamento do formato *online* deste projeto, sendo estes:

- a) obter as evidências de que a população-alvo tem acesso aos canais não presenciais de coleta de dados;
- b) avaliar se o procedimento adaptado está em consonância à perspectiva paradigmática da pesquisa;
- c) incluir no planejamento possíveis contingências necessárias a serem tratadas no surgimento de imprevistos;
- d) observar se as etapas de entrevista, interações via questionário e interação em grupos estão planejadas e seguem um encadeamento adequado, considerando-se os dispositivos tecnológicos utilizados;
- e) realizar testes pilotos, abrangendo todas as etapas e instrumentos do procedimento, de forma a garantir o bom andamento do processo integralmente;
- f) garantir e preservar o relacionamento ético e de confiança com os participantes;
- g) organizar as etapas e instrumentos de forma a manter um processo de comunicação eficaz, com perguntas apropriadas; escuta ativa e orientação constante aos participantes quanto à adequação do ambiente físico e tecnológico a serem adotados para a fluência de todo o processo.

Em função da análise favorável quanto à capacidade adaptativa e de planejamento nos critérios antes mencionados, concluímos que a limitação apresentada no item (a) concentrou-se no público idoso, o que não inviabiliza o estudo, embora seja uma provocação para o desenho de estudos futuros.

Definimos, portanto, que havia a viabilidade da interação entre pesquisadora e participantes se dar integralmente na modalidade *online*, sem prejuízos para os objetivos gerais do estudo.

Para o andamento do processo, utilizamos dispositivos digitais conectados à *internet* para envio de *links* de questionários; formulários de apoio e a proposição de sessões *bipessoais* e de grupo *online*. Incluindo o envio, em todas as etapas, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - mantendo-se os procedimentos éticos previstos nas normativas para pesquisas com seres humanos.

Nossa investigação contingenciou, também, em sua análise, todos os comentários feitos pelos participantes, acerca desta experiência digital em pesquisa, suas limitações e vantagens enquanto nova forma de relação virtual e tecnológica. Com base neste monitoramento, as ponderações sobre possíveis impactos do uso das tecnologias não presenciais foram consideradas e registradas e não se

constituíram como um elemento que inviabilizasse os procedimentos. O processo fluiu sem intercorrências significativas.

3.2 Procedimentos éticos

Submetemos a pesquisa e seu método para aprovação no Comitê de Ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recebemos aprovação via parecer consubstanciado de número **4.303.758**.

Os participantes foram convidados e receberam informações gerais sobre os procedimentos e objetivos da pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A, C, F), para obtenção de anuência, em cada etapa na qual participaram, garantindo-se que o procedimento contemplasse as exigências da Resolução CNS/MS 466/2012, de 12 de dezembro de 2012, complementada pela Resolução CNS/MS 510/2016, de 07 de abril de 2016.

O risco potencial do procedimento para os participantes e seus dependentes(s), mesmo considerado baixo, não eximiu que oferecêssemos, ao início e final de cada etapa de pesquisa, a opção aos participantes de solicitarem orientações e esclarecimentos adicionais, encaminhamentos e assistência individual e específica, a fim de lidarem com quaisquer questões surgidas em função da participação na pesquisa. Também garantimos, a qualquer tempo, durante a pesquisa, o direito à desistência de participação, sem qualquer prejuízo. Nestes casos, os dados dos participantes desistentes foram excluídos da pesquisa.

As identidades dos participantes foram preservadas. Em todas as menções relativas aos procedimentos todos os nomes foram substituídos.

3.3 Abrangência e participantes

Enviamos o Convite para recrutamento de participantes via mídias sociais e e-mail, com *link* para o questionário *online* MAP-ODS1 (Apêndice B) referente à primeira etapa da pesquisa, adicionado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

O objetivo do questionário *online*, divulgado na etapa inicial, foi identificar participantes acima de 18 anos, com no mínimo Ensino Médio em curso e acesso a equipamentos conectados à internet, com microfone e câmera.

A faixa-etária, aspectos de acesso aos canais digitais e o interesse em colaborar com o levantamento de dados sobre a Agenda 2030 das Nações Unidas, na perspectiva do cotidiano, foram os elementos que definiram a inclusão ou exclusão à amostra inicial entre o público intencional acessado pela divulgação da pesquisa.

O convite também pôde ser divulgado e multiplicado pelas pessoas que o recebessem ampliando sua abrangência. Dessa forma, a amostra configurou-se como intencional, não probabilística e não representando um extrato de toda a população, não podendo, assim, ser considerada aleatória. Sendo amostra intencional, não se buscou no processo de análise dos dados a generalização de resultados, mas sim constituir um grupo para estudo de caso coletivo que produziu um panorama descritivo da experiência vivida por seus participantes, quanto ao fenômeno em questão e aos procedimentos propostos (CRESSWELL 2007; PATTON, 2002).

Uma vez que o procedimento foi sequencial e distribuído em quatro etapas, a amostragem intencional inicial de participantes apresentou no questionário MAP-ODS1, dados demográficos e quantitativos e dados qualitativos que foram aprofundados nas etapas seguintes (CRESSWELL, 2007).

As respostas ao questionário foram o subsídio ao processo de recrutamento de um conjunto de participantes que ofereceu variedade quanto às graduações proxêmicas e perfis demográficos diversos para participação nas etapas subsequentes. (Apêndices - B, C, D, E, F, G e H).

O processo de definição desta amostragem intencional (PATTON, 2002) e a seleção de parte desta amostra para as etapas subsequentes, baseou-se em estudos sobre saturação de amostra para estudos qualitativos (GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006; SECHELSKI; ONWUEGBUZIE, 2019).

3.4 Etapas, Instrumentos e Materiais

De forma a garantir os procedimentos éticos baseados na Resolução CNS/MS 466/2012, complementada pela Resolução CNS/MS 510/2016, o convite para participação da pesquisa conteve junto ao questionário *online* estruturado MAP-ODS 1 (Apêndice B) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

Sendo critérios de inclusão e exclusão para a Primeira Etapa:

- a) Respondentes que tivessem acima de 18 anos;
- b) Que tivessem no mínimo Ensino Médio em Curso;

c) Que pudessem acessar o *link* das perguntas via internet a partir de computadores pessoais ou celulares no padrão *smartphones* com câmera e microfone;

d) Que autorizassem o uso das informações fornecidas para fins acadêmicos assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, incluso na parte inicial do formulário.

Nesta etapa inicial, foram produzidos no questionário MAP-ODS1 (Apêndice B) dados quantitativos de natureza demográfica, graduações da percepção proxêmica dos participantes, categorias de papéis escolhidos e histórico de interações com o tema, constituindo um conjunto de dados quantitativos e qualitativos exploratórios (CRESSWELL, 2007) que foram considerados para a seleção das amostragens das etapas seguintes (MAYOH; ONWUEGBUZIE, 2015).

3.4.1 Desenho dos Instrumentos MAP-ODS1 e MAP-ODS2: Conexões e Adaptações em Relação à Sociometria

MAP-ODS1 (Apêndice B) e **MAP-ODS2** (Apêndice H), são as siglas referentes à expressão: Mapa de Aproximação aos ODS. Esta é a nomeação comum a ambos os instrumentos, uma vez que têm o objetivo de mapear em questionários, com perguntas abertas e fechadas, dados quantitativos e qualitativos sobre a relação pessoas-ODS.

A numeração 1 e 2 os diferencia pelo momento em que são aplicados na pesquisa, ao início e ao final, enfatizando o aspecto espaço-temporal que pôde ser captado neste método de aplicação, no qual o participante pode refletir sobre seus próprios posicionamentos e eventuais mudanças de posição no decorrer do tempo.

A partir de uma ótica influenciada pela Sociometria, os instrumentos possibilitaram aos participantes que expressassem suas percepções, entre graus que variavam de 0 (totalmente distante) a 5 (totalmente próximo), considerando suas relações com os ODS no cotidiano.

O desenho dos MAP-ODS1 e MAP-ODS-2 foi inspirado em questionário anterior, por nós desenvolvido em pesquisas realizadas presencialmente⁵⁸, e nas

⁵⁸ Adaptados de um instrumento anterior chamado Mapa de Aproximação, utilizado por ocasião de nossa pesquisa para dissertação de Mestrado (MELLO e SOUZA, 2018), instrumento já comentado no capítulo 2.

quais os participantes movimentavam-se pelo espaço, ou assinalavam em gráficos, suas posições que expressassem suas escolhas, de proximidade e distância, em relação a determinado ente.

Com a necessária migração de nossa pesquisa de doutorado, do ambiente presencial, ao ambiente digital e virtual, por conta da COVID-19, adaptamos a versão 3D do instrumento anteriormente referenciado (MELLO e SOUZA, 2018), criando um questionário inspirado na estrutura proposta pelo sociólogo e psicólogo americano Rensis Lickert.

Nossa escolha, deve-se ao fato de que nos questionários em escala no padrão proposto por Likert, permite-se que as pessoas se expressem, autodeclarando em um espectro numérico, intensidades, por exemplo, de opiniões, percepções, intensidade de dor, frequência em que realizam atividades; concordância ou discordância a um tema (DALMORO e VIEIRA, 2013)⁵⁹.

Adaptamos este modelo à nossa realidade e objetivos, e estruturamos nosso instrumento intencionalmente com graduação entre 0 e 5, contendo, portanto, 6 possibilidades de posicionamento, aos quais codificamos, de forma intervalar, como:

- 0-1 zona de distanciamento;
- 2-3 zona de neutralidade e/ou ambivalência e;
- 4-5 zona de proximidade.

Neste espectro com 6 pontos, oferecia-se múltiplas possibilidade das pessoas se expressarem em diversos posicionamentos, incluindo os posicionamentos neutros ou ambivalentes, aspecto relevante em estudos sociométricos.

Com esta estrutura de instrumento, foi possível também o tratamento estatístico e descritivo dos dados quantitativos coletados. Esta análise não teve como objetivo parametrização ou predição, mas a identificação de padrões de resposta, ou *Clusters*, no grupo pesquisado.

⁵⁹ Os questionários que usam a estrutura Likert podem ser desenvolvidos com diferentes objetivos e têm sido usados desde a década de 1930. Conforme objetivos de pesquisa, a quantidade de pontos na escala apresentada pode ser variada. Podendo ter, ou não, opção para as pessoas se colocarem em posições neutras. Na visão sociométrica, na qual investigamos posicionamento autêntico e espontâneo, a opção de colocarmos dois pontos centrais, nos graus 2 e 3, teve o objetivo de oferecer a possibilidade de neutralidade e ambivalência.

Segundo Batarelli (2016) a análise de *clusters* busca descobrir agrupamentos naturais de indivíduos (ou variáveis) a partir dos dados observados, agrupando indivíduos com base na similaridade ou distâncias (dissimilaridades).

A análise de *clusters* tem base em estatística descritiva, é a-teórica, e não inferencial. Também não é generalizável porque é totalmente dependente das variáveis utilizadas como base para a medida de similaridade (BETARELLI, 2016).

Optamos pela análise de *clusters* por possibilitar identificar pessoas com padrões de resposta diferentes, para que estas pudessem ser convidadas nas etapas qualitativas do estudo.

Quanto às características dos instrumentos, o **MAP-ODS1**, era constituído de 36 questões, sendo a primeira parte voltada à expressão das graduações proxêmicas relativas a cada ODS; informações sobre o grau de familiaridade que os participantes tinham com o tema e; o papel que percebiam como mais potente a ação relativa aos ODS em geral. Nas questões finais levantamos dados demográficos e o interesse sobre permanecer nas etapas posteriores de pesquisa.

Já o **MAP-ODS2**, era constituído de 22 questões abertas e fechadas. O qual detalhamos mais abaixo, na descrição dos instrumentos da etapa **Levantando as Cortinas: Ação!** Neste segundo instrumento, o número menor de questões se deve a não repetir perguntas demográficas já aplicadas no primeiro questionário.

Importante ressaltarmos que nos estudos sociométricos clássicos, o desvelamento dos critérios de escolhas sociométricas, são sempre pré-definidos. Nestes processos, as pessoas são questionadas, em geral, sobre com quem querem estar em maior proximidade e fazendo o que, utilizando-se uma dada situação como critério, também se mapeia a mutualidade de escolhas.

Em nosso caso, os instrumentos desenhados, especificamente, para esta pesquisa, configuraram algumas diferenças e conseqüentes adaptações, para as quais chamamos atenção:

- a) Ao invés de definirmos um critério a ser usado *a priori*, para os participantes se referenciam quanto a respostas sobre a percepção de aproximação ou distanciamento, perguntamos, primeiro, em que grau de proximidade ou distância se percebiam em relação a cada ODS, e depois, que critérios, ou balizadores usavam para isto.

Esta inversão se deve por buscarmos não dirigir a pesquisa já com critérios pré-estabelecidos. Queríamos deixar emergir múltiplas possibilidades

trazidas pelos participantes, em abertura à investigação, por parte deles próprios, de seus critérios balizadores.

Adotamos o termo balizador, criação nossa, pois ele implica a noção de movimento. Conceitualiza as referências que as pessoas utilizaram para se posicionar num certo espaço-tempo. A reflexão sobre este processo, em conjunto com os participantes, constituiu a produção de conhecimentos sobre como se dá o fenômeno proxêmico, na relação pessoas-ODS;

- b) Diferentemente das polaridades **atração-rejeição**, comuns aos estudos sociométricos clássicos, trabalhamos com as polarizações **totalmente próximo - totalmente distante**, também vinculadas ao fenômeno proxêmico que investigávamos;
- c) Mapeamos a relação pessoa-ODS, e não a relação pessoa-pessoa. Desta forma não procedemos com a investigação de mutualidades. A forma de pesquisarmos como os ODS se relacionam com as pessoas foi relatada no primeiro capítulo, no qual investigamos as formas de comunicação promovidas pela ONU, agência promotora destes entes, para se posicionar na relação com o público em geral.

3.4.2 Etapa 2 – *Diálogos*

Para a segunda etapa, foram selecionados e convidados (Apêndice C) participantes que expressaram graduações proxêmicas diversas e perfis demográficos também diversos. Convidamos 56 participantes e tivemos a confirmação, dentro do prazo estipulado para o retorno de 30 pessoas, quantidade que atende e ultrapassa critérios de saturação de amostragem em estudos qualitativos (GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006).

A opção pela variedade de graduações proxêmicas, perfis demográficos e papéis potenciais diversos, deu-se pela concepção fenomenológica de que a partir de um pequeno grupo, composto de uma variedade apresentada em manifestações descritivas dos participantes, chegaríamos a um conjunto suficiente de dados para que se possa ampliar a compreensão do fenômeno em questão (MORENO, 1992; PALINKAS *et al.*, 2015).

Esta etapa foi realizada por videochamada, com os participantes selecionados, utilizando-se o aplicativo Zoom.

Este momento seguiu os moldes de um *Diálogo* (Apêndice D), com temáticas semiestruturadas e com abertura aos conteúdos emergentes nos quais buscávamos:

a) narrativas sobre os ODS e sobre percepções na perspectiva do participante da pesquisa, dirigidas a partir do recorte em cenas;

b) critérios utilizados pelo participante quanto aos graus proxêmicos relativos aos ODS;

c) papéis percebidos como mais favoráveis para a tomada de ação;

d) barreiras e elementos facilitadores percebidos para a aplicação dos ODS na vida cotidiana;

e) possibilidades do participante indicar possíveis ações a colocar em prática após aquele momento;

f) como instrumento de apoio, o questionário para plano de ação (Apêndice E) foi apresentado aos participantes para ser utilizado, se achassem necessário, logo ao fim da etapa 2 e como preparação para a etapa 3, na qual ocorreram os grupos.

Os participantes foram informados que seriam realizadas gravações e transcrições do ocorrido durante todo o procedimento. Reforçando-se os aspectos éticos de guarda e utilização dos materiais.

A transcrição do material narrado, foi estruturado no formato de cenas (BOUQUET, 1977; SCAGLIARINI, no prelo), que nos trouxeram as questões essenciais da relação dos participantes com os ODS. Este material foi analisado em conjunto com os temas protagônicos (FALIVENE, 1999), manifestos na etapa seguinte - *Cocriando em Grupo*.

3.4.3 Etapa 3 - Cocriando em Grupo

Na terceira etapa, enviamos convites (Apêndice F) a todos os participantes da etapa 2, de *Diálogos*.

Foram montados grupos com o objetivo de se ter no mínimo 3 e no máximo 5 participantes cada, sendo critério para formação dos grupos que estes fossem constituídos por participantes com perfis demográficos, papéis escolhidos e graduações proxêmicas diversas.

O procedimento em grupo (Apêndice G) constituiu-se em um espaço de cocriação e compartilhamento, propiciando a partir da proposta grupal a troca de informações, de percepções diferentes dos graus de proximidade percebidos e

possibilidades de aplicação dos ODS no cotidiano. Esta terceira etapa de procedimentos, objetivou também compreender como os participantes percebem e descrevem a influência social, na variação, ou não, das suas graduações proxêmicas e seus possíveis impactos para tomada de ação (MORENO, 1992; PATTON, 2002; SCHROEDER; KLERIN 2009).

Os participantes compartilharam entre si:

- a) Reflexões sobre papéis percebidos como mais favoráveis para a tomada de ação;
- c) Narrativas sobre o cotidiano ligadas as suas: percepções, sentimentos e o que facilitava e os impulsionava às ações relativas aos ODS;
- d) Barreiras e elementos facilitadores percebidos para a tomada de ação;

Todos foram informados de que seriam realizadas gravações e transcrições do ocorrido durante todo o procedimento. Reforçando-se os aspectos éticos de guarda e utilização dos materiais.

Na condução desta etapa, atuamos na Direção da pesquisa a partir das narrativas de cenas conforme iam surgindo, investigando em conjunto com o grupo conteúdos emergentes grupais. Neste processo, não nos fixamos em narrativas individuais isoladas. Mas na cocriação coletiva⁶⁰ de elementos trazidos por diferentes participantes, construindo cenas coletivas. Nos concentramos no entrecruzamento das diferentes histórias e conteúdos trazidos. Neste processo, inspirado no método sociodramático, também se teceu o que seriam os temas protagônicos dos grupos.

Em nosso entendimento, os temas protagônicos atravessam os diversos contextos: *Têm suas premissas no contexto social, delineiam-se no contexto grupal, e desenvolvem-se e definem-se no contexto dramático* (FALIVENE, 1999, p.90)⁶¹.

Atuamos identificando os temas protagônicos, por sua circularidade no movimento do grupo. Voltando à tona repetidas vezes, perdurando, atravessando realidades e contextos e desdobrando-se, intermediados no “*como se*”, pelo

⁶⁰ Enxergamos nesta forma de direção, aproximações com a técnica de multiplicação dramática criada por Kesselman e Pavlovsky (1991) e popularizada no Brasil por Mascarenhas (1996). Contudo, não atuamos a partir da estética utilizada por estes autores, mais fortemente fundada em princípios de sessões clássicas de psicodrama com a definição de protagonistas e etapas de aquecimento, dramatização e compartilhamento. Para aprofundamento sobre aplicação da técnica de multiplicação dramática, em pesquisas de campo na área de saúde mental. (BISPO, 2017).

⁶¹ Ressaltamos que Moreno não utiliza a expressão: Tema Protagônico, este termo é desenvolvido por Falivene (1999), contudo, na obra (MORENO, 1997, p.423), temos uma descrição em detalhes de como Moreno entende a leitura do que é protagônico em sessões de cunho sociodramático. Retomamos este aspecto na análise de nossos resultados.

surgimento de personagens criadas e narradas pelos grupos, reais ou simbólicas. Sendo mencionados usando-se a linguagem metafórica, por seu transbordamento na imaginação, no jogo, na brincadeira ou até no silêncio. Estes personagens, vividos em papéis psicodramáticos, ora eram assinalados pelo grupo, ora pela Direção.

Não enfocamos em nosso método, em intervenções resolutivas, mas na postura investigativa de se trabalhar nas expressões proxêmicas e narrativas, trazidas pelos participantes, no mapeamento de suas relações com os ODS.

3.4.4 Etapa 4: Levantando as cortinas: Ação!

Imediatamente após a realização de cada grupo, solicitou-se aos participantes o preenchimento individual do Questionário *online* MAP-ODS2 (Apêndice H), com o objetivo de realizarmos uma reflexão se ocorreram, ou não, movimentos e mudanças na percepção e na expressão da graduação proxêmica ao longo do processo, assim como o registro de comentários por escrito sobre os impactos dos procedimentos como um todo e de suas reflexões relativas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e possibilidades para tomada de ação. O que nos ajudaria no processamento teórico-metodológico, acerca dos procedimentos da pesquisa.

Sumarizando todas as etapas e instrumentos, organizamos o quadro que segue:

Quadro 1 – Descrição das etapas e instrumentos da pesquisa

Etapa	Instrumentos	Tipo de Dados	Descrição
Etapa 1: Preparação do Palco	Questionário web MAP-ODS 1 (Anexo -B)	Quanti-Quali	36 Questões. Abertas e Fechadas.
Etapa 2 - Diálogos	Roteiro para entrevista semiestruturada (Anexo-D) Questionário de apoio para plano de ação (Apêndice E)	Qualitativos	7 Questões. Abertas, variáveis conforme respostas e comentários dos participantes. Plano de Ação, oferecido de forma opcional. Continua 5 Questões Abertas e também servia como aquecimento para a próxima etapa
Etapa 3 - Cocriando em Grupos	Roteiro para Grupo de Compartilhamento (Anexo G)	Qualitativos	4 rodadas temáticas abordando percepções/vivências e cenas dos participantes
Etapa 4- Levantando as Cortinas: Ação !	Questionário web MAP-ODS 2 (Anexo-H)	Quanti-Quali	22 Questões. Abertas e Fechadas

Fonte: Autora

3.5 Procedimentos de análise de dados

Em nossa imersão aos dados, fluímos em um longo processo aberto, flexível e indutivo, compilando, em conjunto, os resultados estatísticos descritivos e os dados qualitativos, de forma a organizá-los em uma Análise Temática (AT) com base em (BRAUN e CLARK, 2006).

Para Clark (2017), os pesquisadores já podem, de início, constituir por si próprios um conjunto de temas dirigidos por perguntas de pesquisa. Ao mesmo tempo, em que de maneira reflexiva e orgânica, realizam sua imersão nos dados encontrando outros temas emergentes. Foi desta forma que trabalhamos em nossos procedimentos de análise.

Segundo as autoras supracitadas um dos pontos cruciais que atribui melhores resultados à AT é o pesquisador, no contato com os dados, assumir suas próprias lentes culturais e pressupostos teóricos, dando máxima transparência a isto (BRAUN e CLARK, 2006; CLARK 2017). Aprofundando seu engajamento a partir de uma relação criativa, porém pautada em suas fundamentações epistemológicas de forma consistente. Para as autoras a AT é um caminho e não uma teoria *per se*.

Entendendo a AT como método que pode abranger diferentes epistemologias, alinhamos a nosso processo de análise os procedimentos analíticos sacionômicos, em especial à identificação de cenas (BOUQUET, 1977; SCAGLIARINI, no prelo) e de temas protagônicos no contexto grupal (FALIVENE, 1999).

Uma vez que utilizamos uma grande variedade de instrumentos, gerando um volume extenso de dados, a AT nos possibilitou encontrarmos as formas de nos organizarmos em torno de um fio condutor, para contarmos a história que se fez em nossa pesquisa (CLARK, 2017).

Outro ponto importante de apontarmos, é o fato dos temas gerados (Figura 5, mais adiante) serem o produto da análise das diferentes etapas da pesquisa em conjunto e de forma global. Dessa forma, não refletem uma relação de causa-consequência com nenhuma parte específica de nossos procedimentos de pesquisa, mas com seu todo.

Conquanto não exista esta relação direta, optamos em descrevermos, abaixo, como trabalhamos com os dados provenientes de cada etapa de pesquisa, para facilitar o entendimento e localização dos leitores. Desdobramos, a partir disso, como foi sendo gerado cada um dos temas, e quais suas múltiplas fontes. Discorreremos

nos próximos capítulos sobre o conteúdo de cada tema, apresentando também os subtemas que os constituíram.

1) Na *Preparação do Palco*, as graduações proxêmicas, do questionário MAP-ODS1, foram tratadas em uma análise de *clusters* (BETARELLI, 2016). Neste processo, estatístico descritivo e não inferencial, agregamos à esta base, os dados demográficos informados pelos participantes. Tínhamos como critério montarmos grupos heterogêneos para as etapas seguintes. A análise conjunta destas duas fontes, graduações proxêmicas e dados demográficos, orientou a lista de participantes selecionados a serem convidados para as etapas seguintes.

2) Quanto ao conteúdo dos *Diálogos*, via Plataforma *Sonix*, transcrevemos integralmente todas as sessões, gerando 322 páginas, proveniente das 30 horas e meia de gravações em vídeo e áudio. Os nomes de todos os participantes foram substituídos por nomes fictícios, de forma a se garantir o sigilo das identidades em todas as transcrições.

As gravações assistidas, também na Plataforma *Sonix*, permitiram contemplarmos simultaneamente imagem, som e texto, na fase denominada na análise temática (AT), por Braun e Clark (2014), de familiarização aos dados.

O conteúdo foi acessado por várias vezes, a fim de compreendermos o que havia de essencial⁶² nos fenômenos manifestos, não só no plano verbal, mas em toda a expressividade de cada momento.

Todo este material foi estruturado em documentos de texto e inserido em planilhas que compuseram nossa base integrada de dados, quantitativos e qualitativos.

Fizemos a leitura, releitura e mergulhos nos múltiplos recortes e facetas possíveis que criamos, como exemplo, por participantes, por grupos de participantes, por barreiras e facilitadores de ações, por ODS, por padrões de graduações proxêmicas, por cenas, por papéis. Estes exercícios nos ajudaram a visualizar as questões essenciais e temas emergentes que iam surgindo, nos apoiando na análise e organização dos dados.

⁶² Nos referimos a essencial, não como algo universal e generalizável. Mas, segundo o ponto de vista fenomenológico-existencial, aquilo que se manifesta de forma recorrente, típica e/ou destacada, no aqui-agora, do fenômeno em questão.

Neste processo, desenhamos a estrutura de temas que, além de atender aos objetivos desta pesquisa, nos abriram novas visões, algumas inclusive que serão endereçadas como ideias de estudos e projetos futuros. Este é o momento descrito por Braun e Clark (2006) como **busca pelos temas**.

Foi o fruto destas junções que nos propiciou visualizarmos nosso primeiro tema, que denominamos: **Como nos balizamos**, resultante da codificação de critérios balizadores do fenômeno proxêmico, descritos pelos participantes. Representamos este tema na Figura 5, na entrada superior de nosso mapa de temas.

Cabe ressaltar que também destacamos graficamente nesse mapa a sobreposição e inter-relação entre este primeiro tema, e os demais temas que foram surgindo. Assim como a composição dos tipos de dados que os geraram: Nas áreas verdes (Figura 5), estão temas que foram construídos com a junção de dados quantitativos e qualitativos e nas áreas azuis temas estritamente procedentes de dados qualitativos.

3) Na etapa 3, *Cocriando em Grupo*, agregamos a nosso procedimento um olhar sobre os temas protagônicos (FALIVENE, 1999). Nas cenas em grupo, coadunamos os elementos emergentes, recorrentes e circulares, no surgimento de personagens, metáforas, brincadeira, imagens, assim como, voltamos nossa escuta a encontrar os conflitos na relação com os ODS, nos dilemas que se manifestaram, formulando as **questões essenciais** a todos e constituindo **temas protagônicos**. O conjunto de todos os temas protagônicos formaram um conteúdo predominante apresentado no tema: **Fazendo a DR: Discutindo a Relação com os ODS**. Neste tema, também incluímos todos os aspectos discutidos de forma **transversal**, em todas as outras etapas da pesquisa, resultando num relato sobre temas que emergiram recorrentemente ao discutirmos a relação com os ODS.

Este processo surgiu da imersão em cerca de 6 horas de gravações, dos encontros em grupos, registrados nas Plataformas *Zoom* e *Sonix*.

4) Com o material da etapa 4: **Levantando as Cortinas: Ação!**, geramos as análises sobre comparativos entre as graduações proxêmicas, iniciais, provenientes do MAP-ODS1, e finais, expressas no MAP-ODS2. Estes resultados, estatísticos descritivos, foram sendo amarrados ao conjunto de todas as etapas qualitativas. Nestes exercícios, foi se tornando aparente as primeiras linhas do tema: **Como nos**

movimentamos: da foto estática nos Clusters, ao movimento em Zonas e Cenas.

Tema alimentado por todas as etapas, e, na forma de nomeá-lo reproduzimos como ele foi sendo aberto, evoluindo e levando-nos à compreensão sobre como nosso método capta o movimento entre diferentes posturas existenciais. Algo que aprofundamos em mais detalhes em nossas discussões nos próximos capítulos.

5) Por fim, identificamos em todas as passagens, aquilo que nos dizia algo sobre as contribuições de nosso Método. Tanto nos depoimentos dos participantes, como nos *insights* que íamos tendo ao vivenciar os procedimentos e depois analisá-los repetidas vezes. Este caminho está expresso no Tema: **o que levamos desta jornada.**

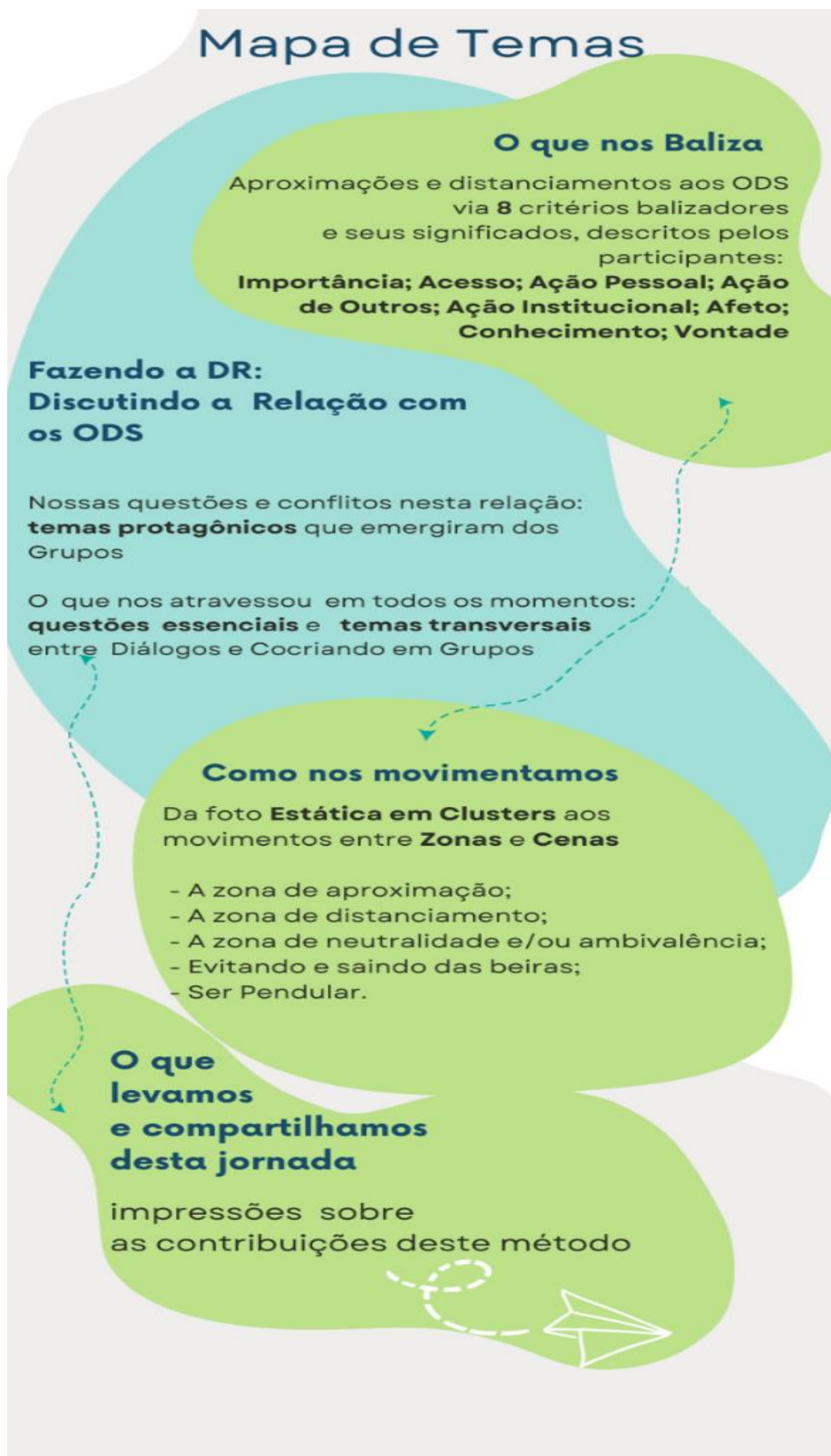
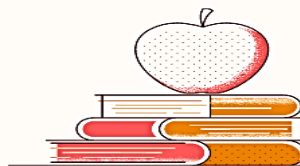


Figura 5 - Mapa de Temas - Fonte: Autora

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A PESQUISA *em* 4 ETAPAS



1 - Preparando o Palco 265 PARTICIPANTES

Usamos o questionário MAP-ODS 1 (Apêndice B), divulgado por 15 dias pela internet, com convite aos participantes voluntários para sondagens: demográficas; sobre graduações próximas autodeclaradas; para mapeamento de categorias de papéis que poderiam ser tomados para a ação relativa aos ODS e sobre o histórico de interações de cada participante com a Agenda 2030. Formamos um conjunto inicial de dados quantitativos e qualitativos exploratórios, com o objetivo de selecionarmos uma amostra heterogênea para as próximas etapas.



2 - Diálogos 29 PARTICIPANTES

Realizamos sessões via plataforma zoom. Nesta etapa o conteúdo dos questionários foi novamente apreciado pelo participante em conjunto com a pesquisadora. Foram narradas situações vividas na relação com os ODS ou sobre temas emergentes que surgiram a partir deste processo.



23 PARTICIPANTES 3 - Cocriando em Grupo

Foram realizados 5 grupos com até 5 participantes cada. Todos da etapa de Diálogos foram convidados e os grupos foram sendo agendados seguindo-se o critério de ter-se pessoas com perfis diversos em cada grupo, considerando: Indicadores demográficos; diversidade de padrões de resposta quanto a graduação próxima e papéis diversos escolhidos para a tomada de ação em relação aos ODS. Os grupos tiveram como objetivo que os participantes compartilhassem vivências e percepções sobre a temática em questão.



4 - Levantando as Cortinas: Ação! 21 PARTICIPANTES

Assim que finalizamos os Encontro de cada Grupo, os participantes recebiam o formulário MAP-ODS2 (APÊNDICE H), com o objetivo de registrarem, individualmente, suas impressões sobre toda a trajetória da Pesquisa. Também foram levantados aspectos a respeito da posição pessoal futura, relativa aos ODS.



Figura 6 - Síntese das etapas - Fonte: Autora

4.1 Etapa 1 - Preparação do Palco

Na “*Preparação do Palco*”, as questões que nortearam este trabalho foram divulgadas pela internet nas redes sociais *Facebook*, *Whatsapp* e por *e-mail* com um convite aberto aos que se interessassem em participar da pesquisa. Incentivamos também os interessados que replicassem o convite em suas próprias redes. Podemos dizer que esta etapa serviu como um aquecimento. Os dados resultantes desta primeira sondagem, que obteve a adesão de 265 pessoas dentro dos critérios de inclusão e exclusão, ofereceram possibilidades na direção de escolhas dos próximos passos. Em termos de procedimentos e quanto à análise dos resultados, esta etapa compôs as temáticas: **Como nos balizamos** e **Como nos movimentamos** na relação com os ODS.

Nosso instrumento, o MAP-ODS1 (Apêndice B), havia sido desenhado para levantar dados de natureza demográfica, que nos ajudariam a conhecer as pessoas interessadas em contribuir com a pesquisa; as graduações proxêmicas destes participantes; as categorias de papéis escolhidos e reconhecidos como mais potentes à ação voltada aos ODS; e o histórico de interações destas pessoas com a Agenda 2030. Constituímos, assim, um conjunto de dados quantitativos e qualitativos exploratórios (CRESSWELL, 2007), que foram considerados para selecionarmos, enquanto direção de pesquisa, os participantes para as etapas seguintes.

Nesta passagem, realizamos a transição entre aquilo que nasceu e foi criado na subjetividade de pesquisadora como um plano, exposto no capítulo Método, para a extensão intersubjetiva e da ação: “*O que me perguntei, agora pergunto a todos os demais*” e me coloco junto a eles no processo de investigação e experimentação. Como bem disse Contro (2009), não pesquisamos *sobre* pessoas, mas *com* as pessoas. Neste momento, de *Preparação do Palco*, informamos nosso desejo de coproduzir conhecimento, socializamos nossas reflexões e nos tornamos ativos, a partir de dentro do grupo que vai se constituindo para a pesquisa. Nos métodos de base socionômica não há uma postura exclusiva do pesquisador, de estar apenas, de fora, como um “observador”. Como defendia Moreno, em sua visão sobre as ciências sociais:

A saída é dar a cada membro do grupo o “*status de pesquisador*”, fazendo, de todos, pesquisadores. À medida que cada um conduz seu “próprio

experimento” existem centenas deles acontecendo e necessitamos coordená-los uns com os outros. (MORENO, 1992, QSV1. p.166).

Inspiramo-nos nos métodos sacionômicos, porém criamos novos percursos a partir deles, ressalva necessária a se fazer, uma vez que estudiosos da Socionomia, que entrarem em contato com nosso trabalho, notarão essas diferenças.

Como pesquisadora, eu já havia iniciado este processo de investigação a partir de mim, e agora trazia novos atores para este palco. Embora tivesse usado o mesmo tipo de questionamento proxêmico, dirigindo trabalhos e grupos presenciais como sacionomista em outras pesquisas⁶³, uma das dúvidas que tinha era se, com um tema não muito familiar a muitas pessoas, a Agenda 2030, nosso instrumento adaptado para o ambiente *online*, seria de fácil compreensão e manejo.

Nos relatos feitos pelos participantes, sobre o impacto do contato com este instrumento inicial, o preenchimento do questionário foi descrito como de impacto neutro, ou como um momento reflexivo sobre sensações de potência e/ou impotência frente aos ODS. Nenhum participante descreveu sensações de estranhamento pelo formato das perguntas, da versão criada *online*, tampouco pelo uso das graduações proxêmicas como forma de expressão. Ocorreram dúvidas, apenas, a respeito de que critérios poderiam utilizar.

Ao longo do período em que a pesquisa esteve disponível em *link* pela internet, os participantes interessados em preencher o questionário puderam enviar mensagens de e-mail e WhatsApp com questionamentos ou dúvidas. Do total de 265 participantes registramos ao todo 9 questões:

Quadro 2 - Dúvidas registradas na Etapa 1 - Fonte: Autora

Tipo de Dúvida	Frequência
Sobre critérios que poderiam utilizar para as graduações proxêmicas	2
Sobre o preenchimento de dados pessoais	3
Sobre a possibilidade de indicação de outras pessoas para participarem	4
Total	9

⁶³ Relatadas no capítulo 2.

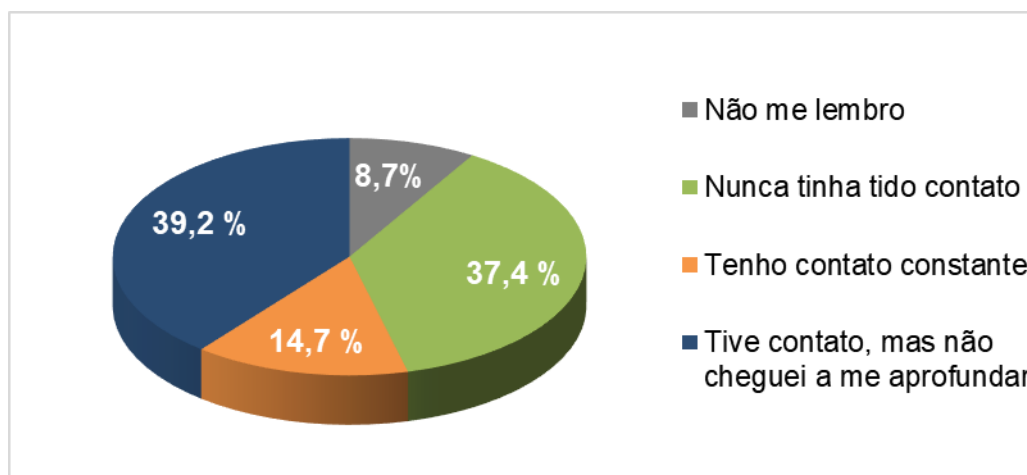
Quanto ao histórico de interações e nível de familiaridade que os participantes tinham com o tema da pesquisa, 37,4% não conheciam previamente o tema; 8,7% declararam não se lembrar se já haviam tido contato com informações sobre os ODS e 39,2% informaram que tinham tido contato de forma superficial. Apenas 14,7% declaravam-se bastante familiares à Agenda 2030.

Fazendo-se alguns recortes, neste primeiro cenário, tínhamos um grupo que se declarou, em sua maioria (85,3%) não muito familiar ao tema ODS. Com níveis distintos de desconhecimento que foram de (46,1%) não se lembrar ou não ter ouvido falar previamente sobre o tema e (39,2%) ter tido contato, apenas de forma superficial com o assunto.

Por outro lado, se observarmos o espectro de pessoas que ao menos tiveram algum nível de contato com os ODS, anteriormente a serem convidados para a pesquisa, identificamos que (53,9%) tinham tido alguma exposição prévia a esta informação, variando da mesma nuance, já descrita acima, de contato superficial (39,2%), à contato constante (14,7%). A indicação de mais da metade desta amostra ter algum grau de informação, mesmo que superficial, sobre o tema pode ser analisado à luz das redes sociométricas, composta pelos átomos sociais que se comunicaram na divulgação do questionário, assim como da evidência de um esforço, mesmo que ainda incipiente, por parte de agentes institucionais ligados à própria ONU, governos e organizações não governamentais, para popularização dos ODS.

Retomando pesquisas anteriores, apuramos que em levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE Inteligência, 2017), com 2002 entrevistas, em 143 municípios brasileiros, com pessoas acima de 16 anos, indicou-se que 49% dos entrevistados declararam não conhecer os ODS. Embora existam grandes diferenças de método e de abrangência, entre o trabalho que realizamos na coleta e análise de nossos dados e este levantamento anterior à nossa pesquisa, ambos os cenários apontam que há resultados evidenciáveis do processo de divulgação sobre a Agenda 2030, o que favorece que uma parcela das pessoas abordadas declarasse, ao menos, certo nível de informação sobre os ODS, mas, ao mesmo tempo, nota-se que por ser um engajamento ainda incipiente há um grande desafio ao objetivo de se popularizar tal conteúdo e torná-lo mais familiar e presente no cotidiano.

Gráfico 1 - Participantes da Etapa 1 - Grau de familiaridade com a Agenda 2030



Fonte: Autora

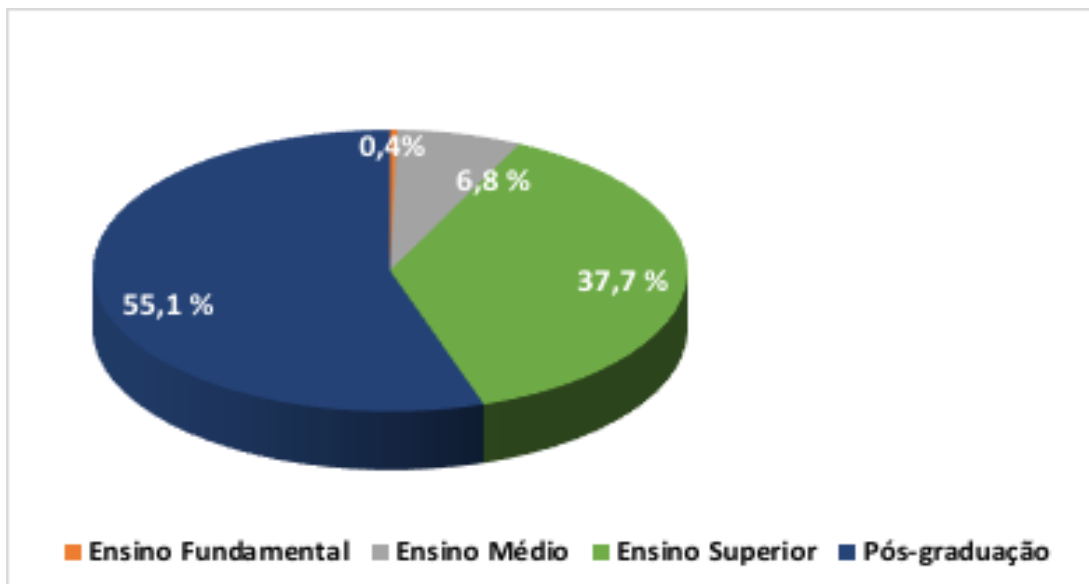
Compreendendo todos estes diversos níveis de familiaridades declarados, os participantes que entraram em contato com os instrumentos desta pesquisa, independentemente de seu histórico prévio de conhecimentos puderam, cada um a seu modo, aprofundar-se em reflexões e, também, pesquisar em si ressonâncias sobre cada um dos ODS, expressando-se via gradações proxêmicas. Os relatos obtidos nas fases qualitativas, apresentados mais adiante, neste e nos próximos capítulos, detalham em narrativas estas perspectivas.

Sobre escolaridade, os dados indicaram um grupo, nesta etapa inicial, com 55,1% constituído por pessoas com Pós-graduação; 37,7% com Ensino Superior e apenas 6,8% com Ensino Médio.

O percentual indicado de 0,4%, com Ensino Fundamental, refere-se a 1 participante que indicou este nível no questionário, mas foi incluído na base de dados por ter declarado posteriormente estar cursando o Ensino Médio.

Pode-se constatar que embora tenhamos obtido uma amostra com alto nível educacional e, supostamente, com maior acesso à informação, importante retomarmos que este contingente de participantes se declarou, em parte significativa (85,3%) como tendo tido pouco, ou nenhum acesso a Agenda 2030, antes de terem sido convidados a participarem deste estudo.

Gráfico 2 - Participantes da Etapa 1 – Escolaridade



Fonte: Autora

Destacamos este como um aspecto que merece atenção, principalmente, por parte das instituições e organizações que promovem e monitoram o cumprimento de tais objetivos. O pouco acesso a estes conteúdos, assim como a falta de espaços para reflexão e debate sobre os temas relativos aos ODS, foram questões também pontuadas, nas fases qualitativas, como uma dificuldade, ou até uma barreira na relação com os ODS. Algo a ser mais bem endereçado.

Sobre a localização dos participantes, tivemos uma concentração maior de pessoas que responderam ao questionário residindo na Região Sudeste do Brasil (80%), predominando também os atuantes no papel profissional ou acadêmico também na Região Sudeste (73,2%). Ao identificarmos esta tendência, reforçamos e direcionamos convites a pessoas de diferentes regiões a fazerem parte desta etapa inicial da pesquisa, intencionando que nas etapas posteriores de “*Diálogos*” e “*Cocriando em Grupo*”, pudéssemos contar com maior diversidade de perfis.

As questões étnico-raciais não foram mapeadas previamente no questionário MAP-ODS1. Incluímos um levantamento na etapa subsequente e concluímos que a amostra selecionada de 29 participantes, da etapa de *Diálogos*, contemplava uma certa representatividade tanto de gênero, quanto racial, porém ainda em desequilíbrio. Quanto a este aspecto de desequilíbrio não conseguimos atuar. Problemática a ser mais discutida nos capítulos finais de nossa tese, uma vez que este se tornou um

tema de importância transversal e questão essencial nos *Diálogos e Cocriando em Grupo*.

Figura 7 - Participantes: cor e gênero



Fonte: Autora

O fenômeno de atração entre semelhantes⁶⁴, hoje inclusive conhecido como **bolhas sociais**, indicava que (54%) dos participantes já tinham tido algum tipo de contato, mesmo que superficial com os ODS, similaridade com meu próprio perfil de pesquisadora e estudiosa do tema; (92,8%) de pessoas tinham Ensino Superior ou Pós-graduação, aspecto coerente com meu papel acadêmico, que me confere ser parte de átomos sociais de pessoas com nível educacional semelhante.

Houve também significativa adesão à pesquisa de pessoas envolvidas nas mesmas áreas em que tenho atuação profissional: Educação/Acadêmica (23,4%); Gestão/Consultoria (18,1%) e Saúde (14,7%). A amostra também tendenciou a outros aspectos semelhantes a meu gênero (66%) feminino, estado civil (43,8%) casados, assim como (62,6%) acima dos 40 anos, minha faixa-etária. Foi um trabalho intencional, da etapa inicial de *“Preparação do palco”*, convidar e chegar a outros públicos, composto por pessoas que apresentassem características diversas a um

⁶⁴ Estudado sociometricamente por Moreno, que também deu ênfase às investigações étnicas (MORENO 1992; 1997) .

único padrão demográfico, assim como de diferentes padrões de respostas quanto a graduações próximas, conforme observado no Quadro 3:

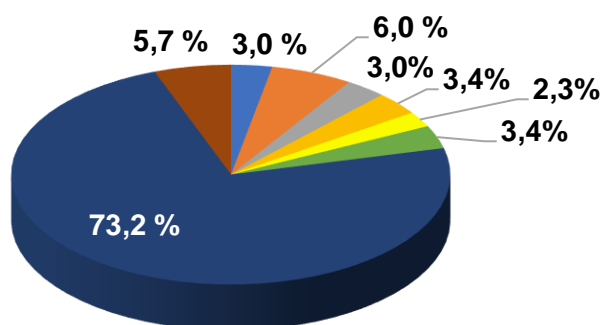
Quadro 3 - Atividades profissionais declaradas

Área	Frequência	Percentual
Religiosa	1	0,4
ONG	2	0,8
Economia/Finanças	4	1,5
Arquitetura	6	2,3
Arte/Cultura	6	2,3
Funcionário Público	6	2,3
Social	6	2,3
Jurídica	7	2,6
Serviços	16	6,0
Outros	17	6,4
Estudante	18	6,8
Sem atividade	27	10,2
Saúde	39	14,7
Gestão/Consultoria	48	18,1
Educação/Acadêmica	62	23,4
Total	265	100,0

Fonte: Autora

A busca intencional por participantes de perfis diversos, deu-se quanto a regiões, gêneros, faixas-etárias, estado civil e níveis de escolaridade.

Gráfico 3 - Participantes da Etapa 1 - Região de atuação-

Região de atuação profissional ou acadêmica

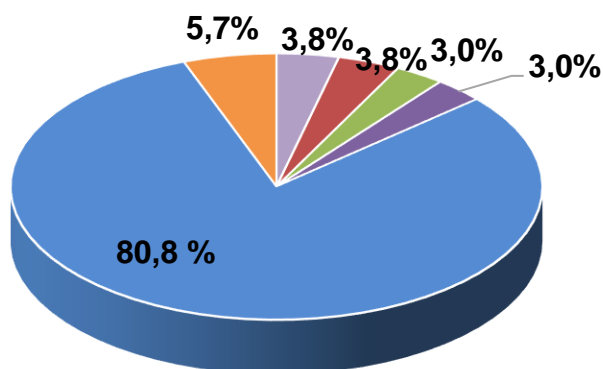
- Atuo apenas em outro(s) País(es)
- Atuo em mais de uma região do Brasil
- Atuo no Brasil e outros Países
- Centro-oeste do Brasil
- Nordeste do Brasil
- Norte do Brasil
- Sudeste do Brasil

Fonte: Autora

Gráfico 4 - Participantes da Etapa 1 - Região de residência

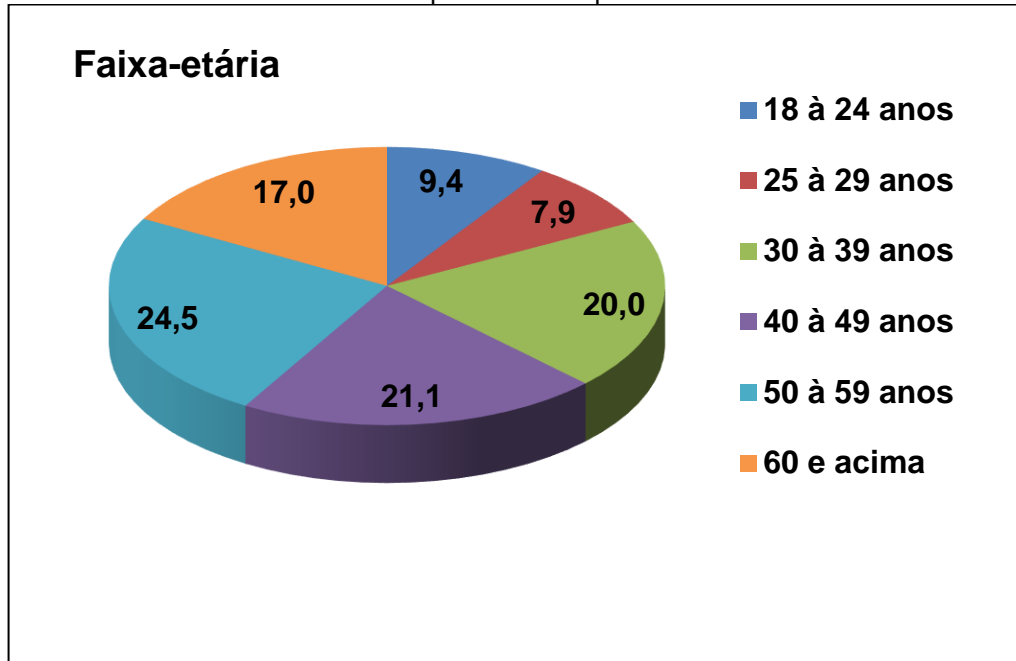
Região de Residência

- Centro-oeste do Brasil
- Nordeste do Brasil
- Norte do Brasil
- Resido fora do Brasil
- Sudeste do Brasil
- Sul do Brasil



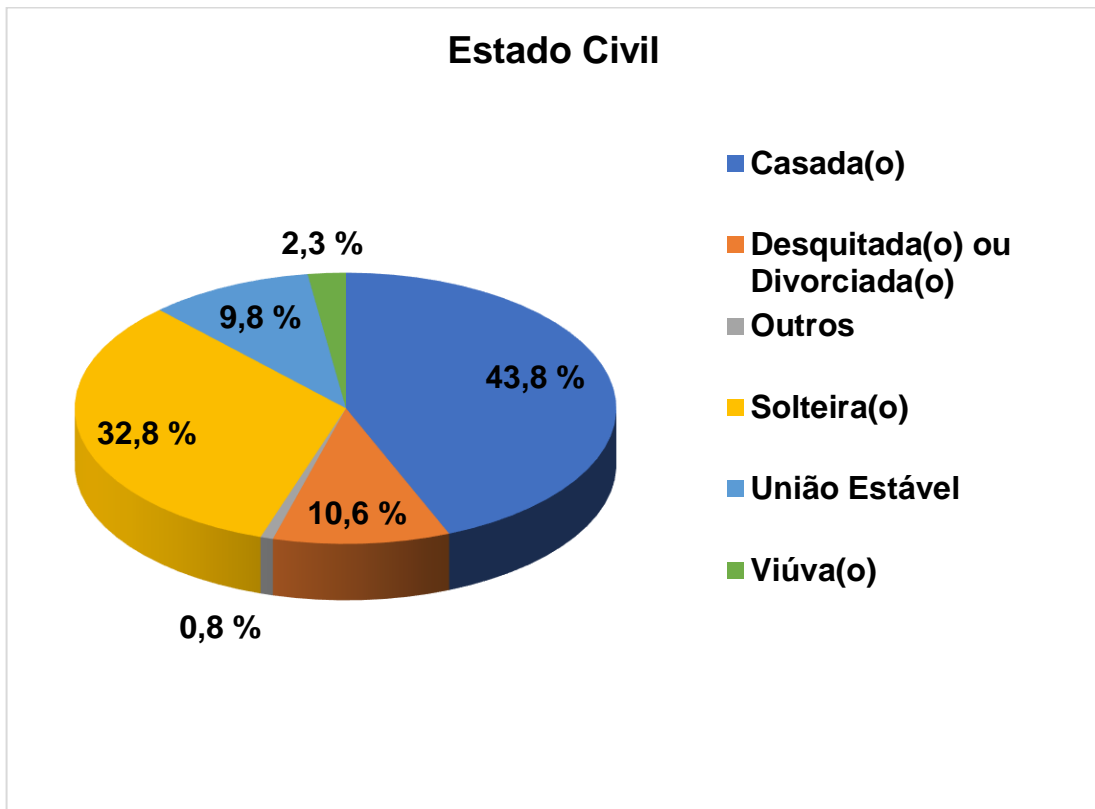
Fonte: Autora

Gráfico 5 - Participantes da Etapa 1 - Faixa etária



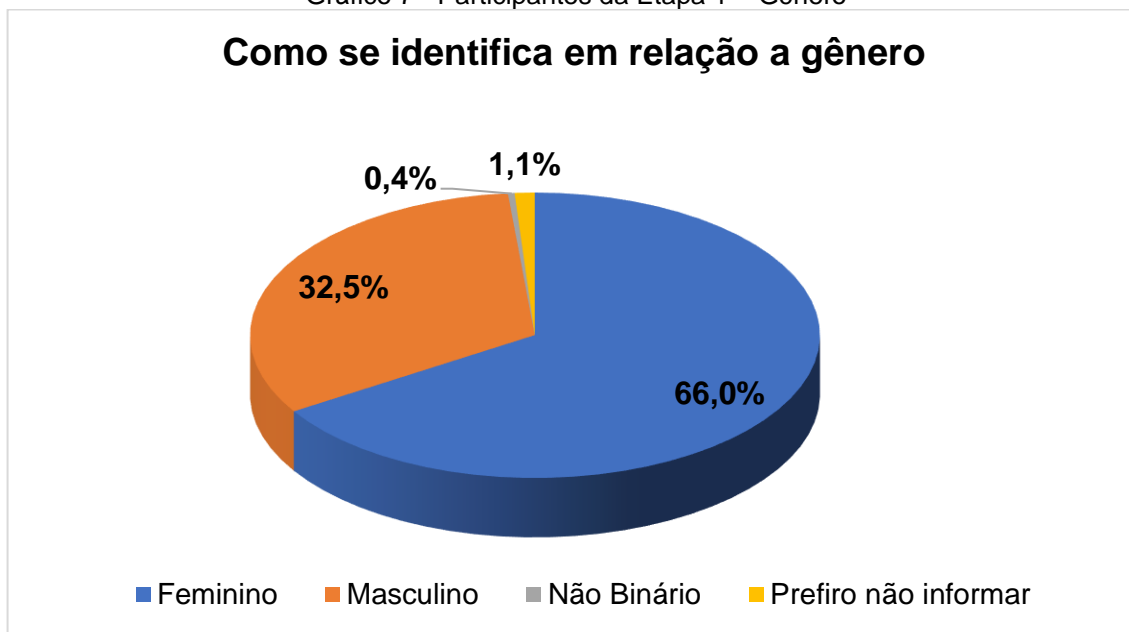
Fonte: Autora

Gráfico 6 - Participantes da Etapa 1 - Estado civil



Fonte: Autora

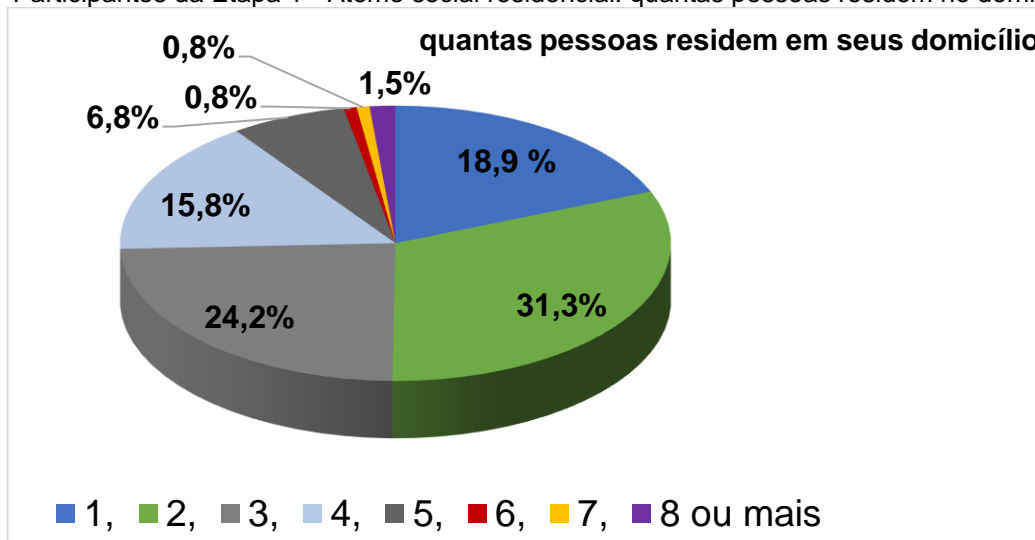
Gráfico 7 - Participantes da Etapa 1 – Gênero



Fonte: Autora

Nos aspectos a seguir, trouxemos dados quanto aos átomos sociais residencial e profissional; dos papéis escolhidos e interesse em continuar contribuindo com a pesquisa. Nestes quesitos não atuamos ativamente na busca por pessoas que assinalassem respostas diversas. Tais dados foram apenas acatados, dentro da própria variabilidade que se apresentou. Contudo, utilizamos também este mapeamento para a possibilidade de composição posterior de grupos participantes de perfis diversos na Etapa 3 *Cocriando em grupos*.

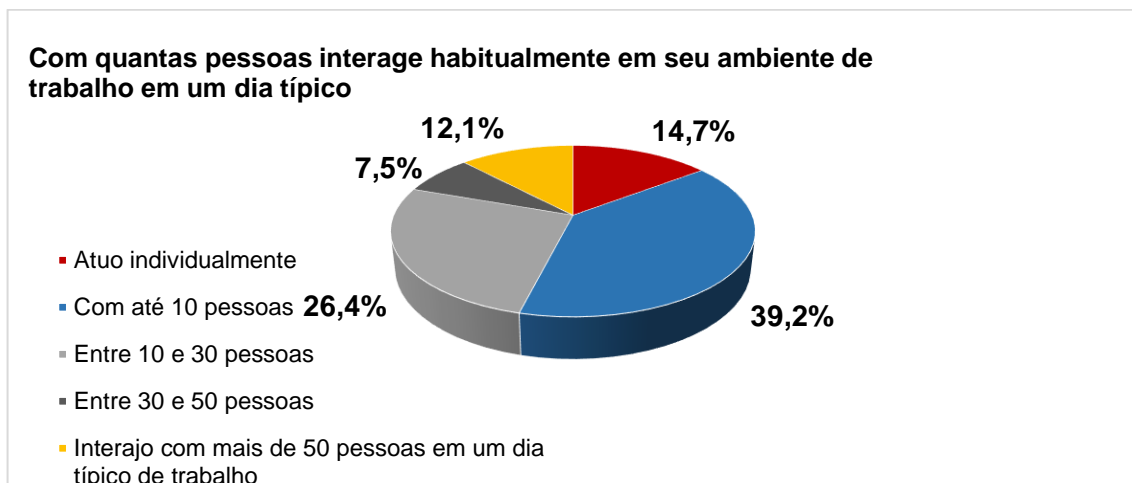
Gráfico 8 - Participantes da Etapa 1 - Átomo social residencial: quantas pessoas residem no domicílio



Fonte: Autora

Sobre o átomo social residencial, encontramos na amostra participantes com configurações de moradia diversas, o que constitui um universo de experiências e modos de vida também diversos. Houve predominância de participantes que declararam morar na residência 2 (24,2%) ou 3 pessoas (31,3%). Pessoas que residiam sozinhas constituíram um contingente de (18,9%). Os índices menos frequentes foram de pessoas com configuração residencial composta de mais de 5 pessoas, parcela que totalizada representou (9,9%).

Gráfico 9 - Átomo social no trabalho: com quantas pessoas interage no trabalho



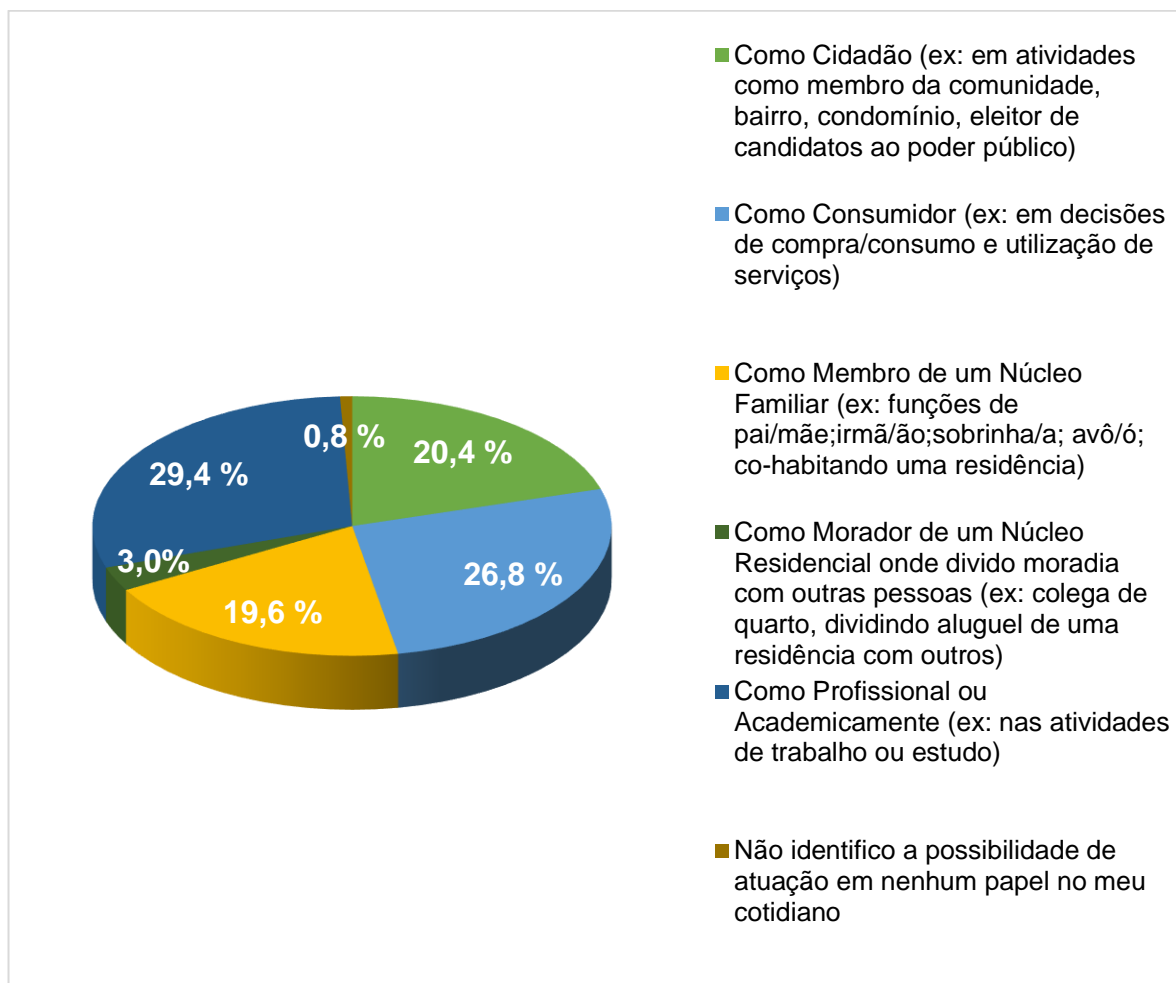
Fonte: Autora

No âmbito profissional os participantes indicaram se relacionar em grupos com até 10 pessoas (39,2%), numa camada subsequente, (26,4%) informaram que interagiam mais habitualmente com 10 a 30 pessoas, seguidas de pessoas que atuavam sozinhas (14,7%). No polo oposto, com menor frequência, (7,5%) disseram atuar com 30 a 50 pessoas e (12,1%) com mais de 50 pessoas em um dia típico de trabalho.

Considerando o cotidiano, e as seis categorias de papéis sociais sugeridos, os papéis “profissional” (29,4%) e “consumidor” (26,8%) foram os mais reconhecidos para executar ações relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Em terceiro lugar o grupo posicionou o papel de cidadão (20,4%), seguido pelo papel de membro de um núcleo familiar (19,6%) e por último como morador de um núcleo residencial (3,0%). O percentual de participantes que não identificou nenhum papel foi 0,8%. Em *Diálogos* e *Cocriando em Grupo* outros papéis foram criados pelos

participantes, os quais apresentaremos nos trechos referentes às análises destas etapas.

Gráfico 10 - Participantes da Etapa 1- Papel escolhido com maior prontidão



Fonte: Autora

Quanto aos resultados desta etapa, os papéis que apresentamos como opções iniciais, e que foram percebidos como mais potentes à ação, foram o profissional e consumidor, chamando-nos a atenção o fato de serem papéis mais fortemente ligados às relações com as corporações e aos ambientes organizacionais. Tal perspectiva merece ser aprofundada e o faremos nas discussões.

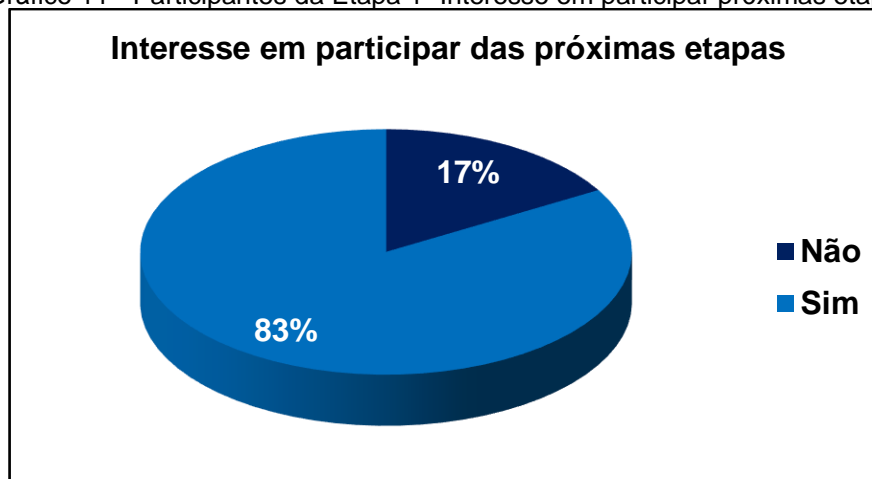
O papel de cidadão situa-se num patamar intermediário, dentre a frequência de escolhas, e nos momentos de *Diálogos* e *Cocriando em Grupo* foi mencionado como de extrema importância, embora o descrédito nos sistemas políticos em vigência também fosse frequentemente apontado pelos participantes como um fator que

provocasse impotência no impacto das ações efetuadas, a partir destas relações com instâncias político-partidárias; governamentais; legislativas; jurídicas ou estatais.

A interação a partir de papéis em que se situam em âmbitos não diretamente atrelados aos contextos econômicos, cívico, ou de relações de consumo, como a família e a residência, são vistos com menor potência e impacto no que concerne à ação relativa aos ODS.

Por fim, a pergunta final do questionário buscava identificar o contingente de pessoas que se mantinha voluntário para as próximas etapas. Os 17% que se colocaram como não voluntários não foram contactados para os próximos procedimentos, ou para qualquer outra ação relativa à pesquisa, respeitando-se a decisão de deixarem o processo a qualquer momento que quisessem. O indicativo de 83% disposto a dar continuidade nos assinalou o interesse de grande parte dos participantes em seguirem aprofundando suas reflexões sobre o tema.

Gráfico 11 - Participantes da Etapa 1- Interesse em participar próximas etapas



Fonte: Autora

Ainda como uma última reflexão, sobre a transição entre a coleta de dados iniciais, e a decisão sobre o tamanho de nossa amostra para as próximas etapas qualitativas, tínhamos como referência (GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006) que um grupo de até 15 participantes já cumpriria as necessidades de pesquisa.

Por outro lado, sentimos a necessidade de incluir, em nossos próximos passos qualitativos, uma amostra com dimensões superiores ao estritamente necessário. Entendíamos que, além dos objetivos de pesquisa, havia um contingente de pessoas com interesse em se manifestar. Quisemos dar voz a isto, no limite do que nos era

possível, o que dimensionamos em um grupo de até 30 pessoas para as etapas posteriores.

Ao longo dos *Diálogos* e dos momentos *Cocriando em Grupo*, pudemos perceber o quanto estarmos com outras pessoas teve uma função social e de saúde importantes, principalmente, em função do formato destes contatos, com base em princípios socionômicos que privilegiam a relação.

Nos contextos propostos nos procedimentos de pesquisa, todos puderam falar e serem ouvidos a partir de suas próprias singularidades e múltiplas necessidades. Em meio ao isolamento social que vivíamos na pandemia, tais momentos foram descritos como um acolhimento e uma pausa, em meio a tantas tragédias e dificuldades enfrentadas.

4.1.1 Compreendendo as Graduações Proxêmicas

Nesta parte de nossa tese, entrelaçamos dados quantitativos, provenientes das respostas às questões 1 a 20 do questionário inicial da pesquisa (MAP-ODS1) e qualitativos utilizando extratos dos *Diálogos* da etapa 2.

Estas foram as facetas, que ao serem reunidas, nos ajudaram na imersão em nosso **objetivo geral** deste estudo, que foi investigar as percepções de pessoas em seu cotidiano vivido, quanto às proximidades e distâncias em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A partir de uma ótica influenciada pela Sociometria (MORENO 1992; 2020), usamos a análise das graduações expressas de 0 a 5 como uma forma de compreendermos a manifestação das forças de aproximação; neutralidade ou ambivalência, assim como de distanciamento entre pessoas e ODS, na perspectiva das próprias pessoas.

Os resultados do instrumento MAP-ODS1, em conjunto com as narrativas durante nossos *Diálogos* e *Cocriando em Grupo*, desvelaram tanto os critérios sociométricos, aqui por nós denominados de balizadores, como os percursos expressivos dos participantes em suas graduações proxêmicas.

Conforme apresentamos anteriormente, em nossos capítulos conceituais, a expressão via graduações proxêmicas não é um processo apenas intelectual, ou quantitativo, de quem se expressa. Analisamos esta jornada expressiva a partir de uma postura fenomenológica, no qual não se separam funções psicológicas ou

mentais, entre cognitivas e emocionais. Nem tampouco, questões psicológicas dos aspectos relativos ao corpo. Corpo e mente são inseparáveis (MERLEAU-PONTY, 1999; MORENO 1997).

Ao descrevermos os elementos captados na pesquisa, entendemos que acessamos facetas do fenômeno investigado, que em si é um todo não fragmentado.

Inspirando-nos em Braun e Clark (2014) descrevemos os dados para contarmos as histórias de nossa pesquisa. Entendemos que a forma que isso foi se estruturando é fruto do entrelaçamento implicado e intersubjetivo entre pesquisadora, participantes e todos os contextos deste processo vivido.

Seguindo procedimentos de análise temática fomos organizando indutivamente os dados, em um movimento reflexivo e orgânico (Braun e Clark, 2014). Identificamos, neste processo, diferentes modos de perceber graus de proximidade e distância em relação aos ODS e os codificamos a partir de 8 diferentes balizadores, sendo estes: **ação pessoal; ação de outros; ação institucional; acesso; afetos; conhecimento; importância; vontade** (Figura 8). Tais balizadores surgiram de forma recorrente nas narrativas, ao longo de todas as etapas da pesquisa.

Em nossa codificação, começamos por identificar zonas em que os participantes se movimentavam em relação aos ODS.

Complementarmente ao primeiro recorte, obtido pela análise das respostas dos questionários⁶⁵, incorporamos as narrativas dos sentidos que os participantes atribuíam às suas movimentações entre graduações proxêmicas. Identificamos como: **Graus 0 e 1: Zona de distanciamento**. Nesta zona relatavam perceber uma baixa frequência ou intensidade do balizador identificado na intermediação de suas relações com um ODS, o que era expresso nestas graduações como um movimento de esvaziamento, diminuição, aniquilamento, ou mesmo tendendo à inexistência, negação ou anulação deste determinado balizador.

Graus 2 e 3: Zona de neutralidade e, ou, ambivalência. Quando o balizador era descrito em intensidade ou frequência de forma ainda pouco elaborada. Como dúvida, em um estágio inicial de algo, mas sem movimento, sem forças ativas atuando como aproximação ou distanciamento, ou como a percepção de que forças opostas atuam na situação, causando paralisação.

⁶⁵ Realizamos inicialmente uma análise de *clusters*, a ser detalhada no próximo tópico.

Graus 4 e 5: Zona de proximidade. O balizador relatado era vivido e percebido em alta intensidade ou frequência, podendo levar ao impulso de ações, mas, em alguns casos quando muito alavancado, também podendo levar ao caos ou paralisar o fluxo de ações. Também relatado como a possibilidade de sentir e perceber algo perdurando ao longo do tempo, de forma concreta. Algo aceito, validado em diferentes contextos e no senso comum.

Como exemplos, os dados de graduações proxêmicas foram relacionados em infográficos, associados a trechos das narrativas dos 29 participantes (Figura 9) da etapa de *Diálogos*, apresentados nas figuras e análises abaixo. Reforçamos que todos os nomes de participantes que acompanham as descrições e relatos foram substituídos para garantir a confidencialidade dos dados.

8 BALIZADORES

Pessoas descrevem diferentes balizadores nos modos de perceber aproximações e distanciamentos

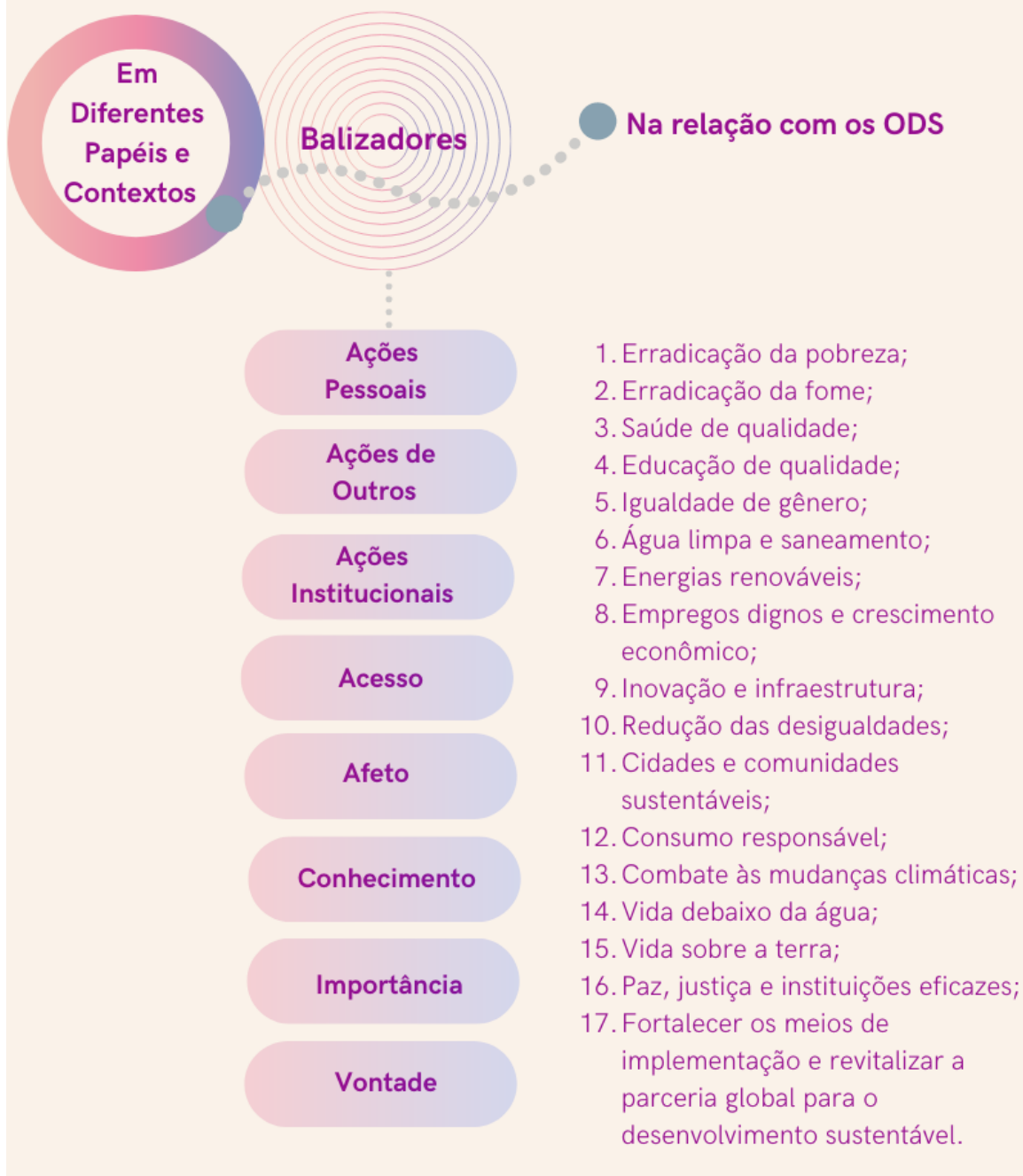


Figura 8 – Balizadores - Fonte: Autora

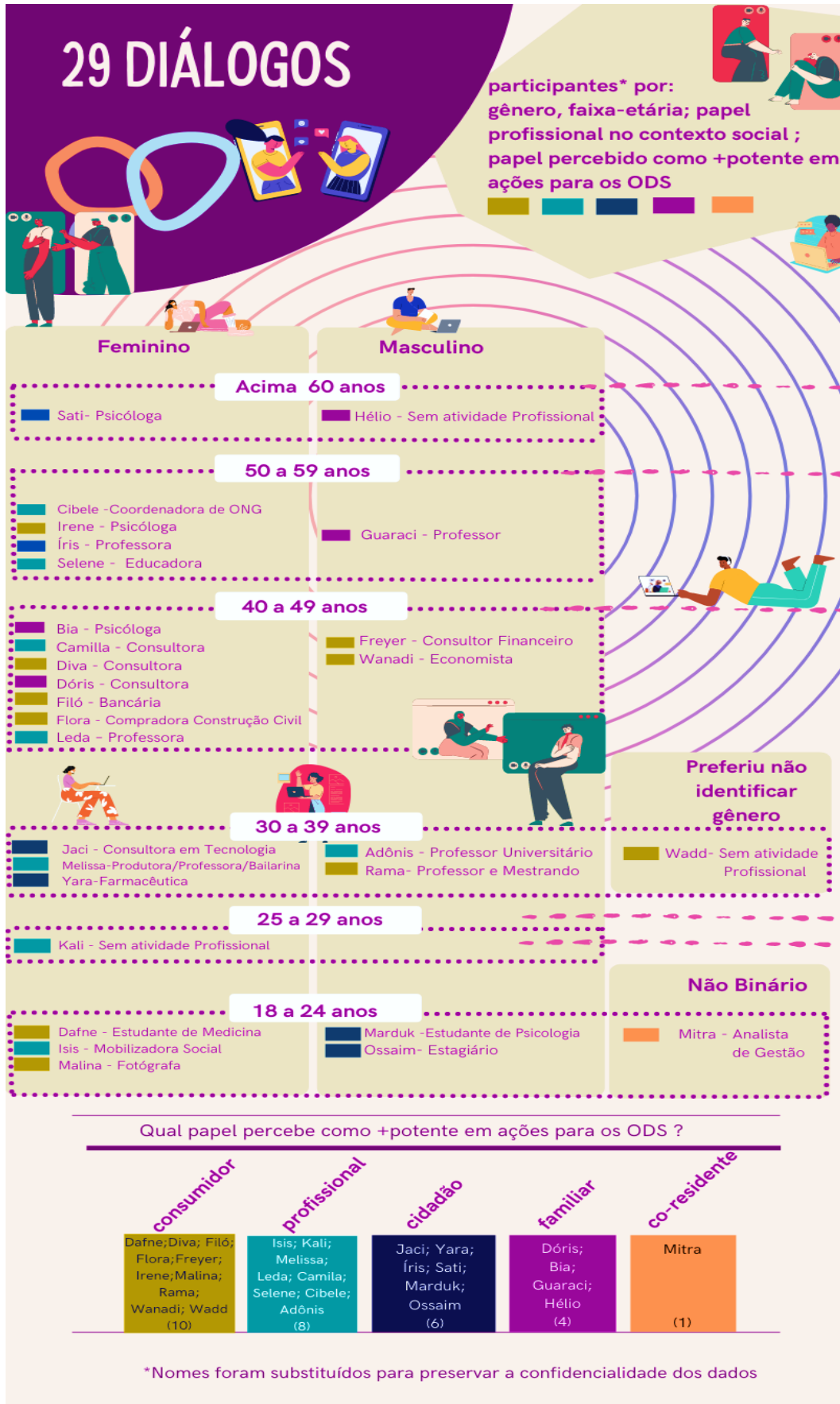
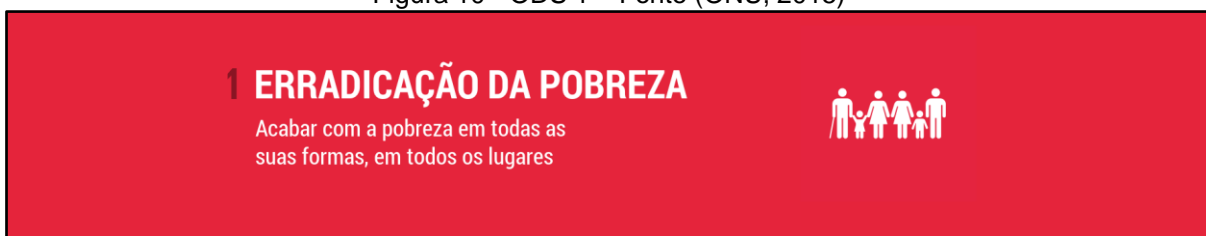


Figura 9 - Participantes dos Diálogos – Fonte: Autora

Os trechos de narrativas foram transcritos em cada uma das zonas respectivas e organizados por ODS, na sequência que segue.

Nesta sequência, as figuras relativas a cada ODS, demonstram em ordem decrescente a zona ocupada com maior frequência aparecendo no topo, seguida da zona que aparece em segundo lugar, e por último a zona menos frequente no grupo de 265 participantes. Os percentuais relativos a cada uma destas zonas foram posicionados ao lado de ponteiros indicativos: ponteiros à esquerda (distanciamento); ao meio (neutralidade/ambivalência), à direita (proximidade). Em cada uma destas zonas, colocamos os exemplos de narrativas dos participantes das etapas de *Diálogos*, com trechos que expressam em cada grau, de 0 a 5, os sentidos que os participantes deram ao se expressarem naquelas posições:

Figura 10 - ODS 1 – Fonte (ONU, 2015)



Da amostra de 265 participantes, em relação ao ODS 1 obtivemos maior concentração de respostas de pessoas percebendo este Objetivo entre os graus mais distantes, 0 ou 1 (42%). As graduações nos pontos médios, em 2 ou 3, totalizaram (39%), com frequência maior de participantes que escolheram o grau 2 (21%), reforçando a inclinação para maior percepção de distância relativa a este ODS no grupo em geral. Apenas (20%) dos participantes indicaram perceber este ODS em graus de maior proximidade, como 4 ou 5.


Em síntese, uma hierarquia de frequência para este ODS manifestou-se na seguinte sequência:

1^o zona de distanciamento: 41,5 %;

2^o zona de neutralidade/ambivalência: 38,8% e;

3^o zona de proximidade: 19,5 %.

Quadro 4 - ODS 1 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

		
Grau	Frequência	%
0	53	20
1	57	21,5
2	56	21,1
3	47	17,7
4	24	9
5	28	10,5
Total	265	100

Ao mergulhar em trechos dos *Diálogos*, destacamos na Figura 11, Marduk em seu primeiro momento na pesquisa. Ele comentou que ao se perceber totalmente distante do ODS1, sentiu certa preocupação em se posicionar em zero e “ficar meio fora” do que fosse esperado.

No preenchimento do questionário MAP-ODS1, tanto Marduk, como outros participantes, descreveram percebendo-se em um momento reflexivo permeado por sentimentos por vezes de potência, ora de impotência. Assim como Marduk, diferentes participantes assinalaram a necessidade de alinhar suas percepções e graduações com as de outras pessoas. Sati, por exemplo, relatou em nosso *Diálogo* que conversou com o marido enquanto preenchia seu questionário e Guaraci com a esposa, além também de Guaraci e Melissa escreverem mensagens para o canal aberto para dúvidas, antes de iniciarem o procedimento. Ambos quiseram certificar-se que estavam utilizando os critérios adequados em seus preenchimentos. Orientamos a ambos que os critérios poderiam ser definidos por eles próprios⁶⁶, não havendo uma diretriz do que seria certo ou errado neste ponto. Também elucidamos que justamente esta jornada, sobre como havia sido criarem seus próprios critérios, que seria um dos focos do nosso *Diálogo*, na etapa subsequente.

Pudemos constatar, nestes movimentos iniciais, a necessidade das pessoas de compartilharem suas percepções, revendo não apenas graduações, mas os critérios que estavam utilizando, suas emoções e tudo o mais que emergia neste processo. Algo que, conforme dito acima, contemplamos nas etapas subsequentes,

⁶⁶ Moreno (1992, 2020) diferenciou em seus métodos o que eram testes sociométricos e perguntas sociométricas. Em nosso caso, o instrumentos que usamos não configuraram um teste sociométrico, onde se estabelecem os critérios previamente. Atuamos com perguntas sociométricas e, desta forma, as pessoas poderiam estabelecer seus próprios critérios, o que foi o foco de nossa investigação.

quando *Dialogamos* nas sessões bipessoais e depois nos encontros, *Cocriando em Grupo*. Estas etapas mais interativas, com outras pessoas, foram todas avaliadas pelos participantes como mais significativas aos seus processos de reflexão, enquanto as etapas em que os participantes executaram atividades sem se relacionar com outras pessoas foram avaliadas como menos contributivas. Na etapa final da pesquisa, que chamamos de *Levantando as Cortinas: Ação!*, compilamos e apresentamos mais indicadores destes dados.

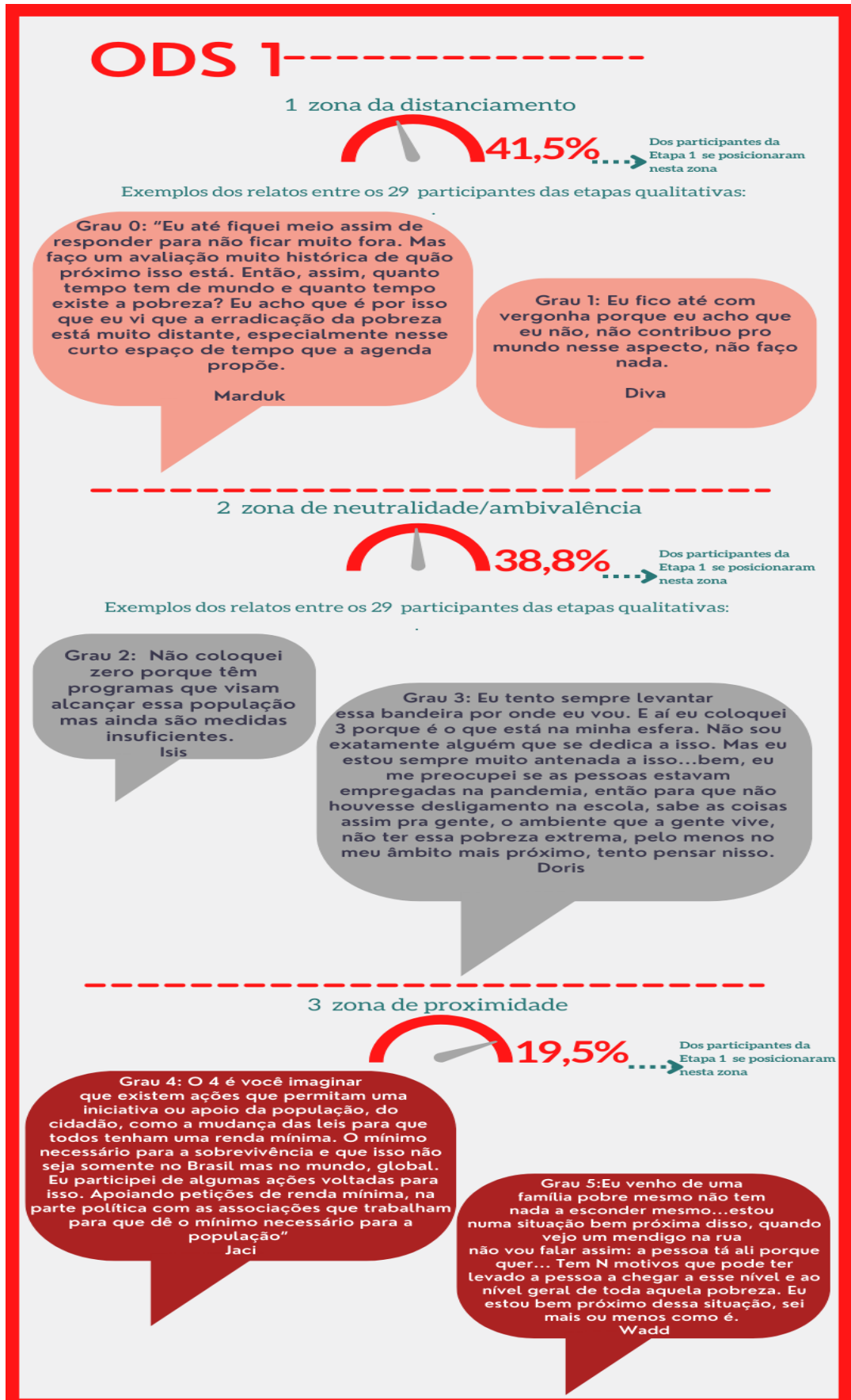


Figura 11 - ODS1 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Na fala de Marduk podemos notar a **dimensão temporal** como um aspecto estruturante da descrição de sua percepção. Ele descreve, em conjunto com a temporalidade, a necessidade de se manter balizado em suas percepções a partir da **alteridade**, ou seja, de se balizar a partir daquilo que outros também se balizam.

Já ao analisarmos a fala de Diva, percebemos um balizamento diferente, vinculado à frequência de **ações pessoais** que ela se percebe realizando e seus **impactos** nas questões enfocadas por este ODS1. A **vergonha** é descrita, juntamente com a **culpa** por não contribuir neste aspecto. Este foi um processo recorrentemente descrito por outros participantes, nos *Diálogos* e *Cocriando em Grupo*: perceberem-se com vergonha ou culpa.

No caso de Diva, ela apresenta também seu conflito considerando outro balizador, o de **importância**. Ao mesmo tempo que ela atribui valor ao tema da erradicação da fome, ela não se vê atuando a este favor.

Nas narrativas, além deste exemplo de Diva, outros participantes relataram apaziguarem conflitos entre diferentes balizadores expressando-se na zona neutra, ou de ambivalência, como no caso de Doris, com graduação proxêmica indicada em 3. Ela se reconhece atuando em relação à minimização da fome, balizada por suas **ações pessoais**, mas, por outro lado, tem dúvidas se sua **escala** de impacto é suficiente. Entendemos ao longo de nossas análises, com os 29 participantes dos *Diálogos* que a questão da escala é uma problemática transversal na relação com os ODS.

Ainda sobre o balizador de **importância**, Wadd traz outra tônica, posicionando-se na zona de proximidade a partir do grau máximo, 5. Para ele, ter vivido muito perto da pobreza o faz entender o quão importante é este tema. Ao mesmo tempo em que se baliza com outro aspecto que é o do **conhecimento** a partir do vivido. Em seu entendimento, conhecer a realidade da pobreza o faz perceber-se tão perto deste ODS a ponto, inclusive, de poder compreender suas nuances e complexidades, não julgando, como ele diz, aqueles que estão nesta condição.

Por fim, Isis e Jaci incorporam outro elemento como exemplo de critérios utilizados, que é o de se balizarem pela existência, eficiência e quantidade de políticas públicas e **ações institucionais** promovidas pelo governo voltadas a este ODS. Jaci inclui a este olhar suas próprias **ações pessoais**, também realizadas neste sentido, formulando seu grau proxêmico neste ODS, a partir da junção destes dois itens.

Figura 12 - ODS 2 – Fonte (ONU, 2015)



Quanto ao ODS 2, ocorreu maior frequência de respostas entre os 265 participantes graduadas entre 2 e 3 (45,3) %, compondo uma zona mais frequente neutra ou ambígua, com destaque à pontuação em 2 (26,4%). Soma-se a isto que (32,1%) das respostas sugeriram percepção de maior distância, com graduação entre 0 e 1. Neste ODS, as indicações de graduações de proximidade, localizadas nos graus 4 e 5, foram as menos frequentes (22,6%). Nas narrativas dos participantes este ODS foi fortemente associado ao ODS 1, também percebido com maiores graus de distanciamento.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral (N=265) quanto ao ODS 2:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 45,3%;

2^o zona de distanciamento: 32,1%;

3^o zona de proximidade: 22,6%.

Quadro 5 - ODS 2 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL <small>Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável</small>		
Grau	Frequencia	%
0	27	10,2
1	58	21,9
2	70	26,4
3	50	18,9
4	30	11,3
5	30	11,3
Total	265	100,0

Os exemplos trazidos a seguir apresentam uma concentração de menções sobre outro tema transversal, manifesto na relação com os ODS e, mais intensamente, em relação ao ODS 2. Refere-se ao descrédito com as instituições e com o cenário político e governamental no Brasil, à época da pesquisa.

Mitra denominou de retrocesso este momento. Disse perceber o ambiente político como tumultuado. Muito embora tenha posicionado sua graduação em 3, por ainda existirem muitas leis que incentivam programas relacionados a este ODS, expressou ambivalência, ao destacar que embora existam leis, estão sendo extintas. Wanadi, apegando-se ao fator da fome, especificamente, posicionou-se na zona de distanciamento e atribui seu posicionamento ao fato de não perceber mais, a nível **institucional**, a existência de programas de combate à fome, enquanto evidencia indicadores de extrema pobreza crescendo.

Marduk, retomou um aspecto que já havia mencionado em suas expressões acerca do ODS 1, que é a **dimensão temporal** na qual se percebia pessimista, assim como, sobre todo o aspecto das **ações institucionais** vistas por estes três participantes: Mitra, Marduk e Wadd como inexistentes.

Filó usou como balizador a impossibilidade de ter uma **ação pessoal** relativa às suas próprias práticas de agricultura sustentável, posicionou-se na zona neutra, no grau 2, enquanto Doris, assim como o fez em sua descrição sobre o ODS 1, também se balizou a partir deste mesmo critério: sua **ação pessoal**, também problematizando a questão sobre qual seria a escala possível em que sentia que poderia atuar.

No relato de Flora, posicionada totalmente próxima, no grau 5, o balizador do **conhecimento**, a partir daquilo que já foi vivido, foi expresso com a convicção de que este ODS é algo possível.

Importante frisar que este ODS 2 (fome zero e agricultura sustentável) foi frequentemente associado ao ODS 1 (erradicação da pobreza) e ao ODS 10 (diminuição das desigualdades) pelos participantes em suas narrativas nas etapas qualitativas. Da mesma forma, os resultados da primeira etapa, envolvendo os 265 participantes, posicionaram estes três ODS juntos, na zona de distanciamento. Assim como os ODS 11 (cidades sustentáveis), 13 (ação contra a mudança do clima); 16 (paz, justiça e instituições eficazes) e o ODS 14 (vida na água).



Figura 13 - ODS2 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 14 - ODS 3 – Fonte (ONU, 2015)



As respostas relativas ao ODS 3 no grupo de 265 participantes apontaram uma distribuição com maior tendência para as posições 2 e 3 (43,8%), na zona de neutralidade e, ou, ambivalência. Nesta zona, observamos maior inclinação para percepção de distância, com (23,4%) das respostas no grau 2. Seguiu-se a esta tendência uma segunda concentração nas posições que se referem a graus de maior proximidade 4 e 5 (32,8%) e apenas por último, (23,4%), uma parcela de participantes que se percebem mais distantes em relação a este ODS, indicando os graus 0 e 1.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 3:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 43,8%;

2^o zona de proximidade: 32,8%;

3^o zona de distanciamento: 23,4%

Quadro 6 - ODS 3 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

3 SAÚDE E BEM-ESTAR Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades		
Grau	Frequência	%
0	18	6,8
1	44	16,6
2	62	23,4
3	54	20,4
4	40	15,1
5	47	17,7
Total	265	100,0

Importante contextualizarmos que em nossa pesquisa, todos os encontros com os participantes ocorreram ao longo do período de pandemia. Vivíamos restrições de contato, isolamento social obrigatório e colapso dos sistemas de saúde em função dos altos índices de internações e óbitos. Alguns participantes foram infectados pela COVID-19, outros atravessavam tragédias pessoais, também perdiam entes queridos.

Abordar o ODS 3, que trata de saúde e bem-estar, foi um processo bastante sensível e profundo. Muitos de nossos diálogos giravam em torno de toda a incerteza, dor, medo, luto e das proporções e impactos imprevisíveis da pandemia, naquele momento e no futuro.

Selecionamos trechos abaixo, que mencionavam diretamente a pandemia, e outros que traziam diferentes temas e balizadores.

Nos exemplos ligados à pandemia, temos a fala de Mitra, que, assim como se posicionou anteriormente em outros ODS, expressou a ambivalência da situação sobre saúde. Posicionou-se no grau 3, dizendo perceber a existência do Sistema único de Saúde (SUS), que funciona de forma satisfatória, em grandes centros, mesmo no período crítico de pandemia. Mas, por outro lado, via fragilidades, por este ser um sistema pouco efetivo em muitos lugares, por falta de investimentos suficientes. Assinalamos aqui o balizador de **ações institucionais** como algo emergente e destacado em sua fala.

Na zona de distanciamento encontramos Sati, cuja expressão no grau 1 foi acompanhada de sua fala sobre perceber que não só o ODS 3, mas o 1, 2 e 3 estariam todos interligados. Esta visão de interligação entre os temas apoia um olhar sistêmico, trazido por alguns participantes, que pode corroborar a criação de novas formas de se relacionar com o todo e, também, numa visão ampla e crítica dos fatos, menos romantizada. Por outro lado, o fato de perceber as interligações é vivenciado e descrito por quem o relatou, também como um fator de angústia, uma vez que engloba uma noção de que se algo não vai bem, nesta corrente de elementos conectados entre si, todos os elementos desta mesma corrente se mantêm, de forma paralisante, sem alternativas de outros movimentos. Os fatores estruturais e as **ações institucionais** nesta concepção são bastante centrais.

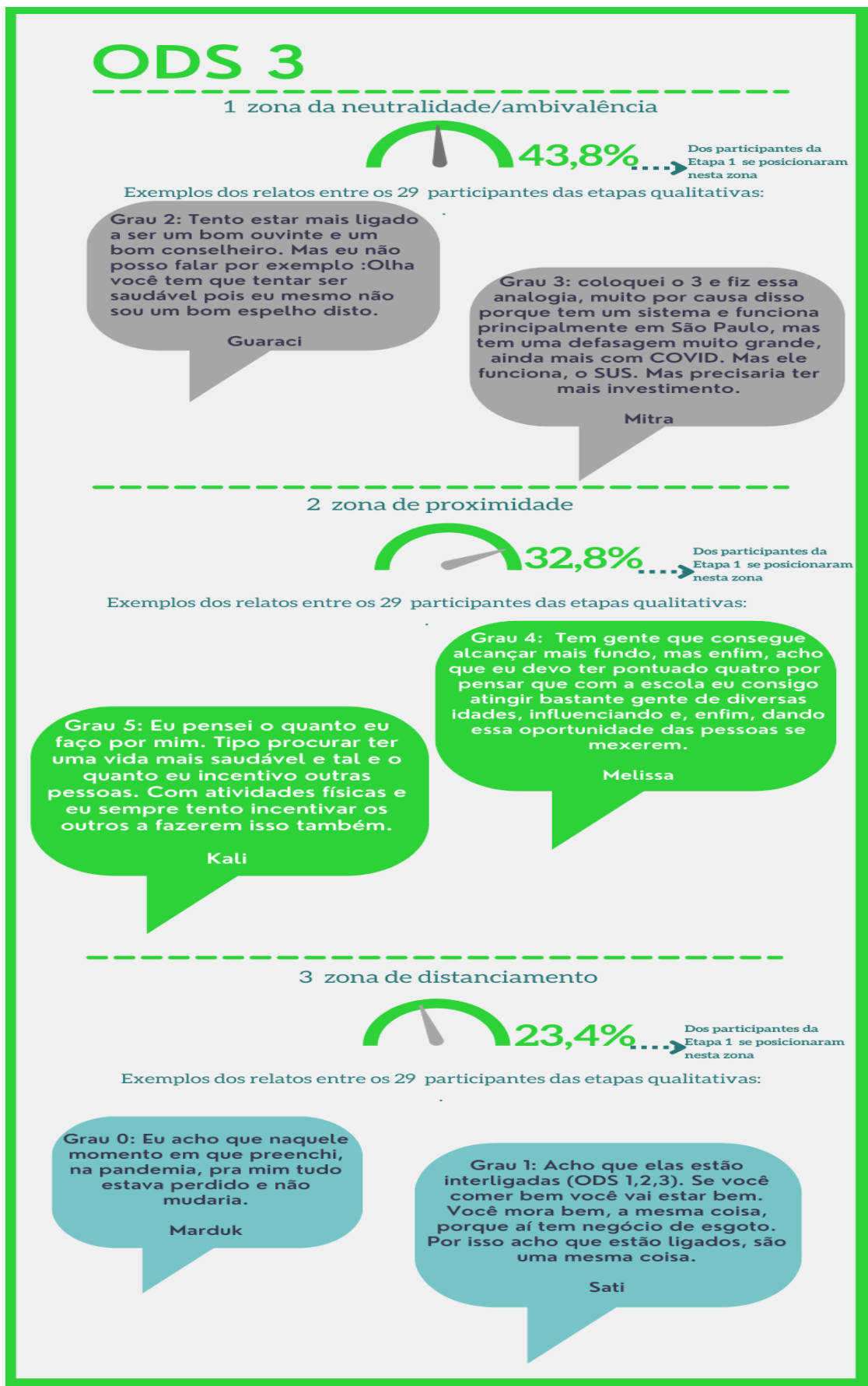


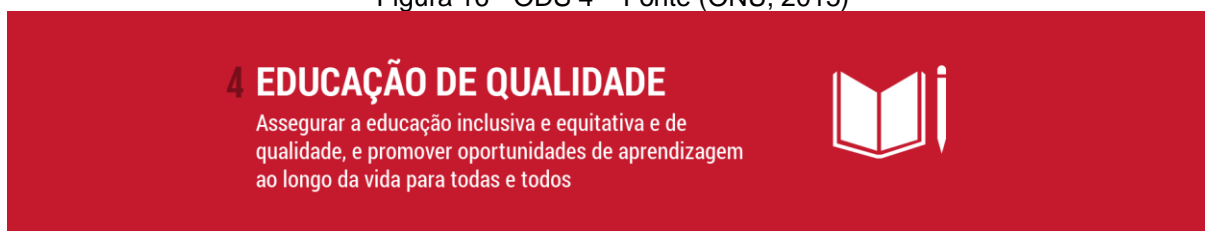
Figura 15 - ODS 3 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Também na zona de distanciamento ao ODS 3, trazemos o exemplo de Marduk, o qual expressou uma graduação totalmente distante em zero e desabafou que nos momentos do ápice da pandemia não via alternativas. Neste trecho transcrito na Figura 15, ele não manifesta de forma clara o que o balizava nesta posição, ou que elementos permeavam sua experiência. Em nosso Diálogo, nos aprofundamos neste processo, também desvelamos o quanto seu descrédito no campo de ações institucionais predominava em sua vivência. Seu posicionamento se assemelhava ao de Mitra, reforçando o quanto o fato de perceber a força do SUS, o ajudava a criar outras formas de ver a situação, embora estivesse desesperançoso naquele momento.

Numa outra vertente, encontramos Guaraci, Kali e Melissa enfatizando as ações pessoais como o elemento balizador central de suas posições.

No Quadro Geral dos Resultados, extraído dos apontamentos dos 265 participantes, o ODS 3 é um dos que aparenta maiores indicações à zona de proximidade, muito embora ainda predominassem, no computo geral, maiores graduações de neutralidade e, ou, ambivalência.

Figura 16 - ODS 4 – Fonte (ONU, 2015)



As pontuações relativas ao ODS 4, para os 265 participantes iniciais, oscilaram com concentrações mais significativas no intervalo entre as graduações 2 e 3 (40,8%), o que por nós é interpretado como inclinação para neutralidade e, ou, ambivalência, com concentração maior no grau 2 (23,4%). Seguiu-se a esta inclinação um contingente de pessoas que percebeu este ODS entre as graduações 4 e 5, relacionadas a percepção de proximidade (33,2%). Por fim, (26,1%) dos participantes graduaram suas percepções entre 0 e 1, indicando distância.


Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 4:

1^o zona da neutralidade/ambivalência: 40,8%;

2^o zona de proximidade: 33,2%;

3^o zona de distanciamento: 26,1%.

Quadro 7 - ODS 4 - Frequência de Graduações Proxêmicas – Fonte: Autora

		
Grau	Frequência	%
0	14	5,3
1	55	20,8
2	62	23,4
3	46	17,4
4	35	13,2
5	53	20,0
Total	265	100,0

Este ODS ocupou uma posição de destaque positivo ao longo dos *Diálogos*. Foi descrito frequentemente como o impulsionador de todos os outros ODS, principalmente considerando-se a perspectiva de longo prazo.

Na fala de Flora (Figura 17) ela indica que embora não participe muito de questões ligadas à educação, balizou-se em 2 por considerar ter pouco **conhecimento**. Ela também vê como “mais ou menos” a educação no Brasil, estando num movimento entre neutra e ambivalente, porém inclinada à zona de distanciamento. Diz estar desapontada, dada a importância da Educação para todos os outros ODS.

Para Dafne o elemento ressaltado é o de que as pessoas não priorizam isso, enquanto ela queria que dessem **importância**. Este é seu balizador principal neste caso.

Na zona de proximidade Adonis e Leda permitiram-se, no papel de professores, situaram-se próximos deste ODS, com todas as contradições e limitações inerentes a este lugar narradas por eles. Adonis colocou-se olhando para si e escutando os outros, num exercício também de alteridade. A **ação pessoal** foi o balizador chave indicado por ambos.

Na zona de distanciamento Iris destacou a pandemia como mais um limitador para a educação, e assim como Freyr, que se balizou na falta de **ações institucionais** neste contexto.

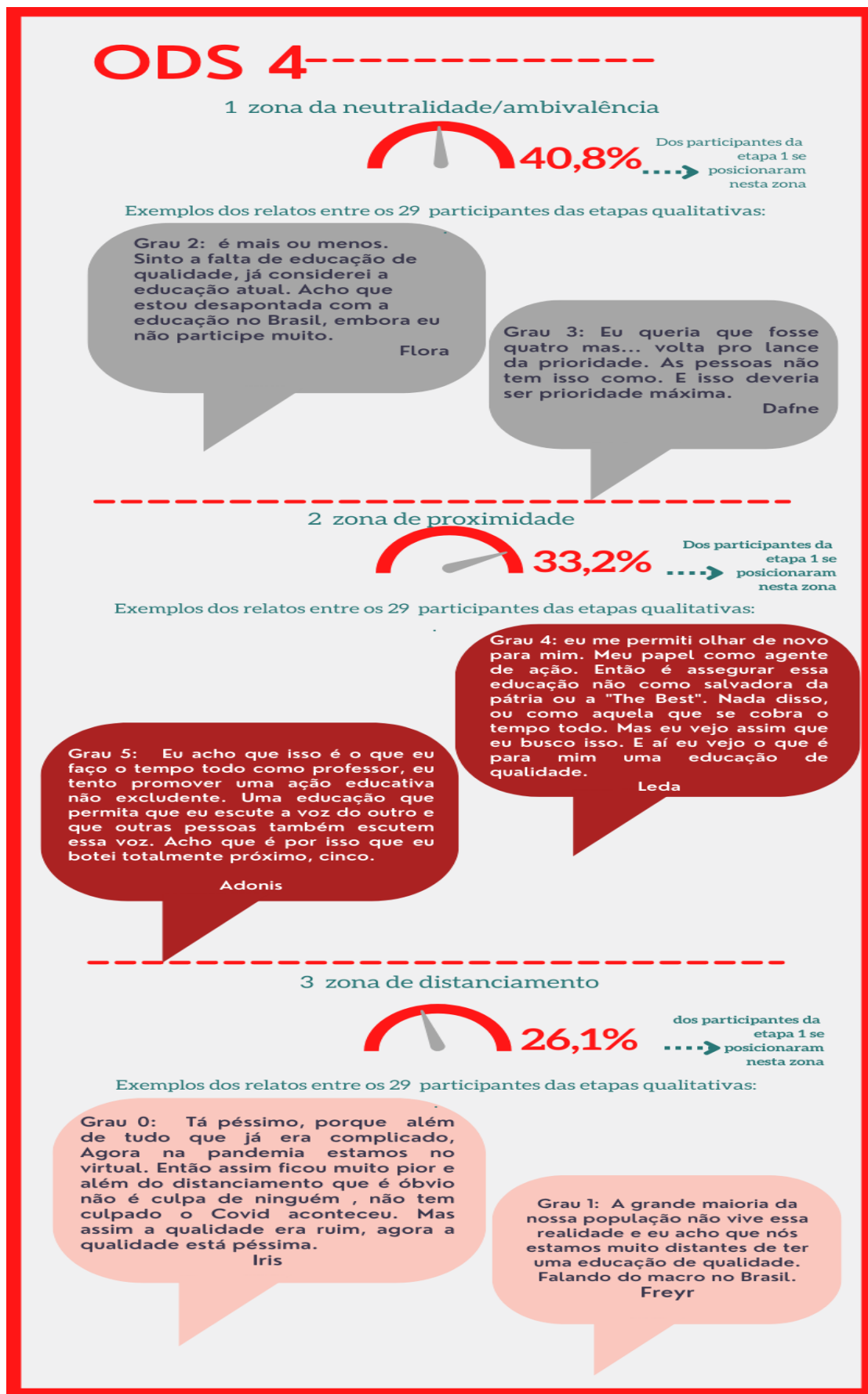
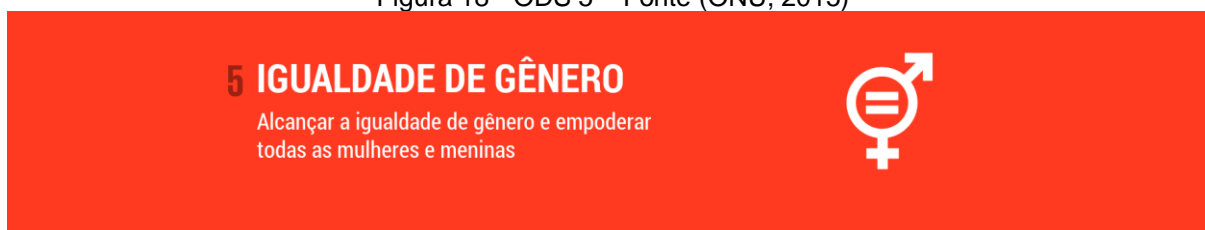


Figura 17 ODS 4 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 18 - ODS 5 – Fonte (ONU, 2015)



O ODS 5, que trata da igualdade de gênero, foi o que teve maior concentração de pessoas indicando perceber o tema com proximidade, expressos nos graus 4 e 5 (38,2%). No computo geral, a pontuação indicando neutralidade e, ou ambivalência nos graus 2 e 3, somam a maior frequência relativa a este ODS (40,3%), sendo mais forte o posicionamento no grau 3 (22,6%), o que reforça a tendência em direção à proximidade. Quanto aos participantes que perceberam este ODS com graduações indicando distância somam-se (21,5%), um dos contingentes mais baixos quanto aos índices de distância.

Entre os participantes do grupo da etapa inicial, percebemos este ODS aglutinando, concomitantemente, os mais altos índices de percepção de proximidade, ao mesmo tempo que convergiu os índices mais baixos relativos à percepção de distância. Comparativamente, apenas o ODS 9 obteve menores indicadores de percepção de distância.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 5:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 40,3%;

2^o zona de proximidade: 38,2%;

3^o zona de distanciamento: 21, 5%.

Quadro 8 - ODS 5 - Frequência de Graduações Proxêmicas – Fonte: Autora

5 IGUALDADE DE GÊNERO Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas		
Grau	Frequência	%
0	14	5,3
1	43	16,2
2	47	17,7
3	60	22,6
4	46	17,4
5	55	20,8
Total	265	100,0

Nas narrativas que destacamos nos *Diálogos*, vemos Wanadi e Irene (Figura 19) na zona entre as graduações 2 e 3, onde expressaram a ambivalência sobre a existência de **ações institucionais**, tanto nos âmbitos governamentais como judiciários. Ao mesmo tempo, percebiam tais ações como discrepantes, insuficientes ou até mesmo voltadas a promover a desigualdade de gênero. Wanadi descreveu que percebia os processos institucionais, voltados à igualdade de gênero, como assustadores e entendia o acontecimento da pandemia como uma força que pressionou a revisão, de certa forma, do que vinha ocorrendo. Irene reconheceu a força da mídia e das próprias mulheres como vetores de resistência aos abusos, porém, sentia falta de mais rigor em políticas públicas.

Bia, posicionada no grau 4, na zona de proximidade, disse sentir algo acontecendo. Relatou um movimento no qual identificava sua própria ação pessoal em direcionar atenção a isso, ao mesmo tempo em que percebia ação de outras pessoas, lutando por esta causa.

Jaci expressou o quanto tem conhecimento do que é viver na pele essa emoção, de ser discriminada por questões de gênero, colocando-se no grau máximo, 5, por ter experiências diárias desta natureza.

Camila e Yara, na zona de distanciamento, descreveram balizadores distintos. Camila relatou suas tentativas de ações pessoais sentindo que sempre poderia estar fazendo mais e retomando a questão da culpa. Yara deflagrou a ação de outras pessoas na constituição de uma sociedade preconceituosa e violenta, assinalando em outras falas, ao longo de nosso diálogo, sentir os traços de uma ação institucional omissa, ou até convergente com a manutenção deste status quo.

Ressaltamos que no ODS 5, não tivemos Diálogos com pessoas que tenham graduado em zero seu posicionamento. No panorama geral, de 265 participantes, tivemos baixa frequência de graduação 0 neste ODS, apenas 14 participantes, uma das menores incidências. Este mesmo patamar foi obtido apenas pelos ODS 4 (Educação de qualidade) e 17 (parcerias e meios de implementação). Apenas para efeito comparativo, no outro polo, o ODS 1, percebido com os maiores indicadores de distanciamento, teve 53 participantes localizados no grau 0.

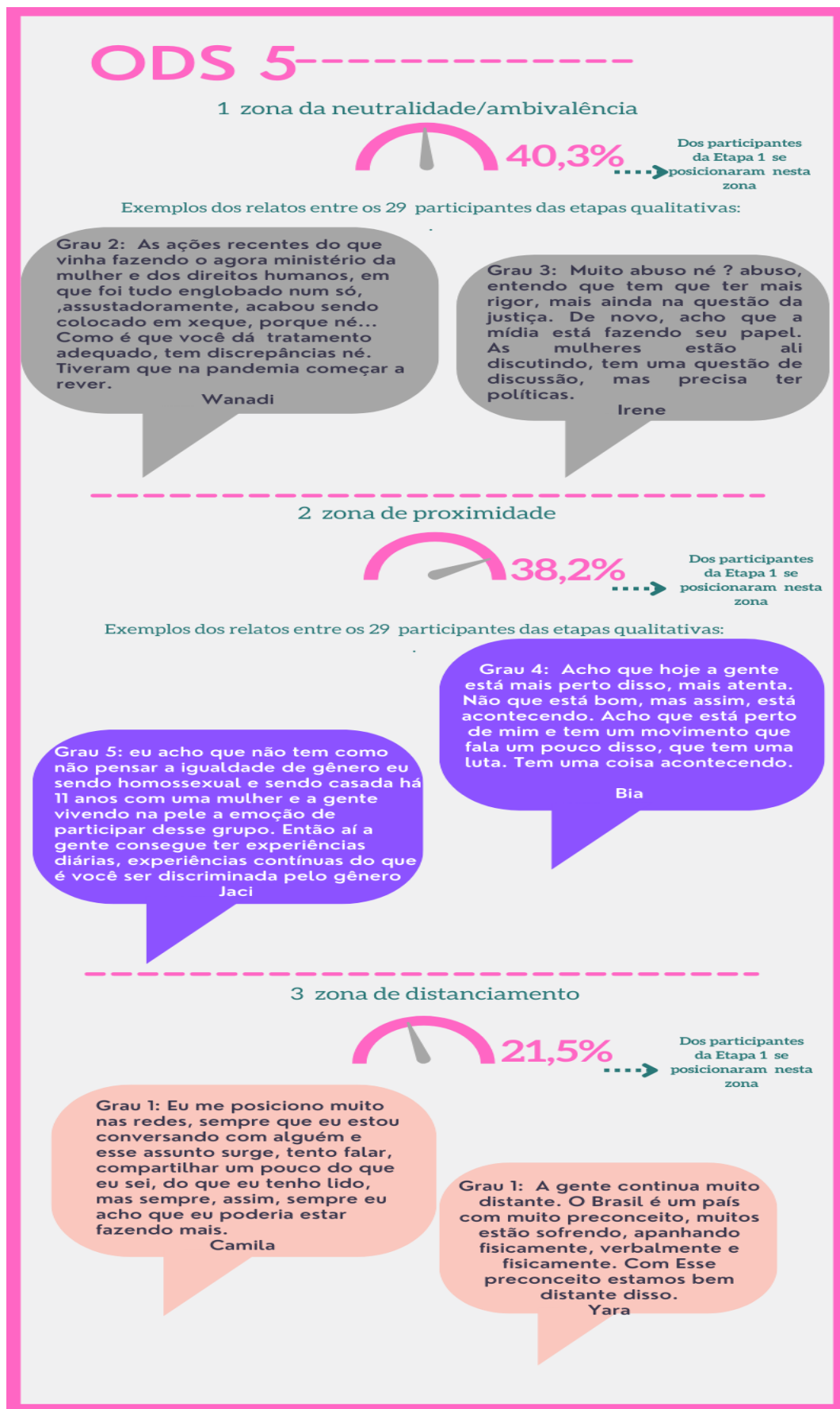
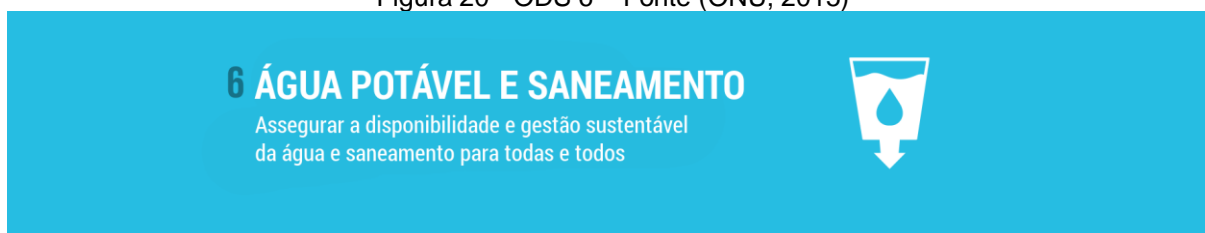


Figura 19 - ODS 5 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 20 - ODS 6 – Fonte (ONU, 2015)



No ODS 6, que versa sobre água potável e saneamento, a indicação dos graus 2 e 3, interpretados como neutralidade e, ou, ambiguidade, concentrou grande parte da amostra de 265 participantes, totalizando nestas pontuações (45,3 %) das respostas. O grau 2 recebeu a maior frequência de respostas (25,7%). Observamos que um segundo patamar da amostra (29,8%), informou perceber este ODS com graus de proximidade 4 e 5, enquanto um menor número (24,9%) referiu-se a este ODS com graus de maior distanciamento, posicionando-se entre 0 e 1.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 6:

- 1^o zona de neutralidade/ambivalência: 45,3%;
- 2^o zona de proximidade: 29,8%;
- 3^o zona de distanciamento: 24,9%.

Quadro 9 - ODS 6 – Frequência de Graduações – Fonte: Autora

6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos		
Grau	Frequência	%
0	15	5,7
1	51	19,2
2	68	25,7
3	52	19,6
4	34	12,8
5	45	17,0
Total	265	100,0

Nos *Diálogos*, a fala de Rama (Figura 21), como alguém que tem **conhecimento** do assunto água e saneamento, no papel de técnico, englobou sua percepção de estarmos distantes do que seria um grau de eficiência adequado a estes serviços para a população. Seu posicionamento em 2 carregou um limiar entre a zona neutra e a inclinação ao distanciamento. Rama nos fez também recobrar, em seu

modo de se expressar, a questão de papéis, uma vez que ao longo de todo nosso diálogo criava e descrevia duas régua paralelas: uma posicionando a si próprio como pesquisador de temas ambientais, e a outra régua relativa a seus outros papéis. No caso deste exemplo específico, ele ressaltou que no papel de morador de uma residência se perceberia numa graduação mais próxima e diferente de 2. Também nos abriu em suas narrativas a perspectiva de um outro balizador que identificamos como “**acesso**”. Neste modo de perceber via acesso, as pessoas incutem em seus posicionamentos o grau de acesso para si próprios, de seu átomo social, ou mesmo das pessoas em geral ao objeto em questão, neste caso água potável e saneamento. Há também falas sobre acesso vinculado à dimensão de tempo, como exemplo, no futuro já não teremos mais acesso a isto.

Ossaim, localizado na mesma zona referiu-se, assim como Rama, a seu **conhecimento** ao se balizar.

Na zona de proximidade, Jaci balizou-se pela questão do acesso, em conjunto com a **importância** que percebe sobre este tema. Posicionou-se em 4, expressando-se como bastante próxima deste ODS. Ela também trouxe em suas narrativas suas ações pessoais na comunidade.

Flora totalmente próxima, no grau 5, considerou o grau de importância do ODS 6 ao se balizar. Assim como Jaci, Flora associou estes dois elementos: **acesso** e **importância** em suas narrativas. Nas narrativas de Flora, em outras passagens que não transcrevemos aqui, ela invoca todo o movimento de seus afetos, na relação com os ODS. De forma essencial ela desvela-se sentindo afetada por todo e qualquer tema, de cada ODS. Em termos de afetos tristes e alegres.

Yara e Selene se colocaram na zona de distanciamento utilizando este mesmo balizador: o **acesso**. Porém, principalmente na fala de Yara, explicita-se uma associação diferente da que fizeram Flora e Jaci. Ela associou o acesso em conjunto com as **ações institucionais** que observava neste sentido, e, nesta configuração, a percepção de distância foi a que então vigorou.

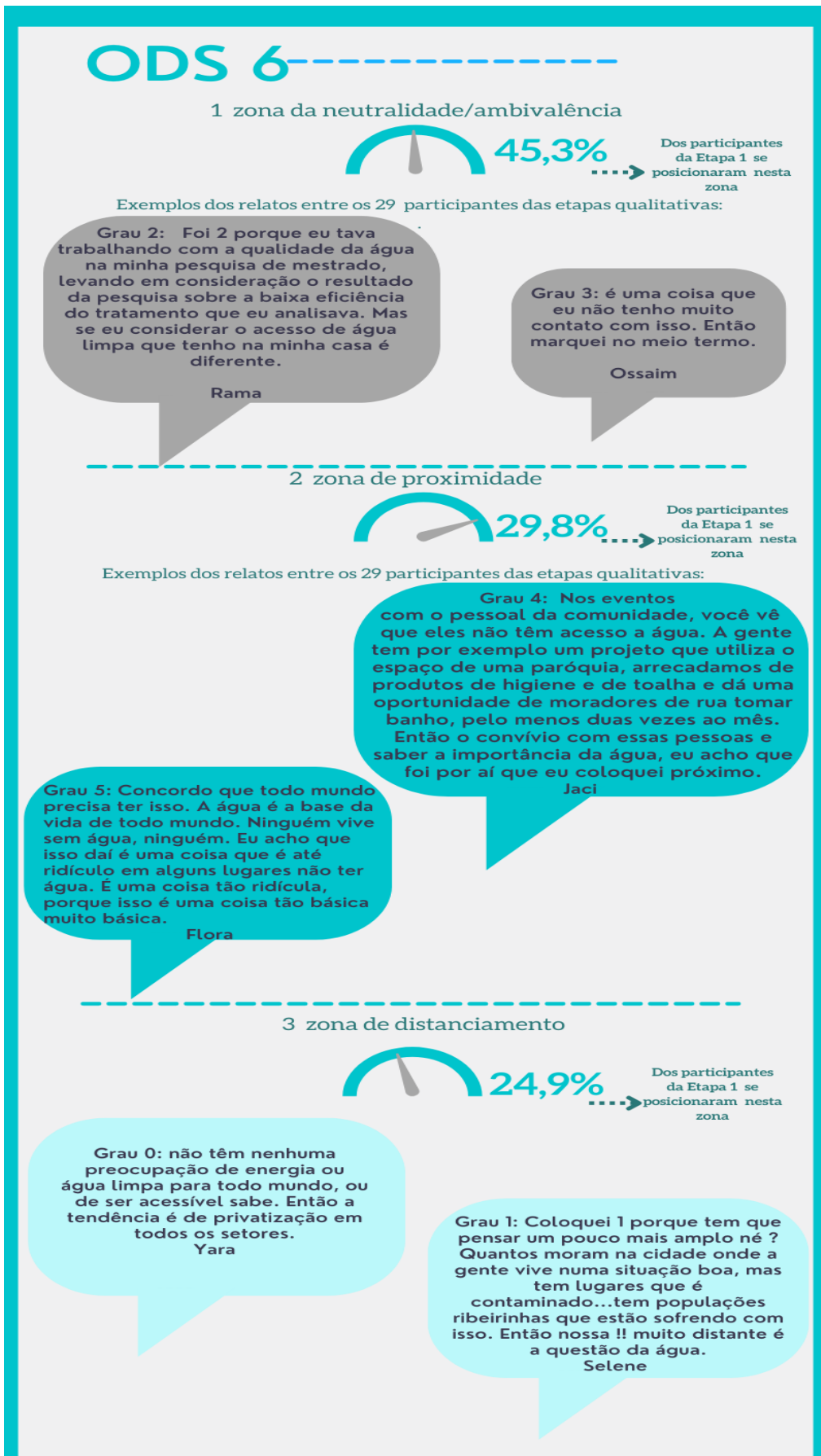


Figura 21 - ODS 6 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 22 - ODS 7 – Fonte (ONU, 2015)



No ODS 7 a frequência de respostas entre 2 e 3 constituiu também o panorama mais representativo no grupo de 265 participantes, totalizando (48,7%) com respostas no que chamamos de zona neutra ou ambígua, com pontuação mais acentuada no grau 2 (25,7%). A distribuição de frequências nos graus mais ligados à percepção de distância, graus 0 e 1 computaram (26,1%), e, por último, apresentaram-se as frequências de percepção de proximidade, 4 e 5, com um percentual de (25,4%).

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 7:

- 1^o zona de neutralidade/ambivalência: 48,7%;
- 2^o zona de distanciamento: 26,1%;
- 3^o zona de proximidade: 25,4%.

Quadro 10 - ODS 7- Frequência de Graduações – Fonte: Autora

7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos		
Grau	Frequência	%
0	32	12,1
1	37	14,0
2	68	25,7
3	61	23,0
4	33	12,5
5	34	12,8
Total	265	100,0

Muitos participantes percorreram caminhos parecidos nas narrativas de suas percepções relativas aos ODS 6 e ODS 7. Rama (Figura 23), assim como o fez quanto ao ODS 6, falou sobre o ODS 7 a partir de seu papel de pesquisador em questões ambientais, pontuando em 2 sua graduação e balizando-se no **conhecimento** que tem sobre o tema. Ao mesmo tempo, assinalou que em sua vida, como pertencente a uma certa classe social e residindo numa certa região privilegiada, pontuaria numa graduação mais alta se considerasse o **acesso** que tem a fontes de energia. Irene

também na zona de neutralidade, ou ambivalência, associa estes mesmos dois elementos em sua resposta.

Iris e Malina, na zona de distanciamento, balizaram-se pelo que percebem da **ação de outras pessoas** sobre o ODS 7. Sendo que Malina disse imaginar que deve ter alguém se dedicando a isso. Criou em sua narrativa uma imagem relacionada a seu desejo. Mesclou as fronteiras entre o que há de concreto e o que projeta “*como se*” fosse realidade, para tentar atenuar a distância que expressa sentir.

Sati ao se colocar sobre o ODS 7 mudou seu padrão de graduações. No geral, expressou-se na relação com todos os outros ODS movimentando-se entre os graus 0 e 2 e, neste caso, no ODS 7 balizou-se pela ação de outra pessoa próxima, seu marido, e percebeu-se no grau 4. Associou também sua percepção ao que vê de importância dada ao tema. No momento que dialogávamos com ela comentou perceber que este era um dos únicos ODS que sentia mais próximo, dizendo ter tido um insight sobre o que a estava fazendo sentir isso. Cibele também se balizou pela importância para se posicionar no grau 5.

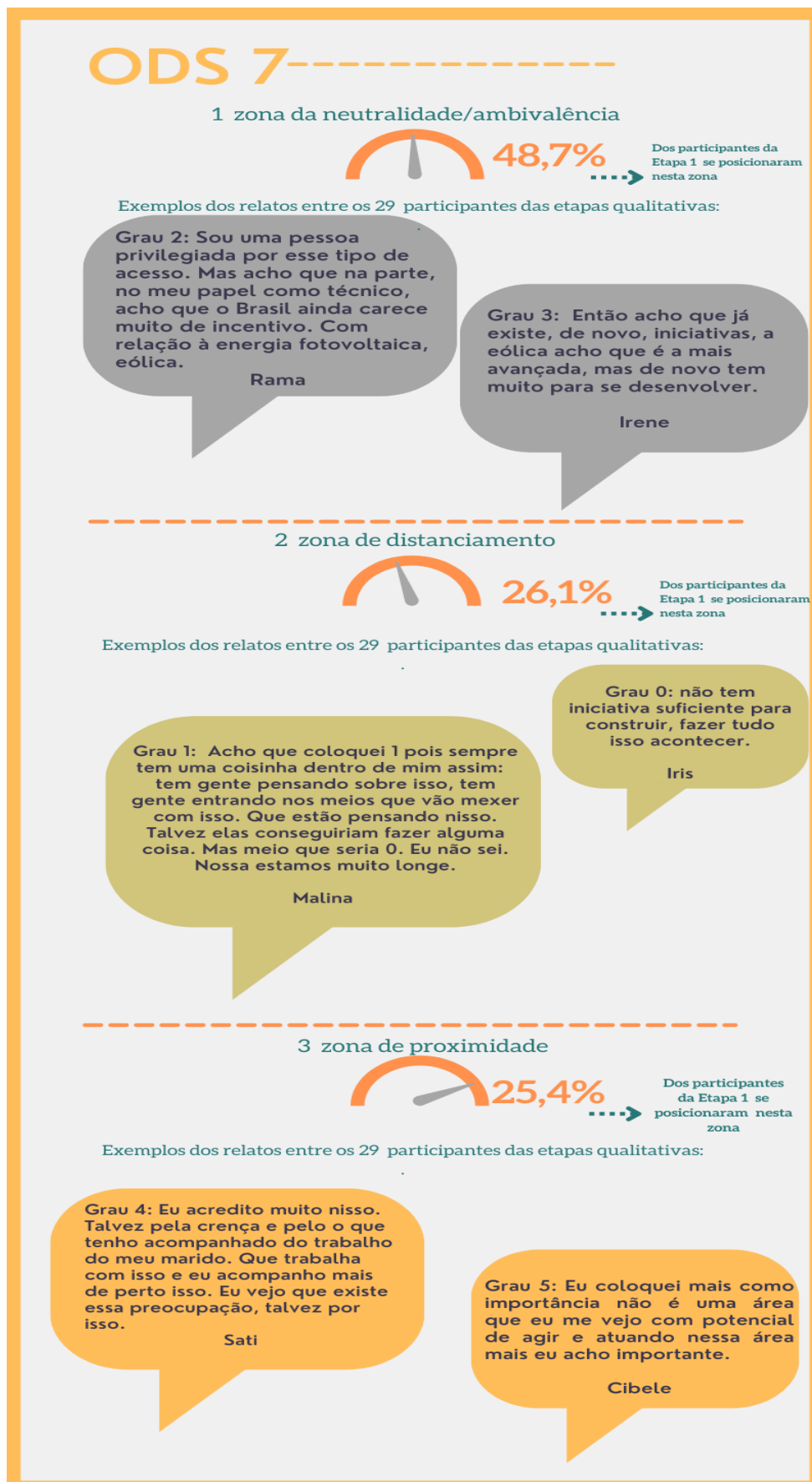
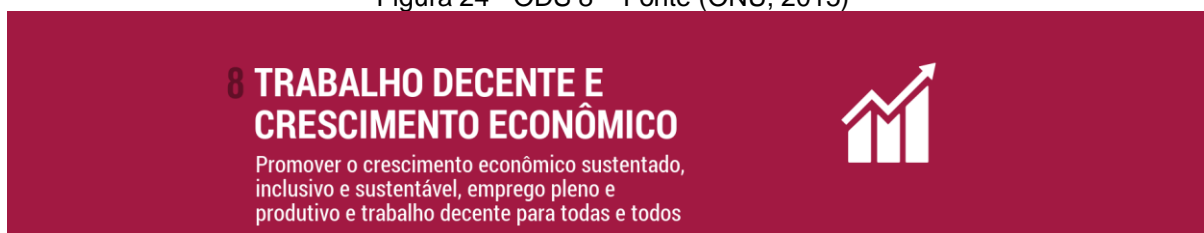


Figura 23 - ODS 7 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 24 - ODS 8 – Fonte (ONU, 2015)



No ODS 8, os graus 2 e 3, interpretados como neutralidade e, ou, ambiguidade, totalizaram grande parte da amostra (44,5 %), entre os 265 participantes. O grau 2 recebeu a maior frequência de respostas (26 %). Observamos que (31,7%) informaram perceber este ODS com graus de proximidade 4 e 5, enquanto um menor número (23,7%) referiu-se a este ODS com graus de maior distanciamento, posicionando-se entre 0 e 1.


Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 8:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 44,5%;

2^o zona de proximidade: 31,7%;

3^o zona de distanciamento: 23, 7%.

Quadro 11 - ODS 8 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO <small>Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos</small> 		
Grau	Frequência	%
0	16	6,0
1	47	17,7
2	69	26,0
3	49	18,5
4	37	14,0
5	47	17,7
Total	265	100,0

De maneira geral este ODS 8 foi tratado de forma bastante sensível pelos participantes, sendo associado como um dos principais temores relativos à pandemia, dado os impactos diretos nas relações de trabalho, tanto do ponto de vista negativo: medo pela perda do emprego, impactos na renda; como pelas inovações e adaptações vivenciadas em um período extremamente curto em função da pandemia. Aspectos da vivência em teletrabalho ou *homeoffice*, foram mencionados em grande

frequência pelos participantes, tanto em seus aspectos positivos: liberdade de horários, redução de deslocamentos no trânsito, maior proximidade e convivência com a família, como em seus aspectos negativos: sobrecarga de horários, dificuldade de separação entre os âmbitos profissionais e outros papéis; conflitos com outros moradores e com a rotina no ambiente residencial.

Na Figura 25 vemos que Irene exercitou um movimento, no qual, embora se sentindo totalmente distante do ODS 8, criou um espaço para seu querer, “**como se**” essa posição abrisse possibilidades para um devir que ainda não está no plano do real. Esta ambivalência é expressa por ela no grau 2. A seu lado, encontramos Adonis na mesma zona de ambivalência. Em seu caso, disse perceber sua **ação pessoal** como parte de um processo maior e por isso posicionou-se no grau 3, pois a outra parte deste processo dependeria da **ação de outras pessoas**.

Na zona de proximidade, Melissa expressou seu grau de proximidade em 4, balizando-se por sua **ação pessoal**, gerindo seu pequeno negócio e nas relações de emprego que estabelece com quem contrata. Cibele posicionou-se no 5, balizando-se pelo grau de **importância** que percebe no tema. Também ressentindo-se por não poder, no papel profissional, ter ações pessoais voltadas a uma contribuição mais ampla à sociedade. Essa relação entre a percepção de algo ser muito importante, ao mesmo tempo, em que não se sente possibilidades para agir na direção requerida, com o impacto ou escala necessários, é um processo que recorrentemente foi trazido pelos participantes acompanhado de expressões como frustração, impotência, desânimo e tristeza.

Yara, na zona de distanciamento, colocou as questões relativas à pandemia, como de grande impacto negativo ao emprego e ao crescimento econômico. Complementou, ressaltando as **ações institucionais** do governo na pandemia, como uma tendência que para ela já era nítida nesta gestão governamental, uma vez que não se ocupam deste objetivo de promover trabalho decente e o crescimento econômico. Dessa forma, percebeu este ODS como totalmente distante.

Por fim, Sati trouxe sua narrativa a partir da posição de totalmente distante. Sintetiza em sua fala o quão irreal considera os ODS: uma fantasia como história da “Carochinha”. Esta posição nos faz retomar o que mencionamos no primeiro capítulo, sobre a assunção e abordagem da Agenda 2030 como uma realidade suplementar, e não um conjunto de metas a serem objetivamente atendidas em menos de uma década. Discutiremos mais adiante este ponto, pois ele também foi transversal ao

longo de toda a pesquisa. O paradoxo do discurso da Agenda 2030 é soar como algo pragmático e realista, ao mesmo tempo em que é percebida como algo impraticável e irreal ou sonho.

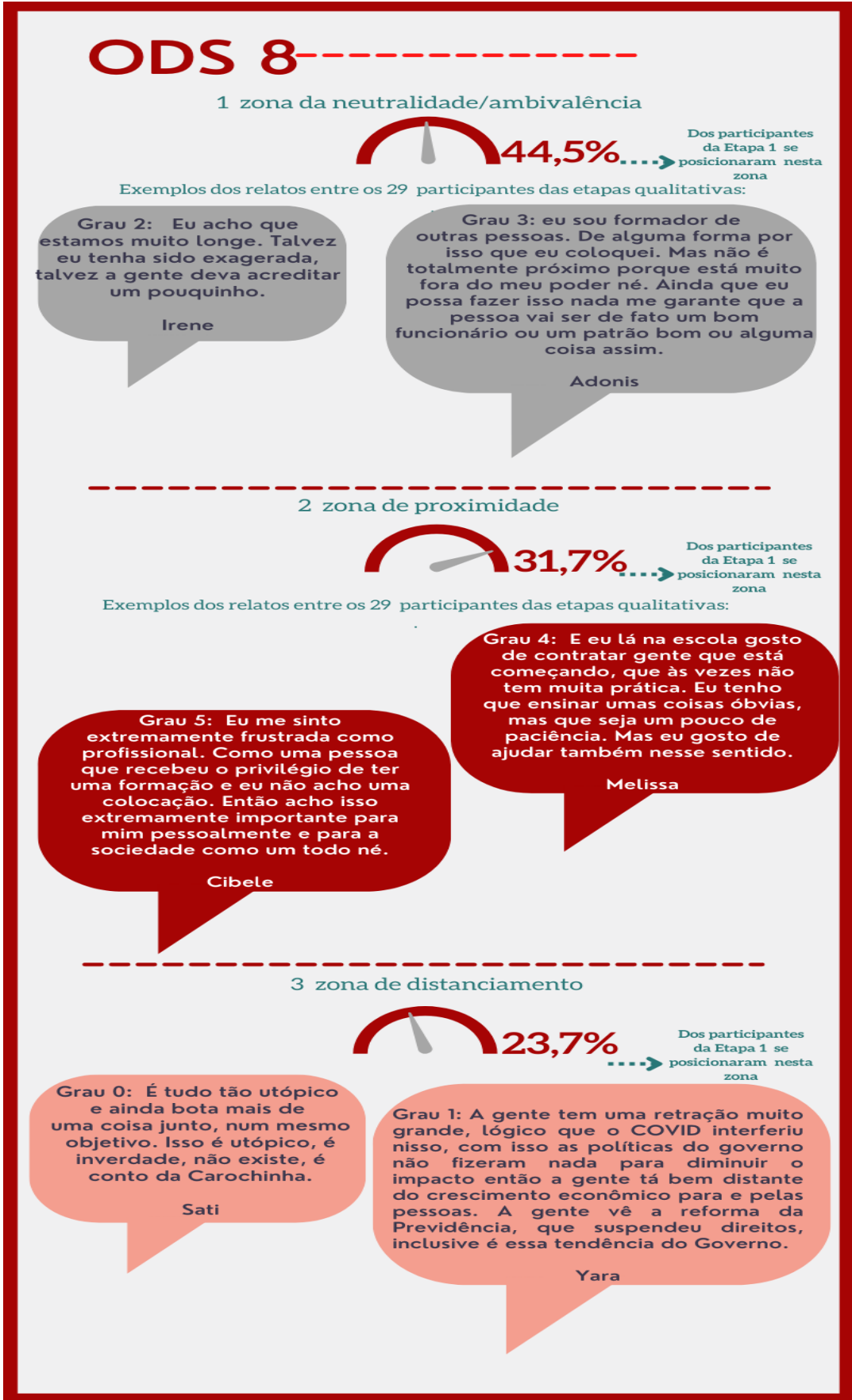
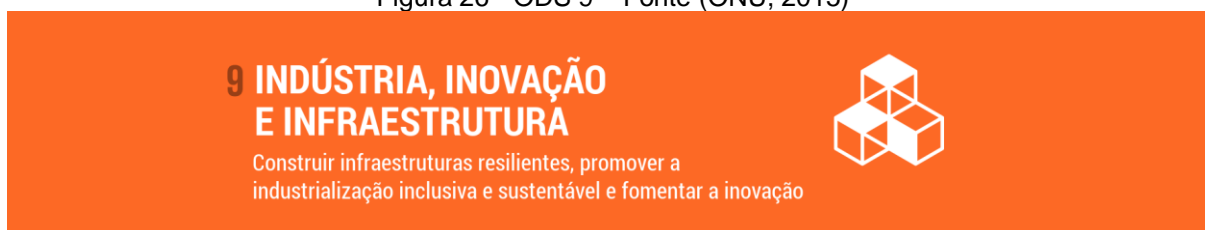


Figura 25 - ODS 8 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 26 - ODS 9 – Fonte (ONU, 2015)




O ODS 9, que tematiza questões ligadas à indústria, inovação e infraestrutura foi percebido pelo grupo amostral de 265 participantes, assim como o ODS 5, como um dos Objetivos mais próximos. Seguiu a tendência geral de concentrar pontuação indicando neutralidade e, ou, ambivalência, nos graus 2 e 3 (55,9%), com pontuação mais significativa no grau 3 (32,5%). Teve também, nas pontuações que indicam percepção de maior proximidade, 4 e 5, (27,5%) de respostas. Nas graduações indicando percepção de distância totalizou (16,6%), sendo este o ODS com o grau mais baixo nos apontamentos de percepção de distância.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 9:

- 1^o zona de neutralidade/ambivalência: 55,9%;
- 2^o zona de proximidade: 27,5%;
- 3^o zona de distanciamento: 16,6%.

Quadro 12 - ODS 9 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

 9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA <small>Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação</small>		
Grau	Frequência	%
0	16	6,0
1	28	10,6
2	62	23,4
3	86	32,5
4	48	18,1
5	25	9,4
Total	265	100,0

Como recurso para entendermos o fenômeno de menor concentração na zona de distanciamento transcrevemos na Figura 27 a fala de Isis, similar a um contingente significativo de participantes. Posicionada na zona de proximidade, Ísis descreveu a questão da pandemia como um impulsionador que a aproximou de inovações

tecnológicas e de meios de vida e de trabalho que sempre sonhou. Viver suas **ações pessoais**, com novas formas de se estabelecer rotinas e o cotidiano foi o elemento que balizou sua percepção muito próxima deste ODS.

Já Camila apontou sua tentativa em provocar inovação a partir de suas falas, em seu trabalho como consultora, mas disse perceber-se pouco envolvida em **ações pessoais** concretas. Posicionou-se na zona neutra ou ambivalente.

Hélio reconheceu na ação de outras pessoas o seu balizador no grau 3, associando as inovações nas empresas para se adaptarem às condições exigidas durante a pandemia como um fato relevante.

Dafne citou a importância dada no momento a novos padrões tecnológicos, e por conta desta importância sente este ODS como totalmente próximo. Ressalta o papel das empresas neste ponto.

Iris apontou dois balizadores em seu modo de perceber-se totalmente distante deste ODS: a ação de outras pessoas e a ação institucional, que diferenciou entre países que estão se direcionando para a inovação e outros que não.

Doris mergulhou numa reflexão na qual não conseguiu encontrar sua conexão com o tema da inovação e infraestrutura. Segundo ela, não teve experiências vividas em sua história que lhe aproximassem deste ODS. Atribuímos ao balizador conhecimento este processo, uma vez que em nosso modo de conceituar ele engloba todas as experiências vividas por uma pessoa.

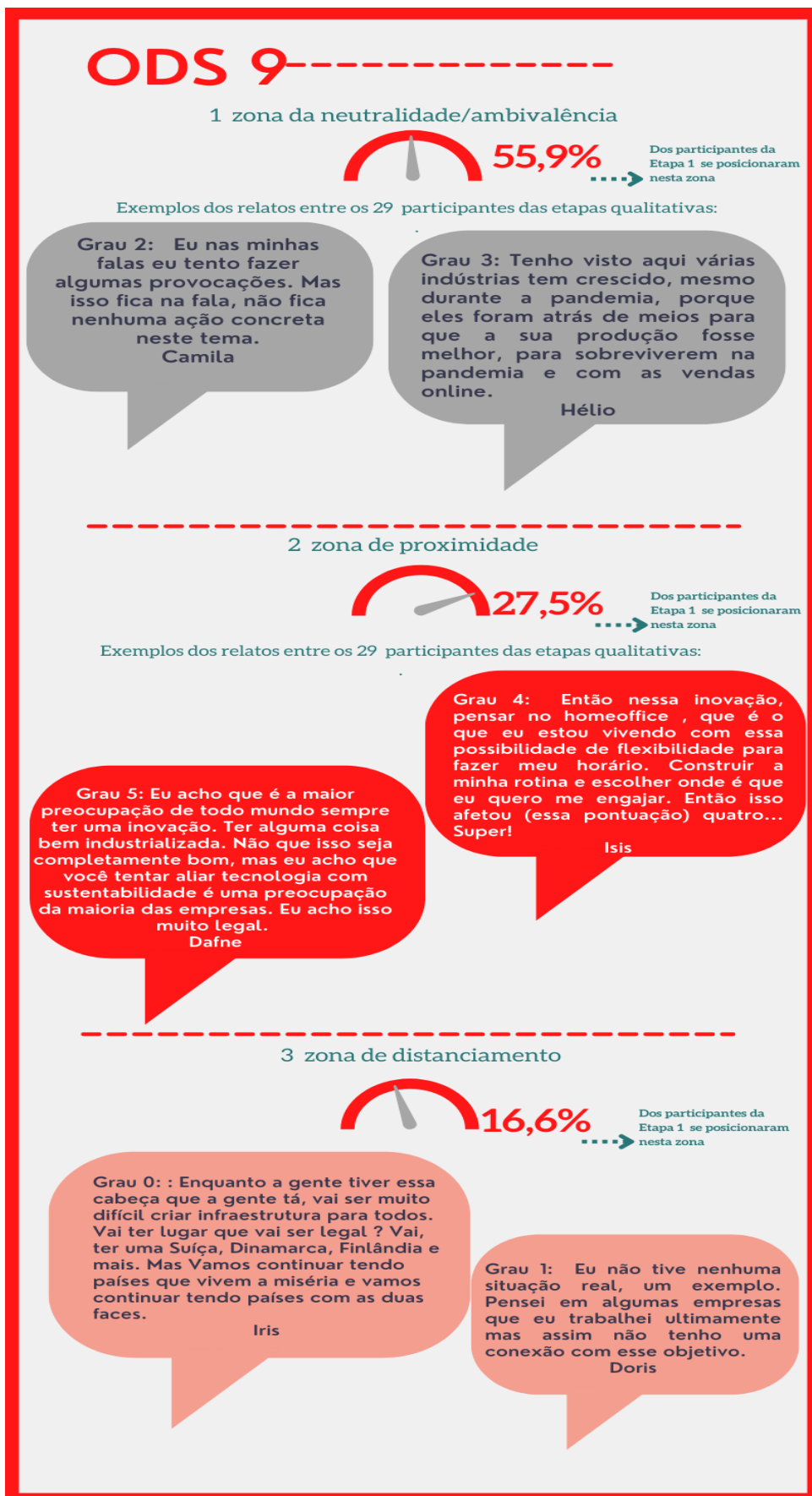


Figura 27 - ODS 9 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 28 - ODS 10 – Fonte (ONU, 2015)



Quanto ao ODS 10, seguiu-se a tendência de maior número de respostas na zona neutra, e, ou, ambígua (39,2%) entre os 265 participantes da etapa inicial. Este ODS obteve alta frequência de percepções relativas à distância, apresentando (35,5%) de respostas nos graus 0 e 1 e de maneira menos expressiva, os graus 4 e 5, tiveram (25,2%) de participantes indicando graduações de percepção relacionadas à proximidade.


Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 10:

1º zona de neutralidade/ambivalência: 39,2%;

2º zona de distanciamento: 35,5%;

3º zona de proximidade: 25,2%.

Quadro 13 - ODS 10 - Frequência de graduações – Fonte: Autora

		
Grau	Frequência	%
0	31	11,7
1	63	23,8
2	65	24,5
3	39	14,7
4	29	10,9
5	38	14,3
Total	265	100,0

As vivências narradas na relação com este ODS permearam alguns temas transversais que trataremos em itens específicos, em parte posterior de nosso texto, mas citando de antemão os mais convergentes temas: o racismo, a desigualdade de gênero, a pobreza e desigualdade social, a hegemonia dos países do norte do globo em detrimento ao sul global. Estas foram temáticas que já haviam surgido vinculadas fortemente aos ODS 1, ODS 2 e ressurgiram no campo de Diálogos sobre o ODS 10.

Nos exemplos que transcrevemos a seguir, Mitra (Figura 29) abordou o racismo e a desigualdade de condições entre pessoas de países diferentes, principalmente quando estas imigram, ou se deslocam para ambientes que ele percebe como hostis a não brancos.

Ele nos ajudou, assim como outros participantes também o fizeram, a fazer emergir a questão do racismo, ligada à desigualdade. Algo que não está presente de forma representativa nos enunciados dos ODS, mas eles, os participantes, o enxergam, o percebem.

Quando Mitra aborda o racismo entre pessoas e países, está nos apontando o mesmo problema, em duas escalas diferentes: a pessoal e a global. É com este pano de fundo que transparecemos a demanda por se incorporar aos Diálogos sobre a Agenda 2030 a temática da desigualdade étnico-racial, que não está suficientemente na Agenda e não é abordada explicitamente. Atravessaram as falas de Mitra e de outros participantes as ações de pessoas racistas, também as ações institucionais racistas, que não tratam desta problemática, como a própria Agenda 2030. Entendemos neste momento o quanto não falar sobre um tema, diz muito sobre o próprio tema.

Também como que tateando no escuro, Ossaim especulou pelo balizador do conhecimento qual seria seu grau de proximidade com o ODS 10, e se colocou ambivalente neste lugar. Criou para si um espaço onde entendia estar sua esperança, mas não sabia se realmente a tinha.

Sati também alimentou com o grau 1 sua vontade que a desigualdade, dentro e entre os países melhore, balizou-se, portanto, pelo fio de sua vontade, pelo seu querer, sem ter nada concreto que a apoiasse neste movimento.

Leda apropriou-se da escala que lhe foi possível, no território de suas ações pessoais, para encontrar o grau em que se percebia próxima ao ODS 10. Permitiu -se situar-se no 4. Cibele graduou sua expressão em função da importância e colocou-se no 5.

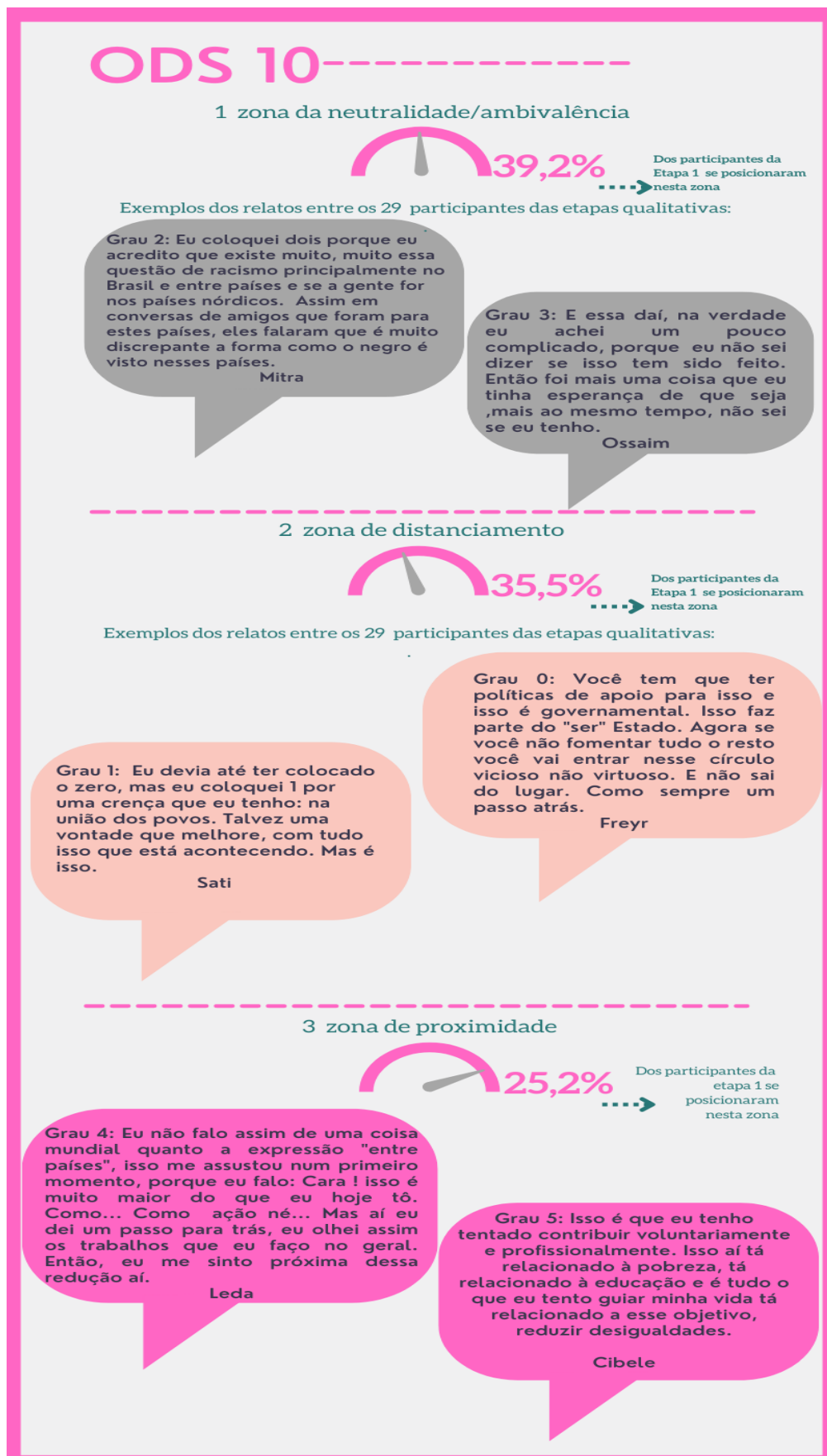


Figura 29 - ODS 10 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 30 – ODS 11 – Fonte (ONU, 2015)



O ODS 11, ligado a tornar as cidades mais sustentáveis, foi indicado entre os 265 participantes, em maior parte, via percepções que tendiam à neutralidade, e ou ambiguidade (47,2%), com maior inclinação às percepções de distância, (34%). As graduações, 4 e 5, relacionadas aos graus de maior proximidade tiveram (18,8%), esta foi a menor percepção de proximidade dentre todos os ODS.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 11:

1º zona de neutralidade/ambivalência: 47,2%;

2º zona de distanciamento: 34 %;

3º zona de proximidade: 18,2%.

Quadro 14 - ODS 11 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS <small>Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis</small>		
Grau	Frequência	%
0	23	8,7
1	67	25,3
2	72	27,2
3	53	20,0
4	25	9,4
5	25	9,4
Total	265	100,0

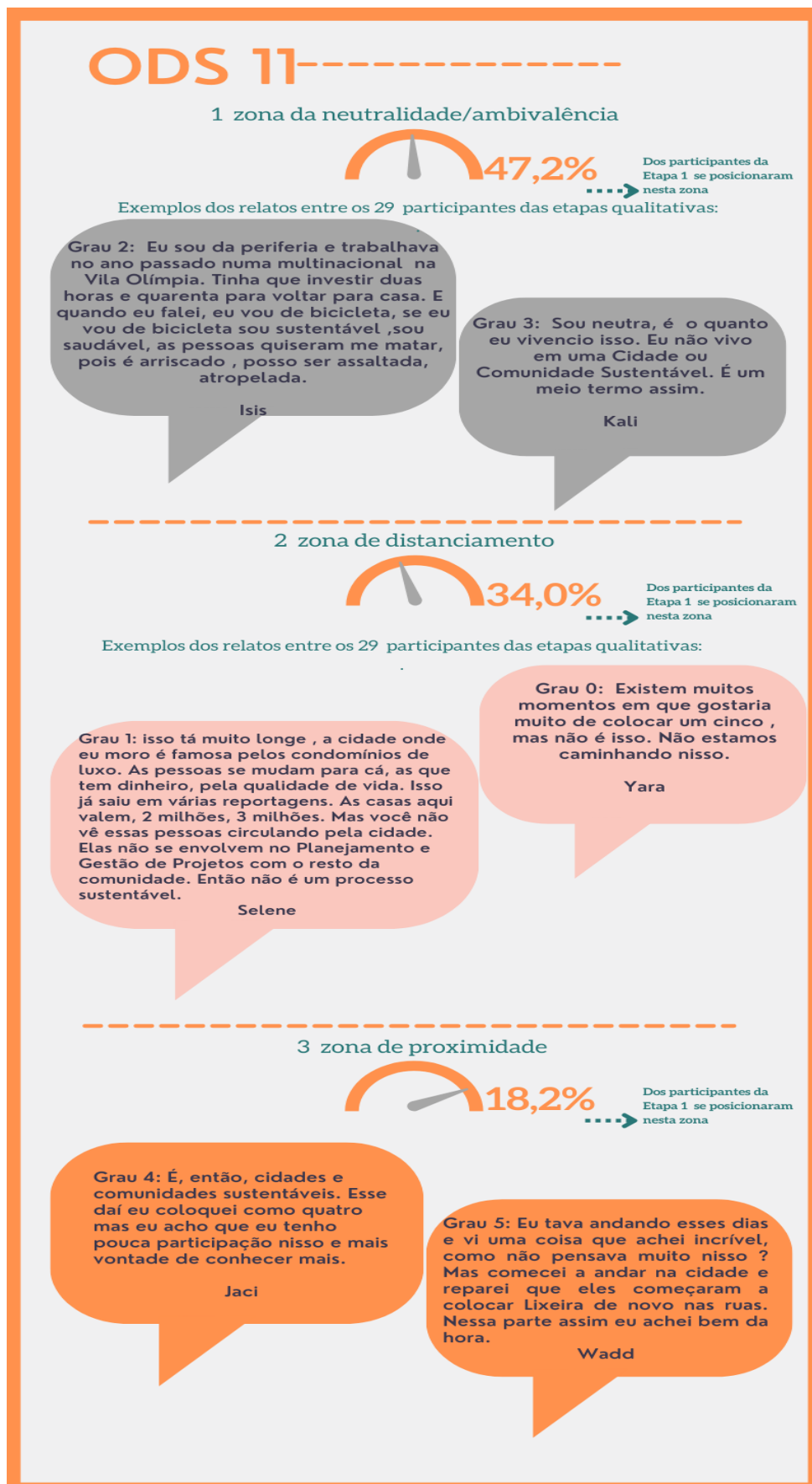


Figura 31 - ODS 11 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Trazendo como exemplo a vivência de Isis (Figura 31), nas transcrições imediatamente anterior, mergulhamos em sua cena sobre buscar **ações pessoais** que a aproximassem do que propõe este ODS 11, contudo não conseguiu. Kali pronunciou-se neutra em relação a este ODS, por viver em uma cidade que não é sustentável, sua perspectiva foi balizada por não ter **conhecimento** do que seria isso.

Yara posicionou-se no zero, embora sua **vontade** fosse estar no grau 5, não só neste, mas em todos os ODS. Sua percepção trazia uma visão generalizada de não estarmos caminhando neste objetivo, incluindo suas **ações pessoais**; as **ações de outros** e as **ações das instituições**.

No caso de Selene ela citou o fato de em sua cidade as **outras pessoas**, principalmente com alto poder aquisitivo, não se envolverem com a comunidade em **ações** para tornar a cidade mais sustentável, por isso percebia este ODS como algo distante de seu cotidiano.

Jaci referiu-se à sua **vontade de conhecer**, ao se expressar no grau 4 e Wadd surpreendeu-se positivamente com uma **ação institucional** em sua cidade, que voltou a instalar lixeiras nas ruas, algo que há muito não via.

Figura 32 - ODS 12 – Fonte (ONU, 2015)



Consumo e Produção Responsáveis, ODS 12, foram temáticas bastante mencionadas pelos participantes, ao longo da pesquisa mencionaram com frequência o papel de consumidor como um dos mais potentes no campo de ações ligadas aos ODS.

Quanto as graduações próximas, notamos que dos 265 participantes, (47,5%) se posicionaram na faixa entre 2 e 3, com graduação maior em 2 (24,9%). Na sequência, encontramos um patamar de (28,3%) nas graduações 4 e 5, na zona de proximidade e, por último, (24,1%), indicando graduações relativas à distância.


Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 12:

1º zona de neutralidade/ambivalência: 47,5%;

2^o zona de proximidade: 28,3%;

3^o zona de distanciamento: 24,1%.

Quadro 15 - ODS 12 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS <small>Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis</small> 		
Grau	Frequência	%
0	17	6,4
1	47	17,7
2	66	24,9
3	60	22,6
4	38	14,3
5	37	14,0
Total	265	100,0

Filó (Figura 33) percebeu-se no grau 2, lembrando com desconforto a Lei dos agrotóxicos como uma **ação institucional** que fez com que se sentisse distante deste ODS. Colocou-se também no papel de consumidora, compelida a acreditar que os produtos mais caros são realmente produzidos de forma responsável. Sua posição como consumidora também foi expressa de forma desconfortável.

Rama novamente colocou em cena seu papel como especialista na área ambiental, confrontando este com seus outros papéis: como consumidor e produtor de lixo. Atribuiu a este último o posicionamento no grau 3, o alto volume de resíduos gerados em suas ações pessoais. Sua posição ambivalente é por ele atribuída ao conflito que tem de seu conhecimento como especialista ambiental não impulsionar suas próprias ações de forma a diminuir o impacto de seu próprio consumo. Assim como outros participantes a graduação 3 para ele foi vista como uma intersecção tendendo à maior proximidade, ou à intenção ou vontade de mudar.

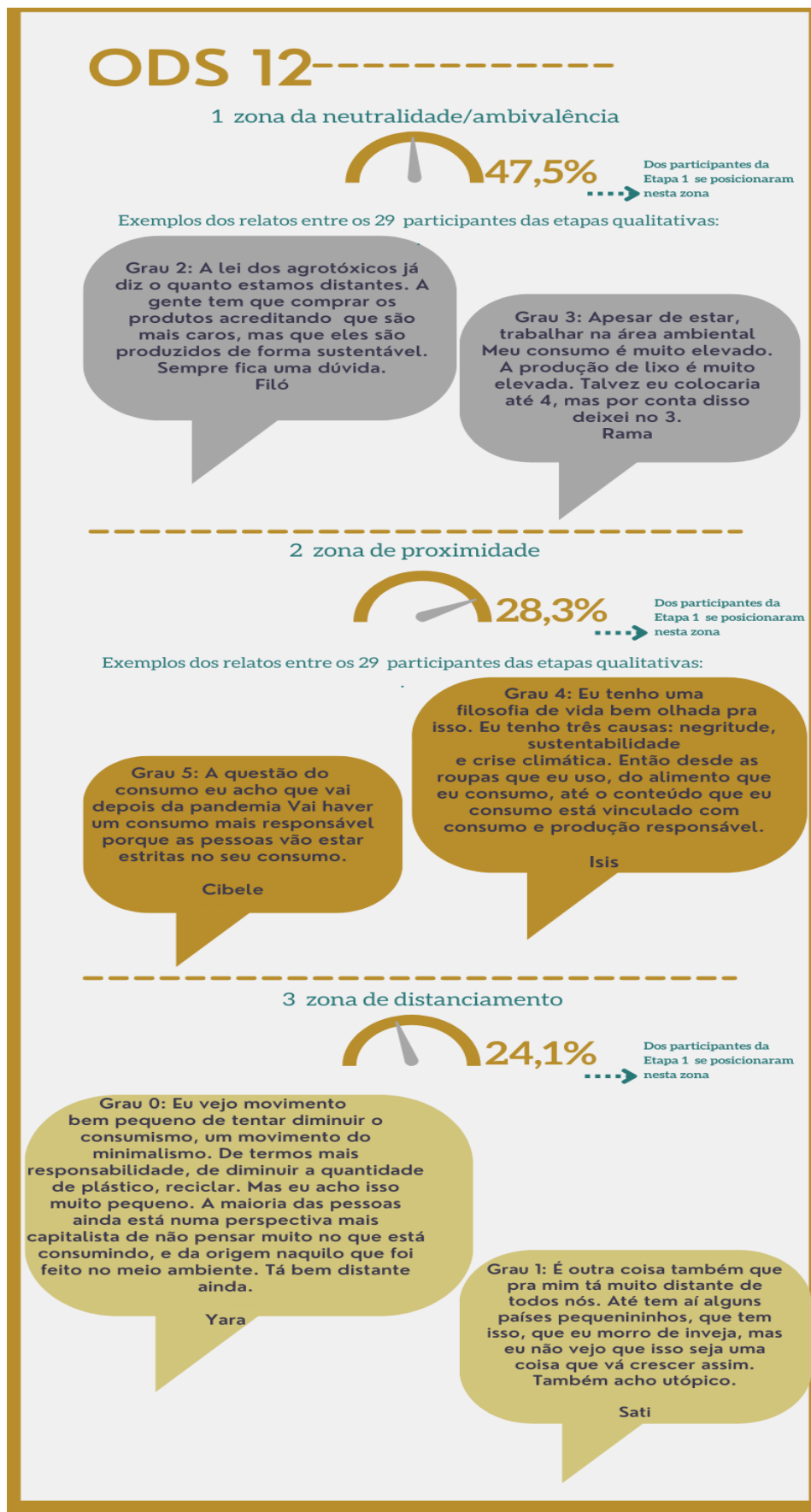
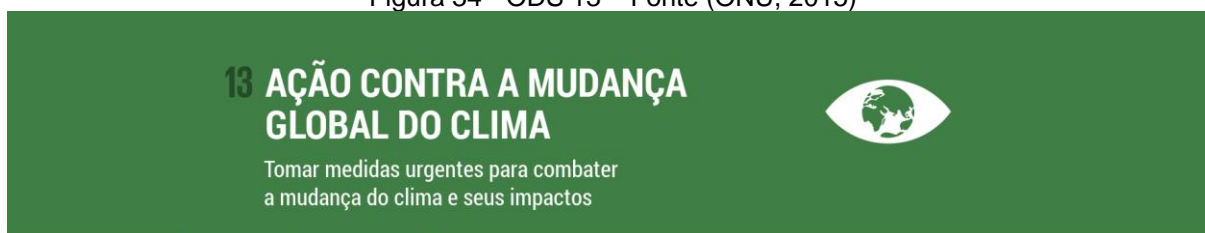


Figura 33 - ODS 12 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 34 - ODS 13 – Fonte (ONU, 2015)



Considerando os 265 participantes, a pontuação referente ao ODS 13 apresentou maior frequência nos graus 2 e 3, (46%) a zona de neutralidade ou ambivalência, com graduação maior em 2 (26,8%). Em seguida a graduação nos pontos de maior distância 0 e 1, representou a segunda parcela mais significativa (31%). Os graus 4 e 5 obtiveram juntos uma frequência de (23%), a menor relativa a este ODS.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 13:

1º zona de neutralidade/ambivalência: 46%;

2º zona de distanciamento: 26,8%;

3º zona de proximidade: 23%.

Quadro 16 - ODS 13 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos		
Grau	Frequência	%
0	28	10,6
1	54	20,4
2	71	26,8
3	51	19,2
4	25	9,4
5	36	13,6
Total	265	100,0

Na transcrição de trechos que seguem, elencamos o posicionamento de Kali (Figura 35), balizado por ela como neutro por não ter **ações pessoais** nem contra, nem a favor, em relação à Ação contra a Mudança do Clima. Cabe aqui problematizarmos a dificuldade de muitos participantes, como ela, de concretizarem

em suas ações cotidianas sobre como impactam e como são impactados nesta relação com o clima.

No caso de Ossaim, que se posicionou na zona de ambivalência, seu balizamento foi pela **importância** e urgência. Aqui é válido destacar que nem todos os participantes que mencionaram o balizador de importância o associaram à **dimensão de temporalidade**, no caso, Ossaim o fez citando a urgência.

Entendemos a noção de urgência, como outra transversal na relação com praticamente todos os ODS, mas em especial com o ODS 13. A problemática aqui é sobre quais seriam os prazos viáveis, *versus* os necessários, para que estes objetivos deixem de ser uma realidade suplementar, ou apenas “Conto da Carochinha” como disse Sati em sua relação com o ODS 8. Constatamos que a frustração pela dificuldade de transposição de todos os ODS ao cotidiano, saindo do contexto dramático⁶⁷ em que se encontram é um assinalamento constante em nossas narrativas.

Outro tema transversal, que emergiu fortemente na relação com este ODS 13, foi o fenômeno do **negacionismo**. Freyr contemplou este aspecto ao se expressar no grau 0. Ressaltou as ações de pessoas que não assimilam a mudança climática acontecendo ao longo do tempo.

Também na zona de distanciamento encontramos Malina, que trouxe como balizadores sua falta de conhecimento sobre o tema, junto às suas poucas ações pessoais.

Na zona de proximidade ficaram Wadd e Isis, ambos se balizaram por ações pessoais para se posicionarem nestas graduações.

⁶⁷ Utilizamos aqui, o conceito dramático, tanto em sua conotação na Socionomia, explicitada nos capítulos 2 e 3, como no senso comum, que significa algo em situação extrema, grave, conflituosa.

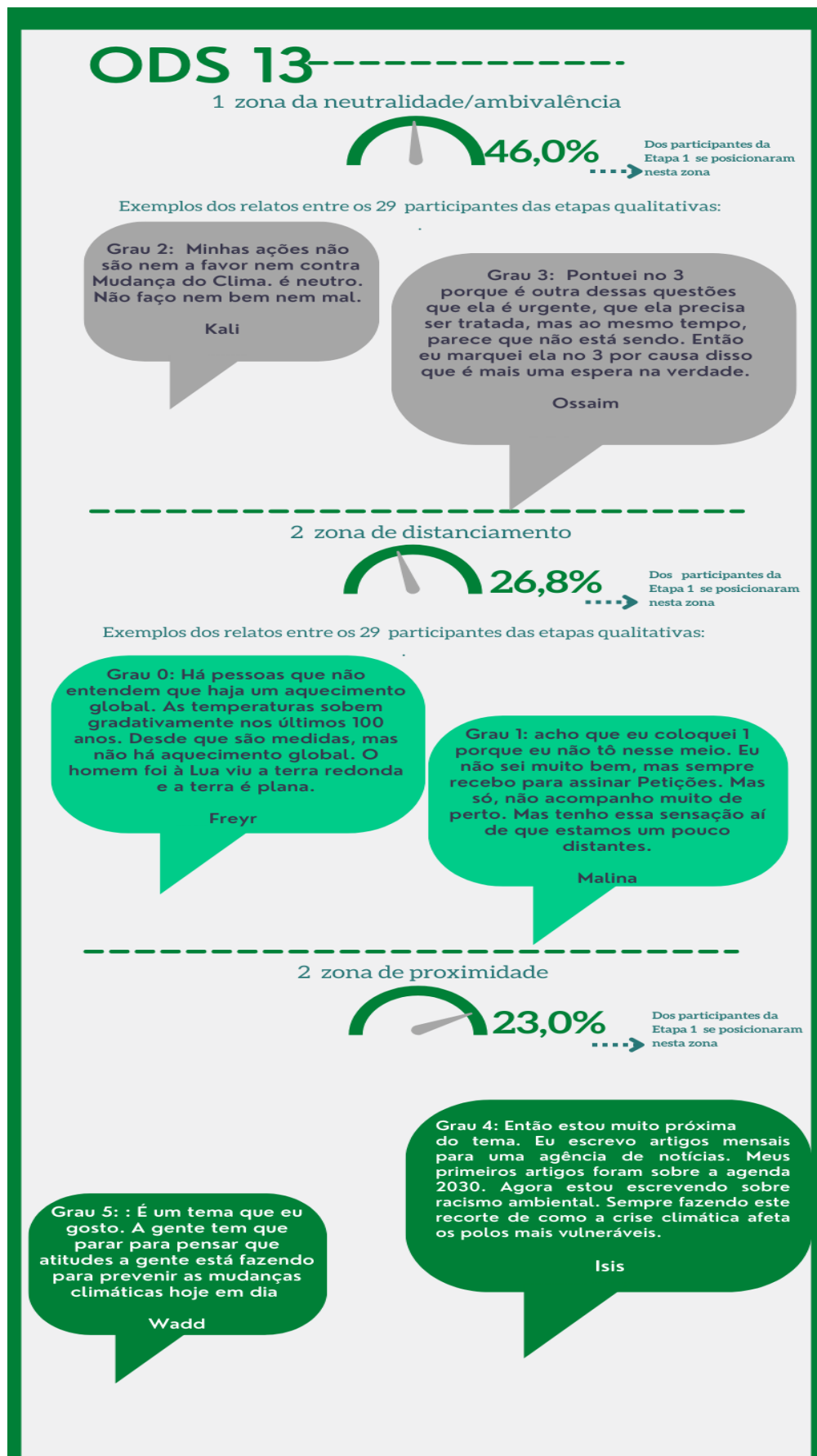
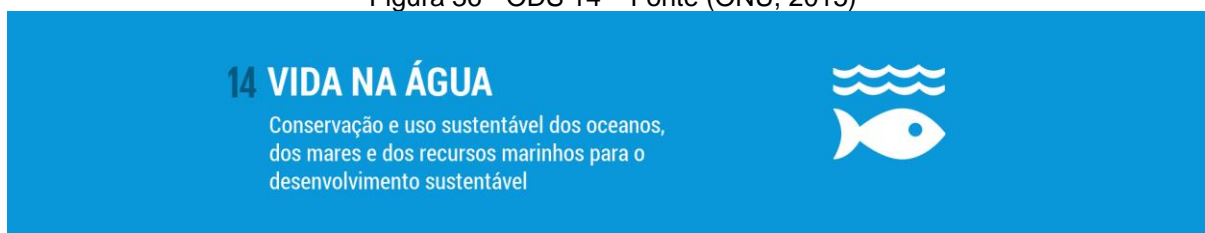


Figura 35 - ODS 13 -Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos – Fonte: Autora

Figura 36 - ODS 14 – Fonte (ONU, 2015)



A graduação indicando neutralidade e ambivalência, 2 e 3, representou (48%) das respostas para o ODS 14, seguida das pontuações de percepção de distância em 0 e 1 (30,2%) e, por fim, apresentando (21,1%) de respostas nas graduações referentes à percepção de proximidade, 4 e 5.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 14:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 48,7%;

2^o zona de distanciamento: 30,2%;

3^o zona de proximidade: 21,1%.

Quadro 17 - ODS 14 - Frequência de Graduações – Fonte: Autora

Grau	Frequência	%
0	23	8,7
1	57	21,5
2	76	28,7
3	53	20,0
4	22	8,3
5	34	12,8
Total	265	100,0

Na relação com o ODS 14, os relatos dos participantes surgiram com frequência atrelados aos locais geográficos nos quais costumavam viver e frequentar. A parcela de participantes residente em regiões urbanas, e com pouco acesso a ambientes onde pudessem ter contato direto e vivências interagindo com a vida na água, foi a que expressou maior dificuldade em graduar sua relação com este ODS.

Leda (Figura 37) descreveu seu balizamento na zona neutra e de ambivalência, a partir de suas **ações pessoais**. Sugeriu uma forma alternativa de se compreender

o que são efetivamente “ações” e quais os espectros de intensidade possíveis de serem considerados, dando como exemplo a ação de **conscientização** como um dos níveis de ação possíveis.

Jaci expressou-se também na zona neutra/ambivalente colocando seu pouco **conhecimento** e convívio com os aspectos relativos a este ODS como o pivô de seu posicionamento.

Percebendo-se totalmente distante, Yara pontuou a falta de **importância** dada ao tema “vida na água” e as lacunas de **ações institucionais** no Brasil relativas a isto. Selene, localizada na mesma zona de distanciamento, exemplificou, a partir desta mesma ótica de Yara, as **ações institucionais** não só insípidas, mas lesivas à biodiversidade marinha.

Cibele disse perceber-se como sendo do mar e balizou-se pela **importância** que dá ao tema, escolhendo este aspecto como eixo de sua expressão, muito embora mencionasse que não tem **conhecimento** para contribuir ou atuar nesta área. Aqui, a falta de conhecimento não a deixou ambivalente, ou distanciada do tema. Manteve-se no posicionamento próximo, apesar disto.

Wadd relacionou a importância da vida na água em sua posição totalmente próxima. Articulou outro aspecto que também merece ser tratado em nossas discussões que é a crítica ao Antropocentrismo e o Egocentrismo. Duas facetas de um mesmo problema, em escalas diferentes. No Antropocentrismo, a Humanidade voltada a si como centro e detentora de direitos exclusivos, não considera, conforme ele disse que: “Existe também outro tipo de vidas que estão (*sic*) ao nosso redor, em torno da gente, que a gente depende”, ou seja, não somos o centro, como espécie humana, dependemos do todo. E o Egocentrismo na escala pessoal, em suas palavras descrito como: “A gente só se preocupa na questão da gente, como a gente está...nosso bem-estar.”

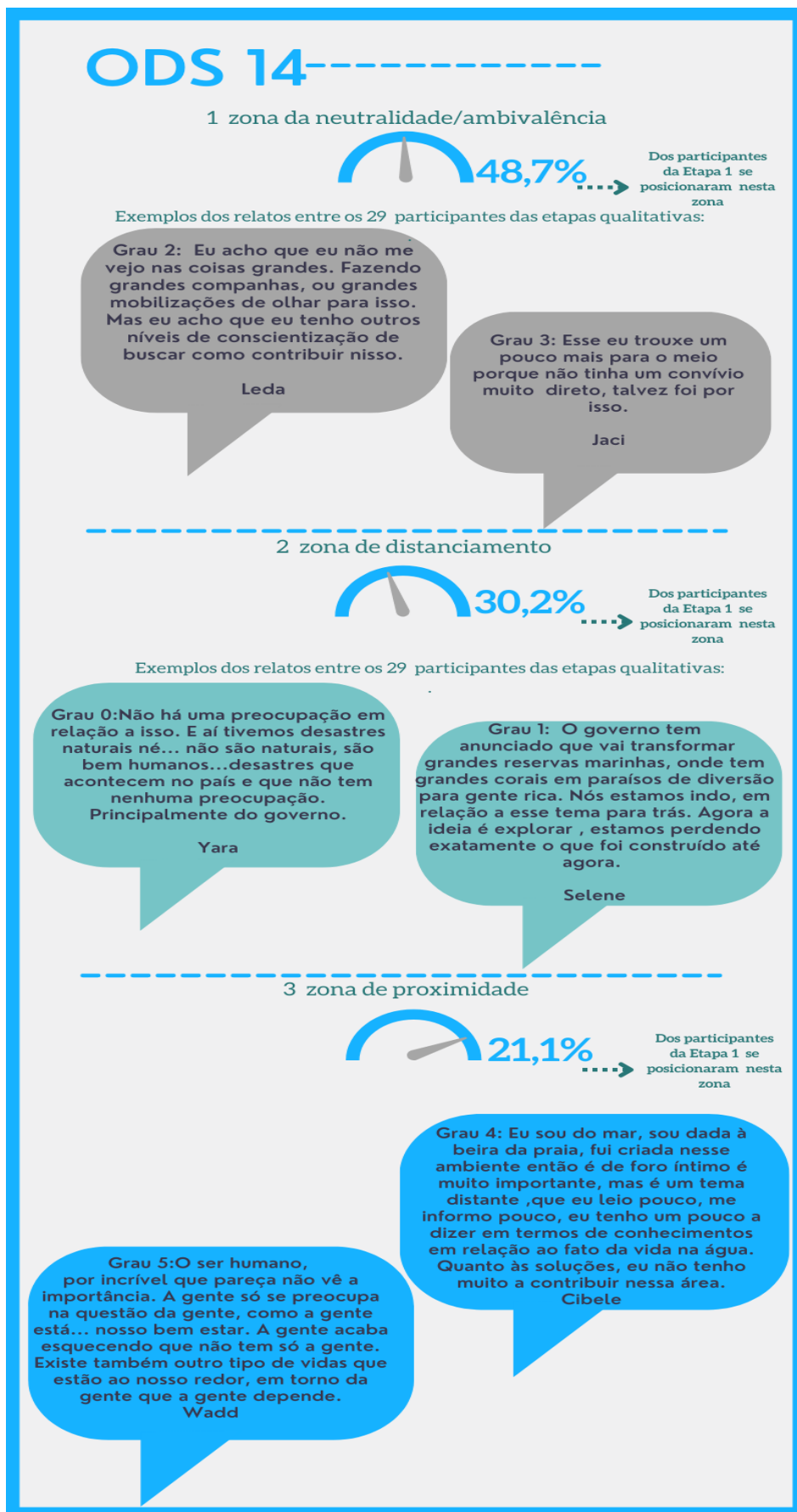


Figura 37 - ODS 14 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos - Fonte: Autora

Figura 38 - ODS 15 – Fonte (ONU, 2015)



No ODS 15 (48,3%) das respostas giraram entre as graduações 2 e 3, com frequência maior (26,4%) no grau 2. Em sequência decrescente, as pontuações entre 0 e 1 concentraram (30,2%), tendo por último, os graus 4 e 5 indicando proximidade a menor frequência (21,5%).

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 15:

1^o zona de neutralidade/ambivalência:48,3%

2^o zona de distanciamento:30,2%

3^o zona de proximidade: 21,5%

Quadro 18 - ODS 15 – Frequência de Graduações - Fonte: Autora

15 VIDA TERRESTRE <small>Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade</small>		
Grau	Frequência	%
0	24	9,1
1	56	21,1
2	70	26,4
3	58	21,9
4	25	9,4
5	32	12,1
Total	265	100,0

Leda procurou (Figura 39), assim como fez em outras passagens, traduzir para sua escala pessoal o que seria sua relação com o ODS 15. Associou o tema principal deste objetivo, vida terrestre, às florestas, e dimensionou-o a seu patamar pessoal no contato com árvores, uma vez que reside em ambiente urbano. Ao localizar-se em 2, na zona neutra ou ambivalente, expressou a falta de sua **ação pessoal** para proteger ou recuperar a vida terrestre. Ao mesmo tempo em que recorreu à sua corrente de **afetos** para descrever e balizar seu posicionamento dizendo-se afetada por isto.

No caso de Hélio, ele posicionou-se também na zona ambivalente, em 3, ao perceber que embora o governo não tenha **ações institucionais**, ou não dê **importância** para isso existem **ações de outras pessoas** que se preocupam com isso. Embora não tenhamos transcrito o restante de sua narrativa, ele elencou várias iniciativas de ONGs com as quais se identifica e as quais acompanha, fazendo a junção entre a valorização do tema e a ação prática sobre o mesmo, independentemente de ações do governo.

Para Malina as notícias recentes à época da pesquisa, sobre muitas queimadas ocorrendo a afetaram muito. Declarou-se aflita e relacionou a esta vivência seu posicionamento no grau 0. Destacou sentir que no futuro não teremos mais **acesso** aos ecossistemas terrestres, pois a seu ver eles deixarão de existir.

Nas narrativas de Camila, que ilustramos com um exemplo relativo ao ODS 15, algo que surgiu como essencial foram as dúvidas da escala do **impacto** de suas **ações pessoais**, tanto do ponto de vista negativo, caso do exemplo transcrito na figura 39, como positivo, no sentido de contribuir para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o que nos faz assinalar novamente a necessidade de discutiremos, adiante, a transversalidade em termos de escala e impacto, posto por Camila e por outros participantes.

Na zona de proximidade, Cibele e Adonis pontuaram um balizamento vinculado à importância das ações de proteção e preservação da vida na Terra. Cibele associou a importância à questão de pouco conhecimento, um modo constante em sua forma de expressão na relação com outros ODS. Atrelado a isto, ela também expressou frustração e impotência. Enquanto Adonis associou importância à responsabilidade, de cuidar de suas próprias ações e das ações de outros neste campo.

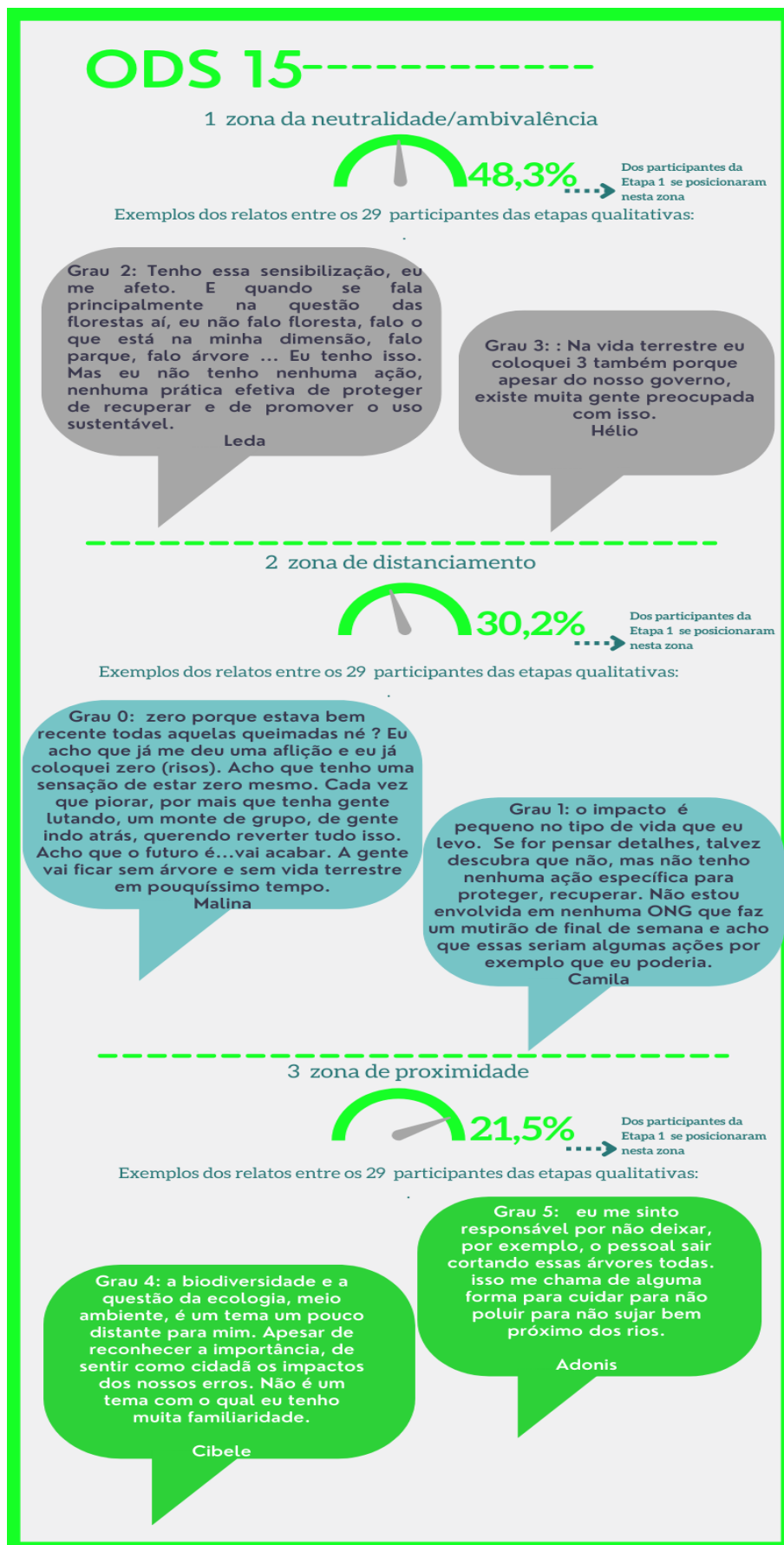
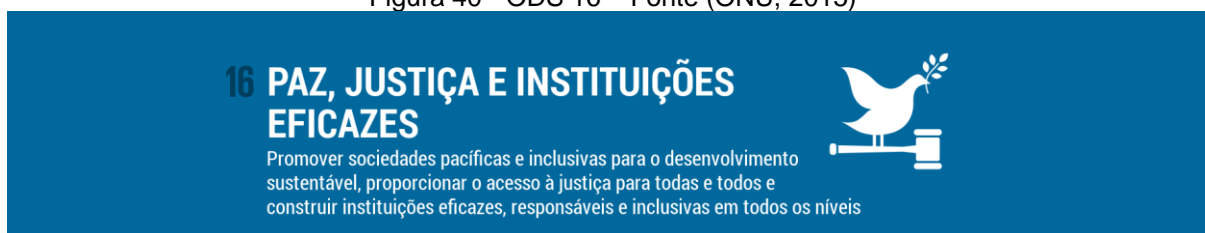


Figura 39 - ODS 15 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos - Fonte: Autora

Figura 40 - ODS 16 – Fonte (ONU, 2015)



O ODS 16 que implica na promoção de sociedades pacíficas e inclusivas, teve no grau 2 sua maior frequência (23,8%), compondo com o grau 3 (20,8%) na zona neutra e, ou, ambivalente, uma pontuação somada em (44,6%). As zonas relativas às percepções de maior distância, 1 e 2, obtiveram (33,6%), ficando na sequência e com menor concentração de respostas as graduações 4 e 5 com (23%).

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 16:

1^o zona de neutralidade/ambivalência: 43,4%

2^o zona de distanciamento: 33,6%

3^o zona de proximidade: 23%

Quadro 19 - ODS 16 - Frequência de Graduações - Fonte: Autora

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES <small>Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todas e todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis</small>		
Grau	Frequência	%
0	34	12,8
1	55	20,8
2	63	23,8
3	52	19,6
4	22	8,3
5	39	14,7
Total	265	100,0

Nos *Diálogos*, Guaraci colocou-se no grau 2 (Figura 41), associando suas **ações pessoais** e interesse junto ao Tribunal de Pequenas Causas, ao mesmo tempo em que afirmou frustração quanto às **ações institucionais** do Conselho Tutelar.

Diva mencionou o tipo de papel que evita em suas **ações pessoais** relativas a este ODS e posicionou-se no grau 3. Ela ressaltou ações de **outras pessoas** no que entende dificultar a promoção da paz.

Iris percebeu-se totalmente distante do ODS 16, lamentou que em suas **ações pessoais** não poderia mudar isso. Deixou bem nítida a impotência sentida.

Pelo caminho das **ações institucionais**, Wanadi percebeu-se bastante distante em relação ao ODS 16. Usou uma expressão recorrente para descrever a cultura brasileira ao citar que tratamos com “jeitinho” o que é proposto como meta para este ODS. Em sua fala expôs a vertente da **cultura** na relação pessoas-ODS, aspecto que emergiu transversal em nossa pesquisa.

Na narrativa de Bia, posicionada em 5, totalmente próxima ao ODS 16, ela expressou balizar-se neste ponto por perceber vozes e **ações de pessoas**, principalmente na pandemia, chamando as instituições a funcionarem. Em sua visão, eram as pessoas os facilitadores institucionais para este assunto, naquele momento.

Na relação de Dafne com o ODS 16, a proximidade também foi balizada por algo especial acontecendo, naquele momento, na **ação de pessoas** com foco específico nestes objetivos de paz justiça e instituições eficazes. Investigamos tanto com Dafne, quanto com Bia, em suas diferentes sessões bipessoais, sobre que cenas lhes vinham espontaneamente ao abordarmos este tema, ambas trouxeram momentos inspirados no movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam, em tradução livre), um acontecimento ocorrido nos Estados Unidos e amplamente divulgado pela mídia no ano de 2020, após a morte de George Floyd, um homem negro sufocado e morto por um policial americano em uma abordagem violenta e racista.

Este episódio manifesta novamente a temática do racismo, como algo emergente e relevante. a ser mais bem explicitado e discutido na relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

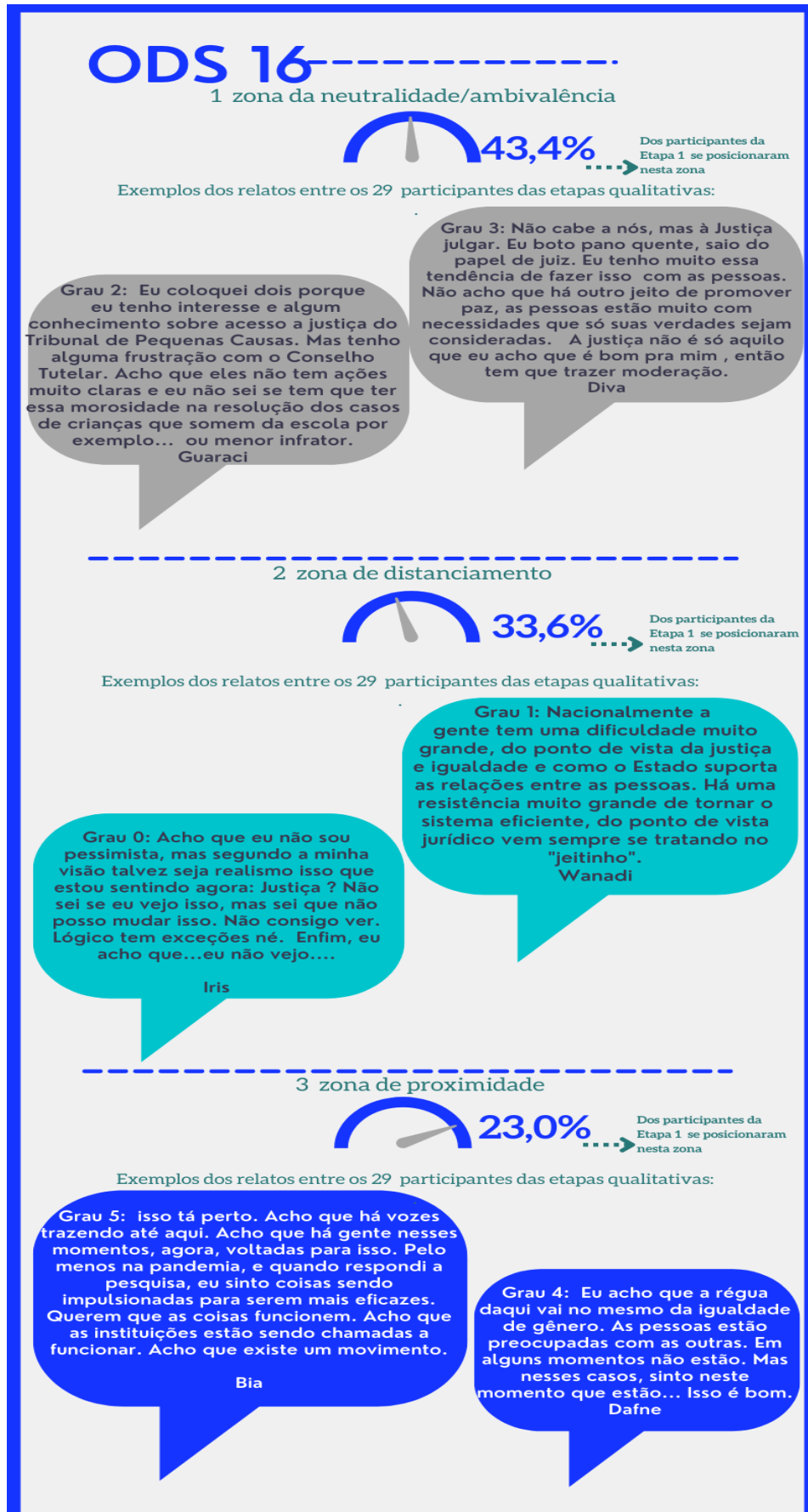


Figura 41 - ODS 16 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos - Fonte: Autora

Figura 42 - ODS 17 – Fonte (ONU, 2015)



O ODS 17 traduz a visão institucional da Agenda 2030, uma vez que atribui às forças estatais, corporativas ou organizacionais o papel de fortalecer parcerias globais para o desenvolvimento sustentável. No diálogo com os participantes, estes, tiveram mais dificuldade em identificar campos de potência, no âmbito pessoal de ação, relacionados a este objetivo. O papel de cidadão, enquanto eleitor escolhendo representantes, foi mencionado como uma ponte entre a escala pessoal e o atingimento deste objetivo, uma vez que nos relatos narrados indicaram perceber que apenas pessoas ocupando posições institucionais, de magnitude estatal, teriam este alcance. Em menor escala, o papel profissional, mencionado por pessoas que já haviam exercido posições de liderança em organizações multinacionais também foi mencionado⁶⁸.

Este ODS obteve a maior pontuação na zona neutra e, ou, ambígua (60%), seguida das pontuações na zona de distanciamento (21,1%). Quanto à percepção de proximidade obteve (18,9%). Comparativamente aos demais ODS, esta foi uma das menores graduações de proximidade percebida, ficando atrás apenas do ODS 11.

Síntese do movimento do primeiro grupo amostral quanto ao ODS 17:


1^o zona de neutralidade/ambivalência: 60%;

2^o zona de distanciamento: 21,1%;

3^o zona de proximidade: 18,9%.

72. Vide mais sobre o papel de lideranças para sustentabilidade em Mello e Souza (2018).

Quadro 20 - ODS 17 - Frequência de Graduações - Fonte: Autora

		
Grau	Frequência	%
0	14	5,3
1	42	15,8
2	88	33,2
3	71	26,8
4	24	9,1
5	26	9,8
Total	265	100,0

Construir alianças em **pequena escala**, a partir de **ações pessoais** e com nossos próprios vizinhos no cotidiano, não é algo crível para Guaraci (Figura 43). Conforme colocou em nosso Diálogo, ele se balizou nisto para se posicionar neutro quanto ao ODS 17. Ao mesmo tempo em que via como inviável as alianças em **grande escala**, propostas neste ODS. Aqui, a transposição de uma experiência cotidiana, vista por ele como complexa, em **pequena escala**, assumia sentido de impossibilidade, considerando a complexidade da escala ainda maior.

A falta de **conhecimento** tornou a posição de Diva confusa quanto a este ODS 17, ela revelou não saber elaborar sua percepção sobre isto.

Iris, assim como Guaraci, também não concebeu a possibilidade de alianças e parcerias em dimensões globais, via **ações institucionais**. Sua percepção de um mundo egocentrado e financeiramente direcionado a faziam não acreditar que lograremos este objetivo. Ela posicionou-se como totalmente distante deste ODS.

O desmonte recente, no Brasil e outros países, de várias instituições que permitiam a participação democrática da sociedade foi apontado por Selene como um marco preocupante. Ela alega que esta situação a fez sentir-se muito distante do ODS 17.

Bia balizou sua posição, totalmente próxima, em sua crença na importância e na irreversibilidade das parcerias e alianças já em andamento, para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e em outros sentidos.

Por fim, no grau 4, na zona de proximidade, Hélio destacou por um lado a importância do que preconiza o ODS 17, mas por outro lado, enfatizou que as ações institucionais governamentais fizeram este processo regredir.

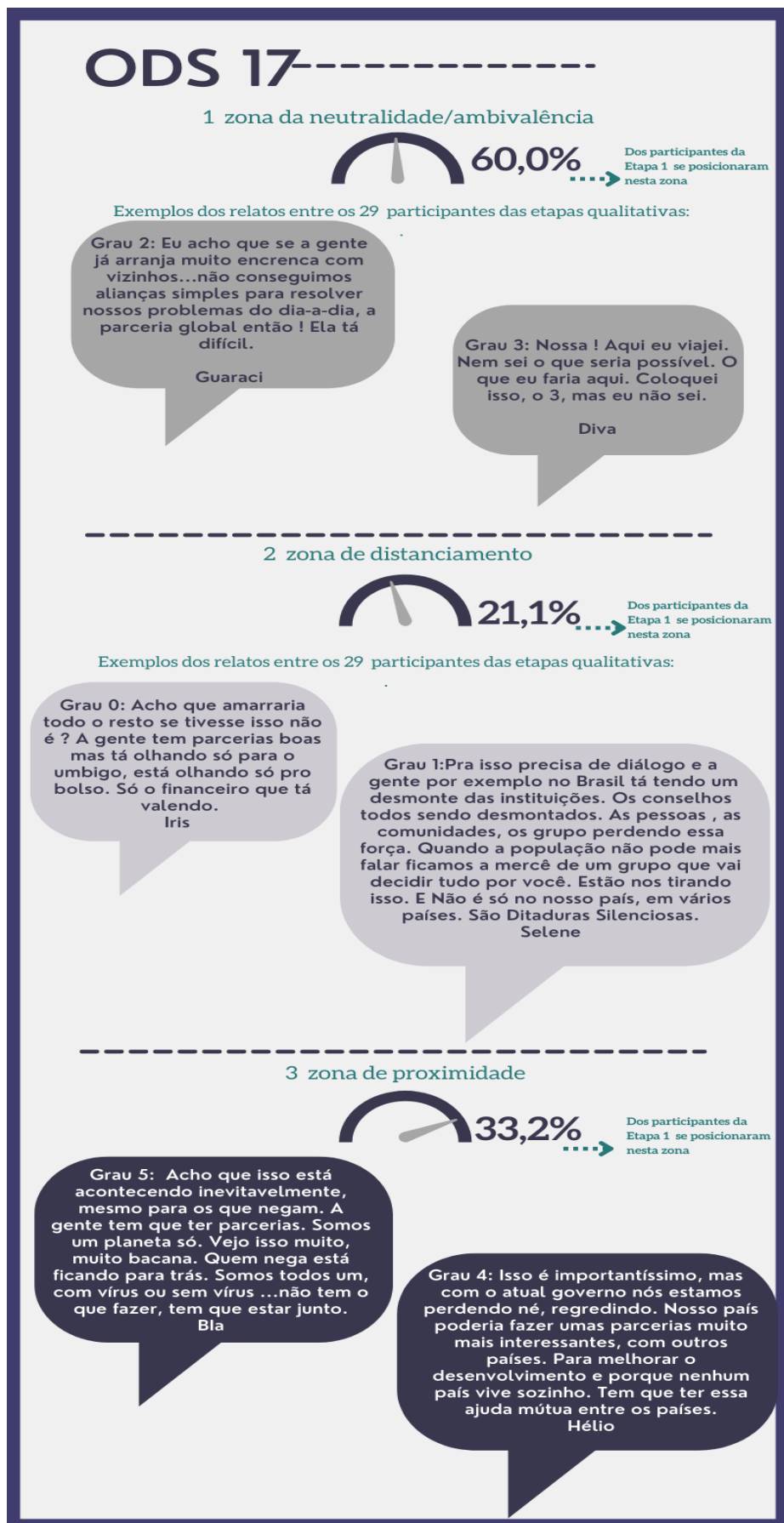


Figura 43 - ODS 17 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos - Fonte: Autora

4.1.2 - Critérios balizadores das Graduações Proxêmicas

Observamos padrões utilizados por pessoas diferentes avaliando os mesmos ODS e, também a utilização de padrões distintos, utilizados pela mesma pessoa, ao avaliar diferentes ODS. Ao adicionarmos a dimensão temporal, comparando as respostas do questionário MAP-ODS1 e MAP-ODS2, vemos também diferentes graduações, ao longo do tempo, expressas pelas mesmas pessoas, quanto aos mesmos ODS. Estes padrões não são generalizáveis para todas as populações, por outro lado, nos apoiaram a construir conhecimento e refletir sobre os fenômenos que objetivávamos compreender.

Como diferença metodológica, ao que fez Moreno em seus testes sociométricos, não atribuímos um critério prévio ao participante, pedindo para que, considerasse tal critério e expressasse sua graduação proxêmica⁶⁹ sobre um determinado ODS. Perguntamos apenas o quanto cada ODS era sentido como próximo e distante, e, após a resposta, pedíamos que as próprias pessoas mergulhassem em suas percepções e subjetividades para encontrar os sentidos que definiram que critérios balizadores tinham usado.

Em nossa análise, pudemos identificar 8 diferentes critérios balizadores, manifestos nas descrições dos participantes, sobre como se percebiam na relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Estes balizadores que levavam às nuances expressas nos movimentos entre aproximações; neutralidade e/ou ambivalência; distanciamento, descritos a seguir:

- **Importância:** proximidade/distância como grau de valorização pessoal, ou de valorização que um grupo ao qual o participante pertence atribui a um ODS. Estes aspectos valorativos conectam-se as crenças e cultura. Outro ponto importante surgido nos relatos é que a valorização de um ODS, nem sempre surgia aparelhada da sensação de capacidade ou potência para a ação, o que levava os participantes, que caminhavam por este processo de análise, a relatarem sensações de desconforto e sentimentos como impotência, tristeza, desespero, ansiedade, medo, choque,

⁶⁹ Em nossa pesquisa anterior: Líderes para sustentabilidade e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (dissertação de Mestrado), pedíamos para os participantes tomarem papéis antes de expressarem suas graduações e observávamos as variações de graduação conforme a variação de papéis. Este exercício levava a uma série de reflexões, realizadas em conjunto com os participantes. Destacamos que este mesmo fenômeno, de variação de percepção, conforme se tomam outros papéis foi percebido espontaneamente por participantes desta pesquisa atual. Estes exemplos foram transcritos nos trechos narrados por Rama (Fig. 20) e por Ossaim (Na cena 2 do grupo 4 p.222)

vergonha, culpa, paralisação e até, como extremo, a negação da importância como uma dialética para lidar com a questão.

- **Conhecimento:** proximidade-distância conforme grau de conhecimento sentido sobre o ODS, não apenas de forma intelectual, mas principalmente, por condições empíricas de se testemunhar ou participar de experiências vividas na prática. Neste quesito, segundo os relatos, o repertório de papéis com o qual articularam as experiências foi de grande importância para a ampliação de possibilidades de expressão de graduação proxêmica, também de ação. Se a partir de um papel não havia elementos conhecidos para se expressar sobre um ODS, ao se investigar em outros papéis, novos elementos surgiam. Este fator foi mais recorrente nas etapas de *Diálogos e Cocriando em Grupo*.

- **Ação Pessoal:** proximidade/distância usando a graduação proxêmica para medir o quanto de ações a pessoa, em si, realizava em relação a cada um dos ODS. A dificuldade com a escala dos enunciados, muito ampla e de impacto global para o mundo, foi uma queixa bastante recorrente, o que foi sendo apaziguado na medida em que se conseguia traduzir a escala global e geral para o pessoal e local. Sensações de desconforto e impotência foram relatadas de forma frequente por aqueles que utilizaram a graduação desta maneira. O encontro de grupo foi relevante para apaziguar sensações comuns, que se manifestavam quanto a frustração que esse critério gerava a quem assumia essa perspectiva. Expressar a graduação proxêmica funcionava para algumas pessoas quase como uma “autoavaliação”, e, em muitos casos as sensações de “estar em dívida”, de fazer menos que o devido e de culpa eram relatadas.

- **Ação de Outros:** proximidade/distância a partir do grau percebido, ou provável, de ações de outros em relação ao Objetivo. Nesta perspectiva o apontamento da falta de ação de familiares, parceiros de negócios, prestadores de serviço, colegas de trabalho, gestores, vizinhos foi vivido com inquietação, desconforto e frustração. Foram relatados conflitos vividos pelos participantes sobre o desejo que tinham de influenciar pessoas em seus átomos sociais e círculos mais próximo. Relataram também sofrimento em função de outras pessoas não estarem alinhadas com suas expectativas de ação, em relação à algum ODS específico, ou a todos.

- **Ação Institucional:** proximidade/distância a partir do grau percebido, ou provável, de ações contínuas nas esferas de governo e de políticas públicas regulando tais ações. Nesta perspectiva a falta de credibilidade de governantes, da classe política

em geral e dos sistemas de justiça eram os focos que levavam a uma percepção pessimista e de distanciamento, ou otimista e de proximidade, em relação ao ODS analisado. A constante mudança de aspectos institucionais nas esferas de governo e a incerteza e impedimento de se criar perspectivas de longo prazo também foram descritos como impactos negativos neste quesito.

- **Acesso:** Como a frequência e em que grau vê a si próprio e, ou, a outros nos contextos grupal e social usufruindo, ou tendo acesso aos elementos expressos no ODS.

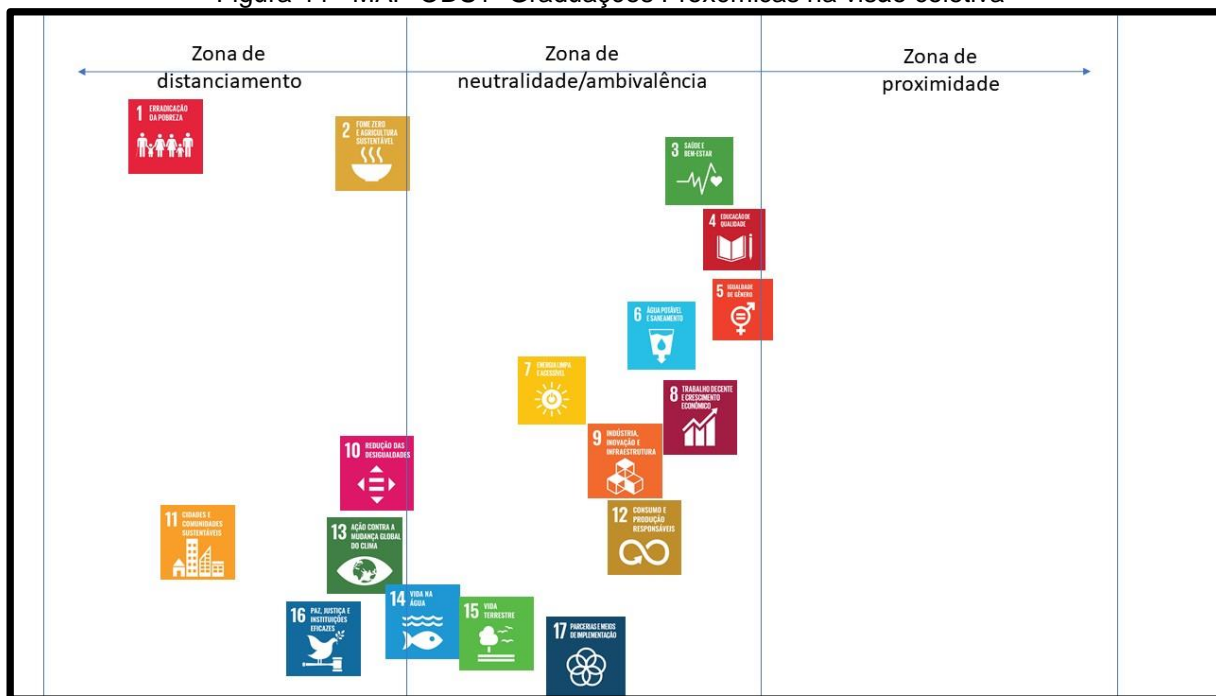
- **Vontade:** Como a intensidade de querer perceber e, ou, viver de forma concreta algo, não só em realidades **suplementares** ou isoladas, mas atravessando outros contextos. Necessidade de sentir a, si próprio, e o substrato de suas relações, funcionando dentro dos parâmetros expressos por um determinado ODS.

- **Afetos:** O quanto algo afeta a si próprio. O quanto mobiliza em termos de emoções e sentimentos que levam a estados em espectros tristes ou alegres. Este balizador foi descrito como levando a graus de paralisação ou mobilização para a ação. Como ficar triste ou alegre frente a algo percebido, nos contextos vividos, e em função disto, posicionar-se mais próximo ou distante do objetivo em questão.

Voltando ao olhar ampliado, neste movimento concomitante entre o uso de lupa e de luneta, no qual transitamos em nossa pesquisa, visualizamos agora, de forma macro, a distribuição de todas as frequências de graduações proxêmicas expressas pelo grupo de 265 participantes, considerando, concomitantemente, proximidades, distâncias, neutralidades e, ou, ambivalências.

Percebemos a manifestação de maior concentração de ODS situados na zona neutra e, ou, ambivalente, nos quais estão os ODS (3; 4;5;8;6;9;12;17;7;15;14).

Figura 44 - MAP-ODS1 -Graduações Proxêmicas na visão coletiva



Fonte: Autora

No caso de nossa amostra, chamou-nos a atenção os resultados do ODS 5 (igualdade de gênero) que teve neste primeiro recorte graduações tendendo a graus mais altos de percepção de proximidade dentre todos os ODS. Nos relatos qualitativos não tivemos nenhuma amostra de participante que houvesse indicado o grau zero para este ODS. Na relação com este ODS, houve também a incidência menor de graduações localizadas na zona de distanciamento.

Outro destaque que nos chamou a atenção, foram os padrões similares das pontuações dos ODS 3 (saúde e bem-estar); ODS 4 (educação de qualidade); ODS 6 (água potável e saneamento) e ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico) que ficaram posicionados, ainda numa zona neutra ou ambivalente, mas com inclinação para as zonas de aproximação.

No ODS 1 (erradicação da pobreza), houve maior frequência de respostas nos graus que indicam percepção de distância. O que ocorreu de forma similar com o ODS 11 (cidades sustentáveis). Este ODS recebeu, também, a graduação menos expressiva no que se refere à proximidade.

Os ODS 2 (fome zero e agricultura sustentável); ODS 10 (redução das desigualdades); ODS 13 (ação contra a mudança climática) e ODS 16 (paz, justiça e

instituições eficazes), também ficaram localizados com mais frequência na zona de distanciamento.

De maneira geral, os participantes expressaram-se mais frequentemente com o grau 2 o que nos trouxe reflexões sobre as pessoas, de maneira mais recorrente, terem percebido os ODS em uma zona de neutralidade e, ou, ambivalência. Com maior tendência à percepção de distância. Nos *Diálogos* e nos momentos *Cocriando em Grupo*, quando posicionados nesta zona entre 2 e 3, a graduação 2 era descrita com inclinação ao distanciamento e neutralidade, e o 3 como inclinação à ambivalência e aproximação.

Nos estudos de Carlson-Sabelli *et al.* (1994), os autores também indicavam notar diferenças na intensidade impelida para a neutralidade, menos intensa, que a postura ambivalente, mais intensa e propensa a ação.

Nestes recortes encontramos, também, elementos que nos oferecem direções para escolhas em aprofundamentos com ODS específicos, aspecto com as quais não lidaremos nesta tese, mas que demonstram formas alternativas de trabalho a partir do mesmo método que utilizamos, podendo-se em trabalhos futuros replicar-se a ideia de se levantar as graduações proxêmicas como um procedimento prévio ao trabalho com grupos em suas relações com os ODS.

4.1.3 – Não viajamos para lugares, viajamos para pessoas

Nos próximos tópicos, aprofundamos as etapas de *Diálogos*, *Cocriando em Grupo* e *Levantando as Cortinas: Ação!*

Iniciamos apresentando os instrumentos que nos apoiaram no processo de seleção e convite dos participantes destas etapas subsequentes, além de nossas premissas neste processo.

A proposta grupal, quer seja entre duas pessoas, *bipessoal*, ou mais pessoas em pequenos e grandes grupos, é o cerne da epistemologia socionômica (MORENO, 1999).

A partir da interação entre pessoas, seus papéis distintos, e contextos ambientais diversos, investigamos questões existenciais. Assim como formas de se potencializar os fluxos, espontâneos e criativos, que possam apoiar novos modos de ser e estar no mundo.

Temos nos processos de grupo, o eixo central de nosso método, sendo que contemplamos este olhar no desenho de todas as nossas etapas de pesquisa e na forma de analisar nossos dados. Por este motivo, incluímos procedimentos tanto na configuração *bipessoal*, como de grupo.

Moreno (1983) atribuía às sessões a dois, bipessoais, e às sessões em grupo potências diferentes e complementares, sendo este um ponto crucial de suas críticas a outros métodos.

Destacamos uma passagem abaixo, na qual ele analisa estes dois elementos no processo psicoterapêutico, porém englobando uma visão para todos os métodos sociométricos:

Na medida em que uma única pessoa entrava em terapia, o processo terapêutico só podia limitar-se a um diálogo entre os dois que se defrontavam mutuamente. O mundo podia ser deixado de fora, mas quando o grupo entrou em terapia, o mundo todo – suas angústias, e seus valores – teve que fazer parte da situação terapêutica [...]. Os problemas da sociedade humana tanto quanto os problemas individuais – o retrato das relações humanas, do amor, do casamento, da doença e da morte, da guerra e da paz, descrevendo o panorama do mundo em geral – pode ser apresentado agora em miniatura dentro de uma ambientação descolada da realidade, dentro do referencial do grupo. (MORENO, 1999, p.208).

Como estratégia de pesquisa, incorporamos a busca dentro de nossas limitações, de extratos os mais diversos possíveis de múltiplas vozes. Vozes que pudessem compor, em grupos, a representatividade da própria pluralidade da vida, colocando-nos em contato com a multiplicidade existencial que se manifesta a partir das diferenças.

Da mesma forma, propusemos interações em contextos e momentos diferentes, o que justifica nossa sequência de etapas como um movimento, e não como a captação de um retrato estático do fenômeno investigado.

4.1.4. A formação dos agrupamentos – ou, em que portos ancoramos?

Como colocado anteriormente, no capítulo sobre Método, o questionário MAP-ODS1 não tinha o objetivo de constituir uma escala parametrizada, porém, seu desenho ofereceu possibilidades de ser analisado com base em instrumental estatístico descritivo, não inferencial, denominado como análise de *clusters*. Os resultados deste processo de análise geraram a lista de participantes que foram convidados para as etapas qualitativas subsequentes. Consideramos a questão

norteadora da tese, que se referia a como as pessoas percebiam a distância e proximidade aos ODS em seus cotidianos.

Nosso instrumento, o questionário MAP-ODS1, foi inspirado em escalas do tipo *Lickert*, e coletava na sessão de graduações proxêmicas resultados variando de 0 (totalmente distante) a 5 (totalmente próximo).

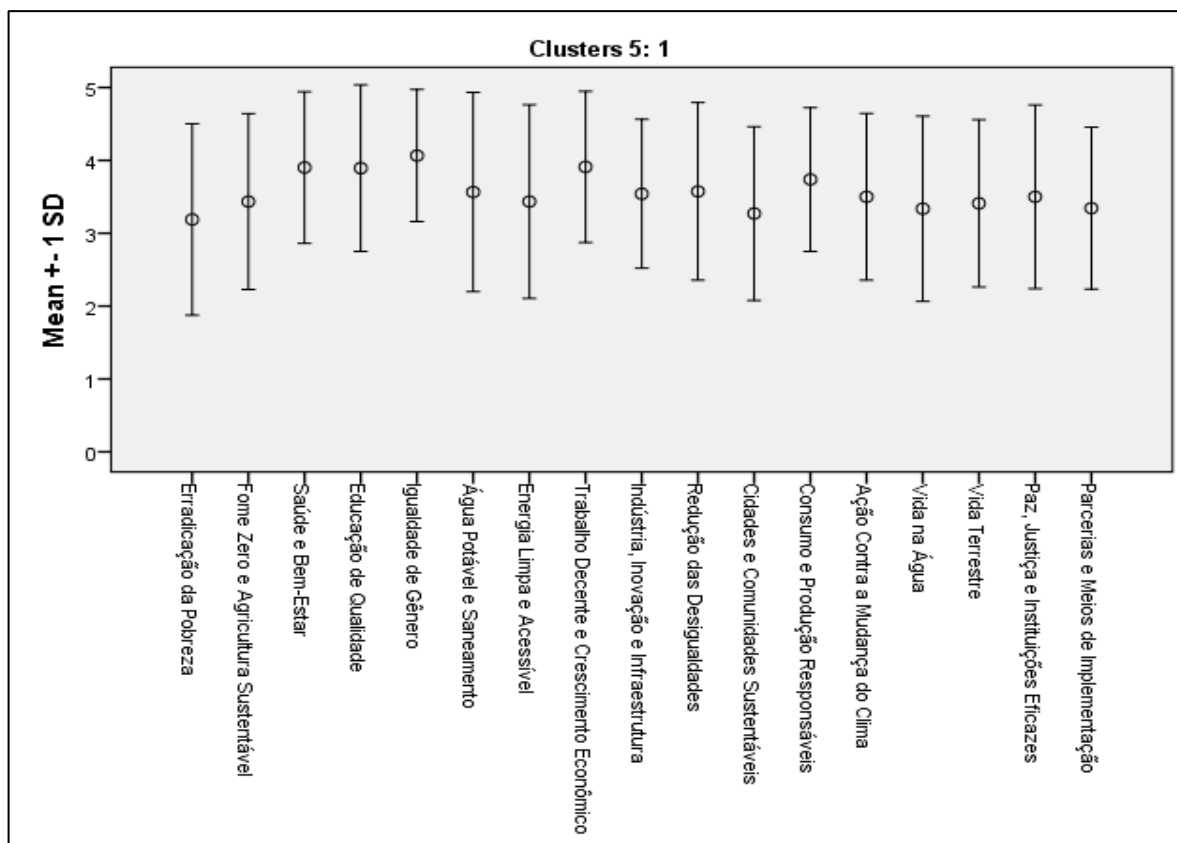
Buscávamos identificar convidados com perfis diferentes, tanto do ponto de vista demográfico, informações obtidas nas questões de 21 a 33, do questionário MAP-ODS1, como no padrão de graduação proxêmica com que se expressaram, coletado nas questões de 3 a 20.

Para buscar maior diversidade em termos de perfis sobre as expressões proxêmicas, agrupamos as pessoas a partir da análise de *clusters*, considerando suas graduações, uma vez que estávamos interessados nas formas como as pessoas mais comumente pontuaram suas percepções, mas também, como diferenciaram suas graduações. Cada agrupamento associou pessoas que tiveram um mesmo estilo de respostas e encontramos em nossa análise inicialmente 5 padrões distintos.

No agrupamento 1 (N=122) os participantes apresentaram graduações que giraram em torno de graduações em 3 e 4, transitando entre as zonas que denominamos como neutra/ambivalente e de proximidade.

Chamou-nos a atenção que a questão sobre 'Igualdade de gêneros', ODS 5, obteve o menor desvio padrão neste agrupamento, o que indica maior concentração de respostas 3 e 4 em torno deste item e que, neste agrupamento, as pessoas diferenciaram-se menos na relação com este ODS.

Figura 45 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 1 (N=122)



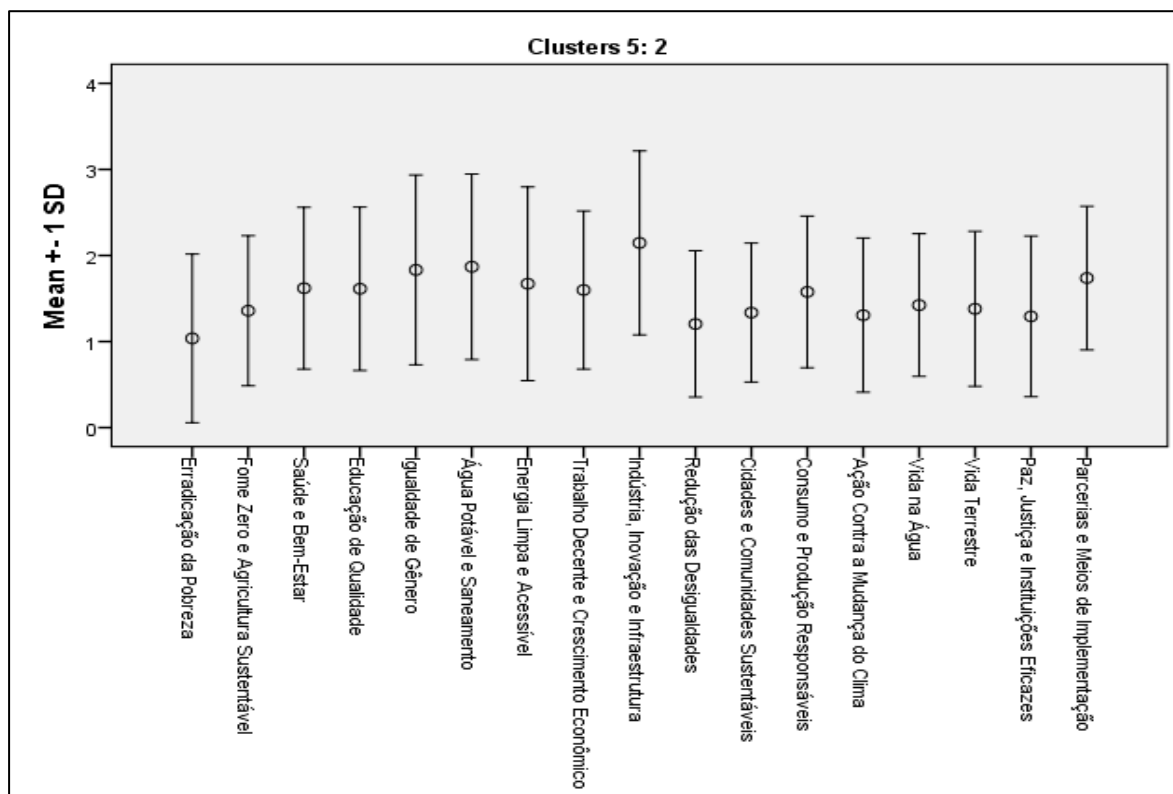
Fonte: Autora

Deste agrupamento, 26 participantes foram convidados para a etapa 2, de *Diálogos*, e, dentre estes, 12 concluíram esta segunda etapa e foram convidados para a etapa 3, *Cocriando em Grupo*.

Finalizaram a etapa 3 o total de 11 que foi, também, convidado para a etapa 4 e final, *Levantando as cortinas: Ação!* Obtivemos, por fim, 9 respostas deste agrupamento na etapa 4.

No agrupamento 2 (N=137), as graduações variaram num padrão de respostas entre os graus 1 e 2. Com participantes expressando movimentos entre a zona neutra/ambivalente e de distanciamento. Neste agrupamento 25 participantes foram convidados para a etapa 2 e, destes, 14 a concluíram e foram convidados para a etapa 3. Dos participantes deste agrupamento convidados para a etapa 3, *Cocriando em Grupo*, 10 aceitaram o convite e todos estes também concluíram a etapa 4.

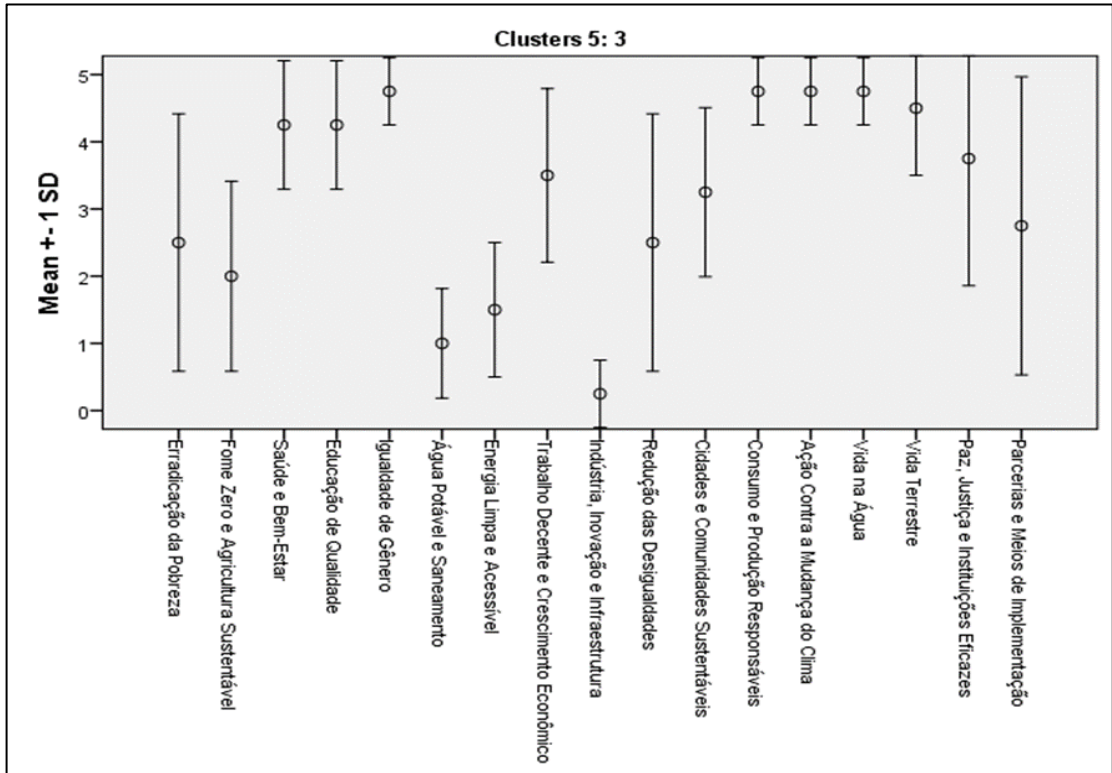
Figura 46 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 2 (N=137)



Fonte: Autora

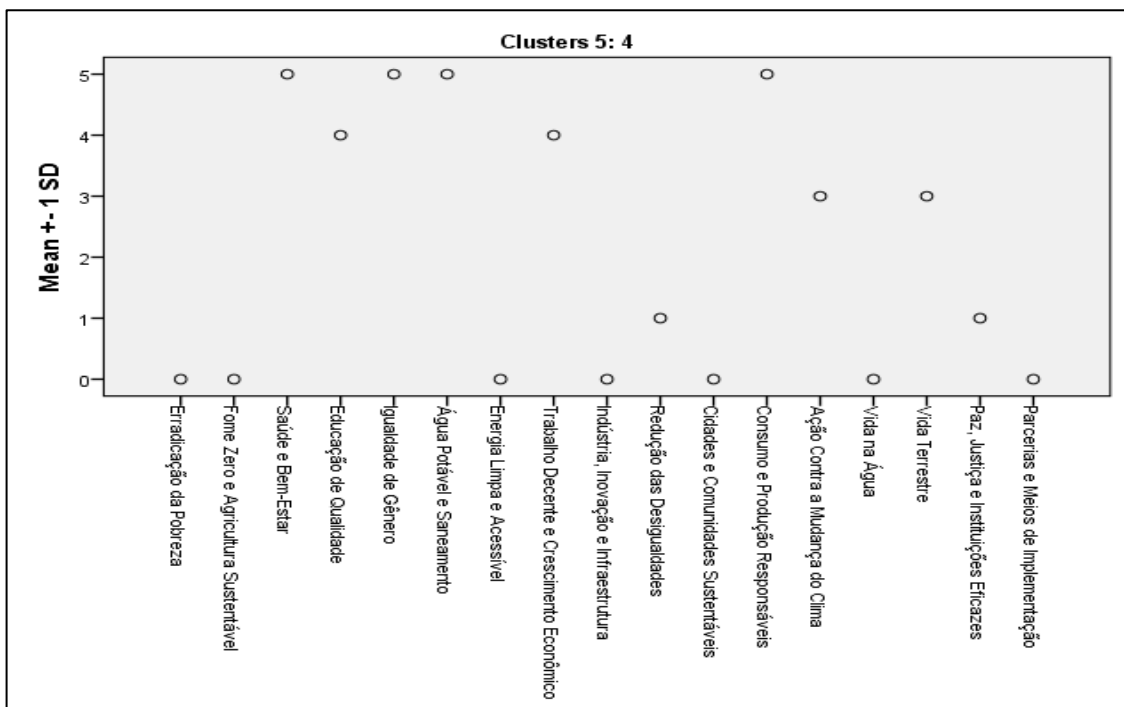
Nos agrupamentos 3 (N=4), 4(N=1) e 5(N=1) identificamos participantes com respostas em padrão difuso.

Figura 47 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 3 (N=4)



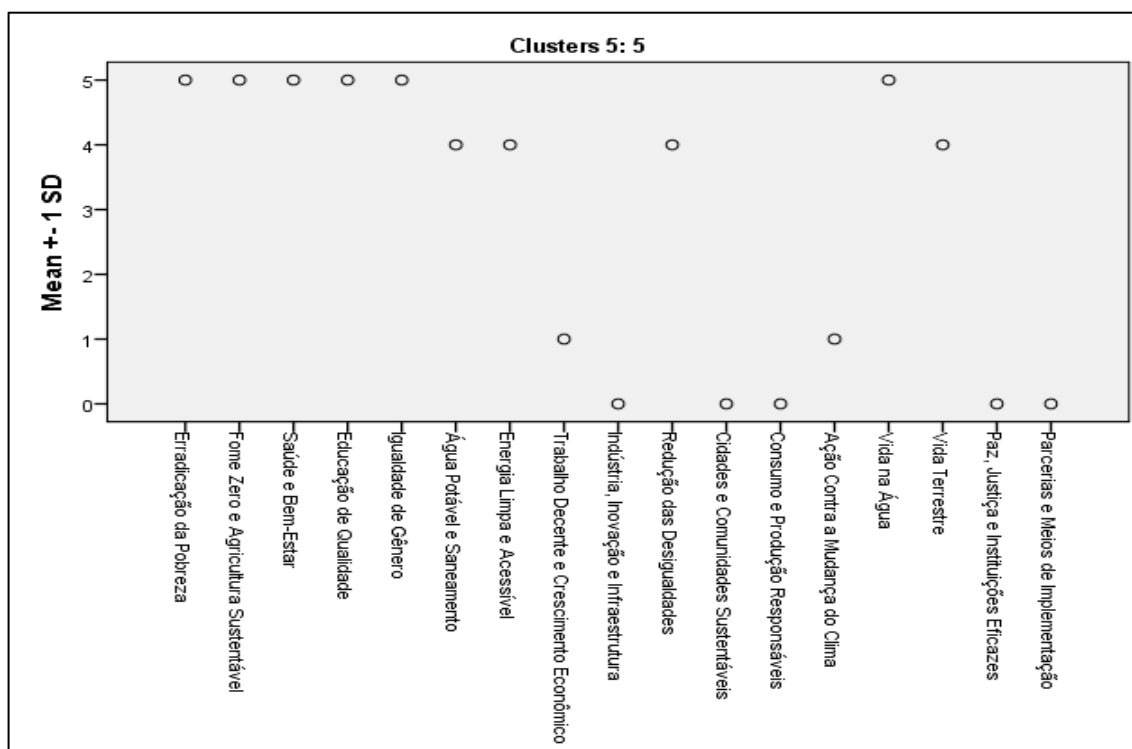
Fonte: Autora

Figura 48 - Participantes da Etapa 1- Agrupamento 4 (N=1)



Fonte: Autora

Figura 49 - Participantes da Etapa 1 - Agrupamento 5 (N=1)



Fonte: Autora

Entendemos, portanto, que estes 3 últimos agrupamentos compunham um único padrão, o de participantes que tiveram respostas difusas.

Por conta da diferenciação destes padrões de resposta, todos estes 6 participantes foram considerados para as etapas qualitativas posteriores.

O único participante do agrupamento 4 havia informado não ter interesse em participar das etapas qualitativas, dessa forma não foi convidado para dar prosseguimento. Todos os demais foram convidados para as etapas posteriores. Dentre os 5 participantes convidados, 3 responderam ao convite. 1 concluiu apenas a etapa 2 (*Diálogos*) e 2 concluíram todas as etapas qualitativas, sendo estas, o *Diálogo* da Etapa 2 e a Etapa 3, *Cocriando em Grupo*, respondendo ao questionário final MAP-ODS2 na Etapa 4.

Como colocado, mais ao início do capítulo, ao passarmos pela etapa de *Diálogos*, e unirmos dados quantitativos e qualitativos, notamos que a análise de *clusters* inicial retratava padrões quantitativos, porém, os significados de cada pontuação acabaram se desvelando apenas ao considerarmos as narrativas. Desta

forma, **transitamos da organização estática em clusters, para uma compreensão em zonas**. Este *insight* nos ajudou a refletir como a passagem do tempo e a conexão entre os diversos tipos de dados de pesquisa puderam ir ampliando e mudando nossas percepções sobre o fenômeno, em suas diferentes facetas, e não mais de maneira estática, mas em movimento.

Também comparando o plano de análise inicial, com decisões que tomamos ao longo da pesquisa, prevíamos uma amostra de no mínimo 15 participantes para a etapa 2, *Diálogos*. Mas, como mencionamos anteriormente, dado o grande número de respostas ao questionário na etapa 1, com participantes manifestando interesse em continuar colaborando com a pesquisa (83%), enviamos a 56 participantes o convite para as etapas subsequentes, com um prazo limite para confirmarem participação. Obtivemos a confirmação de 30 participantes que retornaram, agendando nas datas disponíveis suas sessões. Esta etapa ocorreu sem nenhuma intercorrência e dentro do prazo do cronograma. Apenas 1 participante entre os agendados faltou à sessão, chegando-se a um conjunto de 29 sessões que ocorreram no formato bipessoal de *Diálogos*.

Tabela 1 - Agrupamentos, Participantes e Etapas – Fonte: Autora

	Etapa 1		Etapa 2		Etapa 3		Etapa 4	
	convitados	concluíram	convitados	concluíram	convitados	concluíram	convitados	concluíram
Agrupamento 1	122	26	12	12	11	11	9	
Agrupamento 2	137	25	14	14	10	10	10	
Agrupamento 3	4	4	3	3	2	2	2	
Agrupamento 4	1	0	0	0	0	0	0	
Agrupamento 5	1	1	0	0	0	0	0	
total	265	56	29	29	23	23	21	

4.2. Diálogos

*Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face
e quando você estiver perto arrancarei seus olhos
e os colocarei no lugar dos meus;
arrancarei meus olhos
e os colocarei no lugar dos seus;
então verei você com seus olhos
e você me verá com meus olhos.
Então até a coisa mais comum servirá ao silêncio e
nosso encontro permanecerá meta sem cadeias
Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado
Uma palavra indeterminada para um homem indeterminado.*

Convite a um Encontro. Jacob Levy Moreno, 1915

Em intervenções sociodramáticas os Diretores, como são chamados os profissionais que conduzem as sessões, dialogam com os participantes, utilizando no conjunto de suas técnicas diferentes linguagens expressivas. No caso de nossa pesquisa usamos as graduações proxêmicas como um *iniciador*⁷⁰, um instrumento expressivo que dava início ao processo e aquecia os participantes para a ação narrativa.

Nestas sessões *bipessoais*, após as boas-vindas, compartilhávamos a visão da tela no aplicativo *zoom* com o questionário MAP-ODS1, previamente preenchido. Nesta contemplação conjunta, os relatos compostos pelas narrativas de cenas iam sendo introduzidos espontaneamente pelo participante.

Conquanto todos se tornam pesquisadores neste processo, Moreno denominava *observador participante* o agente pesquisador que origina, desenha e propõe o processo de pesquisa e ressalva que:

O observador participante – em uma forma particular deste trabalho – não permanece “objetivo” ou longe das pessoas a serem estudadas; torna-se amigo delas. Identifica-se com as situações particulares de cada pessoa; torna-se extensão de seus próprios egos. Em outras palavras, o participante “objetivo” passa a ser “subjetivo”. Como *participante subjetivo* pode entrar, sucessiva e simultaneamente, nas vidas de vários indivíduos [...] (MORENO, 1992, vol. 1 p.207)

Baseamo-nos na visão moreniana de que a partir da relação, potencializam-se reflexões profundas sobre questões existenciais entre pessoas com perspectivas diferentes, exercitando-se a espontaneidade e criatividade e no momento dos *Diálogos* aderimos juntos a:

[...] realidade suplementar, que não assume o *status* de realidade objetiva e absoluta, é a realidade criada no momento, como uma experiência de integração de múltiplos vetores num produto singular, o qual favorece a abertura para novos múltiplos sentidos, nenhum deles exclusivo e definitivo, nenhum deles ideologizante. [...] Ao se oferecer a oportunidade de contar histórias, estimula-se o reencontro com aspectos que ficaram perdidos na trajetória da vida, recuperando assim extensas áreas desertificadas, que podem recobrar vitalidade, significado e importância. Relembrar histórias permite reintegrar a história, o que teria como efeito principal o fortalecimento da identidade, especialmente na medida em que o relembrar acontece dentro de um contexto de aceitação e valorização das reminiscências e invenções, sem críticas ou explicações que as coisifiquem. (AGUIAR, 2011, p. 10)

As cenas emergentes nas narrativas, iniciadas a partir do enunciado e da graduação proxêmica expressa a cada ODS, levaram-nos a navegar entre diferentes

⁷⁰ O conceito de **iniciador** refere-se ao que se usa, em termos técnicos na Socionomia, para aquecer os participantes para a ação.

dimensões de tempo: passado, presente e futuro, assim como, confrontarmos todos nossos afetos e atravessamentos institucionais, culturais e estruturais, que nos lembravam que não somos seres isolados, que vivemos as limitações do mundo que se apresenta. Quando acessávamos os enunciados dos ODS, tais enunciados configuravam uma realidade suplementar, ao mesmo tempo em que não nos descolávamos totalmente da realidade como se apresenta, e é compartilhada por nós e aqueles que fazem parte de nosso cotidiano.

Nossa investigação, com foco na subjetividade e intersubjetividade, e nas realidades suplementares que pudessem ser acessadas, previa a liberdade de transitarmos em diferentes perspectivas de familiaridade com a Agenda 2030. Neste movimento, tornamos a Agenda 2030 inclusiva a todos, e os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável foram passíveis de ser ancorados às dimensões existenciais singulares dos participantes.

Nosso caminho partia da vida e do cotidiano na relação com os enunciados, o que prescindia de contato prévio com o conteúdo apresentado. Os participantes acessavam suas próprias referências e subjetividades neste contato.

A seguir, no quadro sobre diferentes posições em termos de familiaridade dos participantes na relação com a Agenda 2030, reforçamos que todos os nomes foram substituídos para mantermos a confidencialidade dos dados, conforme previsto nos cuidados éticos aos quais submetemos nosso método.


Figura 50 - Familiaridade com a Agenda 2030



Fonte: Autora

De modo a não se tornar repetitivo ao leitor, extraímos partes representativas dos dados coletados nos *Diálogos*, estruturando aquilo que nos pareceu essencial ao fenômeno investigado na pesquisa. Conforme mencionado anteriormente, a partir da contemplação das graduações proxêmicas, de cada ODS, o participante aquecido para a ação narrativa trazia espontaneamente suas cenas.

Reproduzimos na sequência alguns trechos:



CENAS

Sati

Cena 1(ODS7): Vê o marido trabalhando e conversando sobre energias limpas. Vê as pessoas se preocupando com o tema de fontes renováveis. Isso a faz sentir que o assunto está caminhando.

Cena 2 (ODS11): Estava em uma comunidade , atendendo jovens dependentes químicos. Um deles contou a história de que não dormiu a noite por estar muito calor. Sati perguntou: Por que não dormem de janela aberta ? E aí todo mundo rachou de rir. Ela ficou sem graça, não entendeu, pediu para explicarem e um deles falou: Tá engraçado porque você não percebe que se a gente abrir a janela a gente tá dentro da casa de outra pessoa. Isso quando tem janela. Sati ficou muito sem graça do quanto estava longe da realidade deles.

Cena3(ODS12): Vai ao supermercado, demora pois procura produtos com menos plástico nas embalagens. Se sente brava e frustrada. Volta para casa e combina com o porteiro de seu prédio formas de fazer separação de lixo e reduzir o resíduo. O porteiro é seu aliado, mas na própria casa tem que sempre discutir com o marido e filho sobre isso, pois não fazem o mesmo.

Questões essenciais : Conexão e desconexão com aqueles com quem convive e o impacto disto na sensação de estar ou não caminhando nos objetivos.

Hélio

Cena 1 (ODS 3): Sua esposa é mordida por um cachorro, ele busca ajuda no serviço de saúde pública da cidade e admira-se com o atendimento. Acha o SUS fantástico, o que faz ter confiança no trabalho do SUS na pandemia. **Cena 2 (ODS 15):** Se vê em imagens no Instituto de resgate animal cuidando de onças e dos filhotes. Mesmo o governo não ligando para isso tem gente fazendo, como o pessoal do Instituto.

Cena 3 (ODS 16): A documentação de sua casa estava com problema, falou com uma advogada e explicou: Eu estou sendo alijado do meu direito de terminar minha casa por algo que não tenho nada a ver com isso, eu comprei o terreno e os donos estavam vivos, agora alguém morreu e parou tudo, preciso que isso seja resolvido, que me dê o direito de fazer minha escritura e terminar minha casa. A advogada conversou com o juiz. O juiz soltou uma ordem dizendo que todo mundo que tinha comprado o terreno, os lotes iguais, antes da morte da mulher, tinham direito à escritura. Hélio sentiu que ao procurar seus direitos ajudou a todos que estavam na mesma situação. A justiça funcionou para todos, mais de mil lotes, e ele sentiu-se bem por ter sido quem começou o movimento.

Questões essenciais: Encontrar os pontos de confiança e apoio onde consegue. Iniciar e se lastrear por aquilo que acredita e assim impactar o todo.

Cibele

Cena 1(ODS 5): Se recorda do momento em que se colocou como homoafetiva aos 48 anos, em meio a sua família patriarcal e conservadora. **Cena 2 (ODS 12):** Cibele discutindo com os filhos em casa por querer consertar eletrodomésticos antigos e os filhos não concordarem . Não compreendem porque quer fazer isso.

Cena 3 (ODS 16): Cibele indo a uma reunião sobre Agenda 2030, representando a instituição que trabalha, mas sentindo que não querem que se aprofunde nos temas. Mesmo ela achando tão importante.

Questões essenciais: Sentir-se sozinha nas brigas e nos conflitos relativos às questões que lhe são importantes. Buscar constantemente o que pode fazer, mas nem sempre ter oportunidade de realizar o que deseja. Potência x Impotência.

Irene

Cena 1(ODS 5): Se vê assistindo notícias de feminicídio na TV, acha absurdo o fato de não haver políticas de garantir a proteção de quem precisa. **Cena 2 (ODS 6) :** Se lembra visitando o Rio São Francisco. Foi até a nascente e achou lindo mas depois se preocupou , pois talvez tivesse uma forma melhor de dar acesso a água para o Nordeste, porque arrumou uma coisa, mas achou que piorou outras e o meio ambiente, porque desvia toda aquela água, ficou muito preocupada na transposição do Rio e de ver aquilo. **Cena 3 (ODS 15):** Se lembra viajando no Mato Grosso , indo para Bonito e na estrada andava muito e só via pasto. Sentiu estranhamento de ver tanto pasto e nenhuma árvore. Andou quilômetros e quilômetros e quilômetros e só viu pecuária. Viu aquele gado embaixo de um sol queimando um lugar que não tem vontade de voltar. Só plantação, ou só pasto e mais pasto . Tem agonia de ver aqui em qualquer lugar no Brasil ,ver as montanhas e terras peladas assim para pasto.

Questões essenciais: O contato sensível com o mundo, com a geografia incompreensível das violências sociais e vulnerabilidades de alguns e das ocupações humanas que não fazem sentido.

Iris

Cena 1 (ODS 7): Vê os ônibus elétricos nas cidades onde morou e circula. Tenta pensar quanto tempo esses ônibus poderiam estar em todas as outras cidades. Não lhe vem uma resposta. Acha que isso não acontecerá tão cedo. Se entristece. **Cena 2 (ODS 12):** Fez Campanha de Arrecadação e doação de roupa. Pessoas pegaram sacos de roupa e levaram para casa. Tempos depois achou nas ruas vários destes sacos jogados pela cidade, sacos e sacos de roupa jogados. Quem pegou as roupas, simplesmente jogou o que não queria na rua, na calçada. Se desanimou por essa falta de educação sobre consumo e descarte. Por ser cultural.

Cena 3 (ODS 17): Se vê na rua, de frente com alguém passando fome no semáforo. Compra comida e divide com a pessoa. Pensa se cada um tivesse uma aliança com alguém, pelo menos uma única pessoa que necessita poderíamos pensar em grandes alianças. Mas não vê isso acontecer. Nem agora, nem no futuro próximo.

Questões essenciais: A decepção e incerteza do presente como sementes de descrença sobre o futuro

Figura 51 - Cenas Sati, Hélio, Cibele, Irene e Iris – Fonte: Autora

Nos trechos narrativos anteriores, na Figura 51, observamos cenas em diferentes paisagens. A maioria das cenas é composta por lembranças de eventos que realmente ocorreram com os participantes, e, destacamos apenas uma cena que foi narrada a partir de imagens criadas: Hélio no Instituto de resgate de animais. Neste caso, ele nunca esteve no lugar onde narrou sua cena, mas relatou ter uma conexão profunda com o trabalho do Instituto de resgate animal que “trouxe a nosso palco virtual”. Juntos exploramos o que de significativo tinha neste espaço. Identificamos a potência que sentia ao se ver junto com os animais e com outros que estavam fazendo algo, independente da vontade do governo atual.

Optamos em nosso método em utilizar os recursos da epistemologia sociônômica na camada exploratória de identificação das questões essenciais e existenciais que permeavam o fenômeno proxêmico. Ressaltamos que a partir desta exploração de cenas, vários outros recursos sociopsicodramáticos adicionais poderiam ser lançados, trabalhando-se com as cenas geradas e intervindo nos aspectos que delas emergiram como por exemplo, a tomada de outros papéis, convidando os participantes a experimentarem se colocar em outros locais nas cenas; investigando quais elementos quisessem agregar a estas mesmas cenas, ou excluir delas; criando dramaturgias e desfechos distintos, de forma a desdobrar via processo criativo alternativas às problemáticas apresentadas.

Nos detivemos, contudo, em acolher as narrativas com recursos de Direção mais limitados, uma vez que estávamos nos adaptando à utilização do ambiente *online*, em função da pandemia. Realizávamos as intervenções que julgávamos adequadas a todo este contexto, considerando o grau de aquecimento dos participantes para a ação e o cuidado em não abriremos frentes que não déssemos conta de trabalhar, em função das limitações tanto de tempo, como do manejo técnico que sentíamos nestes momentos em que ocorreram os *Diálogos*.

Nesta estratégia de Direção, enfocamos de maneira prioritária fluir, validando com os participantes aquilo que era o conteúdo essencial de suas narrativas, o que se constituiu em dar voz a subjetividade a partir do lugar de um *duplo*, ou seja, como observadora participante da cena narrada, colocava-me como extensão do ego do narrador e sintetizava em outras palavras aquilo que surgia na cena, como um *duplo*, da subjetividade do participante. Deste lugar, expunha também falas que sentia como subjacentes, ao que o participante expressava, mas não tinha dito. Estes conteúdos iam sendo confirmados.

Também *espelhava*⁷¹ em alguns momentos, os participantes, repetindo exatamente as suas falas, para que se vissem a partir de um outro lugar.


Foi assim que identifiquei com: **Sati** sua conexão e desconexão com aqueles com quem convive, impactando em seus balizadores proxêmicos suas sensações de estarmos, ou não, caminhando nos objetivos de desenvolvimento sustentável; assinaei com **Hélio** sua busca por pontos de confiança e apoio, parte em cenas recordadas e parte em cenas imaginadas, fazendo coisas sem depender do governo, mas acionando a justiça; acompanhei **Cibele** lidando com a ambivalência entre a potência e impotência, na solidão que repercute ao bancar seus conflitos e brigas, frente ao que considera importante; vivenciei com **Irene** o contato sensível com o mundo, com a geografia incompreensível das violências sociais e das ocupações humanas que não fazem sentido e; estive com **Iris** entre a decepção e incertezas que geram sementes de descrença sobre o futuro.

Transitando para uma próxima sequência de cenas, na Figura 52 que segue, nos conectamos com **Guaraci, Selene, Bia, Freyr e Dóris**. Nestes relatos, chamamos atenção sobre a maior incidência de narrativas espontâneas nos papéis profissionais e de cidadão, mas também quanto ao surgimento de papéis de afilhada, filha, mãe, consumidora, filho, marido e mergulhador. Relembramos que em nosso método não direcionávamos quais cenas deveriam surgir, ou a partir de que papel as cenas seriam narradas. Entrávamos em contato com as graduações proxêmicas do participante, expressas sobre cada ODS, e estas nos serviam como iniciadores. Abríamos assim o campo, ou em termos morenianos - *o palco* - para que os participantes se expressassem livremente. De forma a evitar que o Diálogo ficasse apenas num âmbito discursivo de ideias, estimulávamos os participantes, quando necessário, com a pergunta: Que cenas lhe vem, quando falamos sobre isto? E, no contexto dramático, produzido na relação com os participantes, a conexão com as cenas e as emoções inerentes eram investigadas.

Compartilhamos, por exemplo, com **Guaraci** da tristeza em ter que lidar com toda a precariedade do ambiente escolar onde convive, e as sensações de impotência frente às limitações. Ao mesmo tempo, navegamos em suas cenas pela cultura

⁷¹ As técnicas de duplo e espelho são práticas dos métodos sicionômicos e realizadas dentro de contextos em que se observam o aquecimento e a relação propícia entre Diretor e participantes a fim de serem inseridas de forma adequada ao momento.

estabelecida do que é possível se fazer e criar frente ao trágico, ao preconceito e à necessidade de se incluir quem sofre exclusão por ser diferente.



CENAS

Guaraci

Cena 1 (ODS 1) Na escola onde trabalhava, uma aluna deixou o celular carregando em casa. Deu pane e pegou fogo em tudo. Ele participou da arrecadação pra comprar colchão, deu roupa, deu gêneros alimentícios, mas acha que é pouco fazer as coisas assim, só quando aparece situação ruim na sua frente.

Cena 2 (ODS 7) Sempre tinha um aluno que passava mal de fraqueza, por desnutrição. Uma vez pediram para levar um menino em casa, mas não conseguiam explicar o endereço. A maioria dos alunos morava em áreas ocupadas, não tinham nem endereço. Eles não têm uma situação boa de vida. Fazem gato na ligação elétrica. É tudo muito precário, não tem como visualizar isso de energia limpa.

Cena 3 (ODS 10) Na escola pública trabalha com imigrantes latinos, principalmente bolivianos. Alunos brasileiros reclamam de que eles não cheiram bem. Uma vez uma menina falou: eu não quero sentar perto dela, porque é fedorenta. Ele mudou a menina que reclamou de lugar e colocou o lixo perto dela e falou pra ficar do lado do lixo e pensar no que falou. A menina boliviana era inteligentíssima. Mas ninguém na sala queria nem fazer grupo nem fazer trabalho com ela.

Questões essenciais: A cultura se fazendo a partir do possível e do trágico. Preconceitos, exclusão e inclusão. Potência e impotência em meio a isso.

Selene

Cena 1 (ODS 3) Foi pela terceira vez no posto com sintomas de COVID e a mandaram voltar para casa. Sentiu falta de um médico que a entendesse, que conversasse e escutasse. Por viver numa cidade pequena acha que a estrutura podia ser mais próxima das pessoas. Viu que tem uma pilha de fichas paradas no balcão, de pessoas que fazem exames e nunca voltam. Não tem ninguém fazendo um contato com essas pessoas. Lembra da mãe de uma amiga, idosa, que mandaram ir em vários lugares pra conseguir ser atendida. Não acha o atendimento cuidadoso com ninguém.

Cena 2 (ODS 7): Quando visitava as casas da comunidade via aquele monte de fio de eletricidade solto, dentro e fora das casas. Às vezes, até chora quando vê isso, e acha que chorar, às vezes, é preciso. Importante não deixar de sentir. Isso faz lembrar da infância, da casa da madrinha, lugar que ia quando estava triste, pois lá a tratavam bem. Mas quando chovia o barraco quase desmanchava. Esses dias fez uma pesquisa sobre esses lugares da infância e viu que não mudou muita coisa, praticamente nada. E aí pensa quem escolhemos quando votamos? Parece que nada muda.

Cena 3 (ODS 2): Quando era criança a mãe ia na feira no domingo. Era pobre, mas tinha muita fruta. Lembra da casa muito colorida dessas frutas. A mãe tinha no quintal chuchu, verdura, pé de frutas. Preferia como era antes, de verdade. Para ela, com os hábitos de hoje demos para o grande agricultor poder. Agora ele manda se a gente, e, o que a gente vai comer.

Questões essenciais: A necessidade de ser ouvida, acolhida, e receber nesta relação algo muito além da infraestrutura apenas material. Para quem damos poder de decidir sobre nós.

Bia

Cena 1 (ODS 6): Chorou muito quando votaram na terceirização da água e esgoto. Sentiu que vão acabar com as matas ciliares ao redor dos rios. Isso é o que está acontecendo na sua cidade. Tem visto transformarem tudo em cimento. Se ressentem por não pensarem a água como um bem social, um bem público, a água como vida.

Cena 2 (ODS 11): Fez um trabalho com as crianças na ONG que atua, junto com o Conselho de Engenharia da cidade. Queria que as crianças conhecessem o projeto dos ecopontos, que foi premiado internacionalmente e sem participação do poder público.

Cena 3 (ODS 16): Se vê na sua cidade lutando por direitos e também lutando para se impor contra as injustiças. Lembra o movimento dos negros, nos Estados Unidos, e a vitória do Biden como um gás no povo daqui. Parecia que estavam saindo do anonimato, quando viram as pessoas gritando de lá. Acha que o acontece nos outros lugares parecia afetar. Pensava: Isso vai chegar. Embora seja muito, muito longe e aquém do que estavam pedindo, era como se alguém escutasse esse grito. O movimento do Black Lives Matter é muitoparecido com o que vivência e experimenta aqui.

Questões essenciais: Fluir entre instâncias para garantir direitos. Perceber potência mesmo entre entes não governamentais. Afetar-se quando outros conquistam ou retiram direitos, não só de si, mas do entorno.

Freyr

Cena 1 (ODS 4): Lembra que a mãe comentava que estudar em escolas particulares, na época dela, era um demérito porque só quem não tinha nível de estar em escola pública que ia para escola paga. Nunca tinha entendido isso até conhecer alguns asiáticos, junto com sua esposa, que ao se apresentar como professora foi ovacionada neste grupo. Na Ásia ser professor é uma honra, culturalmente valorizada.

Cena 2 (ODS 5): Viveu algo muito marcante ao resolver um processo de assédio sexual em uma organização. Foi marcante porque a menina se sentia totalmente culpada. Ela dizia: O que eu fiz para isso acontecer? Freyr respondia: minha querida, você não fez nada para isso acontecer. Nesse mesmo episódio um diretor da empresa disse: Mas será que essa moça não estava tendo um caso com esse rapaz e quis aproveitar da situação? Freyr, como homem, ouvindo outro homem, teve vontade de dar um murro na cara dele.

Cena 3 (ODS 14): Mergulhou no litoral de São Paulo e foi uma experiência muito esquisita, pois eram lugares lindíssimos, maravilhoso, mas as pessoas jogam de tudo. Você pode encontrar, botijão de gás, sofá jogado. Muito lixo.

Questões essenciais: Cultura, machismo estrutural e ambiente natural sob interferência humana predatória.

Doris

Cena 1 (ODS 1): Estava na empresa onde trabalhava e se deu conta que precisava fazer algo para incluir nos processos seletivos gente que não tinha dinheiro nem para pegar ônibus. Estruturou um processo e pagou vale transporte para as pessoas virem às entrevistas. Precisava fazer algo mais inclusivo e fez.

Cena 2 (ODS 5): Brinca de boneca com o filho menino. Brincam de casinha, ele cozinha, a boneca é a filha dele e ele cuida dela integralmente, troca fralda, dá banho. Sente que no futuro ele vai lidar com a questão de gênero de forma diferente.

Cena 3 (ODS 10): Contratou refugiados onde trabalha. Conheceu um médico estrangeiro e ficou triste por ele não poder atuar na profissão dele, no Brasil seu diploma não é reconhecido.

Questões essenciais: Por onde começar a fazer algo, mesmo que pequeno e diferente do que é culturalmente esperado. Inclusão.

Figura 52 - Cenas Guaraci, Selene, Bia, Freyr e Doris – Fonte: Autora

Selene, em sua narrativa de cenas bastante poética, nos fez sentir que chorar é preciso, para não deixar de sentir. De forma sensorial, carregou-nos entre cores, cheiros e pelas dores por não se sentir acolhida. Sentimos com ela o medo do fogo, nas ligações improvisadas de energia da comunidade, e da chuva que podia desmanchar o barraco que a protegia, não só da água, mas da solidão e da tristeza. Nesta realidade em que adentramos com ela, parecia interminável a repetição insolúvel de problemas e fios soltos, que nos levam ao desamparo, fruto de não conseguirmos tirar o poder de quem não acolhe nossas aflições, ou nossa fome.

Bia trouxe para nosso palco virtual o grito longínquo, mas potente, do movimento negro americano, *Black Lives Matter*⁷², que esteve evidente na mídia no período de 2020, quando fizemos nosso *Diálogo*. Percorremos com ela, afetados pela força deste grito e pela tristeza, os entremeios do exercício de uma cidadania indignada por decisões políticas não condizentes ao que preconizam os ODS. Ao mesmo tempo, a presença das crianças em uma de suas cenas nos aliviou e trouxe sensações de esperança, de outro futuro possível, ainda como realidade suplementar, mas sendo aprendido a partir do exemplo dado pela sociedade civil, que se organiza e age não dependendo apenas do poder público.

No mergulho com **Freyr** nos surpreendemos com o impacto negativo da presença humana, constatada pela quantidade de lixo no mar, mas mergulhamos, também, de forma nostálgica, porém esperançosa, em outro tempo no Brasil e em outra cultura, a asiática, onde a educação foi, e ainda é, valorizada. Abrimos brechas de respiro quando nos confrontamos com estas outras realidades. Assim como experimentamos com ele jeitos de confrontar o machismo estrutural e predatório.

Visitamos dimensões esperançosas, no presente e no futuro, ao entrarmos nas cenas de **Dóris** brincando com seu filho e criando com ele novos elementos de uma cultura que está por vir e que lidará de forma diferente com as questões de gênero, incluindo pessoas em situação de vulnerabilidade pela pobreza, ou as que buscam refúgio em nosso país.

Nas cenas seguintes, com **Wadd** exploramos o quão difícil é estar no lugar de quem percebe questões com as quais muitos ainda não se importam. Pertencer, a grupos que não são compreendidos, aceitos ou respeitados pelos outros, pela classe

⁷² Vidas Negras Importam, em tradução livre

social, por diferentes orientações de gênero, por ser negro, por ser uma espécie de vida diferente.

Com **Rama** vivemos os dilemas sobre perseverar ou desistir conforme a aceitação de outros sobre o valor de algo, buscando e compartilhando conhecimento que amplie a potência e a autonomia em nossos caminhos. Algo que também vivemos com **Jaci**, que em suas narrativas nos levou até a outros continentes, para então aportarmos em uma jornada cotidiana sobre conversarmos, bem de perto, com quem ainda está perdido e precisando de ajuda. Também sobre as decisões do que fazemos com aquilo que nos afeta e sobre como nos sentimos potentes quando descobrimos o que é possível fazer.

Isis, em sua familiaridade aos ODS nos ensinou sobre suas lacunas e do quanto é difícil olharmos para estes objetivos e não reconhecermos a nós próprios neles, sentindo-nos invisíveis. Assim como ainda são invisíveis para **Ossaim** as saídas para a maioria dos problemas apontados pelos ODS.

CENAS



Wadd

Cena 1 (ODS 1): Conversa com amigos mais privilegiados socialmente e conta que não tem vergonha da avó ter comprado a casa onde moram batalhando muito e tendo vivido com muito dificuldade, na pobreza. **Cena 2 (ODS 5):** Conversando com sua amiga travesti, excluída por outros amigos. Falam sobre como ela se sente com raiva de não ser chamada pelo nome social. **Cena 3 (ODS 9):** Vendo seu chefe queimar papéis e resíduos na empresa onde trabalha se sente desanimado que ninguém, além dele, liga para inovação e sustentabilidade.

Questões essenciais : Perceber questões que muitos ainda não se importam. Sentir-se perto , ou pertencer, a grupos que não são compreendidos, aceitos ou respeitados pelos outros: pela classe social, por diferentes orientações de gênero, por ser negro, por ser uma espécie de vida diferente.

Rama

Cena 1: (ODS 4) Defendendo sua dissertação de mestrado, sente-se melhor quando a sua banca o incentiva a continuar sua pesquisa no doutorado. Tem dúvidas do que é possível fazer. Sente seu trabalho desvalorizado. **Cena 1 (ODS 6):** Rama coleta amostras de água e ao analisar os resultados fica desanimado com o trabalho que está fazendo. **Cena 3 (ODS 15):** Rama dando aulas para classes de ensino fundamental descobre que ama estar neste papel. Cria projetos e conversa com a direção da escola para que todas as suas aulas sejam ao ar livre. Traz mapas para sala de aula e exercita com os alunos todo o mapeamento ambiental da cidade, com os rios, olhos d'água, áreas de preservação. Exercitou com os alunos todas as decisões de um plano diretor para o município em que vivem.

Questões essenciais : Perseverar ou desistir conforme a aceitação de outros sobre o valor de algo. Buscar e Compartilhar conhecimento que amplie a potência e a autonomia

Jaci

Cena1(ODS 2): Na África, como voluntária de um projeto de esportes com crianças, conhece outros voluntários e visita fazendas em projeto contra fome. Vê coisas que nunca imaginou. Fica com aquilo "martelando" em sua cabeça quando volta. Pensando no que fazer. **Cena 2 (ODS 6):** Atuava como voluntária em um projeto que dá acesso a água potável e banho para pessoas em situação de rua, na periferia de SP. Cortava o cabelo de um dos participantes, ao conversarem descobre que podia ajudá-lo a reencontrar sua origem e ter novamente seus documentos. Vai com ele até o fim nesta empreitada. **Cena 3 (ODS9):** Estava dormindo no sofá em uma noite e , sem querer, acorda de madrugada com a TV ligada. Começa assistir o documentário. As informações que descobriu mudaram sua vida, buscou conhecer o projeto que estavam falando no programa e passou a fazer parte, atuando com inclusão digital com jovens em escolas públicas.

Questões essenciais : Buscar por conhecimento e experiências em diferentes realidades. O que fazer com aquilo que vê, com o que percebe, mesmo por acaso, e a afeta ? Sentir potência ao perceber que há algo possível a se fazer.

Isis

Cena 1(ODS 4): Estava dando aula no Instituto Federal, sente-se surpresa com os alunos, pelo o quanto sabem, e são preparados. Ao sair de lá vai para uma escola de periferia e se assusta, lá não tem a mínima estrutura. Eles não estão incluídos na sociedade. Fica triste. Falta muita coisa na periferia, por isso trabalha como ativista e atua na periferia. **Cena 2 (ODS 10):** Na formação de 11 semanas que teve da ONU, foi preparada para acompanhar a implementação municipal e meios de mensuração de impacto das 169 metas e 231 indicadores dos ODS. Se sentiu mal ao perceber que só tem uma meta que fala da palavra raça. Por toda a importância da questão racial achou injusto ter apenas uma meta que englobe o tema. Também lembra que achou a agenda 2030 LGBTQIA+, por não trabalhar explicitamente a inserção das comunidades LGBTQIA+ dentro do seu escopo. **Cena 3 (ODS 15):** Foi para o Pico dos Marins, numa trilha, seus pais a acham doída por se envolver com essas coisas de ativismo ambiental. Não entendem o que ela faz, nem o porque ser uma ativista, não fazem muita ideia de que isso é urgente ,hoje, e pensando no futuro.

Questões essenciais : Sobre a urgência. Lutar pelo o que muitos ainda não entendem ou nem incluem como existente.

Ossaim

Cena 1(ODS 4): Estava na escola onde é estagiário. Vê pessoas de seu círculo mais próximo batalhando e se esforçando por manter a qualidade na educação. Mesmo na pandemia. **Cena 2 (ODS 7):** Estava navegando no Facebook vendo notícias de empresas de carro na Alemanha e na Europa. Viu que estão usando fonte de energia elétrica. Se sente feliz, mas , ao mesmo tempo, fica meio desanimado porque vai demorar pra isso acontecer globalmente, mesmo querendo que isso aconteça, aqui no Brasil vai demorar. **Cena 3(ODS14):** Viu as cenas na TV da mancha de óleo vazando no litoral. Percebeu o quanto a Vida na Água está ameaçada.

Questões essenciais : Ser expectador daquilo no qual ainda não pode intervir.

Figura 53 - Cenas Wadd, Rama, Jaci, Isis, Ossaim – Fonte: Autora

4.3 Cocriando em Grupo na Etapa 3

Se Deus um dia estiver de voltar à Terra será sob a forma de um pequeno grupo de cidadãos bem comprometidos.

J.L.Moreno

O agendamento para a etapa 3 deu-se a partir do critério de se formar grupos com perfis heterogêneos em relação a todos os elementos levantados nas etapas anteriores. Para se garantir o mínimo de 3 e máximo de 5 participantes eram consultados até 7 participantes, oferecendo-se uma data específica para o grupo a ser realizado. A partir das confirmações manejava-se o quórum. Na ocorrência de incompatibilidades de agenda, caso os participantes se dispusessem, eram abertas novas datas, partindo-se do mesmo critério de compor grupos heterogêneos. Ao final do cronograma previsto para esta etapa, 5 grupos haviam sido concluídos e 23 pessoas haviam participado do processo. 4 grupos tiveram 5 participantes e 1 grupo contou com 3 integrantes.

Partindo do processo de análise temática (BRAUN e CLARK, 2014), acrescentamos e destacamos nos relatos o que identificamos como temas protagônicos de cada grupo (FALIVENE, 1999).

Na Figura 54, apresentamos os 23 participantes dos 5 grupos realizados. Constam nestas informações os nomes fictícios; os papéis profissionais no contexto social; os papéis indicados como percebidos como maior potência à ação relativa aos ODS e qual padrão de graduação proxêmica cada um manifestou na etapa inicial de *Preparação do Palco*.

Incluimos nos relatos, apresentados em sequência, mais detalhes sobre papéis que surgiram além dos papéis profissionais; a composição étnica e por gênero dos grupos, assim como a faixa-etária nos participantes e região de residência.

Destacamos a construção do olhar coletivo, dos temas protagônicos e as articulações que fizemos dos temas grupais, com as questões essenciais, trazidas da etapa anterior, de *Diálogos*. Relatamos na sequência sínteses dos momentos de grupo, em continuidade abrimos a análise temática AT: **Fazendo a DR: Discutindo a Relação com os ODS**.

Nesta forma de relato, oportunizamos também, que o leitor faça um sobrevoo mais livre, no contato com as narrativas, e só na sequência conecte com nossas análises, uma vez que entendemos que quem lê, também é cocriador da obra, e tem

a liberdade de encontrar na leitura outras interpretações possíveis. Defendemos como Féo que:

o valor maior da cena dramática espontânea, assim como das diferentes interpretações feitas sobre ela, não está em seus significados, mas sim em sua capacidade de produzir novas cenas e com elas novos significados, valores e identidades pessoais e grupais. (2010, p.153)

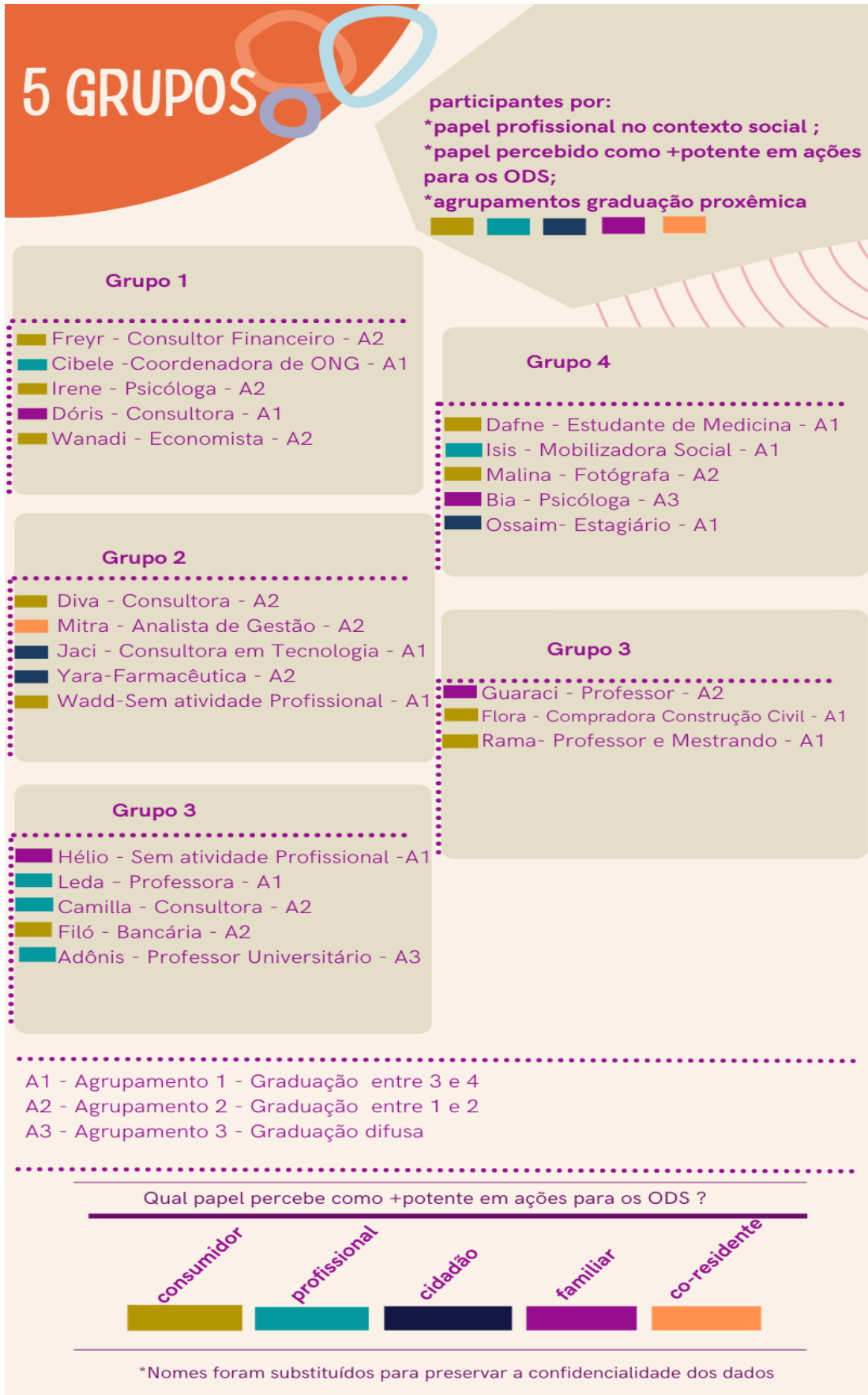


Figura 54 - Participantes dos Grupos – Fonte: Autora

Grupo 1: Tema Protagonístico: Do luxo ao lixo: em que Presente nos amarramos e que Futuro estamos construindo?

Constituído por participantes residentes em 2 Estados diferentes do Brasil: São Paulo e Minas Gerais, o grupo foi composto por 3 mulheres brancas, 1 homem negro e 1 homem branco. Indicaram na etapa 1, de *Preparação do Palco*, papéis sociais diferentes com maior prontidão para a ação, tendo maior concentração de pessoas que indicaram o papel de consumidor, e em segundo lugar os papéis profissional e de membros de núcleos familiares. O que pode ser visto em detalhes na Figura 8. Todos estavam na faixa-etária acima dos 40 anos.

Cena 1: Exportando lixo, só que não:

Cibele acabou de mudar de cidade e relatou a cena de chegar a seu prédio novo e sentir aflição ao perceber que não faziam coleta seletiva. Todos os outros participantes foram se incorporando a cena, pois a realidade cotidiana: “viver em prédios” era um ponto comum. **Wanadi** comparou o bairro que morava **Freyr** com seu próprio bairro, ambos na mesma cidade, e ressaltou que não tinha acesso à coleta seletiva, confraternizando-se com Cibele, e trouxe outra dimensão à cena, referindo-se à desigualdade de classes e de acesso entre os bairros. Assumiu a narrativa e descreveu o bairro de **Freyr**, como sendo mais rico, enquanto o dele, **Wanadi**, era menos privilegiado. Citou espaços urbanos conhecidos e nos conduziu nesta cena a um passeio pelas redondezas que descrevia. Com esta problemática de classes, **Wanadi** tangenciou sua cena para uma realidade suplementar, onde criou uma solução imaginária na qual ele poderia exportar o lixo de sua casa para **Freyr**. Criou uma cena absurda na qual todos se divertem, tornando-se no contexto dramático, **Exportadores de Lixo**. Todos giraram em torno deste brincar e jogar com a ideia de exportar, entre os pobres e os ricos, o lixo doméstico. De volta para a realidade cotidiana, **Freyr** compartilhou com o grupo como em seu prédio, que fez questão de esclarecer não ser em zona privilegiada, resolveram as limitações de coleta de resíduos, fazendo acordos com cooperativas de reciclagem. Comprometeu-se a compartilhar os contatos das cooperativas com os outros participantes, atraídos pela ideia de reproduzir a solução conhecida por **Freyr** em seus próprios condomínios.

Cena 2: Que mundo estamos deixando para os outros?

Freyr iniciou uma nova narrativa. Trouxe para o grupo cenas nas quais se lembrava de quando era moleque e disse sentir que eram tempos melhores do que hoje, disse temer deixar um mundo pior, para seus filhos e netos. **Wanadi** falou de sua relação com os sobrinhos e incorporou a esta narrativa, uma cena dele chegando na casa da irmã e ao se deparar com um monte de comida ultraprocessada no armário, tentou convencê-la a mudar de hábitos, pois os sobrinhos deveriam se acostumar com um estilo de vida mais saudável, mas pela resistência da mesma desistiu de tentar convencê-la. **Cibele** entrou neste circuito e relatou uma cena de seu conflito com os filhos, já adultos, e que não se preocupam muito com alguns hábitos mais sustentáveis que ela gostaria de incorporar, no apartamento que decidiram recentemente dividir. **Irene** contribui trazendo sua cena em família, sendo questionada pelo filho e marido do porquê insiste em limpar embalagem vazia antes de jogar fora. Se entristece deles não se preocuparem com quem vai receber aquele material. Mas disse tentar ser persistente. **Dóris** sorriu dizendo-se aliviada, pois achava que só ela passava por estas coisas. Do papel de **Diretora**, faço então uma observação propondo uma imagem, criando a partir da realidade suplementar uma metáfora de estarmos todos amarrados, sem conseguirmos nos mover. A partir desta provocação começam a ser produzidas cenas narradas por **Cibele** e **Irene**. Como **desatadoras de amarras**, contaram ao grupo sobre iniciativas nas quais estavam tentando avançar, se desprendendo da ideia de que as ações precisariam ocorrer em grande escala. O grupo finalizou esta etapa, compartilhando o quanto é difícil enxergar caminhos, principalmente quando fazemos estas reflexões sozinhos e de maneira isolada. Verbalizaram que não se iludem, e que o movimento, este “desatar-se”, não é fácil. Não estaremos de imediato no paraíso, mas, também, mudar o futuro não é uma causa perdida.

Nossa Análise: Unindo trechos de narrativas dos participantes sintetizamos o tema protagônico deste grupo em torno da diferença de classes, nos **Papéis Sociais** de moradores de bairros privilegiados, e de bairros pobres, sem acessos a recursos. Há também o desconforto de conviverem com pessoas com diferentes graus de preocupação e informação sobre os temas da Agenda 2030. Neste grupo, foi comum a sensação de paralisia em nossos conflitos, como se estivéssemos amarrados a um “lixo” que ninguém se importa. Ao mesmo tempo, que nos perguntamos como, e se,

devemos nos importar com o lixo que enviamos aos outros, ou com o legado que deixaremos aos outros, hoje, e nas futuras gerações. Criaram nesta passagem o papel psicodramático de **Exportadores de Lixo**⁷³.

Neste grupo de faixa etária mais velha, o olhar para dimensões temporais foi uma constante. Os escapes para um passado nostálgico e um futuro ainda pouco concreto também permearam a ação.

Quanto às barreiras e facilitadores na relação com os ODS, a falta de infraestrutura governamental e pública, que facilite as ações de todos, em todas as classes e lugares, junto com a inexistência de uma cultura comum, sobre o olhar para estas questões da Agenda 2030, foram as barreiras indicadas. Enquanto a possibilidade de se desatar da ambição de fazer coisas em grande escala, começando por passos pequenos, como as **Desatadoras de amarras** fizeram, seria um elemento impulsionador.

Grupo 2: Tema Protagonístico: Agenda 2030, uma Agenda de quem?

O grupo contou com a participação de 1 mulher negra, 2 mulheres brancas e 2 homens negros. Todos residiam na Região Sudeste, em cidades diferentes do Estado de São Paulo. Os participantes tinham diferentes faixa-etárias com um participante na faixa etária mais jovem, até 24 anos, e os demais entre 30 e 49 anos. Indicaram papéis variados, como potentes na ação relativa aos ODS, com concentração maior nos papéis de cidadão e consumidor. Neste grupo, ninguém indicou perceber o papel profissional como mais potente na ação relativa aos ODS. Enquanto o papel de co-residente, menos frequentemente citado na pesquisa como um todo, foi indicado por um dos participantes.

Cena 1: Eu não sabia que podia...

Diva trouxe em sua narrativa inicial a recordação da cena de quando recebeu o convite para a pesquisa, diz ter sentido honra e responsabilidade ao fazer parte deste momento. Acrescentou que também sentia culpa por não se envolver mais

⁷³ Em alguns grupos os nomes dos papéis psicodramáticos foram dados no momento das cenas, em outros pela autora da tese, ao transcrever os relatos. De maneira geral, estes papéis psicodramáticos configuram ações narradas pelos participantes na dimensão do “como se”, ou seja, de ações que ainda não existem em suas realidades concretas, mas, que surgiam como vertentes criativas. Explorando alternativas em realidades suplementares. Quer fossem em outras dimensões de tempo (passado ou futuro), ou em outras formas de inter-relação.

nestes temas tão importantes. **Mitra** recordou cenas de seu recente Trabalho de Conclusão de Curso na faculdade, cujo tema foi o ODS 7, e disse sentir que os ODS não são um assunto acessível a todos, acha a comunicação da agenda muito exclusiva a alguns ambientes. **Jaci** entrou no circuito contestando a visão de **Mitra**, polemizou esta posição. Toda a ação do grupo ficou por alguns momentos centrada nesta questão: *Quem está sendo convidado a participar desta Agenda 2030? Devemos sentir culpa por não participar?* Navegamos a partir daí por várias cenas cotidianas, até que **Mitra** trouxe um pouco mais de sua história e isto mobilizou o grupo. Ele recordou cenas de criança, de quando morava ao lado de uma ONG que fazia projetos e oficinas de reciclagem e culturais com a comunidade. Lembrou de sua mãe o incentivando a valorizar estes temas difundidos pela ONG. Na sequência, transportando-se ao momento mais atual, narrou seu processo como estudante, vivendo em uma residência estudantil, compartilhada em um bairro nobre da capital. Nesta residência, havia grande estrutura de serviços de coleta seletiva, e agora, finalizando seu curso mudou-se para a zona central da cidade, em um prédio onde não davam importância ao tema de coleta seletiva. Estava bastante incomodado e desanimado com isto, disse que tinha, inclusive, se prontificado a separar ele mesmo o lixo, escreveu um pequeno projeto. Mas a resposta da síndica do prédio foi negativa. **Jaci** entrou em cena e compartilhou sua história. Disse ser filha de uma ex-dependente química que atualmente trabalhava para uma cooperativa de catadores, expôs que conhecia bastante este processo de cooperativas de reciclagem, e se propõe a ajudar **Mitra**. Neste momento, entramos em uma realidade suplementar onde exercitamos a conversa futura de **Mitra** com a síndica resistente às suas ideias em seu prédio. **Mitra** dando voz aos argumentos negativos da síndica, recebia do grupo, liderado por **Jaci**, contra-argumentos positivos das vantagens, inclusive financeiras do prédio aderir a um sistema de coleta seletiva. Finalizamos esta ação com encaminhamentos entre **Mitra** e **Jaci** para ela ajudá-lo na “vida real” a dar andamento a uma proposta concreta no seu prédio. **Mitra**, agradecido, finaliza dizendo que não sabia que podia resolver o problema daquela forma. Em conjunto, o restante do grupo problematizou o quanto não sabemos por onde começar as ações e o que podemos fazer. Ao mesmo tempo, que concluem que fazemos coisas ligadas à Agenda 2030, sem dar a isso este nome.

Cena 2: São sobras ou um banquete? Quando o pouco na verdade é muito.

Diva começou uma nova narrativa, sobre ter acabado de falar com seu marido, antes de vir para o grupo, ao fazerem algo que lhes é rotineiro. Fizeram no jantar uma mistura de sobras, do que tinha em casa, e disse que chamam isso de mexido. Perguntou aos outros do grupo se também têm costume de reaproveitar comida. Disse que sua mãe, sempre, desde criança, insistia que nunca podiam jogar comida fora, se por acaso sobra comida em sua casa, sempre, acham quem vai comer. Colocam no carro e acham alguém na rua para doar, pois o que mais pega para ela, em todos os ODS é o que fala de fome. Não tem a pretensão de acabar com a pobreza, mas talvez com a fome, uma coisa que dói demais. Relembrou as cenas de gente no farol, com aquela plaquinha: *fome dói*. Disse sempre ter algo no carro para dar. O grupo se mobilizou em torno deste tema. **Wadd**, que também se disse muito tocado pela questão da pobreza, imaginou-se fazendo o mesmo que **Diva**. Colocou-se, então, em cenas desdobradas, dali para diante, onde irá levar para a rua suas sobras. Criou via realidade suplementar, um porvir em novas ações em seu cotidiano. Disse sentir-se potente, ao se imaginar fazendo algo, ao pensar nisso. Reconheceu que qualquer ação é uma atitude, e que é importante valorizar mesmo o que é pequeno. No papel imaginado, dramaticamente, de **Transformadores de Sobras em Banquetes**, fechamos esta sessão.

Nossa Análise: O tema protagônico deste grupo girou em torno de responsabilização, da culpa e do que estaria a nosso alcance atingir, e, mais ainda, como fazer isso.

Quanto às barreiras, a dificuldade de identificarmos o que já fazemos, e onde está nossa potência para começarmos, também foram elementos percebidos como paralisantes, enquanto, no desvelamento de caminhos criados, com ideias novas surgidas na relação com outros, somos impulsionados ativamente, na relação com os ODS.

Neste grupo, que indicou, inicialmente, como papéis mais potentes, os de cidadãos, consumidores e de co-residentes, as ideias surgidas no coletivo, e as pequenas iniciativas, executadas por indivíduos, foram apontadas como os pontos de partida para ações.

Por outro lado, a dificuldade de perceber isso sozinho, sem ter momentos de troca, como tiveram no grupo, também foi algo assinalado como barreira para começarem algo. Aprender e se potencializar, extraindo ideias na relação com outros,

mesmo que as atividades sejam seguidas individualmente, e em pequena escala, foi o ponto central das conclusões a que chegaram.

Grupo 3: Tema protagônico: Onde começa a Mudança?

Grupo constituído por participantes residentes em 2 Estados diferentes do Brasil: Pará (capital) e São Paulo. Sendo os paulistas oriundos de diferentes cidades. Havia 3 mulheres brancas e 2 homens brancos. Indicaram diferentes papéis com maior prontidão para a ação, o que pode ser visto em detalhes na Figura 52. Com concentração de pessoas identificadas com o papel profissional, mas também com indicação de papéis potentes como membros de núcleo familiar e consumidor. Era um grupo com faixa etária diversa, com participantes a partir dos 30, também acima dos 60 anos.

Cena 1: O que tem em minha janela: como mudamos as paisagens?

Filó narrou a cena dela lendo cada enunciado de ODS, quando foi preencher a pesquisa, sentindo-se como se estivesse dentro de um sonho. Lembra, na sequência, de cair na realidade e sentir, principalmente pensando no Brasil, que é uma realidade grotesca. Achou que parecia tudo utopia, ficou triste, depois ficou tentando ver se conseguia pegar só um pedaço daqueles objetivos, para tentar fazer algo. Parecia que conseguia, no pedaço dela, uma pessoa de classe média, ver algo possível de fazer. Mas sentia ser difícil, ver favelas, a violência. Contou ao grupo que já foi sequestrada e das cenas que viveu e de seu pavor de andar na rua. **Leda** entra na narrativa e diz como foi sua cena na leitura dos enunciados dos ODS. Disse que o texto, tão abrangente, a fez sentir-se pequena e distante. Mas queria se permitir fazer um comentário meio ridículo sobre o colorido do material dos ODS. As cores a fizeram sentir vida. **Hélio** disse que não só o texto, mas o *Diálogo* que fizemos depois parecia ajudá-lo a perceber coisas e organizar de uma forma que nunca tinha vivido. **Adonis** diz que, como **Filó**, o material parecia um sonho. Não parecia que aquele material “conversasse” com ele, uma pessoa. Só conseguiu “*personalizar*” isso ao se ver nos diversos papéis quando fez o *Diálogo* na segunda etapa da pesquisa. **Hélio** pediu licença para falar algo que lhe chamou atenção e até inveja: ver **Adonis** sentado numa rede em sua tela de *zoom*. Todos começaram então a comentar de seus ambientes, em casa, e nas paisagens que veem de suas janelas. **Adonis** na região amazônica, **Hélio** no interior de São Paulo, **Filó** na praia, no litoral de São Paulo. **Leda** então fala

da paisagem que relembra na escola pública que atua, na frente do lixão, diz que é difícil, pois ao mesmo tempo, vive cenas em outras realidades, como um evento lindo sobre os ODS, na outra escola particular que trabalha. A entristece a escola em frente ao lixão, deles não terem acesso à outra paisagem. Cria então uma cena de como iria conversar, com as pessoas da escola que a entristece, sobre mudarem esta paisagem do lixão. Se vê os ajudando a entenderem qual vantagem teriam na mudança. Não mostraria uma “Agenda” de internet com o nome 2030, mas falaria sobre quanto lixo ali serviria para captação financeira. Entraria na realidade do local e não numa agenda padrão.

Cena 2: Uma cultura pós-pandemia, ou continuaremos em pandemônio?

Filó retomou a questão das paisagens e janelas para dizer que sua paisagem de praia é passageira, pois estava de férias. Retoma que sua paisagem real é horrorosa e que na pandemia estava sofrendo muito. É bancária há 18 anos, e na pandemia, teve que levar a cadeira do Banco para trabalhar em casa. Nesta época, estava vendo de perto as cenas da irmã, que é sua vizinha, com o sobrinho de oito anos, o dia todo trancados em casa, com aulas *online*. Escutava os gritos da irmã, lá da casa dela. Sentia-se aliviada por não ter filhos, mas acha que as empresas não estão nem aí para o inferno que é estar em *homeoffice*. Mesmo empresas cotadas na bolsa de valores, que dizem ser sustentáveis, se já não ligavam para as pessoas antes, só para os lucros, na pandemia ligariam menos ainda. **Hélio** trouxe cenas de seus próprios sobrinhos, disse vê-los pela tela do computador na pandemia, mas que já os via assim, porque o irmão mora no Canadá. Disse que isso já funcionava assim antes, pois o irmão já trabalhava em *homeoffice* e que as crianças já estavam acostumadas a respeitar, não gritar, não ir aonde o pai fica trabalhando. Acha que aqui no Brasil não tínhamos essa cultura, mas que vê as cenas no futuro das crianças acostumadas, se forem educadas para isso. **Camila** engrenou na narrativa de **Hélio**, por ter morado no Canadá, e disse também ter visto estas cenas, de outra cultura. Conectou-se também com a cena anterior de **Leda**, imaginando mudar as coisas a partir das realidades locais. Relembrou que no Canadá os cargos eletivos mais próximos da população, tipo os vereadores aqui, fazem um contato direto com a população para entender a realidade, para depois fazerem uma proposta. Ela considera que, aqui no Brasil, alguns governos já chegam com uma proposta. Questionou: Será que, de fato, as pessoas precisam apenas de uma coleta de lixo?

O que realmente são as dores e o que funciona para aquela região? Algo que começa de perto para o longe, esta é a cena que via para a transformação.

Nossa Análise: Os comentários dos participantes, descrevendo, inicialmente, sentirem-se num sonho, ao lerem os enunciados dos ODS, nos colocam que, de fato eles acionaram a realidade suplementar, a dimensão de “*como se*”, ao entrarem na relação com a Agenda 2030. Nesta relação, também relataram que a leitura não ocorreu apenas por vias cognitivas, mas com imagens, cenas e até com as cores do material, algo sensorial, provocando emoções. Tudo ocorrendo ao mesmo tempo. Na sequência, ao descreverem os sentimentos e afetos tristes que os atravessaram, ao se reconectarem com suas realidades concretas, percebemos o processo de aquecimento, ou arrefecimento para a ação. Esta transição entre momentos, nos parece um dos pontos principais desvelados em nosso método. Na brecha entre estes momentos, de entrar no sonho, e o conectar com papéis da realidade vivida, ou também de criação via papéis psicodramáticos, podemos encontrar vias de potência, mas também que nos levam ao distanciamento quanto à Agenda 2030, se a realidade que vivemos no cotidiano nos parece muito diferente do que a Agenda propõe.

Nas imagens relatadas do grupo, misturaram-se cenas do passado, provocadas pela leitura dos enunciados dos ODS, com imagens atuais das janelas virtuais. A proposta de Hélio, de olharmos para as paisagens nossas e dos outros, e as compararmos foi conectada por outros participantes, trazendo suas janelas reais e imaginárias para a ação. Neste momento, tornaram-se **videntes de novas paisagens**.

Neste contexto, conflitos sobre o que se fazer e como fazer as mudanças propostas na Agenda, em janelas locais reais, ou ideais, protagonizaram a temática emergente. Na segunda sequência de cenas, os relatos de vivências na pandemia surgiram carregados de forte emoção. Todos se voltaram a relatar como a cultura atual poderia se transformar em uma cultura futura, que abarcasse as propostas dos ODS. Os participantes indicaram como barreiras a falta de escuta para necessidades locais e específicas de necessidades, afinal, cada um vive em uma paisagem diferente. Como facilitadores da ação, a tradução do que se fala na Agenda 2030, para as paisagens locais foi o caminho indicado como o mais potente.

Grupo 4 – Tema Protagônico: O essencial é invisível aos olhos, ou: Quem é você na fila do pão?

Este grupo constituiu-se com participantes mais jovens, com faixa etária entre 18 e 24 anos, com apenas uma participante na faixa etária dos 40 anos. Contou com 1 mulher negra, 3 mulheres brancas e 1 homem branco. Havia residentes de um Estado do Nordeste: Piauí; e outros integrantes do Estado de São Paulo, residentes em diferentes cidades. Os participantes indicaram papéis diversos com potência para a ação: cidadão, profissional, membro de um núcleo familiar, com concentração maior do papel de consumidor.

Cena 1: Os Invisíveis e os Reféns

Ísis trouxe suas cenas trabalhando em uma ONG onde coordenava jovens das cinco regiões brasileiras, implementando a agenda 2030. Depois de dois anos neste papel, disse perceber que a Agenda 2030 pode dar muito certo, mas ao mesmo tempo, é uma agenda racista porque só coloca em uma das metas essa questão racial. Para ela, é ainda uma agenda da elite, uma agenda que não foi apropriada nem pelas pessoas, nem pelo governo federal no Brasil, àquela época. Como Diretora pontua que há ainda muitos invisíveis para esta agenda, e para outros a própria agenda é invisível. **Bia** colocou-se em cena vendo-se como refém do governo federal. **Ossaim** disse que estava ainda procurando as portas por onde entrar na Agenda. Disse não conseguir se imaginar fazendo algo para mudar, nesse sentido dos ODS, pois achava tudo muito amplo, não se via nesse meio. Achava que isso precisaria ser explicado de uma forma um pouco melhor para ficar mais visível. Colocou que era estagiário em uma escola, trabalhando com inclusão de alunos com necessidades especiais, mas não via como atuar. **Malina** disse que só ia observar o movimento do grupo, também sentia que não tinha nada para falar. **Dafne** surgiu, então, com outra vertente. Disse que as pessoas não conseguiam enxergar que aquilo, que aquela ação pequenininha, às vezes, fazia uma diferença gigante, que você poderia não estar percebendo naquele momento, mas em algum momento ia perceber. Ela via que nas redes sociais podia gerar um movimento. Começar a discutir sobre algo, sobre assuntos que ninguém coloca em pauta. Lembrou de assuntos que alguém instigou na rede social e que isso começou a mudar tudo. Trouxe ao grupo cenas de conversas com sua própria família, disse que são temas que as pessoas não enxergam, mas ela faz

questão de abordar. Como Diretora pergunto: Alguém enxerga ou pode criar outros papéis além dos **invisíveis** ou dos **reféns**?

Cena 2: Qual seu papel, qual sua causa?

Dafne disse ter o papel da **Chatinha Provocadora**, aquela que não tem preguiça de falar com as pessoas sobre o que acredita. Chamou **Ossaim** e disse para ele: *Não fique com preguiça, encontre seu tema e fale sobre ele. É inclusão? Não deixa passar, isso é um ativismo, é o ativismo do diálogo.* Como Diretora assinalo: Este é mais um papel: o de **Ativista do Diálogo**. **Ossaim** entrou e disse sentir-se mexido com os ODS 4 (Educação inclusiva) e ODS 8 (Trabalho decente) com os quais disse, após ouvir a fala das outras pessoas, perceber que de alguma forma conseguia já interferir, acha que sempre levanta questionamentos sobre isso, sente-se no papel de **Questionador** e que isso já é mesmo um movimento. **Isis** diz achar que quando a gente começa a mudar uma chavinha na nossa cabeça, para tentar solucionar problemas, acaba passando por todos os papéis. Dá como exemplo quando a gente é criança e sempre perguntam para gente: *O que você quer ser quando crescer? Qualquer profissão que você queira seguir: médico, engenheiro, que dá dinheiro, não vai fazer sentido daqui 10 anos, que é quando a Agenda 2030 termina.* Acha que ao invés de emprego precisam pensar no sentido de qual é o desafio? Qual é o problema que querem resolver. *Se a gente conseguir isso a forma como a gente age na comunidade, vai ser uma resolução desse problema, como a gente interage com os nossos familiares vai ser uma resolução desse problema. E do jeito que o mundo está, problema é o que não vai faltar. Então a gente vai começar a ocupar diferentes papéis e esses papéis vão ajudar a implementar esses objetivos de desenvolvimento sustentável.* Ela diz que no caso dela seu papel hoje é: **Solucionadora de problemas: da negritude, desigualdade e crise climática.**

Nossa Análise: Toda a ação deste grupo girou em torno de explorarem quem eles são nesta relação com os ODS. Mas antes disto, o que eles conseguem enxergar desta relação, uma vez que em algumas passagens, alguns relatos principalmente puxados por Ossaim, retomavam com o grupo esta questão da invisibilidade destes temas e das pessoas mais afetadas.

Compartilharam e *Cocriaram no Grupo* cenas em papéis, num primeiro momento no contexto social, e depois, nos contextos grupal e dramático. Foram desvelando assim, cada um, o seu “Eu” desta relação. Também criaram papéis

psicodramáticos que confrontavam o *status quo* que os incomodava. Saindo da posição de reféns das estruturas que não se mobilizam para a mudança. Como **A Chatinha Provocadora; O Ativista do Diálogo e a Solucionadora de Problemas: da negritude, desigualdade e crise climática.**

Exploraram desconfortos em atuarem nestes papéis para a mudança, em ações que eles percebiam não serem totalmente aceitas, ou compreendidas em seus átomos sociais. Se sentiam muitas vezes isolados, solitários no cotidiano e nas cenas trazidas.

Quanto às barreiras e facilitadores da ação, as barreiras iniciais que sentiam, por não enxergarem de forma clara os elementos desta relação, se diluíram ao impulsionarem-se nos papéis que criaram, embora ao saírem do contexto dramático, onde jogaram com estes papéis potentes, tinham consciência que na realidade o caminho é bem mais tortuoso.

Grupo 5: Tema Protagonístico: Ser “E” não ser sustentável, eis a questão!

Este grupo foi constituído por 1 mulher negra e 2 homens brancos. Com faixa etária entre 30 e 59 anos. Residentes no Estado de São Paulo, cada um deles em uma cidade diferente. O Papel de consumidor foi indicado em maior concentração, seguido pelo de membro de um núcleo familiar.

Cena 1: Pela longa estrada da vida, muitas pedras no caminho.

Flora disse que se via numa longa estrada, num caminho muito difícil para chegar perto dos ODS. Parecia que, neste caminho, tinha umas placas, que todos os ODS são placas de alerta. Nesta jornada, ficou muito pensativa, apreensiva, mas sentiu que plantou uma semente, que iniciou algo. **Guaraci** se viu em cenas dando aulas para seus alunos da rede pública, nas quais tinha que incluir e falar dos ODS, disse falar mais do ODS 4 (educação inclusiva) e 17 (alianças e meios de implementação). Via os alunos com suas “caixinhas”, como imagina, recebendo essas informações sobre os ODS, não só por parte dele, professor, mas dos amigos, dos vizinhos, da família, dos ambientes e que sentia que não conseguia controlar este todo. Conseguia cuidar apenas de uma parte. Sentia maior dificuldade ainda por conta do ano vivido como muito atípico pela pandemia. Mesmo voltando para o presencial, tinha parte da turma presencial e parte em casa. Dizia sentir que, o que é mais gostoso, é quando via que algumas coisas que ensinava sobre os ODS, ficaram

introjetadas. Disse ser muito comum os alunos errarem nas atividades de sala de aula, e rasgarem várias folhas dos cadernos, mas a partir de um certo momento, eles percebiam que **Guaraci** usava as folhas como rascunho e começavam a lhe dar. Disse que os alunos rasgavam e já falavam: *Você recicla, né?* Disse que não tem mais onde guardar as tais folhas e riu disso. Sua grande preocupação, naquele momento, era poder receber os alunos de volta com ações de acolhimento pós-pandemia. Via-se trabalhando com os colegas de várias disciplinas, mas se frustra ao lembrar de alguns colegas que se recusam a fazer isso, a terem o olhar de como é importante trabalhar todos estes pontos, do pós-pandemia e dos ODS, principalmente com as crianças menores. **Rama**, também professor, disse que se via como **Guaraci**. Contou que com alunos menores, os sentia mais receptivos. Diferente dos maiores, mais resistentes. Mas, percebia que como especialista da área ambiental, que ele mesmo tinha dificuldade de se manter fazendo as melhores escolhas, mais sustentáveis, pois para isso tinha que renunciar a algumas coisas, e nem sempre conseguia. **Flora** disse sentir que parecia que na rotina, no cotidiano, as coisas são muito incoerentes. Via cenas na mídia, programas falando de sustentabilidade e no intervalo, dos mesmos programas, propagandas, uma atrás da outra, incentivando o consumismo. São muitas pedras neste nosso caminho.

Cena 2: A chata do rolê vê o que ninguém vê, mas a máscara caiu.

Flora trouxe uma cena em que estava em Recife, vendo todas as tartaruguinhas indo para o mar, após a desova. Disse que depois disso, não conseguia mais usar plástico como antes. Sempre vem à sua cabeça todas as tartaruguinhas enroscadas em plástico e não consegue mais. Também se viu em cenas com os amigos e com a família, nas quais eles mesmos, de tanto ela repetir a história das tartarugas, já repetem a mesma coisa. Com a mãe, que tem mania de deixar torneiras abertas, ela costuma falar: *Mãe, fecha a torneira, o planeta está chorando*. De uns tempos para cá, ela disse só olhar e falar “mãe”, e a própria mãe fechar a torneira e dizer: *Tá, tá, o planeta está chorando!* Ela se denominou a **chata do rolê** por ser sempre a que vê primeiro os problemas e fica repetindo para todos. **Rama** se inseriu nas narrativas de **Flora** dizendo sentir que as coisas antes não eram tão aparentes, mas agora são. O que as pessoas não percebiam antes, vão começar a perceber. Ele também se percebeu vendo coisas que não via antes. A questão da fome e da desigualdade era algo com as quais ele não tinha contato, com a frequência que via

agora, na pandemia e trabalhando em escola pública. Disse ver crianças que vão à escola só para comer, esta é uma cena recorrente, diária para ele. **Guaraci** achava que a pandemia ia mudar algo em termos de solidariedade, mas as cenas que têm visto são opostas, tem percebido pessoas querendo garantir apenas seu próprio bem-estar. Narrou uma dinâmica que fez com um grupo de adultos em que tinha folhas de jornal e música. Na medida em que ia tirando as folhas de jornal, as pessoas tinham que se ajudar, mas não foi isso que aconteceu. Isso o frustrou. Parece que como agora, tudo está aparente, ninguém mais tem vergonha de se mostrar, em seu pior. **Rama** acrescentou que a pandemia foi ruim do lado humano, mas do lado tecnológico parece que muita coisa avançou. **Guaraci** trouxe uma imagem que o incomodou muito, viu um deputado que foi preso e agrediu uma pessoa que sugeria que ele usasse máscara. **Flora** entrou nessa fala e disse ficar muito mexida com esta questão da máscara. Estava considerando pedir demissão de onde trabalha. Descreveu seu ambiente de trabalho, as pessoas com quem se relacionava e sua indignação de ser obrigada a ficar num ambiente fechado com pessoas que não usam máscara. Sentia que parecia ser a única a perceber estas coisas, parecia que o lado péssimo das pessoas estava sobressaindo, a “máscara de todos caiu”.

Nossa Análise: Este grupo fluiu muito nos conflitos intrassubjetivos e intersubjetivos provocados na relação com as temáticas referentes aos ODS. No contexto social, no qual as pessoas não estão simetricamente alinhadas na relação com os ODS, estariam as barreiras, causando um desgaste constante na energia que os membros dos grupos empregam nesta relação com os temas da Agenda 2030, e na relação com as pessoas que pensam de forma diferente, ou não valorizam estes temas.

Esta complexa rede, com os outros e com si próprios, em suas próprias controvérsias, é vivida com uma forte carga de emoção, principalmente, ao longo da pandemia. Conforme colocaram: *as máscaras caíram*. Também deixaram suas próprias máscaras caírem, ao se assumirem ora alinhados, ora desalinhados com as pautas da Agenda 2030. Ser **E** não Ser sustentável é condição concomitante na vida, conforme percebemos.

Compartilharam no contexto grupal e dramático suas dores de enxergarem, mais de perto, na pandemia, a insensibilidade das pessoas com as quais conviviam, no tocante aos cuidados com o ambiente, com a erradicação da fome e desigualdade social e em expressões de violência generalizada.

Sociometricamente, nos contextos sociais onde estão inseridos, sentiam-se isolados em suas preocupações, ao mesmo tempo, em que nos contextos grupais e dramáticos que se configuraram na pesquisa, puderam se aproximar de outros, com as mesmas dores e perspectivas. Esta possibilidade de estar com outros, em sintonia empática aos mesmos temas, também foi visto como elemento impulsionador, ampliando suas visões no retorno à vida real. Conforme disseram, isto não os deixou mais otimistas, mas fortaleceu suas convicções.

4.3.1 Fazendo a DR, Discutindo a Relação com os ODS

No que concerne a Agenda 2030, atuamos em nossos procedimentos de pesquisa iniciando nossa investigação na busca por expressões do quão perto, ou quão longe, estávamos de um tempo futuro, em 2030. “*Como se*” no, aqui e agora, pudéssemos experimentar assumir papéis nessa relação com os ODS, a partir de nosso **contexto social**, e em nossas cenas cotidianas. Encontrando os fluxos já existentes e percebidos com maior potência para a ação.

Em um segundo plano, também exploramos nos **contextos grupais** os territórios conflitivos entre o eu e o outro. Ou a relação entre o eu, o nós, e as coisas. Onde estão inclusas em coisas: as ideias, os valores, os objetivos, entre humanos e todos os outros entes não humanos (MORENO, 2020).

Ao trabalharmos nos aspectos do contexto grupal e dramático, tanto nas sessões *bipessoais*, em *Diálogos*, ou com mais pessoas *Cocriando em Grupo*, circunscrevemos aquilo que aglutinou cargas intra e intersubjetivas.

Identificamos o que se manifestou como **questões essenciais** nos *Diálogos* e o que retornou como **temas protagonicos**, mobilizando e unindo todos, em dados momentos, tanto no **contexto grupal**, como no **contexto dramático** por emoções e por projetos comuns.

Seguindo os fluxos dos temas protagonicos, pudemos navegar naquilo que com mais força atravessava realidades e contextos, transbordando e sendo intermediados no “*como se*” pelo surgimento de personagens criadas e narradas pelos grupos, em características concretas ou simbólicas.

O valor de encontrarmos os temas protagônicos⁷⁴, na investigação da relação entre pessoas e ODS se explica por nos ajudar a compreender a figura, ou aquilo, que surge como um fio condutor da ação e *“vai confrontar o antigo e o novo, o passado e o presente, o sagrado e o profano, o mito e a cidade, aquele que, aceitando o questionamento da comunidade, vai decifrar o enigma de sua história”* (FALIVENE, 1999, p.95).

Os temas protagônicos, representam ao mesmo tempo, as questões essenciais e conflitos do momento, no aqui-agora daquelas relações.

Para Moreno, *“precisamos de todos os olhos e de todos os ouvidos da comunidade, em profundidade e amplitude, a fim de que se possa atuar adequadamente [...] O diretor procura um conflito suscetível de agitar o grupo”* (1997, p.423).

Nas narrativas realizadas pelos participantes, envolvemos passado, presente e futuro na exploração de papéis e linhas de ação, já realizadas e por realizar. Não executamos, neste feito, apenas métodos socionômicos clássicos, isolados. Trabalhamos elementos epistemológicos socionômicos em nossa investigação, e agregamos a isto outros referenciais, de forma a dar corpo àquilo que buscamos compreender.

No enfrentamento dos temas protagônicos, nos deparamos com sensações de angústia, dada a impotência que muitas vezes nos fazem confrontar, mas também, vivemos momentos como “heróis existenciais”. Quando na presença concreta do “aqui e agora”, no cotidiano, elevamos, ou desviamos, a existência para outros patamares de realidades (MORENO, 1999), e, num exercício constante, de *ajuste* e *des-ajuste*, nos provocamos a criar a partir da realidade dada:

A controvérsia espontaneidade-ajustamento é questão de dialética. Temos que aprender a nos ajustar com um “extra” de espontaneidade disponível (este extra está para o comportamento assim como a piscada está para o olho) de tal modo que possamos nos “des-ajustar” sem resíduos desagradáveis e sem nos tornarmos obcecados pela conserva cultural. (MORENO, 1983, p.206).

Nos exercícios sobre nossas relações com os ODS, e seus temas protagônicos, confrontamos, a nós próprios, e a toda a extensão existencial que permeamos, sobre em que medida estamos ajustados ou *des-ajustados* ao mundo que aí está. No aqui-

⁷⁴ Termo inspirado no conceito de Protagonista, instrumento criado por Moreno na investigação das questões essenciais e conflitos em uma cena. É oriundo de protagonistas das tragédias gregas. Ver também em Moreno (1997, p. 423).

agora, muitas vezes dolorido e indesejado, nesta dimensão que por hora nos é concreta.

Da mesma forma, deflagramos dialeticamente neste confronto, em que medidas nos ajustamos e des-ajustamos às metas propostas e desejadas para 2030, que habitam um *lá-e-então*, a ser inventado e discutido em mais detalhes, além apenas de metas e indicadores.

A Mediação, via ODS e seus enunciados, do esforço de *recombinar* o mundo, pode soar, para muitos, como utópico e fantasioso, se levado literalmente apenas como meta objetiva, fixa com data de cumprimento, ou como uma lista de ações exemplares a seguir. Ao mantermos o rigor, monofônico, do texto uniforme e muitas vezes de mão única, apenas lendo e não podendo analisar e criticar os enunciados, nos paralisamos.

Agora, se por outro lado, ao tomarmos o contato com a Agenda 2030, como jornada à uma *realidade suplementar*, intermediada pelos enunciados dos ODS, em um “*como se*” sendo feito, na ação e na inter-relação, e respeitando-se os contextos singulares e subjetivos, notamos que outros fluxos de potência podem surgir. É este o caminho que aqui defendemos.

Resguardando, contudo, a necessidade de fixarmos as demarcações de que o que fazemos via “*como se*” não é dotado de poderes mágicos, mas afirmado exatamente assim como é um processo que abre espaço para novos paradigmas e para o surgimento concreto de uma nova realidade, que pode, ou não, começar a acontecer, e para as quais não temos garantias ainda.

Também não saímos deste exercício acreditando ingenuamente em nada, ou sendo manipulados para tanto. Pelo contrário, o que nos foi colocado pelos participantes é que, na experimentação, ampliaram suas reflexões e sua visão crítica sobre os ODS. Os respectivos sentidos sobre responsabilidades e noções de escala de tempo, de possibilidades e da complexa rede que envolve qualquer movimento nesta direção para a sustentabilidade, também necessita ser definida por nós, e não apenas tomada em discursos prontos.

Os elementos descritos acima são expressos nas **questões essenciais** dos *Diálogos* e **temas protagônicos** dos grupos na Figura 55 que segue:

Fazendo a DR:

Discutindo a Relação com os ODS

Questões Essenciais nos Diálogos

Sati: Conexão e desconexão com aqueles com quem convive e o impacto disto na sensação de estarmos ,ou não, caminhando nos ODS.

Hélio: Encontrar os pontos de confiança e apoio. Iniciar ações e se lastrear por aquilo que acredita, por onde consegue. E assim impactar o todo.

Cibeli: Sentir-se só nos conflitos em questões importantes. Buscar o que pode fazer, mas nem sempre ter oportunidade de realizar o que deseja. Potência x Impotência.

Irene: O contato sensível com o mundo, a geografia incompreensível das violências sociais e vulnerabilidades. Não ver sentido nas relações e ocupações predatórias da terra.

Iris: A decepção e incerteza do presente como sementes de descrença sobre o futuro.

Guaraci: A cultura se fazendo a partir do possível e do trágico. Preconceitos, exclusão e inclusão. Potência e impotência em meio a isso.

Selene: A necessidade de ser ouvida, acolhida, e receber nesta relação algo muito além da infraestrutura apenas material. Questionar para quem damos poder de decidir sobre nós.

Bia: Fluir entre instâncias para garantir direitos. Perceber potência mesmo entre entes não governamentais. Afetar-se quando outros conquistam ou retiram direitos, não só de si, mas do entorno.

Freyr: Cultura, machismo estrutural e ambiente natural sob interferência humana predatória.

Dóris: Por onde começar a fazer algo, mesmo que pequeno e diferente do que é culturalmente esperado. Inclusão.

Wadd: Perceber questões que muitos ainda não se importam. Sentir-se perto, ou pertencer, a grupos que não são compreendidos, aceitos ou respeitados pelos outros: pela classe social, por diferentes orientações de gênero, por ser negro, por ser uma espécie de vida diferente.

Rama: Perseverar ou desistir conforme a aceitação de outros sobre o valor de algo. Buscar e compartilhar conhecimento que amplie a potência e a autonomia

Jaci: Buscar por conhecimento e experiências em diferentes realidades. O que fazer com aquilo que vê, com o que percebe, e mesmo por acaso afeta? Sentir potência ao perceber que há algo possível a se fazer.

Isis: Sobre a urgência de fazer algo. Lutar pelo o que muitos ainda não entendem ou nem incluem como existente.

Ossaim: Ser expectador daquilo no qual ainda não sente que pode intervir.

Temas Protagônicos nos Grupos

Grupo 1

Do luxo ao lixo: em que Presente nos amarramos e que Futuro estamos construindo?

Grupo 2:

Agenda 2030, uma Agenda de quem?

Grupo 3

Onde começa a Mudança?

Grupo 4

O essencial é invisível aos olhos, ou: quem é você na fila do pão?

Grupo 5

Ser “E” não ser sustentável. Eis a questão.

Figura 55 - Questões Essenciais e Temas Protagônicos – Fonte: Autora

Ao sintetizarmos o que se manifestou, de forma recorrente, nos deparamos com as seguintes questões sobre as relações pessoas-ODS:

- O que e quem já é visível, e, o que e quem ainda é invisível nos enunciados dos ODS?
- Quem está incluso nesta conversa, com poder para fazer algo?
- Como percebo onde tenho poder para alterar o que me incomoda?
- Como convivo com aquilo que já vejo/percebo?
- Como lido com quem não enxerga/percebe o que eu enxergo/percebo?
- Como lido com minhas próprias contradições, impotências e vulnerabilidades nesta relação, considerando as dimensões de tempo e cultura em que me insiro?

Na **Discussão da Relação (DR) pessoas-ODS**, da forma como a propusemos, as temáticas saíram dos âmbitos da ONU e foram traduzidas ao cotidiano vivido na carne.

Além das questões essenciais e temas protagônicos, colocados anteriormente, outros elementos repercutiram **transversalmente** nos *Diálogos* e *Cocriando em Grupo*, sobre a relação com a Agenda 2030:

Listamos abaixo os temas transversais que foram mencionados como **barreiras** à ação:

- A descrença quanto as instituições e instâncias governamentais;
- A brutal desigualdade de classes sociais, trazendo descrédito e restrição de recursos, conhecimentos e informações;
- A percepção da desigualdade de gêneros, ainda tomada com indiferença no contexto social, bloqueando que se avance com pautas vistas com urgência como o combate ao feminicídio e a violência e descaso quanto ao espectro LGBTQIAP+;⁷⁵
- A desigualdade étnica que leva a xenofobia e genocídio diário aos povos não brancos;⁷⁶

⁷⁵ O Relatório Luz, publicação de iniciativa da Sociedade Civil, tem como objetivo monitorar o atingimento dos ODS no Brasil. Em sua edição de 2021 alertou: “O negacionismo científico e a misoginia estruturam o perfil de alto escalão do governo federal e impedem a interseccionalidade de gênero, raça, etnia e classe na implementação de políticas públicas[...] O resultado, antecipado e denunciado em Relatórios Luz anteriores, é devastador. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/relatorio-luz/relatorio-luz-2021/>. Vale ressaltar que os participantes de nossa pesquisa destacaram o desconforto com os enunciados e metas da Agenda 2030, que dá tratamento apenas binário às questões de gênero.

⁷⁶ Das 169 metas na Agenda 2030, há apenas 2 metas especificamente mencionando os termos etnia e raça. A meta 10.2 e 17.18. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

- A degradação ecossistêmica vista com tristeza e vivida com impotência, dada a velocidade com a qual avança;

- A dificuldade de perceber na escala pessoal, como apoiar objetivos tão amplos.

Também transversalmente, os participantes colocaram que o que conteúdos noticiados pela mídia e que também circulam na internet, e redes sociais, têm grande impacto na relação com os temas apresentados na Agenda 2030. Algumas vezes funcionando como algo que eleva a percepção de barreiras, ora inspirando e impulsionando com ideias e ações que podem ser feitas no cotidiano.

A vivência coletiva disruptiva da pandemia também foi colocada em questão, atravessando todos os momentos da pesquisa. Alguns participantes enxergaram este acontecimento como impulsionador para mudanças, e outros expressaram não acreditar que este processo terá, de fato, os impactos necessários para o estabelecimento de novas relações com o que se apregoa na Agenda 2030.

O acesso à Educação, que contemple todos os temas relativos aos ODS, também foi mencionado de forma transversal como um importante impulsionador para a ação.

Por fim, o *con-viver* grupal, presencial ou virtual, foi descrito como facilitador e **impulsionador** potente para o enfrentamento das barreiras e dores expressas antes, reforçando, na visão dos participantes, que os métodos coletivos, de múltiplas frentes e com múltiplas vozes, são as indicações vistas como mais potentes para esta jornada rumo à Agenda 2030, que se espera ser mais voltada ao desenvolvimento dos meios de se fazer, respeitando-se singularidades dos ambientes, e não apenas enfocando em metas e resultados a se alcançar.

As manifestações ao longo da pesquisa, coadunam com a tese de Bispo (2017), que bem definiu que *“É na relação com os outros, que estabelecemos encontros de saberes e, também, de poder”*.

Em nosso trajeto, trabalhamos com graduações proxêmicas provocando o surgimento de cenas, a partir de um conceito de que cenas são uma construção coletiva. Podem ser trazidas por um certo indivíduo, mas na hora que são narradas, o indivíduo não traz só a si, mas a si e todas as suas relações.

Tais átomos sociais de relações expostas, ligam-se com outros átomos, trazidos por outros participantes, e, naquele grupo-momento, disparam ressonâncias

de diversas ordens, potencializando-se caminhos para ações mais criativas e espontâneos, tirando-nos da repetição insalubre e insustentável.

Citamos, na finalização desta etapa, o que Bispo (2017) destacou, sobre ser nas cenas coconstruídas, que surgem acontecimentos que nos colocam numa exigência de criação coletiva, e, assim podemos pesquisar ENTRE, JUNTO e COM.

4.4. Levantando as Cortinas: Ação!

Nas quatro etapas de procedimentos de campo, pudemos transitar entre aspectos que pareciam tão longe e outros que pareciam tão perto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, desvelando neste constante movimento os elementos singulares que compõem estas percepções de proximidade e distância, relatadas por cada um dos participantes.

De forma geral, visualizamos em nossas ações, métodos sociométricos incorporados na sequência e nas funções que atribuímos às nossas etapas enquanto: aquecimento, ação dramática, compartilhamento e processamento. Sendo o “processamento” o movimento que fizemos nesta última etapa da pesquisa, com a ajuda dos participantes. Ao registrarem suas impressões no MAP-ODS2, todos nos ajudaram no objetivo de entendermos os elementos que mais apoiaram a construção de conhecimento produzido por nosso método de pesquisa.

Ao repassarmos cada etapa, é possível observar:

- A *Preparação do Palco* tendo a função de nos aquecer como participantes, via instrumento expressivo de graduações proxêmicas - MAP-ODS1;
- Os *Diálogos* sendo enfocados na ação dramática, tiveram a função de investigar os critérios balizadores para os posicionamentos nas graduações proxêmicas. Englobaram, também, via narrativas com o recorte em cenas, a compreensão do que era essencial aos participantes, na percepção de suas relações com os ODS no cotidiano. Nesta etapa, levantamos: papéis, barreiras e facilitadores de ação;
- A etapa *Cocriando em Grupo*, permeou novas narrativas construídas entre mais pessoas, no mesmo enfoque dos *Diálogos*, mas em grupos maiores. Esta etapa contribuiu, também, com a função de termos um momento de compartilhamento entre participantes, ampliando, enriquecendo e acolhendo as pessoas em suas perspectivas singulares e coletivas. Levou-nos, também, a identificar nossos temas protagônicos;

- Na etapa final: *Levantando as Cortinas: Ação!* Configurou-se um momento ainda de compartilhamento dos participantes com a autora da tese. Seguido do desfecho do registro dos participantes, via MAP-ODS 2, processando suas visões sobre a contribuição do método de pesquisa, na promoção de reflexões pró- sustentabilidade.

Apresentamos como produto deste trecho final dados sobre o movimento de graduações proxêmicas, dos 21 participantes que trilharam todas as etapas da pesquisa.

Notamos, que o que há de comum entre todos é o movimento, ninguém se manteve estaticamente idêntico em suas posições iniciais e finais. Por outro lado, observamos as singularidades destes movimentos.

Ao compararmos o MAP-ODS1, com o MAP-ODS2, identificamos, em um primeiro bloco, 4 participantes que se movimentaram aproximando-se de todos os ODS. Caso de Diva; Malina; Irene e Guaraci.

Em um segundo bloco, encontramos o maior contingente, entre os 21 participantes.

Neste tipo de movimentação, 15 participantes se mantiveram com graduações iguais em alguns ODS; e se aproximaram ou se distanciaram de outros. Compuseram este bloco: Ossaim; Wanadi; Yara; Mitra; Hélio; Dafne; Freyr; Rama; Dóris; Adonis; Filó; Camila; Cibele; Leda e Bia.

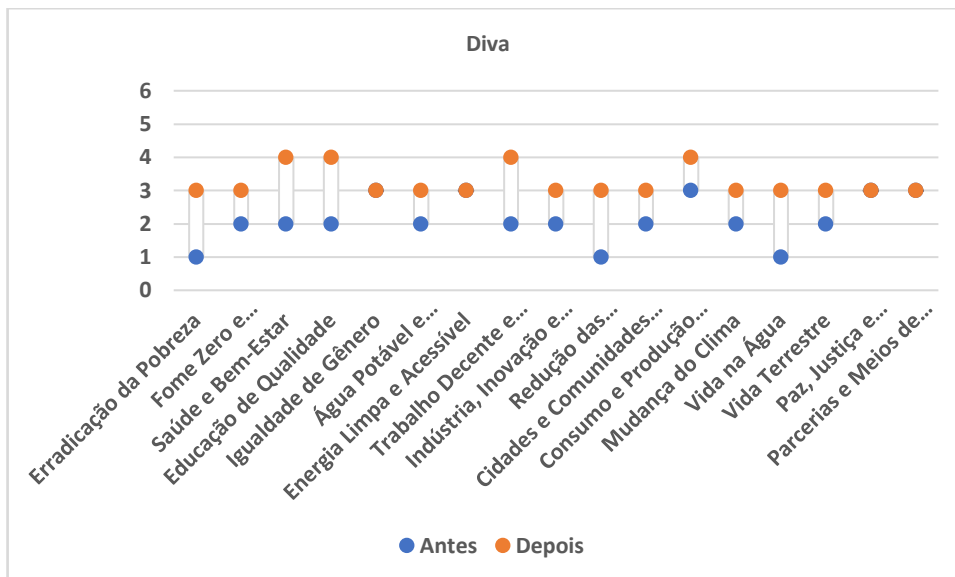
No terceiro bloco, há 2 participantes que se distanciaram de todos os ODS. Este foi o movimento de Wadd e Flora.

Observamos no primeiro bloco, que as pessoas que se movimentaram em aproximação na relação com todos os ODS, relataram em seus registros finais, oralmente, ou por escrito, que sentiram esta aproximação ao passarem a valorizar o que faziam, de forma diferente. Reconhecendo as relações de ações cotidianas que já tinham, com os ODS.

Disseram que foram percebendo, ao longo da pesquisa, que não tinham noção que, no geral, já faziam muitas coisas relativas à Agenda 2030, e que os procedimentos os levaram a sentirem-se mais integrados e potentes nesta relação.

A seguir são apresentados os gráficos e comentários sobre este movimento de aproximação:

Figura 56 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 – Diva

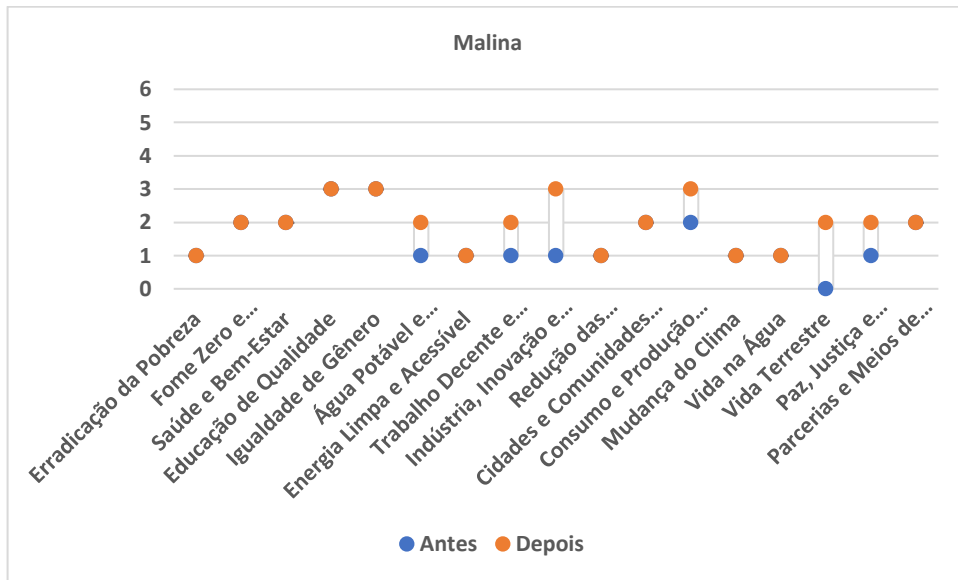


Fonte: Autora

Diva deixou registrado em seu MAP-ODS2:

“Achei a parte em grupo muito rica, amplia nossa visão. Percebi uma mudança grande nas minhas respostas porque o projeto me trouxe consciência de que o pouco que faço já é uma parte válida. Aprendi a valorizar. Obrigada por me inspirar a ser melhor para mim mesma e para a sociedade”

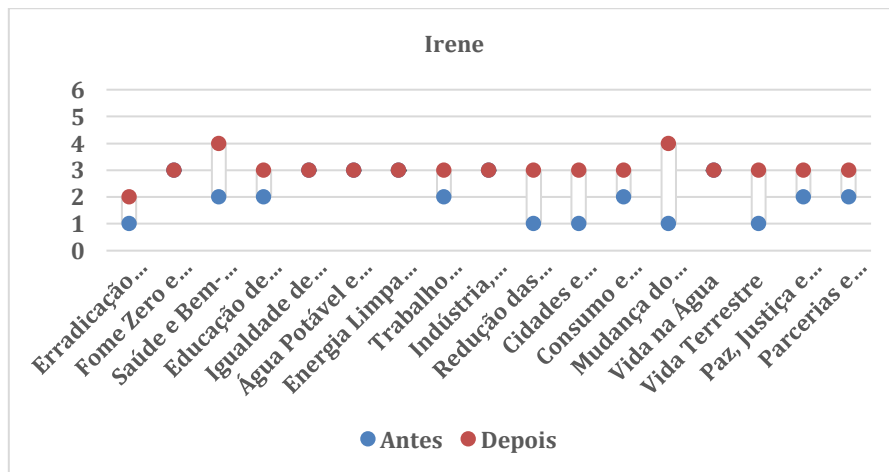
Figura 57 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Malina



Fonte: Autora

Nas palavras escritas por Malina, em seu MAP-ODS2, ela declarou: *“Eu quero agradecer, porque não sabia da existência dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e não sei outro caminho que isso poderia chegar até mim, me vejo atualmente um pouco fora dos debates. Então, gratidão. Pude refletir sobre minhas ações cotidianas e estou animada em continuar refletindo e, claro, buscando formas de contribuir...”*

Figura 58 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Irene

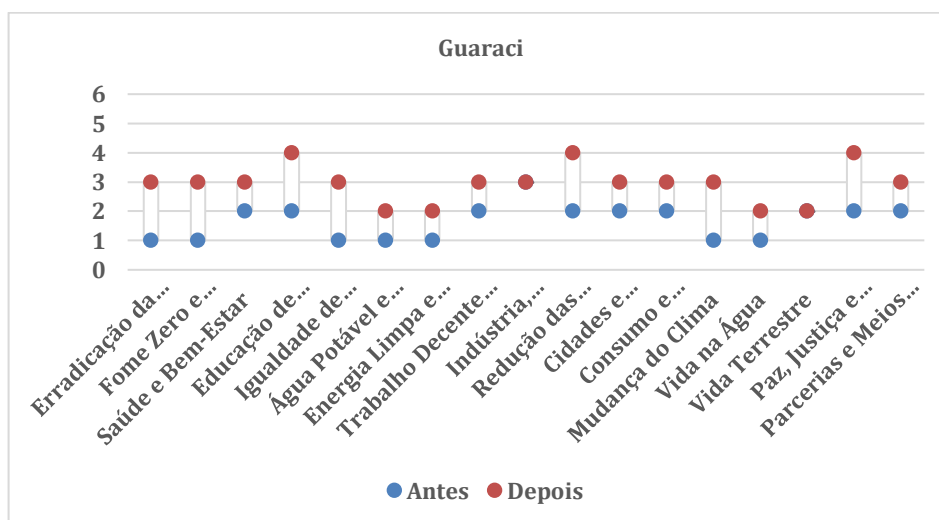


Fonte: Autora

Irene não deixou nada por escrito no MAP-ODS2, mas um pouco antes de preencher o formulário compartilhou verbalmente com o grupo:

[...] Sabe, vocês foram falando e eu fiquei pensando, olha o que a gente tá fazendo no micro do micro, mas que pode gerar muita elaboração, atuação nossa no que a gente tem controle. Então lidar com a nossa impotência, frustração e continuarmos vivos, né? assim sensibilizando a nós e outros. Então esse misto que me vem assim. Caramba! É tudo, dessas dezessete frentes, tão estratégico, mas tem o micro. Talvez não seja alcançável, ainda não vejo, mas tenho esperança de que tá rolando. Tem um movimento. Então vamos lá!! A esperança não pode morrer. É isso!

Figura 59 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 - Guaraci



Fonte: Autora

Nas palavras de Guaraci, em seus registros finais escritos no MAP-ODS-2, ele colocou que a pesquisa o apoiou em:

“Poder associar minhas reflexões à prática, sem excesso de pessimismo ou polianismo⁷⁷. Achar o equilíbrio é um caminho para manter a sanidade em geral. Ando em crise com a palavra prioridade. Acho difícil elencar uma (questão que queira destacar sobre a experiência vivida na pesquisa). Mas, destacaria o fato de reforçar em mim que é indispensável não abrir mão do coletivo, de ter solidariedade e de agir para ser melhor e atuante cada vez mais para a construção de algo melhor do que temos tido.

⁷⁷ Refere-se à personagem da literatura ficcional criada por Eleanor H. Porter, que se chama Poliana, e em suas histórias bastante trágicas se concentra em ver sempre o lado positivo das coisas.

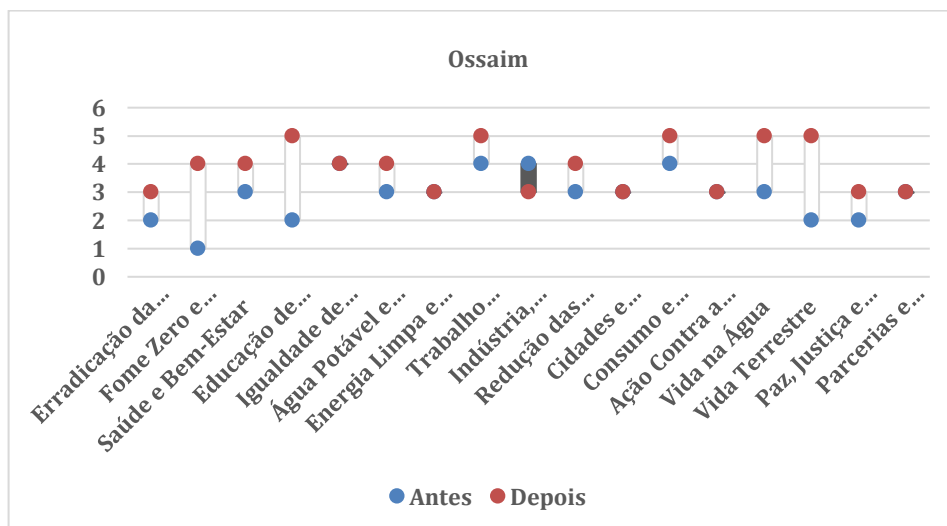
Nos próximos gráficos, apresentamos o bloco constituído pelos 15 participantes que apresentaram padrão misto de movimentação, ou seja, mantiveram-se nas mesmas posições na relação com alguns ODS, e se aproximaram ou distanciaram de outros.

Neste bloco, encontramos relatos de participantes afirmando terem ampliado reflexões ao longo deste processo. Relataram também terem conseguido entender melhor alguns aspectos de temas sobre sustentabilidade, com os quais nunca tinham tido contato. Também afirmaram que ao longo dos procedimentos, lembraram-se de situações que os ajudaram a avaliar melhor cada um dos ODS. Olhando para cada situação em particular. O que ao olhar da Socionomia sinaliza o surgimento de relações mais espontâneas.

Neste grupo, assim como no primeiro bloco, os participantes informaram interesse em continuar se aprofundando no tema, após findarmos a pesquisa.

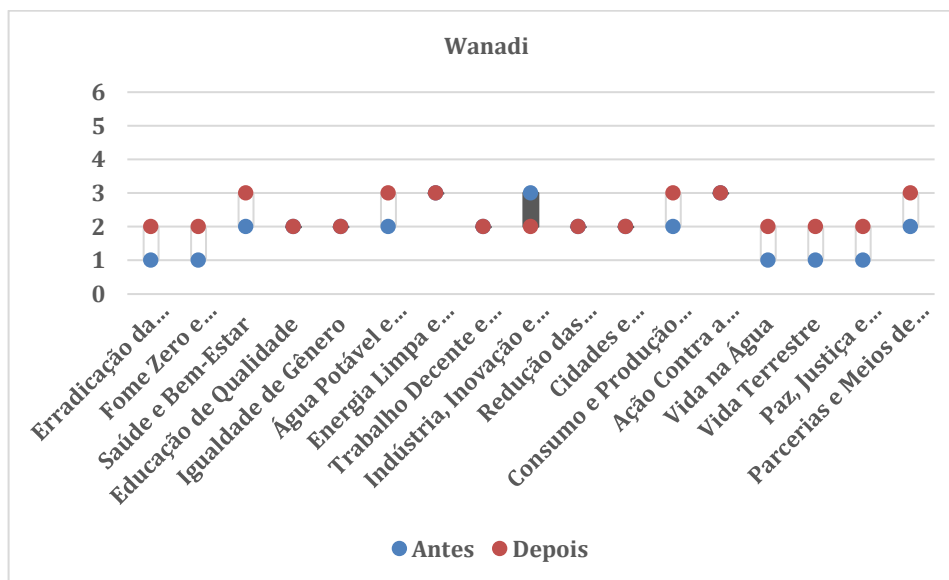
De forma a não tornarmos muito extenso os relatos, transcreveremos junto aos gráficos apenas registros que acrescentem aspectos distintos dos já transcritos no bloco anterior.

Figura 60 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Ossaim



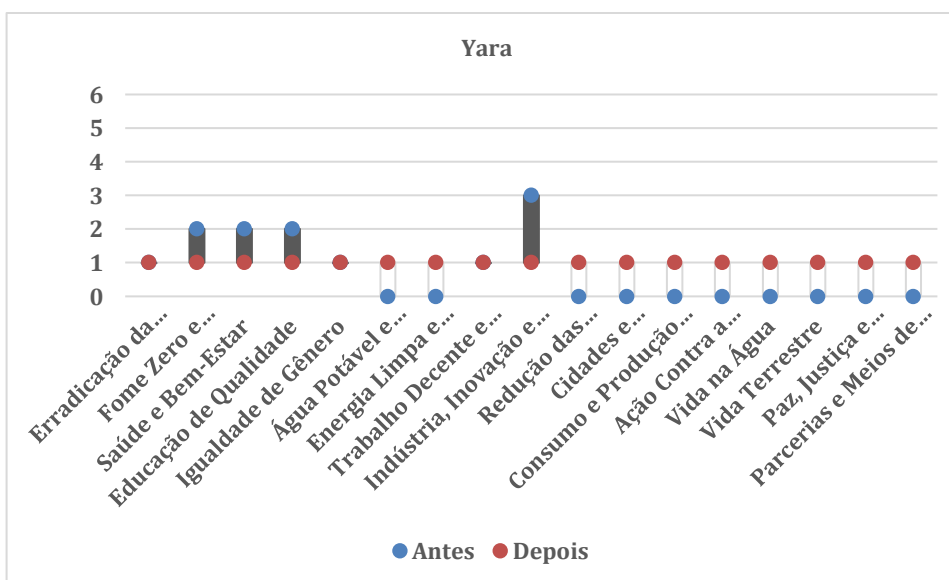
Fonte: Autora

Figura 61 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Wanadi



Fonte: Autora

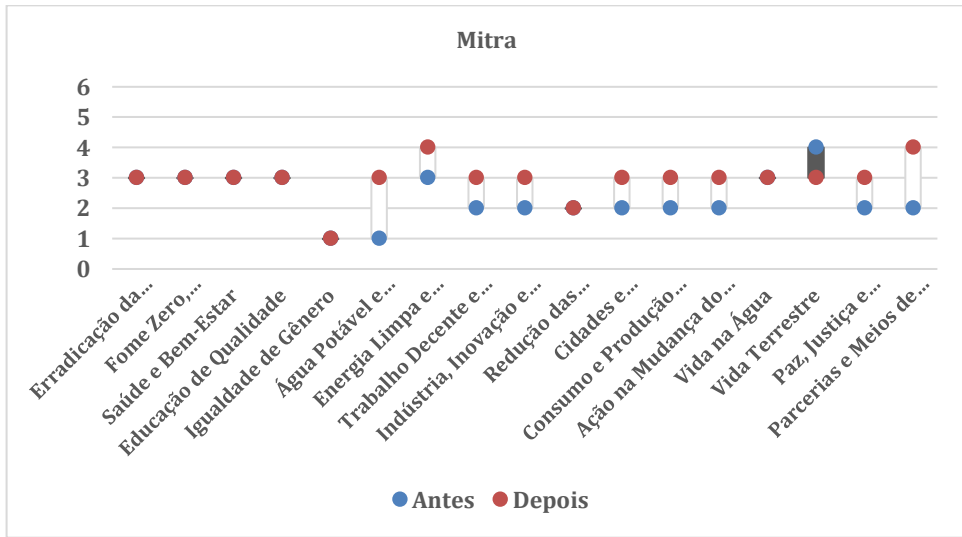
Figura 62 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Yara



Fonte: Autora

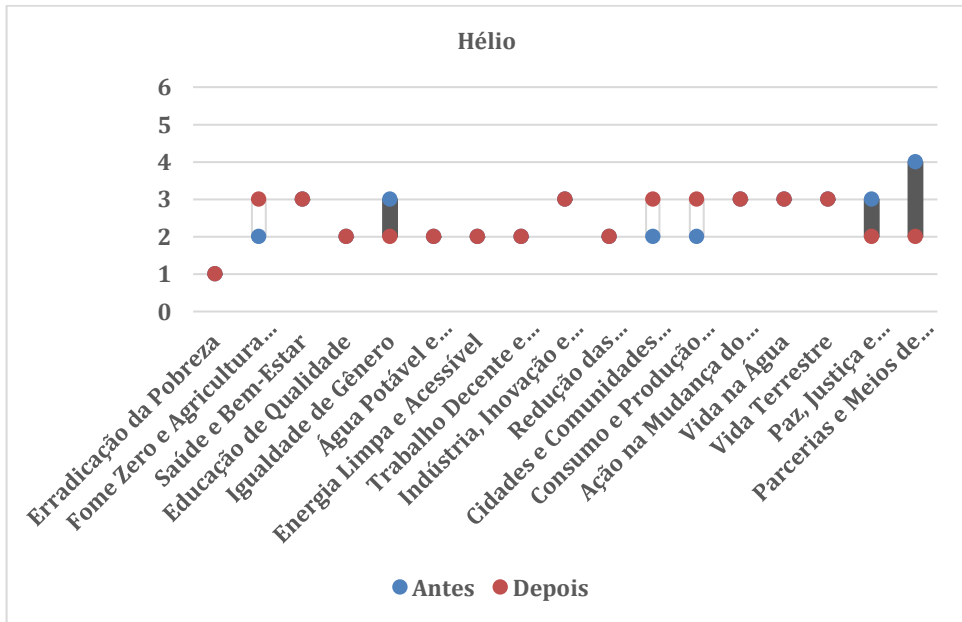
Yara registrou em seu MAP-ODS2 que via de forma muito negativa e pessimista a atuação do governo à época da pesquisa. Informou que o momento de *Cocriar em Grupo* a havia ajudado. Se pudesse, gostaria de ter novos encontros no mesmo formato, ou se manter em contato com o mesmo grupo, para continuarem trocando ideias sobre tudo o que abordaram no encontro.

Figura 63 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Mitra



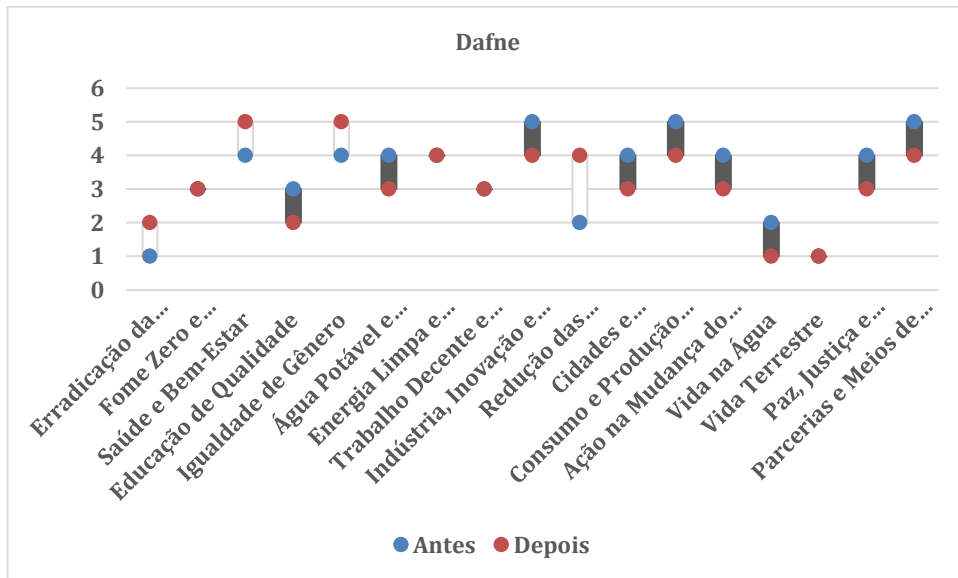
Fonte: Autora

Figura 64 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Hélio



Fonte: Autora

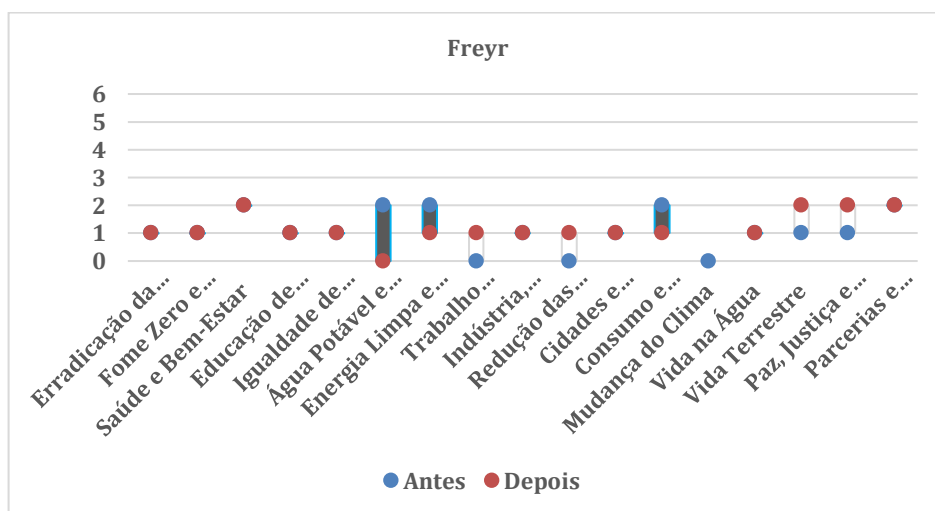
Figura 65 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Dafne



Fonte: Autora

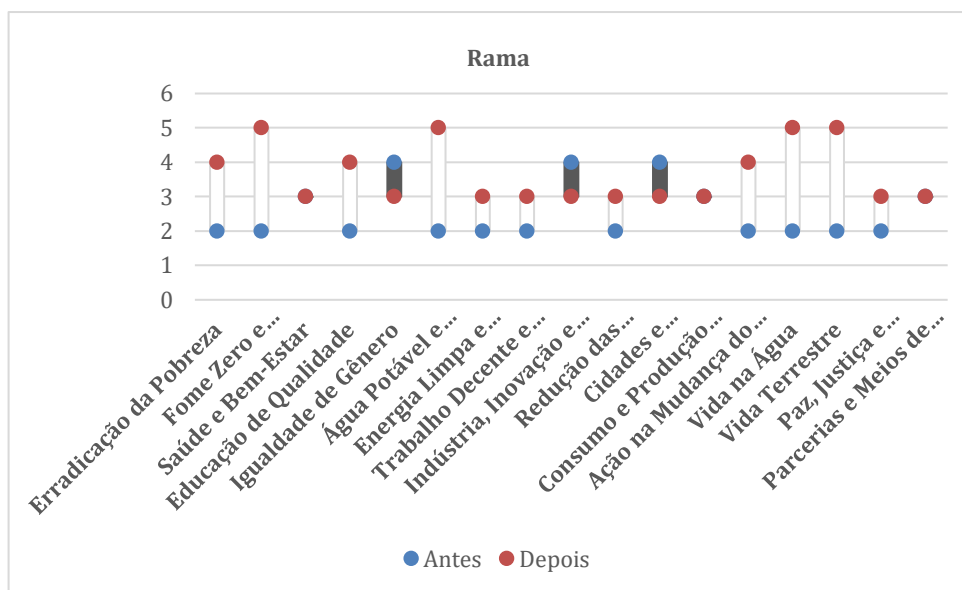
Para Dafne, a pesquisa como um todo foi um: “*Processo enriquecedor, principalmente a reflexão em grupo... Pude compartilhar e receber ideias que nunca tinha imaginado, e que me fizeram refletir e me impulsionaram a pensar em formas de transformar a realidade atual e deixá-la um pouquinho mais próxima do que é proposto pelas ODS.*”

Figura 66 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Freyr



Fonte: Autora

Figura 67 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Rama



Fonte: Autora

Rama destacou no MAP-ODS2, que aquilo que mais lhe fez refletir ao longo da pesquisa foi *“Observar que minhas respostas variaram de acordo com o “andamento” do meu desenvolvimento pessoal e profissional. Os valores considerados “mais próximos” podem ser observados de vários pontos, o “EU” pessoal e “EU” profissional.”*

Refere-se a ter percebido a diferença que sentia ao se colocar em diferentes papéis. Foi transformador para ele esta experiência. Reforçou mais de uma vez este ponto.

Figura 68 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Dóris

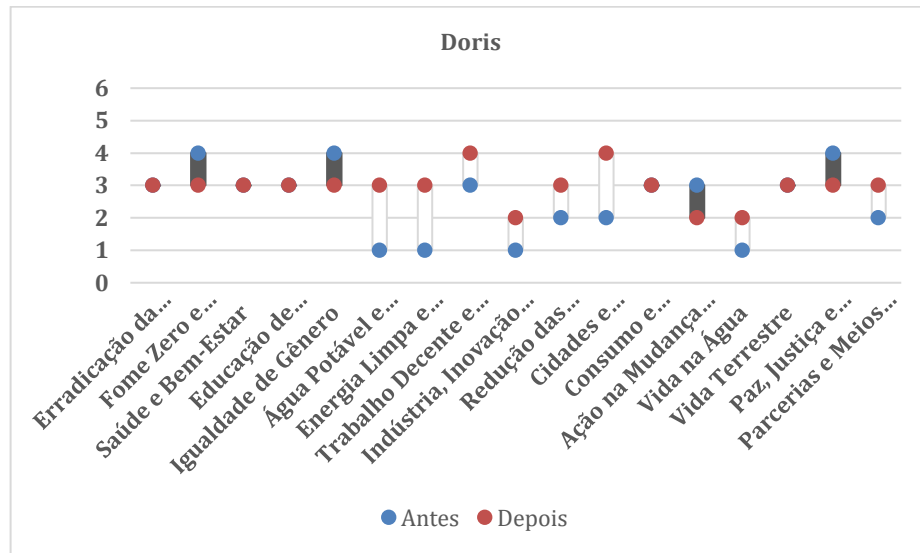
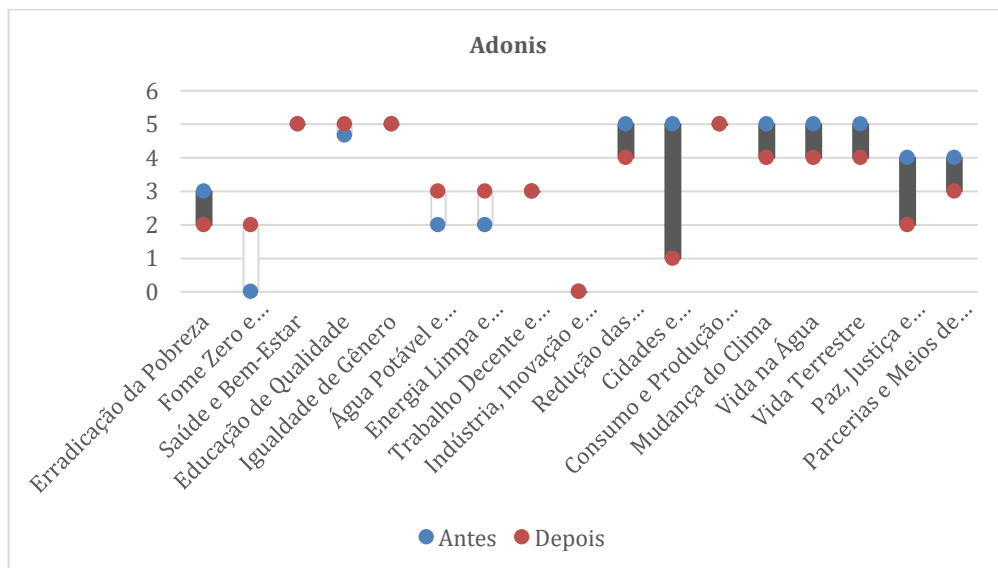


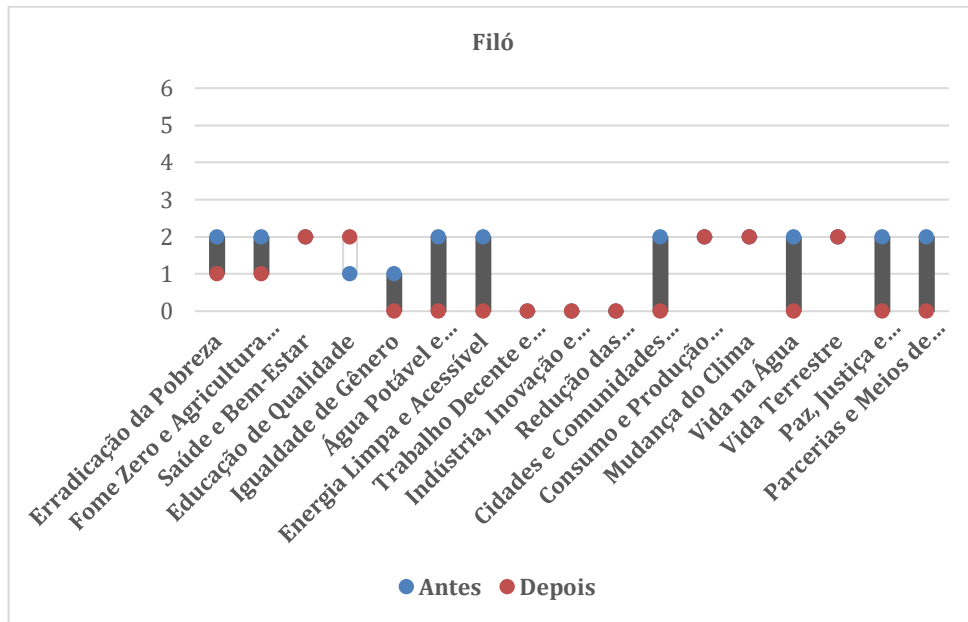
Figura 69 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Adonis



Fonte: Autora

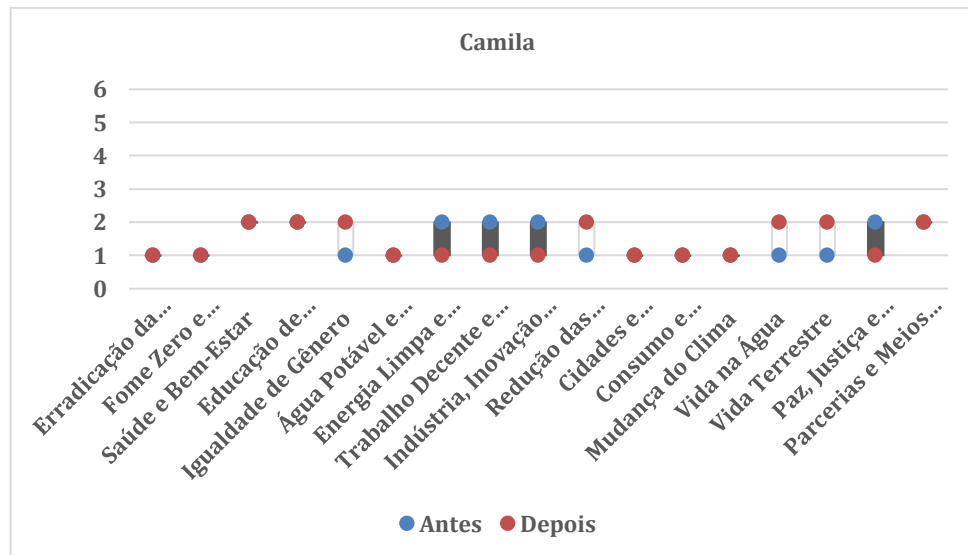
No caso de Adonis, em suas reflexões finais quanto aos procedimentos da pesquisa, afirmou no MAP-ODS2: *“O contato com os objetivos e o diálogo e reflexão sobre eles provocam mudanças na vida cotidiana, pois me fizeram ver a minha responsabilidade com estes objetivos. Mesmo num nível pessoal e individual.”*

Figura 70 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Filó



Fonte: Autora

Figura 71 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Camila



Fonte: Autora

Camila informou em seu MAP-ODS2 que a pesquisa a ajudou a ampliar suas reflexões sobre o que estava aprendendo em conjunto com *“As aulas da pós-graduação que faço em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global”*.

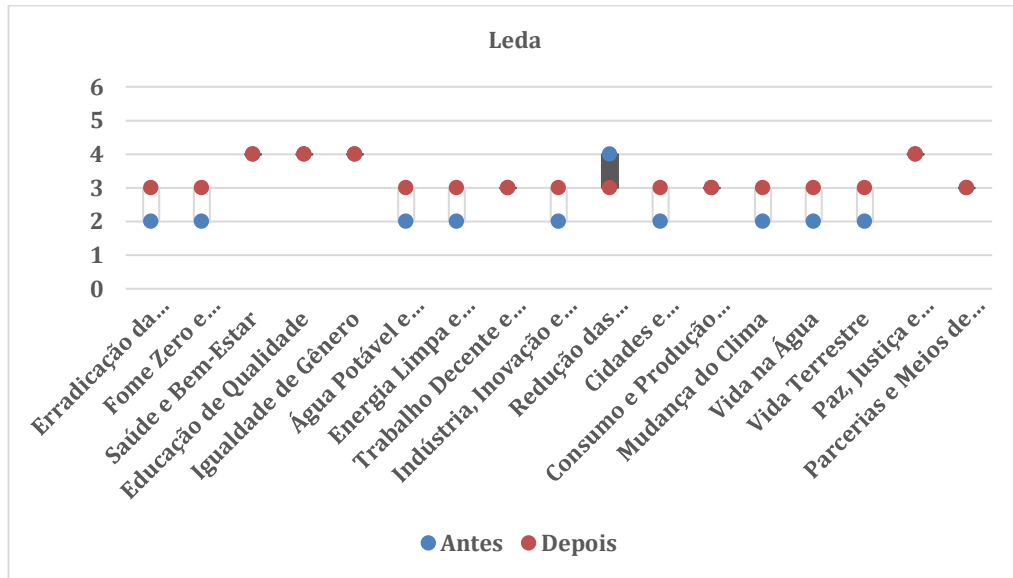
Figura 72 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Cibeles



Fonte: Autora

Cibeles pontuou no MAP-ODS2 que: *“O fato de estarmos em uma pandemia e a pesquisa estar sendo realizada nesse contexto já reflexivo. Achei a metodologia utilizada, para nos levar à reflexão dos nossos papéis na sociedade, muito importante e pretendo levar isso para a minha prática profissional na educação de crianças, adolescentes e jovens”*.

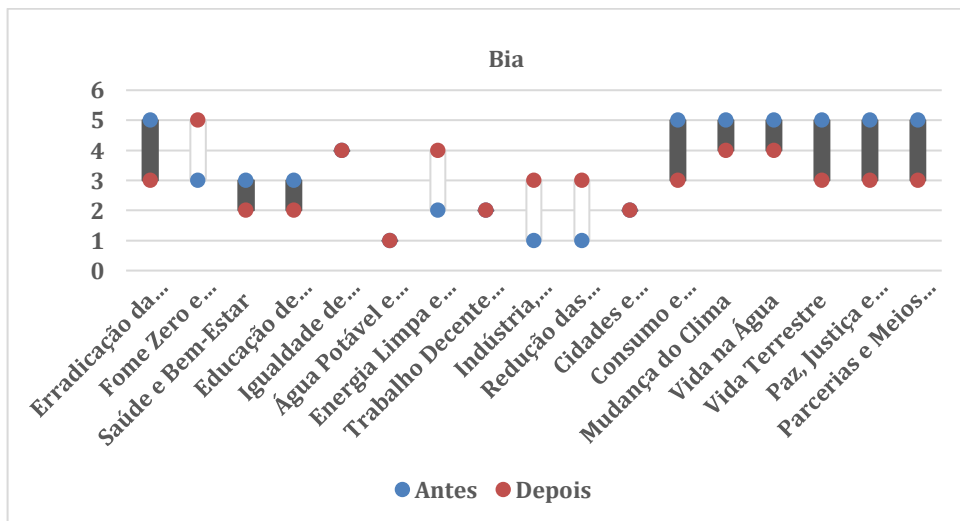
Figura 73 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Leda



Fonte: Autora

Leda em seu MAP-ODS2 disse que gostaria de ter trabalhado ainda mais a questão dos papéis: *“Creio que dar maior visibilidade a questão dos papéis na pesquisa seja algo relevante. Na pesquisa ficou como coadjuvante. Num próximo passo talvez ser protagonista.”*

Figura 74 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Bia

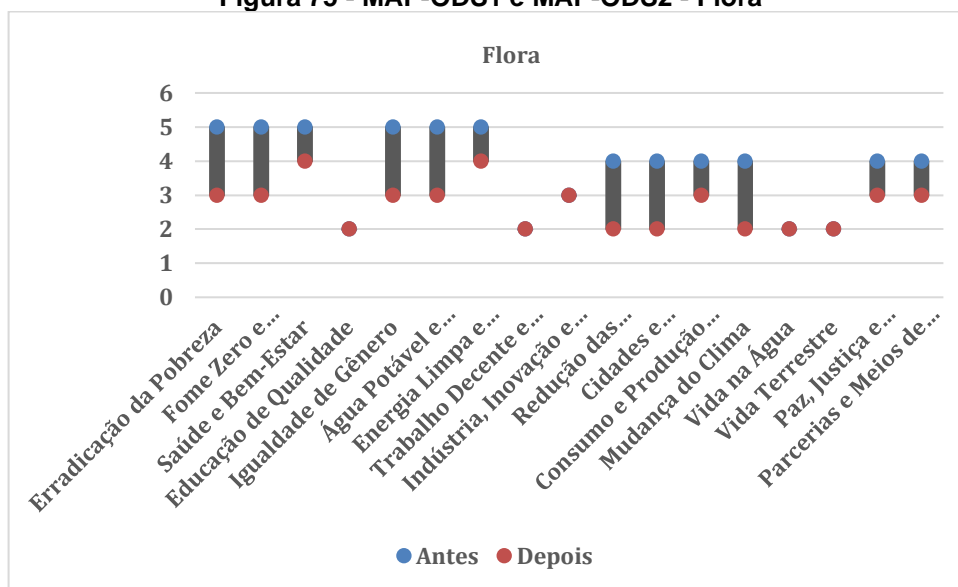


Fonte: Autora

Para Bia, a pesquisa a ajudou a “Trazer para reflexão que já fazia muitas coisas e não pensava nessa escala.”

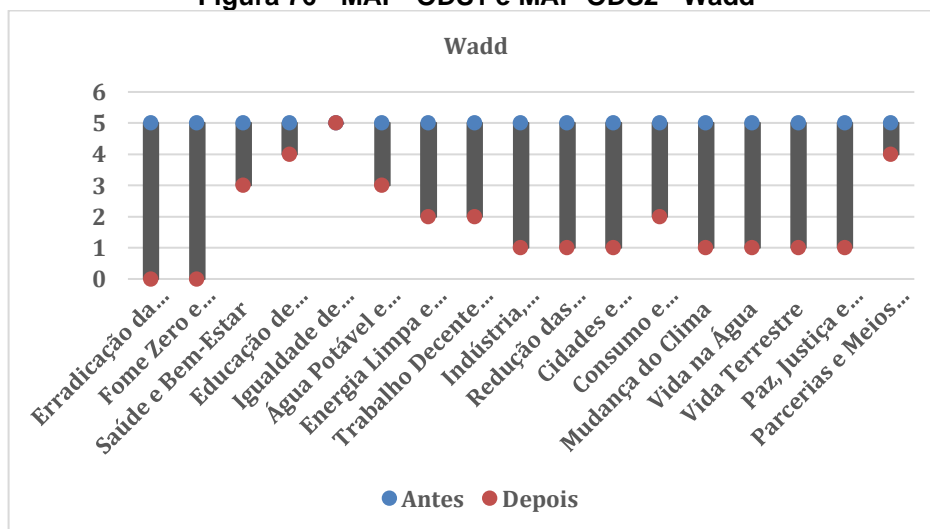
No caso de Wadd e Flora, o movimento foi em um sentido de Distanciamento.

Figura 75 - MAP-ODS1 e MAP-ODS2 - Flora



Fonte: Autora

Figura 76 - MAP- ODS1 e MAP-ODS2 - Wadd



Fonte: Autora

Tanto Flora, como Wadd, haviam pontuado no MAP-ODS1, quase de maneira uniforme nos graus 4 e 5, posicionando-se nos polos e comentando certo desconforto em relação a isto nos *Diálogos*. Percebemos que a convivência com outros participantes lhes proporcionou outras perspectivas, de balizadores diferentes que os

levaram além dos polos, mudando de forma significativa o padrão de suas pontuações no MAP-ODS2.

Nos *Diálogos*, Wadd colocou que muitas coisas ele tinha preenchido no primeiro questionário, mas não havia refletido muito a respeito. Enquanto Flora, percebeu também nos *Diálogos*, que havia se balizado quase que uniformemente na **importância** que atribuía às questões, porém, disse ter se dado conta de outros modos de olhar, e se **balizar**, quanto a estes mesmos pontos. Ao olharem para sua relação com cada ODS, de forma mais profunda e com outros critérios, isso os levou a graus mais espontâneos de respostas. Notaram que “*Não é tudo a mesma coisa*”, ou seja, exercitaram a possibilidade de experienciarem respostas novas a cada nova questão.

Entendemos que o posicionamento nos polos, em ambos os casos, se deu por um contato inicial, mais superficial com o instrumento MAP-ODS1, e, ao final, ao terem passado por diferentes momentos de *Diálogos* e *Cocriando em Grupo*, encontraram o espectro diverso, com o qual podiam se expressar, além apenas das posições polarizadas.

Outro aspecto que ressaltamos, sobre o relato de ambos, Wadd e Flora, assim como no caso de Marduk, que exemplificamos nas páginas⁷⁸ iniciais dos resultados, refere-se a sentirem estranhamento, ao se posicionarem em graduações polarizadas. Relataram que poder trocar ideias com outras pessoas os ajudou a ampliar perspectivas.

Nomeamos em nosso mapa de temas, a movimentação manifesta por Wadd, Flora e Marduk como: ***Evitando e saindo das beiras***, nos remetemos ao fenômeno do **isolamento sociométrico**.

Moreno (1992) indicou em seus estudos de átomo e redes sociais o **isolamento sociométrico** como a situação vivida por pessoas, em diferentes contextos, ao se posicionarem em relações distanciadas da maioria dos que compartilham de seus mesmos contextos. O isolamento sociométrico também se dá quando pessoas recebem baixa reciprocidade, por parte de suas escolhas. Ou seja, escolhem situações e pessoas, porém, não são reciprocamente escolhidos.

⁷⁸ Figura 10 - ODS1 - Graduações Proxêmicas e Trechos de Diálogos de Marduk (p. 134).

Entendemos nos questionamentos de Marduk e de outros que sentiram necessidade de averiguar, onde os outros participantes da pesquisa se posicionariam, a intenção de não estarem isolados em suas posições.

De forma associada, a manifestação em papéis psicodramáticos, de pessoas que se autodenominaram como “chatas”, nos levam a indicar que o isolamento sociométrico, nas relações com os ODS, seria um tema importante a ser aprofundado em futuros estudos.

Outro destaque sobre as formas de movimentação que observamos ao longo da pesquisa, refere-se à necessidade dos participantes buscarem experimentar, não apenas uma, mas várias posições, em procedimentos sociométricos-proxêmicos, conforme relatado nos estudos que mencionamos no capítulo 2, e que também pudemos constatar em nossa pesquisa.

Em nossos procedimentos, contando com várias etapas que proporcionou encontros entre pessoas com perspectivas diversas, e não apenas semelhantes, criou-se a possibilidade, expressa por alguns, de se experimentarem em outros locais, uma vez que viam pessoas se movimentando de formas diferentes. Também porque, ao contemplarem os ODS em diferentes momentos, a cada visada podiam encontrar novas facetas a explorar.

Neste conjunto de dados, relatados neste capítulo, compreendemos **como nos movimentamos** ao longo de todo este processo.

Partimos de uma **foto estática em clusters**, tirada na etapa de *Preparação do Palco*, para identificar e convidar participantes com diferentes perspectivas para as etapas posteriores.

Ouvindo narrativas, ao longo dos *Diálogos*, pudemos identificar 8 tipos de critérios **balizadores: ação pessoal; ação de outros; ação institucional; acesso; afetos; conhecimento; importância; vontade** (Figura 7), com os quais os participantes estavam se referenciando, ao se posicionarem em graduações proxêmicas relativas a cada ODS.

Também pudemos identificar os significados dados pelos participantes, ao se posicionarem em diferentes zonas de graduação:

Na **zona de aproximação (graus 4 e 5)**, descreviam que percebiam os **balizadores** com que estavam se referenciando, em alta intensidade ou frequência, o que podia, ou não, levar ao impulso de ações.

Nesta zona, os balizadores eram relatados como algo percebido perdurando ao longo do tempo, de forma concreta. Algo aceito, validado em diferentes contextos e no senso comum.

Em alguns casos, quando muito alavancados, os balizadores também poderiam levar ao caos ou paralisar o fluxo de ações. Como exemplo, quando o participante relatava se balizar pela **importância**, **afeto** ou **vontade**, a alta intensidade destes balizadores, vivida na relação com os ODS, era também permeada por sofrimento e, em alguns casos, com arrefecimento da ação.

Na **zona de distanciamento (graus 0 e 1)**, relatavam perceber uma baixa frequência ou intensidade do balizador identificado na intermediação de suas relações com um ODS, o que era expresso como um movimento de esvaziamento, diminuição, aniquilamento ou mesmo tendendo à inexistência, negação ou anulação. Também com menor propensão à ação.

Enquanto na **zona de neutralidade e/ou ambivalência (graus 2 e 3)** o balizador era descrito em intensidade ou frequência de forma ainda pouco elaborada. Como dúvida, em um estágio inicial de algo, mas sem movimento, sem forças ativas atuando como aproximação ou distanciamento; ou como a percepção de que forças opostas atuam na situação, causando paralisação.

Ao avançarmos nas escutas, nos momentos em que estávamos *Cocriando em Grupo e Levantando as Cortinas*, para retornarmos à *Ação*, na vida “real”, pudemos também perceber que se nos mantivéssemos pesquisando, infundavelmente, as trajetórias de nossos participantes, encontraríamos registros de que o movimento proxêmico, na relação com os ODS, também se dá de forma **pendular**.

Nestes **movimentos em pêndulo**, dependendo do papel, do balizador adotado, do contexto, do momento e das inter-relações que se formam, percebemos participantes se aproximarem, se distanciarem e depois se aproximaram novamente de determinados ODS, reforçando ser esta, uma relação dinâmica, e em constante fluxo.

Reforçamos que em nosso método, as reflexões provocadas e descritas pelos próprios participantes, quanto aos seus movimentos, e mais, os *insights* provocados, ao perceberem que podem se movimentar, constituem-se, a nosso ver, o produto de maior valor em nossos procedimentos.

Relembrando que, poder mudar de posição e, a partir de diferentes posições e papéis, experimentar outras formas de ser e se relacionar são princípios da Socionomia.

Desta forma, não nos dedicamos a encontrar respostas, mas a contemplar as perguntas que este processo tem o potencial de fazer emergir. Alinhamo-nos à visão de Moreno, já mencionada anteriormente: *“Mais importante do que a ciência é o seu resultado. Uma resposta provoca uma centena de perguntas”*.

Encerramos este relato, construído de maneira coletiva com os participantes, com um resumo abaixo sobre as contribuições deste método, na visão dos próprios participantes que trilharam conosco as 4 etapas de pesquisa.

Entendemos que esta caminhada propiciou expressarmos e contarmos, em palavras, movimentos e, também, em números **o que levamos e compartilhamos desta jornada.**

Considerando os 21 participantes que preencheram o questionário MAP-ODS2, 36% deles avaliaram que foram todas as etapas da pesquisa juntas que geraram impacto em suas reflexões; 18% indicaram o encontro de grupo como mais impactante; 14% mencionaram os diálogos e encontro de grupo como etapas mais contributivas; 9% indicaram maior impacto na reflexão sobre papéis, quando em conjunto com o encontro de grupo e diálogo; 9% atribuíram à etapa de diálogo o maior impacto; 5% mencionaram a reflexão sobre papéis em conjunto com o diálogo como procedimentos de maior impacto; 60% informaram, após vivenciarem as 4 etapas de procedimentos, o interesse em inserir o tema ODS em seu cotidiano e 40% em torná-lo um tópico prioritário em suas vidas.

Dedicamos as próximas duas últimas sessões: Discussão, em conjunto com nossas Considerações Finais, a elaborarmos por parte de quem originou, organizou e relatou a pesquisa tudo aquilo que ela significou, em termos de aprendizados e de ampliações de perspectivas.

5. DISCUSSÃO

Escreverás meu nome com todas as letras, com todas as datas – e não serei eu.

Repetirás o que me ouviste, o que leste de mim, e mostrará meu retrato – e nada disso serei eu [...]

Somos uma difícil unidade, de muitos instantes mínimos – isso serei eu [...].

Cecília Meireles

Retomando nossos objetivos:

Quando começamos esta pesquisa, tínhamos parcialmente claro aquilo que estávamos buscando, e mais ainda, muitas dúvidas de como caminharíamos neste processo. Por linhas diversas, como bem colocou Professora Laís Pinto de Carvalho, em nossa banca de qualificação: fomos buscando *o fio condutor de nossa investigação*.

Confrontamo-nos com questões de nossa própria subjetividade, nas decisões que necessitariam ir sendo tomadas neste processo. Do que abriríamos mão e o que manteríamos daquilo que já conhecíamos. O que “desaprenderíamos” e o que aprenderíamos de novo?

A partir do que foi se produzindo, em conjunto com aqueles que convidamos a nos orientar, avaliar e participar de nossa investigação, chegamos ao ponto comum de que nossa pesquisa objetivaria investigar as percepções de pessoas em seu cotidiano vivido, quanto às proximidades e distâncias em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Tivemos conjuntamente, como objetivos específicos, investigarmos papéis percebidos como mais potentes para a ação intencional em direção ao mundo desejado e expresso nos enunciados dos ODS. Assim como, identificarmos barreiras e facilitadores para a tomada, ou não, de ações relativas aos ODS.

Também analisamos as contribuições dos procedimentos adotados, como método para reflexões sobre temas pró-sustentabilidade.

Com estes objetivos, mergulhamos em epistemologias e estudos não só em campos familiares a nós. Propusemo-nos a avançar fronteiras além de nossa zona de conforto, até chegarmos à decisão de retomarmos, ponto a ponto, o que já conhecíamos e praticávamos com base na Socionomia, para então criarmos outros caminhos a partir disso.

Tomamos a Agenda 2030, composta de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como ente com o qual nos relacionamos, em maior ou menor proximidade no cotidiano.

Investigamos como este ente, promovido por iniciativa da ONU e sua rede de países membros e organizações vinculadas, apresenta-se na comunicação ao público, quais seus marcos conceituais e histórico. Dado este levantamento, voltamos à perspectiva sicionômica para nos aprofundar na relação de nossos participantes com este ente, a Agenda 2030.

A partir da Socionomia, em uma perspectiva clínica também influenciada pela Psicologia Ambiental, atuamos nas junções das dimensões do tempo objetivo, das iniciativas internacionais da Agenda 2030, com o tempo subjetivo, das pessoas em suas vidas (BASSANI, 2020). Ao alinharmos métodos sicionômicos, à Psicologia Ambiental, também possibilitamos novas formas de investigarmos as inter-relações pessoa-ambiente.

Alinhando nosso método e resultados:

Partimos em nossa pesquisa dos conceitos sicionômicos, criados por Jacob Levy Moreno e agregamos, aos textos da obra original moreniana, alguns autores da literatura sicionômica pós-moreniana. Porém, não procedemos de forma a replicar, exatamente, o que foi feito na Socionomia moreniana e pós-moreniana. Criamos e exploramos outros caminhos, o que também fazia parte de nosso conjunto de objetivos, analisar como estes novos procedimentos de base sicionômica, com enfoque à compreensão do fenômeno proxêmico, poderiam nos ajudar a compreender as relações pessoas-ODS.

Do arcabouço da epistemologia sicionômica, destacamos elementos da **Sociometria**, da **Psicodinâmica de Papéis** e da **Bioatria** como nossos pontos de apoio.

Resgatamos a Sociometria a partir dos conceitos filosóficos criados por Moreno, com aportes da ontologia de Merleau-Ponty e da antropologia de Edward Hall, em suas associações com as perspectivas ligadas ao fenômeno proxêmico.

Estudamos exemplos de pesquisas anteriores, tanto de orientação sicionômica, como com enfoque nas relações humano-ambientais, o que incluiu leituras de trabalhos de autores ligados ao campo da Psicologia Ambiental. Este

percurso nos inspirou na definição e desenho de nossos procedimentos e caminhos de análise de nossos resultados.

Nossos procedimentos, formulados a partir de questões proxêmicas, foram associados às noções sociométricas. Esta associação, nos levou ao desvelamento e conceitualização do que chamamos de critérios balizadores. Identificamos, via narrativas dos participantes, 8 diferentes balizadores que as pessoas adotavam ao expressar seus graus de proximidade, neutralidade, ambivalência ou distância na relação com os ODS. Sendo eles: **ação pessoal; ação de outros; ação institucional; acesso; afetos; conhecimento; importância; vontade.**

Reforçamos que os balizadores são uma forma didática de se compreender o fenômeno proxêmico, mas é importante destacar que não são manifestações que nos apareceram rígidas. Apontamos o que nos aparecia com maior força nos relatos dos participantes, e trocando nossas impressões com os mesmos, entendemos que esta forma de análise nos ajudava nas reflexões.

Sobre a Psicodinâmica de Papéis, ressaltamos nosso posicionamento fenomenológico-existencial quanto ao conceito de papel, no qual *“Os papéis não surgem do eu; este pode, porém, surgir de papéis”* (MORENO, 1992 v.1 p.178).

Demos centralidade ao conceito de papel, uma vez que nosso entendimento é que ao compreendermos a forma como nos relacionamos a partir de diferentes papéis, com outros seres e elementos nos ambientes e ecossistemas que compomos, abrimos espaço para transformações humano-ambientais, também, para promover mudanças culturais.

Buscamos inicialmente, no **contexto social**, entender a partir de que papéis as pessoas sentiam-se mais potentes para a ação relativa aos ODS. Chamou-nos a atenção, que nos resultados, das seis categorias de papéis sugeridos, os papéis “profissional” (29,4%) e “consumidor” (26,8%) foram os mais reconhecidos para executar ações relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Estes resultados, manifestos no primeiro instrumento que utilizamos, assinalaram que as pessoas se sentiram mais, frequentemente, fortalecidas na relação com os ODS, em papéis ligados a entes empresariais, ou seja, nos papéis profissionais e como consumidor.

Apontamos para a necessidade de novos estudos sobre este fenômeno, qual seja, dos atravessamentos dos discursos e papéis relacionados aos âmbitos empresariais como predominantes neste contexto da Agenda 2030. Assim como, a

necessidade de problematizarmos se esta predominância não seria um aspecto mantenedor de um *status quo*, no qual apenas modos de vida, ligados aos aspectos econômicos e produtivos recebam destaque.

Este aspecto nos parece em consonância com o discurso hegemônico desenvolvimentista que é dominante na constituição da Agenda 2030, conforme ressaltamos no primeiro capítulo. A presença massiva, das organizações empresariais, ligadas as iniciativas da ONU, também é um aspecto a ser problematizado neste campo, em estudos futuros.

Quanto ao papel de cidadão, este foi manifesto em terceiro lugar, na frequência dos resultados do instrumento MAP-ODS1 (20,4%). Ficou-nos visível que os participantes percebem potência neste papel, uma vez que ele surgiu de forma recorrente, nos contextos grupal e dramático, em cenas narradas nos *Diálogos* e nos momentos em que estávamos *Cocriando em Grupo*.

Ao mesmo tempo, este papel também foi associado às vivências conflitivas, tendo como pano de fundo constante descrédito e frustração na relação com as instituições e governos.

Quanto aos papéis sociais, menos indicados, como o de membro de um núcleo familiar, indicado com potência por (19,6%), e por último, o de morador de um núcleo residencial, apontado por apenas (3%), embora tenham sido menos indicados no instrumento MAP-ODS1, assumiram posição de destaque no surgimento dos **Temas Protagônicos**, o que pode ser constatado nos relatos das cenas dos 5 grupos.

Concluimos com isso, a importância de navegarmos em investigações sobre os ODS em contextos diversos, e não apenas no contexto social. Pois, foi nos contextos grupal e dramático que surgiram outras vertentes mais criativas e espontâneas nas relações pessoas-ODS. Este aspecto corrobora com princípios fundamentais da Socionomia.

A partir de diferentes papéis psicodramáticos criados, facilitadores e barreiras também foram postos. Relembrando abaixo os relatos sobre:

- Exportadores de Lixo (grupo 1);
- Desatadoras de amarras (grupo 1)
- Argumentadores de Vantagens (grupo 2)
- Transformadores de sobras em Banquetes (grupo 2)
- Videntes de novas paisagens (grupo 3)
- Chatinha Provocadora (grupo 4)

-Ativista do Diálogo (grupo 4)

-Solucionadora de problemas: da negritude, desigualdade e crise climática (grupo 4)

-Chata do rolê (grupo 5)

Todos estes papéis psicodramáticos, relatados acima, não existem na realidade concreta, surgiram na realidade suplementar como exercícios que nos levaram a refletir onde está nossa potência na relação com os ODS e, que caminhos novos e espontâneos podemos seguir com mais ênfase nesta relação. Nos mostram onde estão as brechas de mudança e criação. Assim como onde estão nossas dores e principais conflitos.

Retomamos, também, que nos papéis *Chatinha Provocadora* e *Chata do rolê*, a sensação de **isolamento social**, e de falta de aceitação em suas próprias redes de relacionamento, por parte das pessoas que os narraram, nos alertam quanto à importância de este ser um tema a ser mais bem investigado em trabalhos futuros.

Por fim, quanto ao método, destacamos que ao navegarmos na perspectiva do “como se” sacionômico, da forma como o fizemos, experimentamos um jeito fluido de navegar entre contextos.

Capturando cenas vividas, nas realidades concreta e suplementar, na dimensão do “como se”, conforme Scagliarini (no prelo) propõe, entendendo que as cenas são narradas, ou performadas:

[...] onde precisa acontecer, como um dispositivo que provoca, cutuca, altera percepções e sensações, que propaga e ressoa liberando a experimentação e sustentando o que nisso tem de efêmero, precário...matéria prima do que é a Vida.

Em nosso entendimento, esse fluir ocorre, independente, da atuação de quem ocupa a posição de Direção na pesquisa. A nosso ver, quem ocupa o papel de Direção pode iluminar o que está acontecendo no grupo, a partir de seu olhar sacionômico treinado, propondo caminhos, mas não controlando a produção do grupo, mas desvelando junto com o próprio grupo o que está emergindo.

Neste caso, o Diretor tem o papel de observador participante, que não “dita” o que acontecerá, mas flui com o grupo naquilo que emerge na própria perspectiva grupal. Atua de maneira intersubjetiva, e por isso, sua aparição é menos centralizadora e mais diluída. Seu poder e lugar de fala não é maior que o poder e lugar de fala de outros participantes.

Nossos procedimentos de pesquisa equiparam-se ao que Moreno descreveu como sessões onde: “*Um problema é apresentado ou escolhido; a intenção central de tais sessões é deixar os problemas estruturarem-se* (MORENO, 1992, v.1, p. 59). Todos estão juntos na proposta.

Buscamos, também, nos comprometer com o que Clark (2017) assinalou, na forma como estruturamos nossa pesquisa. Entendendo que ela não tem efeito apenas enquanto produção de conhecimento acadêmico científico. Tem caráter social, de portar em um relato, a voz de todos que participaram do estudo. Ao lidarmos cuidadosamente com este extenso volume de material produzido, o fazemos por esta responsabilidade.

Esta pesquisa não é de um, mas de muitos, e se produzimos tudo isto juntos, é um cuidado essencial devolver, de forma ética, o máximo daquilo que foi a nós confiado.

Como relatora do acontecido e autora da tese, coloquei-me, em momento posterior, compartilhando em um espaço extra e residual, minha interpretação dos fatos, e as escolhas que fiz sobre como organizá-los.

Também é importante ressaltar que a construção da pesquisa em etapas, e privilegiando a escuta em profundidade do que os participantes iam trazendo, ajudou-nos a corrigir algo em nossa rota, na transição entre a etapa de *Preparação de Palco e Diálogos*.

Identificamos a necessidade desta correção pelo fato das questões étnico-raciais não terem sido mapeadas previamente no questionário MAP-ODS1, mas ao começarem a emergir, de forma recorrente e transversal, nas narrativas de muitos participantes, percebemos que precisavam ser resgatadas.

Ao não termos contemplado a temática étnico-racial, suficientemente, em destaque em nosso primeiro instrumento, percebemos o quanto estávamos embrenhados no viés do racismo estrutural.

Para esclarecer a força, deste não dito, quanto às questões étnico-raciais, pontuo que atravessou espontaneamente os *Diálogos* de Guaraci, Mitra, Marduk, Selene, Isis, Wadd, Jaci, Wanadi, Flora, Dafne e Bia. Tendo sido também abordado enquanto estávamos nos momentos *Cocriando em Grupo*, de diferentes formas, em todos os grupos.

Este episódio manifesta novamente a temática do racismo, como algo emergente e relevante, que deve ser mais bem explicitado e discutido na relação com

os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Retomando o fato que das 169 metas na Agenda 2030, há apenas 2 metas especificamente mencionando os termos etnia e raça, que são as metas (10.2) e (17.18).⁷⁹

Também percebemos, o quanto não falar sobre um tema, diz muito sobre o próprio tema. Assim como a força que o mesmo tem, ao voltar de diversas maneiras, em diferentes momentos. Mesmo que não tenha sido assim visualizado, em primeira mão, pela pessoa que organizou a pesquisa. Esta passagem deixou marcas profundas, as quais levarei para o resto da vida.

Sobre o que mais levamos desta jornada:

Finalizamos nossas discussões, refletindo que a junção entre a Bioatria, Sociometria e as concepções sobre o Fenômeno Proxêmico, enriqueceu nosso fazer profissional.

Poder enxergar esta combinação funcionando é um dos grandes pontos que levamos desta jornada.

Colocando em destaque que:

A classificação sociométrica básica não é uma psique encarcerada dentro de um organismo individual, mas um organismo individual que se move no espaço circundante, em relação a coisas e outros sujeitos que se deslocam a seu redor. (MORENO, 1983 p.193)

O conceito de Bioatria, quase que totalmente desconhecido de muitos que estudaram a obra moreniana, parece-nos em profunda conexão com o que havia sido descrito em 1987, no documento: Nosso futuro comum, também conhecido como Relatório Brundtland, descrito no primeiro capítulo de nossa tese:

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. (ONU, 1987- tradução livre da autora)

De forma circular, na visão bioátrica de Moreno, assim como descrito no Relatório Brundtland, conectamos o que foi feito no passado, por nossos antepassados, ao que está em ação, no aqui-agora, por parte dos vivos. Neste círculo

⁷⁹ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

da vida, cria-se em parceria, o que surgirá para os ainda não-nascidos: as futuras gerações.

Esta parceria inevitável coloca-nos no papel de vivos, que podem, ou não, atuar de forma mais, ou menos, criativas e espontâneas, inventando novos meios de vida e não reproduzindo modelos insustentáveis do passado, garantindo a sustentabilidade do planeta, o direito à vida, a existência para futuras gerações humanas e não humanas, e para outros seres que compõem a rede de sustentação à vida.

Por outro lado, o atravessamento de diversas instâncias de poder nos faz refletir que não é possível isolar o papel individual dos pontos estruturais desta rede, instaurados histórica e coletivamente.

Este aspecto estrutural, tem sido sinalizado há décadas em relatórios publicados pelas próprias instituições que promovem a Agenda 2030:

O esgotamento e o estresse ambiental surgem de disparidades de poder político e econômico. Uma indústria pode escapar com níveis inaceitáveis de poluição do ar e da água porque as pessoas que suportam o peso são pobres e incapazes de reclamar com eficácia. Uma floresta pode ser destruída por corte excessivo porque as pessoas que vivem lá não têm alternativas ou porque a madeira e os empreiteiros geralmente têm mais influência do que os moradores da floresta. (ONU, 1987)

Neste mesmo relatório, considerado um dos mais importantes na origem de uma era voltada a iniciativas globais pela sustentabilidade, denunciava-se que “*As interações ecológicas não respeitam os limites da propriedade individual, ou de jurisdição política*” (ONU, 1987).

A Sociometria nas redes que mantêm, ou se libertam do *status quo*, parece-nos violentamente atravessada pelos interesses econômicos. Entendemos ser este um aspecto fundamental a mantermos: nosso olhar em pesquisas.

Percebemos que embora nos conteúdos gerados pela própria ONU, indique-se a forma central que as questões econômicas, se estruturam de forma descoordenada com as interações ecológicas, a mudança e criação de novos caminhos não têm logrado a velocidade e intensidade necessárias, ou como coloca Bassani (2020), na urgência necessária deste cuidado.

Compreendemos, portanto, que ainda há muito a se fazer no que concerne a Agenda 2030, uma vez que em um retrato panorâmico, considerando os resultados do MAP-ODS 1, e posterior produção dos grupos nas etapas qualitativas, poderíamos dizer que nos percebemos, coletivamente posicionados concentrados entre os **Graus**

2 e 3, descritos como a zona de neutralidade e, ou, ambivalência na relação com os ODS.

Nesta zona, os balizadores na relação com os ODS, são percebidos de forma ainda pouco elaborada. Como dúvida, em um estágio inicial, mas sem movimento suficiente. Sem forças ativas de aproximação ou distanciamento. Também como a percepção de que há tensão entre forças opostas, causando paralisação e arrefecendo a ação.

Por outro lado, relembramos que em nosso método, mapear sociometricamente as relações, também nos permite “deixar em suspensão” a realidade concreta, para abrir espaço ao novo que emerge, para mergulharmos em reflexões que podem nos levar à criação de trajetórias alternativas.

Esta leitura em “fotos momentâneas” nos permite visualizar facetas parciais. Não oferecem caminhos conclusivos ou desfechos. Retratam, no máximo, parte de um movimento, e pontos de partida para novas investigações.

Também importante lembrarmos, que neste nosso mesmo método, podemos analisar, com um olhar clínico a singularidade expressa por qualquer participante, uma vez que cada posicionamento exposto, abre também uma possível linha de investigação, a se atuar a partir de princípios sacionômicos, movimentando-nos entre as diferentes posições, papéis e contextos, e explorando o que surge de diferenciado nestas trajetórias.

Nesta tese, descritiva e exploratória, assinalamos a conexão virtuosa gerada por este outro jeito de se fazer perguntas, utilizando-se o fenômeno proxêmico como plataforma.

É ao nortear ou “desnortear” investigações a partir da questão proxêmica, que se convocam outras formas de se entender os fenômenos, sendo este um olhar sobre as epistemologias acadêmicas, sem deixar de olhar as epistemologias do corpo e do saber cotidiano.

Neste finalizar provisório de texto, ao nos perguntarmos para onde vamos agora, tomamos como exemplo um habitante hipotético, de uma pequena cidade do interior, que quando perguntado sobre direções para se chegar à algum lugar responderia com a famosa frase: *“É só ir reto toda a vida”*.

Destaca-se nesta fala exemplar a mesma miscelânea, da ordem do saber popular e cotidiano que recorre à temporalidade, à espacialidade, à cultura, a percepção proxêmica em uma subjetividade singular e coletiva, ao mesmo tempo.

É neste movimento, até um ponto distante, que continuaremos vivenciando as impressões desta pesquisa. Como algo que se submete à finitude da escala institucional, cronológica, mas que na escala do ser, poderia permanecer “indo” como se isso pudesse durar o tempo de toda uma vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Moreno *um criador é como um corredor, para quem, no ato de correr, a parte do caminho que ele já passou e a parte que tem diante de si são uma só coisa, qualitativamente* (1997, p. 84).

A compreensão sobre as formas com as quais as pessoas se relacionam com os temas relativos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e a busca por novas perspectivas e métodos para se lidar com questões emergentes desta jornada, foram as lacunas sobre as quais nos debruçamos.

A perspectiva sacionômica, com seu enfoque inclusivo, e acessível tanto em procedimentos presenciais, como via instrumentos *online*, desenhados originalmente para esta tese, possibilitaram reflexões profundas sobre a Agenda 2030.

Entendemos que possibilitar estas reflexões em contextos diversos, experimentando-se diferentes papéis e com um olhar crítico que considere facilitadores e barreiras deste processo, constituem-se nossas contribuições heurísticas à ciência da sustentabilidade.

Esperamos que compartilhando nossos resultados e todo o conteúdo produzido, novos estudos possam ser iniciados. Que novos caminhos tenham sido abertos!

Passar por esse processo de escrita, ao longo de 4 anos estudando, experimentando, organizando, e revendo escolhas e posturas de toda uma vida foi transformador.

Vivendo, como diz o ditado lorubá, como Exú: *“Matando um pássaro ontem, com a pedra que a gente pegou só hoje...”*

Pássaros simbólicos do que deixamos em aberto, ao longo da vida, e em vários papéis. Mas que no processo epistemológico, estruturado e muitas vezes rígido, de um Doutorado, nos pressionam a tomar posição. Mesmo que temporariamente, como é tudo na vida.

Encontramos neste processo, ressonância com o que Bispo (2017) nos ajudou a perceber: *“Conhecer envolve reposicionamento subjetivo, e o inventar de outras perspectivas”*.

Fechamos esta tese, repensando, como diz Vieira (2015), aquilo que em nossa subjetividade nos leva a nos sentirmos próximo, ou distantes das epistemologias ou modos de fazer ciência, com as quais trabalhamos.

Tomo então, o modo de ser de Exú, e me vejo libertando os pássaros engaiolados de ontem, com as chaves que só consegui forjar hoje.

Uso as novas preciosas *pedras-saberes-chave*, e liberto os simbólicos *pássaros-gaiolas-dúvida* que me sobrevoavam desde lá de trás.

Vou, assim, me apropriando do direito de criar outras chaves, a serem compartilhadas com outros, nos territórios fronteiriços, onde naveguei:

Ora isolada, pela dor e angústia, por não saber como e o que queria defender;

Ora neutra, paralisada, pelo encontro com aquilo que ainda não desvendei;

Ora ambígua, entre o desejo e o medo de prosseguir, até...

O Salto espontâneo

Em aproximação ao descontrole do que está Porvir.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. F. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2016.

AGUIAR, M. Teatro espontâneo e psicodrama à deux in: textos sobre psicodrama e teatro espontâneo. Textos psicodramáticos, 9 maio 2011. Disponível em: <http://textopsicodramaticos.bç/logspot.com/2011/05/teatro-epontaneo-e-psicodrama-deux.html>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ALMEIDA, W. C. *Rodapés psicodramáticos: subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora, 2012.

ANCELIN-SCHUTZENBERGER, A.; WEIL, P. *Psicodrama Triádico - uma síntese entre Freud, Moreno, Kurt Lewin e outros*. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1977. 159 p.

ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BALIARDO, R. Hassidismo moreno: A lição sobre o abismo entre “o eu e o outro”. Estado da Arte. *Revista de Cultura Artes e Ideias*. São Paulo: Estadão. 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/hassidismo-moreno-baliardo/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

BASSANI, M. A. (org.). *Vida urbana: estudos em Psicologia Ambiental*. Santo André: ESETec, 2011.

BASSANI, M. A. Psicologia ambiental e as dimensões temporais: tempo de cuidar? In: BASSANI, M. A. (org.). *Diálogos entre psicologia, espiritualidade e meio ambiente: o sagrado em perspectiva*. São Paulo: EDUC, 2020.

BETARELLI JR., A. A. Análise Multivariada I - AULA 5. Análise de Agrupamento (Clusters). Laboratório de Análises Territoriais e Setoriais (LATES). Programa de Pós-graduação em Economia Aplicada. Universidade Federal de Juíz de Fora, 2016. Disponível em: https://www2.ufjf.br/lates//files/2016/12/Conte%C3%BAdo-5-%E2%80%93-N_An%C3%A1lise-de-cluster-AA.pdf. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

BISPO, D.A.S. *Pesquisa participativa e produção de conhecimento: ferramentas da reabilitação psicossocial no cotidiano das residências terapêuticas*. 2017. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BOFF, L. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. São Paulo: Vozes, 2015.

BOUQUET, C.M. *Fundamentos para uma Teoría del Psicodrama*. Argentina: Siglo XXI Editores, 1977.

BOWDEN, C.; GALINDO-GONZALEZ, S. Interviewing when you're not face-to-face: The use of email interviews in a phenomenological study. *International Journal of Doctoral Studies*, v. 10, p. 79-92, 2015. Disponível em: <http://ijds.org/Volume10/IJDSv10p079-092Bowden0684.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. What can “thematic analysis” offer to health and wellbeing researchers? *International Journal of Qualitative Studies on Health and Wellbeing*, v. 9, 2014, Issue 1, Article 26152. DOI: 10.3402/qhw.v9.26152. Disponível em: <https://doi.org/10.3402/qhw.v9.26152>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BRONFRENBERNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed. 2011.

BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

BUSTOS, D. M. O teste sociométrico. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.20.
CARLSON-SABELLI, L., SABELLI, H.; HALE, A. E. Sociometry and Sociodynamics. In: HOMES, P.; KARP, M.; WATSON, M. (edits.). *Psychodrama since Moreno – innovations in Theory and Practice*. London and New York: Routledge, 1994.

CLARKE, V. *Thematic analysis: what is it, when is it useful, & what does “best practice” look like?* [Vídeo] 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4voVhTiVyc&feature=youtu.be>

COMISSÃO NACIONAL PARA OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (CNODES). Plano de ação: 2017-2019, 2017. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/ods/publicacoes/plano-de-acao-da-cnods-2017-2019>. Acesso em: 15 abr. 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI. BR). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2018*. São Paulo: CGI.br., 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). *Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016*. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>; <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso: 23 mai. 2020.

CORRÊA, D. A. Tessituras de um lugar, o bailar e o envelhecer: o significado da dança para idosos ao redor do coreto em Poços de Caldas, MG. 2017. 128 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CORRÊA, A. R. M. Psicodrama e gênero: corpos em trânsito. In: DEDOMENICO, A.M.; MERENGUÉ, D. (orgs.). *Por uma vida espontânea e criadora - Psicodrama e política*. São Paulo: Agora. 2020.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. *Pesquisa de métodos mistos - Série Métodos de pesquisa*. 2 ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.

CHRISTAKIS, N. A. *Apollo's arrow – The profound and enduring impact of Coronavirus on the way we live*. New York: Little, Brown Spark. Hachette Book Group, 2021.

CONTRO, L. Veredas da pesquisa psicodramática: entre a pesquisa-ação crítica e a pesquisa-intervenção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 17, n. 2, 2009.

CONTRO, L. *Psicossociologia Crítica: a intervenção psicodramática*. Curitiba: CRV. 2011.

CONTRO, L. O Psicodrama e a política de institucionalização de verdades. In: DEDOMENICO, A. M.; MERENGUÉ, D. *Por uma vida espontânea e criadora - Psicodrama e política* (orgs.). São Paulo: Ágora, 2020.

CUKIER, R. *Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo: Ágora, 1992.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na construção de escalas tipo likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? *Revista Gestão Organizacional (RGO)*, v. 6, edição especial, 2013.

DAVOLI, C. Psicodramas públicos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 155–159, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/296>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DEDOMENICO, A. MERENGUÉ D.(org). *Por uma vida espontânea e criadora - Psicodrama e política*. São Paulo: Agora, 2020.

ESPINOSA, B. *Os Pensadores: Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Traduções de Marilena de Souza Chauí *et al.* 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ESTOQUE. R.C. A Review of the Sustainability Concept and the State of SDG Monitoring Using Remote Sensing. *Remote Sens*. MDPI. Japan. 2020.

EZZY, D. *Qualitative Analysis: practice and innovation*. Londres: Routledge, 2002.

FALIVENE. L.R.A. O protagonista e o tema protagônico. In: CASTELLO DE ALMEIDA, W. (org.). *Grupos: a proposta do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.

FÉO, M. A arte de não interpretar, interpretando: a construção de dramaturgias ancoradoras na formação de psicodramatistas. In: MARRA, M.M.; FLEURY, H. J. (orgs.). *Sociodrama: um método, diferentes procedimentos*. São Paulo: Ágora, 2010.

FILIPINI, R. Reconfiguração sociométrica da família na contemporaneidade: os desafios de crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 35–50, 2009. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/81>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FREEMAN, C.L. The development of social network analysis. A study in the sociology of science. Vancouver, BC: Empirical Press, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/239228599_The_Development_of_Social_Network_Analysis, 2004. Acesso em:

FONSECA, J. S. *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 1980.

FONSECA, J. Moreno e Espinosa: Aproximações. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 68-74, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932014000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 mai. 2022.

FURTADO, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GARCÍA-MIRA, R; SABUCEDO-CAMESELLE, J.M.; ROMAY-MARTÍNEZ, J. Culture, quality of life and globalization. In: GARCÍA-MIRA, R; SABUCEDO-CAMESELLE, J.M.; ROMAY-MARTÍNEZ (eds.). *Culture, Environmental Action and Sustainability*. Washington, USA and Göttingen, Lower Saxony, Germany: Hogrefe & Huber Publishers, 2003. p.11-19.

GIACOMUCCI, S. *Social Work, Sociometry and Psychodrama - Experiential Approaches for Group Therapists, Community Leaders and Social Workers*. Singapoure: Springer, 2021. ISBN. 978-981-33-6344-1.

GIFFORD, R. *et al.* Temporal pessimism and spatial optimism in environmental assessments: An 18-nation study, *Journal of Environmental Psychology*, v. 29, Issue 1, 2009. Doi:10.1016/j.jenvp.2008.06.001. Disponível em: Acesso em:20 de agosto de 2018.

GIRO, N. *et al.* Ressonância corporal – uma proposta de intervenção psicodramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 23, n. 1, p.51–59, 2015. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/303>. Acesso em:20 junho de 2018.

GREEB, M.; HAUSER, U. O mapa mundi do aqui e agora: um olhar sacionômico e a sociometria imediata e compartilhada. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 159–164, 2013. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/323>. Acesso em: 2 jun. 2022.

GUERREIRO RAMOS, A. Modelos de homem e teoria administrativa. A ascensão do homem parentético. Traduzido por Tânia Fischer e Mafalda Elisabeth Schmid - Núcleo

de Pós-Graduação - Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 1983. *Rev. Adm. públ.*, Rio de Janeiro: FGV Editora, v. 18, n. 2, p.3-12, abr./jun. 1984.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability, *Field Methods*, v. 18, p.59-82, 2006. Doi:10.1177/1525822X05279903.

GIESMANN, S. Drawing the Social: Jacob Levy Moreno, Sociometry, and the Rise of Network Diagrammatics. Siegen: Universität Siegen: SFB 1187 Medien der Kooperation, 2017 (SFB 1187 Working Papers2). DOI: <https://doi.org/10.25969/mediarep/3794>.

HALL, E. *The Silent Language*. Greenwich, Connecticut: Fawcett Publications, 1959.

HALL, E. T. *et al.* Proxemics (and Comments and Replies). *Current Anthropologist*, v. 9, n. 2/3, p. 83-108, apr. - Jun., 1968. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/200975>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HARPER, D. (ed.). Online Etymology Dictionary. Lancaster, PA, USA, 2000. Disponível em:

https://www.etymonline.com/word/proximity?ref=etymonline_crossreference.

Acesso em: 12 de novembro de 2019.

HEATH, G.; GREENFIELD, S.; REDWOOD, S. The meaning of 'place' in families' lived experiences of pediatric outpatient care in different settings: A descriptive phenomenological study. *Health and Place*, n. 31, p. 46-53, 2015.

IBOPE INTELIGÊNCIA. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – Pesquisa de Opinião*, 2017: Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1o4VqvX_QKa2VBU64bMWUgs_RMoxRTVeT.

Acesso em: 13 de setembro de 2018.

KESSELMAN, H.; PAVLOVSKY, E. *A multiplicação dramática*. São Paulo: HUCITEC, 1991.

KNOBEL, A. M. Coconsciente e inconsciente em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 139–152, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/285>. Acesso em: 30 mai. 2022.

KOLE, D. M. The spectrogram in Psychodrama. *Group psychotherapy*, v. XX, n. 1-2, March-June, 1967.

KOPENAWA, D.; ALBER, B. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUCHE, S. As vantagens do decrescimento - Le diplomatique. *Instituto Paulo Freire*, 2003. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20081019170827/http://diplo.uol.com.br/2003-11,a797>
Acesso em: 8 de abril de 2022.

LATOURE, B. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Coleção Exit. São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020. 480 p. ISBN 978 65 86497 06 9.

LEFF, E. *Ecologia Política - Da desconstrução do capital à territorialização da vida*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

LOVELOCK, J. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2001.

MACHADO FILHO, H. Roteiro para a localização dos objetivos de desenvolvimento sustentável: implementação e acompanhamento no nível subnacional. *Documento adaptado de Global Taskforce of local and regional Governments por ONU - BR*, 2016.

MARINEAU, R. F. Jacob Levy Moreno 1889 – 1974: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo, SP: Ágora, 1989.

MASCARENHAS, P. Multiplicação dramática: a multiplicidade heterogênea e caótica do grupo como possibilidade terapêutica. In: ALMEIDA, W. C. (org.) *Grupos: a proposta do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1996.

MAYOH, J.; ONWUEGBUZIE, A. J. Toward a Conceptualization of Mixed Methods Phenomenological Research. *Journal of Mixed Methods Research*, v. 9, n. 1, p. 91–107, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1558689813505358>. Acesso em: 08 de março de 2020.

MEADOWS, D. *et al.* The Limits to Growth. Universe. New York: Books, march, 1972. Disponível em: <https://archive.org/details/limitstogrowthr00mead/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

MELLO, D; WECHSLER, M. P. F. Bioatria: um conceito essencial no território da obra de J. L. Moreno. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 25, n. 1, p.38-48, jun. 2017.

MELLO e SOUZA, D. 1984: o ano que foi para o lixo. In: DEDOMENICO, A; MERENGUÉ, D. (orgs.). *Por uma vida espontânea e criadora - Psicodrama e política*. São Paulo: Agora. 2020.

MELLO e SOUZA, D. Líderes para a sustentabilidade e os objetivos de desenvolvimento sustentável: uma articulação entre a Teoria de Papéis e a Psicologia Ambiental. 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MELLO e SOUZA, D.; BASSANI, M. A. Socionomia e psicologia ambiental: algumas bases comuns. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 198-211, dez. 2020.

MELLO e SOUZA, D.; BASSANI, M.A. Role theory applied to investigating leadership in sustainability through an environmental psychology perspective in a qualitative

study. *International Conference on Environmental Psychology (ICEP)*. A Coruña, Spain, 2017. p. 235-236.

MENEGAZZO, C. M.; ZURETTI, M. M. TOMASINI, M. A. et al. *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo: Ágora, 1995. p. 99.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. *Psicologia e pedagogia da criança: curso da Sorbonne 1949-1952*. Tradução Ivone C. Benedetti. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o Espírito*. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MONTEIRO, A. M. et al. *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2006.

MORENO, Jonathan D. *Impromptu Man: J.L. Moreno e as origens do Psicodrama, da Cultura do Encontro e das Redes Sociais*. Traduzido por Yvette Betty Datner. 1 ed. São Paulo: Febrap, 2016.

MORENO, J. L. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá?*, v. 1, 2 e 3. Goiânia: Dimensão, 1992.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

MORENO, J. L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo: Ed. Livro Pleno, 1999.

MORENO, J. L. *Sociometria, método experimental e a ciência da Sociedade: abordagem para uma nova orientação política*. Tradução Yvette Betty Datner. 1 ed. São Paulo: FEBRAP 2020.

MORSE, J. M. "Emerger de los datos": los procesos cognitivos del analisis en investigación cualitativa. In: MORSE, J. M. *Asuntos críticos nos métodos de investigação qualitativa*. Medellín: Universidade de Antioquia, 2003.

NAKAMURA, M. et al. Navigating the Structure of Research on Sustainable Development Goals. *Web of Science Group*, 2019.

NERY, M. P; COSTA, L. F. A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo. *Estudos de Psicologia Campinas*, v. 25, n. 2, p. 241-250, abril -junho, 2008.

NEHNEVAJSA J. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

OLIVEIRA, M. *Civilização em desajuste com os limites planetários: homem, economia, natureza, tensões estruturais*. Curitiba: CRV, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando o Nosso Mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. Genebra: ONU, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wpcontent/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. <https://www.globalgoals.org/>; <https://sdgs.un.org/goals> e <https://www.un.org/sustainabledevelopment/be-the-change/>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - BRASIL (ONU). *Nossas histórias*. Saiba mais sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 2022a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/stories>. Acesso em: 3 outubro de 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – BRASIL (ONU). Vamos agir em prol dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 2022b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/take-action>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *The global goals* - Em 2015, os líderes mundiais concordaram com 17 objetivos globais. Disponível em: <https://www.globalgoals.org/> 2022a. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

PALINKAS, L.A., HORWITZ, S.M., GREEN, C.A. *et al.* Purposeful Sampling for Qualitative Data Collection and Analysis in Mixed Method Implementation Research. *Adm Policy Ment Health*, v. 42, p. 533–544, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10488-013-0528-y>. Acesso em: 20 mai. 2020.

PACTO GLOBAL REDE BRASIL. *A iniciativa*. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

PÁRAMO, P. *et al.* Assessment of environmental quality, degree of optimism, and the assignment of responsibility regarding the state of the environment in Latin America-Universitas Psychologica. *Revista Universitas Psychologica*, 2015. Disponível em: <http://recursostic.javeriana.edu.co/sitio/psychologica/sccs/articulo.php?id=12125>. Acesso em: 16 mar. 2020.

PATO, C.; DELABRIDA, Z. Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico]. In: HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A. A.; PATO, C. (orgs.). *Dados eletrônicos*, 1. Ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. 191 p. : ils., gráfs., tabs. - Sociedade e Meio ambiente.

PATO, C.; ROS, M.; TAMAYO, Á. Creencias y Comportamiento Ecológico: un estudio empírico con estudiantes brasileños. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, v. 6, n. 1, p. 5-22, 2005, ©Editorial Resma, ISSN 1576-6462.

PATTON, M. Q. *Qualitative research & evaluation methods*. 3 ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2002. p.385-391.

PINHEIRO, J. Q.; CAVALCANTI, G. R. C.; BARROS, H. C. L. Mudanças climáticas globais: viés de percepção, tempo e espaço. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 23, n. 3, p.282-292, set. 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2018000300008. Acesso em: 09 mai. 2020.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINTO DE CARVALHO, L. Lo Político del Apego al Lugar: Subjetividades Espacializadas en Chaitén Sur, un Territorio Inhabitable. Tesis presentada a la Escuela de Psicología de la Pontificia Universidad Católica de Chile. Facultad de Ciencias Sociales. Escuela de Psicología Programa de Doctorado en Psicología. Santiago, Chile, 2018.

POL, E., CASTRECHINI, A., CARRUS, G. Qualidade de vida e sustentabilidade: o fim da qualidade a qualquer preço. In: FLEURY-BAHI, G.; POL, E.; NAVARRO, O. (eds) *Manual de Psicologia Ambiental e Pesquisa de Qualidade de Vida. Manuais Internacionais de Qualidade de Vida*. Springer, Cham., 2017 Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_2. Acesso em: 12 de agosto de 2018.

POLITIZE! ECO-92: o que foi a conferência e quais foram seus principais resultados? Por Julia Ignácio, publicado em 23/11/20. Disponível em: <https://www.politize.com.br/eco-92/>. Acesso em: xx jun. 2022.

PURVIS, B.; MAO, Y.; ROBINSON, D. Three pillars of sustainability: in search of conceptual origins. *Sustainability Science*, n. 14, p. 681-695, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-018-0627-5>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.

RAWORTH, K. *Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo*. Tradução George Scheesinger. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo - A afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHROEDER, C. S.; KLERIN, L. R. On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 332-348, June, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512009000200010>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SCHULTZ, P. W. Conservation means behavior. *Conservation Biology*, n. 25, p. 1080-1083, 2011. Disponível em: doi:10.1111/j.1523-1739.2011.01766.x. Acesso: 16 mar. 2019.

SEAMON, D. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística?. *Rev. NUFEN*, Belém, v. 9, n. 2, p. 147-168, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912017000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jun. 2020.

SECHELSKI, A. N.; ONWUEGBUZIE, A. J. A. Call for Enhancing Saturation at the Qualitative Data Analysis Stage via the Use of Multiple Qualitative Data Analysis Approaches. *The Qualitative Report*, v. 24, n. 4, p. 795-821, 2019. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol24/iss4/11>. Acesso em: 14 mai. 2020.

SILVA, Ivy Lima. *Relações de alteridade no contato intercultural: perspectivas de estudantes estrangeiros na Universidade de São Paulo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.47.2017.tde-08022017-110122.

STAKE, R. E. Qualitative case studies. In: DENZIN, K. & LINCOLN, Y. S. (eds.). *Strategies of qualitative inquiry*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2008. pp 119-149.

UNITED NATIONS (UN). Report of the United Nations Conference on the Human Environment. (Stockholm Conference). June, 5-16, 1972. United Nations, New York, 1973. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/milestones/humanenvironment>. Acesso em: 03 de março de 2019.

UNITED NATIONS (UN). Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future, 1987. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2019.

UNITED NATIONS (UN). We can end Poverty. Millennium Development Goals and Beyond, 2015. Disponível em: <https://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml> 2015. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

UNITED NATIONS (UN). Global Goals. Disponível em: <https://www.globalgoals.org> 2022a. Acesso em: 12 de março de 2022.

UNITED NATIONS (UN). Department of Economic and Social Affairs Sustainable Development. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals> 2022b. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

UNITED NATIONS (UN). Be The Change. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/be-the-change/> 2022c. Acesso em: 12 de março de 2022.

UZZELL, D. The psycho-spatial dimension of global environmental problems. *Journal of Environmental Psychology*, v. 20, n. 4, p. 307-318, 2000. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494400901750>. Acesso em: 11 nov. 2018.

VIEIRA, D. E. Na fronteira entre o psicodrama e a gestalt-terapia: as dinâmicas entre a subjetividade do terapeuta, as comunidades científicas e a articulação teoria e prática. 2015. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2015.

WEIL, P.; TOMPAKOW R. *O corpo fala*. Petrópolis: Vozes, 1986.

WECHSLER, M. Pesquisa Qualitativa em Psicodrama. *V Seminário Internacional de Estudos Qualitativos*. Sipeq: Foz do Iguaçu, 2018.

APÊNDICE A - Convite etapa 1 – enviado via *Google forms*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para participar da primeira etapa da pesquisa de Doutorado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP sob o título provisório: **"Tão longe, tão perto –o Fenômeno Proxêmico e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Cotidiano."**

Esta pesquisa segue as Resoluções CNS/MS 466/2012 e CNS/MS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Caso aceite participar deste estudo, sua contribuição será **avaliar 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável preconizados pela Organização das Nações Unidas refletindo sobre de que forma tais objetivos se aproximam, ou não, de seu cotidiano**. Os benefícios referentes a este estudo estão relacionados à produção acadêmico-científica de conhecimentos no campo da Psicologia Ambiental com o objetivo de compreender facilitadores e barreiras percebidos pelas pessoas em suas aproximações às ações para o desenvolvimento sustentável.

A participação nesta primeira etapa de pesquisa é voluntária. Ao término desta etapa, você poderá indicar se terá interesse, ou não, de ser convidado para as etapas posteriores. A pesquisadora responsável levará em conta esta informação ao programar os grupos de participantes a serem convidados para cada etapa.

- Etapa 1) Questionário MAP-ODS1 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos;
- Etapa 2) Entrevista individual e questionário *online* – tempo estimado - 60 minutos;
- Etapa 3) Encontro de grupo *online* para compartilhamento de informações - 90 minutos;
- Etapa 4) Questionário MAP-ODS2 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos.

Será garantido o sigilo de nomes e/ou informações referentes a identidade de todos os participantes, preservando-se esta confidencialidade nos dados de materiais publicados ou em apresentações orais a cerca dos resultados do estudo.

É garantido, a qualquer tempo, durante a pesquisa, o direito à desistência de participação. Neste caso, a pesquisadora responsável exclua os dados que o participante não autorize serem incluídos na pesquisa. O risco potencial para os participantes e seu (s) dependente (s) é baixo e caso ocorra qualquer desconforto proveniente de sua participação, em função de questões abordadas ao longo dos procedimentos, você poderá solicitar a qualquer tempo orientações, esclarecimentos, encaminhamentos e assistência adicional. A Pesquisadora Responsável Débora de Mello e Souza, poderá ser acionada para quaisquer esclarecimentos necessários pelo *e-mail*: debora.mello@lanakana.com.br.

Esta pesquisa só será conduzida após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP que pode ser acionado pelo e-mail cometica@pucsp.br para orientações e dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, assim como para comunicações sobre eventos adversos ou denúncias relacionados a estudos realizados no âmbito da PUC/SP. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser armazenado por você por meio de captura de tela ou, caso ache necessário, você poderá solicitar cópia por e-mail.

É necessário ter acima de 18 anos para participar deste procedimento.
Você confirma sua participação na primeira etapa da pesquisa?
Sim, confirmo minha participação na primeira etapa da pesquisa ()

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

ODS 17



0 1 2 3 4 5

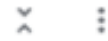
Totalmente distante Totalmente próximo

Você já tinha tido algum contato com a Agenda 2030 da ONU relativa aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ?

- Não me lembro
- Nunca tinha tido contato
- Tive contato, mas não cheguei a me aprofundar
- Tenho contato constante

Considerando seu cotidiano, a partir de qual categoria de papéis listados abaixo, você se reconhece com maior prontidão para executar ações relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

- Como Morador de um Núcleo Residencial onde divido moradia com outras pessoas (ex: colega de q...
- Como Membro de um Núcleo Familiar (ex: funções de pai/mãe,irmã/ão,sobrinha/a; avô/ó; co-habita...
- Como Consumidor (ex: em decisões de compra/consumo e utilização de serviços)
- Como Cidadão (ex: em atividades como membro da comunidade, bairro, condomínio, eleitor de cand...
- Como Profissional ou Acadêmicamente (ex: nas atividades de trabalho ou estudo)
- Não identifico a possibilidade de atuação em nenhum papel no meu cotidiano

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1**Dados Pessoais**

Algumas informações sobre você (todos os dados fornecidos serão mantidos confidenciais)

Escolaridade

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-graduação

Você exerce alguma atividade profissional ou acadêmica atualmente ? Qual(is) ?

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

Caso exerça atividade profissional, em que região atua

1. Norte do Brasil
2. Nordeste do Brasil
3. Centro-oeste do Brasil
4. Sudeste do Brasil
5. Sul do Brasil
6. Atuo em mais de uma região do Brasil
7. Atuo no Brasil e outros Países
8. Atuo apenas em outro(s) País(es)

Em média, com quantas pessoas você interage diretamente em seu ambiente de trabalho, em um dia típico de trabalho

1. Atuo individualmente
2. Com até 10 pessoas
3. Entre 10 e 30 pessoas
4. Entre 30 e 50 pessoas
5. Interajo com mais de 50 pessoas em um dia típico de trabalho

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

Qual sua região de residência

1. Norte do Brasil
2. Nordeste do Brasil
3. Centro-oeste do Brasil
4. Sudeste do Brasil
5. Sul do Brasil
6. Resido fora do Brasil

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

Quantas pessoas residem em seu domicílio?

1. 1
2. 2
3. 3
4. 4
5. 5
6. 6
7. 7
8. 8 ou mais

Qual a sua faixa-etária

1. 18 à 24 anos
2. 25 à 29 anos
3. 30 à 39 anos
4. 40 à 49 anos
5. 50 à 59 anos
6. 60 e acima

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

Qual seu estado civil ?

1. Solteira(o)
2. Casada(o)
3. Viúva(o)
4. Desquitada(o) ou Divorciada(o)
5. União Estável
6. Outros

Como você se identifica em relação ao seu gênero

1. Feminino
2. Masculino
3. Não Binário
4. Prefiro não informar

Você gostaria de deixar algum comentário adicional que considere relevante quanto ao tema da pesquisa ?

Texto de resposta longa

APÊNDICE B – Questionário MAP-ODS1

Podemos considerar sua participação para próximas etapas desta pesquisa ?

- Sim
- Não

Por favor, informe um telefone de contato com (ddd)

Texto de resposta curta

O número de telefone informado pode ser acionado por Whatsapp ?

- Sim
- Não

APÊNDICE C - Convite etapa 2 – enviado via *Google forms*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para participar da segunda etapa da pesquisa de Doutorado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP sob o título provisório: **"Tão longe, tão perto – o Fenômeno Proxêmico e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Cotidiano."**

Esta pesquisa segue as resoluções CNS/MS 466/2012 e CNS/MS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Caso aceite participar deste estudo, sua contribuição será **avaliar 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável preconizados pela Organização das Nações Unidas refletindo sobre de que forma tais objetivos se aproximam, ou não, de seu cotidiano**. Os benefícios referentes a este estudo estão relacionados à produção acadêmico-científica de conhecimentos no campo da Psicologia Ambiental com o objetivo de compreender facilitadores e barreiras percebidos pelas pessoas em suas aproximações às ações para o desenvolvimento sustentável.

A participação nesta segunda etapa de pesquisa é voluntária. Ao término desta etapa, você poderá indicar se terá interesse, ou não, de ser convidado para as etapas posteriores. A pesquisadora responsável levará em conta esta informação ao programar os grupos de participantes a serem convidados para cada etapa.

Etapa 1) Questionário MAP-ODS1 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos.

Etapa 2) Entrevista individual e questionário *online* – tempo estimado - 60 minutos

Etapa 3) Encontro de grupo *online* para compartilhamento de informações - 90 minutos;

Etapa 4) Questionário MAP-ODS2 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos.

Será garantido o sigilo de nomes e/ou informações referentes a identidade de todos os participantes, preservando-se esta confidencialidade nos dados de materiais publicados ou em apresentações orais acerca dos resultados do estudo.

É garantido, a qualquer tempo, durante a pesquisa, o direito à desistência de participação. Neste caso, a pesquisadora responsável excluíra os dados que o participante não autorize serem incluídos na pesquisa. O risco potencial para os participantes e seu (s) dependente (s) é baixo e caso ocorra qualquer desconforto proveniente de sua participação, em função de questões abordadas ao longo dos procedimentos, você poderá solicitar a qualquer tempo orientações, esclarecimentos, encaminhamentos e assistência adicional. A Pesquisadora Responsável Débora de Mello e Souza, poderá ser acionada para quaisquer esclarecimentos necessários pelo *e-mail*: debora.mello@lanakana.com.br.

Esta pesquisa só será conduzida após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP que pode ser acionado pelo e-mail cometica@pucsp.br para orientações e dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, assim como para comunicações sobre eventos adversos ou denúncias relacionados a estudos realizados no âmbito da PUC/SP. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser armazenado por você por meio de captura de tela ou, caso ache necessário, você poderá solicitar cópia por e-mail

É necessário ter acima de 18 anos para participar deste procedimento.

Você confirma sua participação na segunda etapa da pesquisa? ()

Sim, confirmo minha participação na segunda etapa da pesquisa ()

APÊNDICE D - Diálogos

- 1) A pesquisadora reapresenta todas as informações já fornecidas na Etapa 1 sobre os Objetivos da Pesquisa e Procedimentos Éticos (sigilo, riscos, benefícios, direito de desistência e assistência);
- 2) Compartilha o questionário MAP-ODS1 preenchido pelo participante na etapa 1 e solicita que comente seu entendimento geral sobre a Agenda 2030 da ONU e o grau proxêmico indicado a cada Objetivo;
- 3) Solicita ao participante que avalie se gostaria de manter as mesmas indicações ou alterar algo. Solicita comentários e cenas relativas a cada ODS;
- 4) Ao obter o posicionamento final do participante sobre suas graduações proxêmicas, solicita ao participante que comente sobre o assinalado no questionário MAP-ODS1 a respeito de papéis para a tomada de ação referente aos ODS;
- 5) Caso o participante tenha indicado a alternativa informando não reconhecer nenhum papel para a ação, a pesquisadora pede que o participante comente sua resposta.
- 6) Caso o participante tenha indicado uma das alternativas de categoria de papel, a pesquisadora solicita que comente sua escolha e propõe ao participante indicar de 1 a 3 objetivos para, a partir deste papel indicado ou de outros que lhe ocorrerem, exercitar aplicar em seu cotidiano alguma(s) ação (ões);
- 7) Questiona ao participante se consegue indicar possíveis barreiras e elementos facilitadores de seus planos;
- 8) Reforça que um dos objetivos do procedimento é compreender como os participantes relacionam os ODS ao cotidiano e, dessa forma, encoraja ao participante ser bastante fidedigno ao que realmente acha que pode implementar, reconhecendo e indicando o que o impulsiona e, caso não identifique nenhuma possibilidade de implementação, que indique as barreiras que consegue reconhecer neste processo. Finaliza com o envio de link de um formulário de apoio para registro de suas reflexões e planos com informações preliminares sobre a etapa 3.

APÊNDICE E - Questionário *online* para registro do plano de ação – via *google forms*

Conforme comentamos em nossa conversa, este é um formulário que você poderá utilizar para registrar suas reflexões e ideias que considera possíveis de serem colocadas em prática, nas próximas semanas.

Na próxima etapa da pesquisa, te convidaremos para um encontro com um grupo de outros participantes que estão colaborando com este mesmo estudo, com o objetivo de compartilharmos ideias, informações, percepções, experiências e vivências sobre barreiras e facilitadores de práticas cotidianas voltadas aos ODS. Caso você tenha interesse em continuar participando da pesquisa seus registros neste formulário serão bastante valiosos para este processo. Os conteúdos preenchidos por você serão analisados de forma agrupada e confidencial e sua identidade ficará integralmente preservada, não constando em nenhum dos materiais publicados ao final do estudo.

Caso necessite de qualquer apoio adicional você poderá entrar em contato a qualquer momento com a Pesquisadora Responsável - Débora de Mello e Souza: e-mail debora.mello@lanakana.com.br por telefone/whatsapp (11) 999-662831

1. Para você receber automaticamente uma cópia deste formulário com todas as respostas preenchidas, informe abaixo seu e-mail.

2. Nome Completo (este dado será mantido confidencial)

3. Considerando seu cotidiano, a partir de qual categoria de papéis listados abaixo, você se reconhece com maior prontidão para executar ações relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ?

Marque todas que se aplicam.

() Como Morador de um Núcleo Residencial onde divido moradia com outras pessoas (ex: colega de quarto, dividindo aluguel de uma residência com outros)

() Como Membro de um Núcleo Familiar (ex: funções de pai/mãe;irmã/ão;sobrinha/a; avô/ ó; co-habitando uma residência)

() Como Consumidor (ex: em decisões de compra/consumo e utilização de serviços)

- () Como Cidadão (ex: em atividades como membro da comunidade, bairro, condomínio, eleitor de candidatos ao poder público)
- () Como Profissional ou Academicamente (ex: nas atividades de trabalho ou estudo) Não identifico a possibilidade de atuação em nenhum destes papéis no meu cotidiano
- () Outro. Registre abaixo qual

1. A partir do(s) Papel(is) identificado(s), escolha entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável abaixo, aqueles nos quais você tenha intenção de realizar atividades. Você encontrará campos em branco, abaixo de cada Objetivo, para registro de ações que queira colocar em prática. Tente descrever da maneira mais detalhada possível o que pretende fazer.



APÊNDICE E - Questionário *online* para registro do plano de ação – via *google forms*

5- (ODS 1) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

6- (ODS 2) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



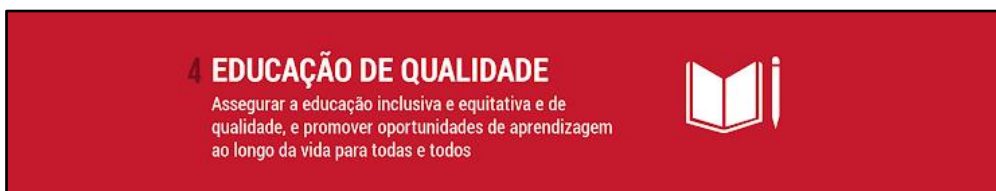
Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

7- (ODS 3) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

8- (ODS 4) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

8- (ODS 5) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

9- (ODS 6) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO
 Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

10- (ODS 7) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL
 Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

11- (ODS 8) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO
 Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

12- (ODS 9) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA
 Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

13- (ODS 10) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES
 Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

APÊNDICE E - Questionário *online* para registro do plano de ação – via *google forms*

14- (ODS 11) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

15- (ODS 12) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



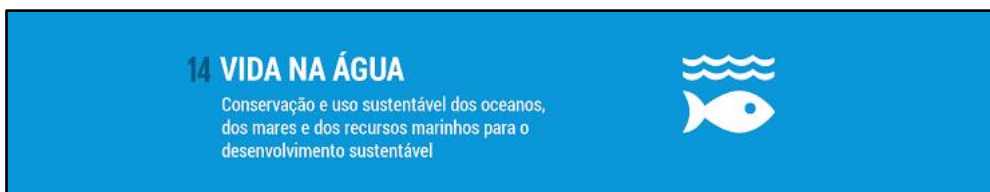
Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

16- (ODS 13) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

17- (ODS 14) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

APÊNDICE E - Questionário *online* para registro do plano de ação – via *google forms*

18- (ODS 15) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

15 VIDA TERRESTRE

Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade




Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

19- (ODS 16) - Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todas e todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

20- (ODS 17) -Se você escolheu este ODS, utilize o espaço abaixo para registrar o que pretende fazer.

17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável



Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

21. Utilize o espaço abaixo, caso queira acrescentar outras reflexões e comentários que lhe ocorreram ao longo deste processo. Este formulário será armazenado temporariamente na base de dados que está sendo produzida com a colaboração dos participantes deste estudo e contribuirá com a produção acadêmico-científica no campo da Psicologia Ambiental.

Os conteúdos preenchidos por você serão analisados de forma agrupada e confidencial e sua identidade será mantida em sigilo.

Campo Aberto. Quantidade de linhas ilimitada

APÊNDICE F - Convite etapa 3 – enviado via *Google forms*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para participar da terceira etapa da pesquisa de Doutorado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP sob o título provisório: **"Tão longe, tão perto – o Fenômeno Proxêmico e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Cotidiano."**

Esta pesquisa segue as Resoluções CNS/MS 466/2012 e CNS/MS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Caso aceite participar deste estudo, sua contribuição será **avaliar 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável preconizados pela Organização das Nações Unidas refletindo sobre de que forma tais objetivos se aproximam, ou não, de seu cotidiano**. Os benefícios referentes a este estudo estão relacionados à produção acadêmico-científica de conhecimentos no campo da Psicologia Ambiental com o objetivo de compreender facilitadores e barreiras percebidos pelas pessoas em suas aproximações às ações para o desenvolvimento sustentável.

A participação nesta terceira etapa de pesquisa é voluntária. Ao término desta etapa, você poderá indicar se terá interesse, ou não, de ser convidado para as etapas posteriores. A pesquisadora responsável levará em conta esta informação ao programar os grupos de participantes a serem convidados para cada etapa.

- Etapa 1) Questionário MAP-ODS1 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos;
- Etapa 2) Entrevista individual e questionário *online* – tempo estimado - 60 minutos;
- Etapa 3) Encontro de grupo *online* para compartilhamento de informações - 90 minutos;
- Etapa 4) Questionário MAP-ODS2 - *online* – tempo estimado de resposta - 15 minutos.

Será garantido o sigilo de nomes e/ou informações referentes a identidade de todos os participantes, preservando-se esta confidencialidade nos dados de materiais publicados ou em apresentações orais a cerca dos resultados do estudo.

É garantido, a qualquer tempo, durante a pesquisa, o direito à desistência de participação. Neste caso, a pesquisadora responsável exclua os dados que o participante não autorize serem incluídos na pesquisa. O risco potencial para os participantes e seu (s) dependente (s) é baixo e caso ocorra qualquer desconforto proveniente de sua participação, em função de questões abordadas ao longo dos procedimentos, você poderá solicitar a qualquer tempo orientações, esclarecimentos, encaminhamentos e assistência adicional. A Pesquisadora Responsável Débora de Mello e Souza, poderá ser acionada para quaisquer esclarecimentos necessários pelo *e-mail*: debora.mello@lanakana.com.br.

Esta pesquisa só será conduzida após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP que pode ser acionado pelo e-mail cometica@pucsp.br para orientações e dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, assim como para comunicações sobre eventos adversos ou denúncias relacionados a estudos realizados no âmbito da PUC/SP. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser armazenado por você por meio de captura de tela ou, caso ache necessário, você poderá solicitar cópia por e-mail

É necessário ter acima de 18 anos para participar deste procedimento.
 Você confirma sua participação na terceira etapa da pesquisa ?
 Sim, confirmo minha participação na segunda etapa da pesquisa ()

APÊNDICE G - Cocriando em Grupo

1) A pesquisadora retoma todas as informações sobre os Objetivos da Pesquisa e Procedimentos Éticos (sigilo, riscos, benefícios, direito de desistência e assistência).

De forma a reforçar a necessidade de confidencialidade e proteção dos dados os participantes serão informados, pré e pós-encontros, que dados pessoais ou sobre suas identidades serão restritos, e, ao grupo participante de cada encontro, se solicitará um acordo ético para que as informações compartilhadas sejam tratadas de forma a não expor a privacidade de nenhum dos participantes; (Tempo Estimado: 15 minutos)

2) A pesquisadora apresenta os objetivos do grupo de compartilhamento:

” Este é um espaço para troca de ideias de maneira a respeitarmos as singularidades e, ao mesmo tempo, identificarmos se a partir da troca de experiência com outras pessoas obtemos alguma ideia nova sobre a Agenda 2030 da ONU e sobre possibilidades de aplicação dos objetivos de desenvolvimento sustentável em nosso cotidiano” (Tempo Estimado: 15 minutos)

3) A pesquisadora informa que mediará 4 rodadas temáticas, com duração de 10 a 15 minutos cada, onde serão compartilhados os eixos:

- a) Percepções gerais sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável;
- b) Barreiras e elementos facilitadores da tomada de ação;
- c) Comentários e reflexão sobre papéis;
- d) Comentários e Reflexões sobre a possibilidade ou impossibilidade de implantação dos planos de ação;

Será papel da pesquisadora, como mediadora, organizar a distribuição do tempo e encorajar que todos os participantes compartilhem suas experiências e visões. (Tempo Estimado: 40 minutos)

Ao final do compartilhamento a pesquisadora dá a palavra a cada membro para que finalize sua participação com suas considerações gerais sobre o processo. Informa ao grupo que enviará um Questionário Final MAP-ODS2 para preenchimento e conclusão da última etapa da pesquisa (Tempo Estimado 20 minutos).

Agradecimentos e Encerramento (Tempo total estimado 1 hora e 30 minutos)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

Nome (este dado será mantido confidencial)

Sua resposta

Classifique como você percebe hoje cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sendo **0 totalmente Distante e 5 Totalmente Próximo**. Ressaltamos que não há resposta certa ou errada para nenhuma das questões. O intuito deste questionário é mapear a sua percepção singular destes aspectos após todo processo da pesquisa.

ODS 1

1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA

Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 2

2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 3

3 SAÚDE E BEM-ESTAR

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

ODS 4

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
 Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 5

5 IGUALDADE DE GÊNERO
 Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 6

6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO
 Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 7

7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL
 Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

ODS 8

8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 9

9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo) ODS 10

ODS 10

10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 11

11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

ODS 12

12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS
Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 13


13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA
Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 14

14 VIDA NA ÁGUA
Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 15

15 VIDA TERRESTRE
Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade




(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

ODS 16

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todas e todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

ODS 17

17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável



(Totalmente distante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente próximo)

18) Das etapas propostas na pesquisa, qual(is) ao seu ver contribuiu(íram) mais para suas reflexões:

() Questionário inicial onde indiquei pela primeira vez minhas percepções sobre proximidade e distância em relação a cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável;

() Reflexão sobre os diversos papéis possíveis a partir dos quais posso atuar;

() Entrevista individual;

() Encontro de Grupo.

() Outra situação (indique abaixo qual)

19) O quanto você acha que refletir sobre papéis é relevante na identificação de ações para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? **Sendo 0 (nada relevante) e 5 (totalmente relevante)**

(Nada relevante) 0 1 2 3 4 5 (Totalmente relevante)

APÊNDICE H - Questionário *online* MAP-ODS2

20) Após participar do Encontro de Grupo você percebeu a ocorrência de alguma mudança em suas percepções e ideias?

- () sim
 () não
 () não tenho certeza

Pode descrever um pouco mais em detalhes este processo?

Sua resposta

21) Após participar desta pesquisa sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável você:

- () Prefere evitar o assunto e não se sente confortável em continuar se envolvendo com o tema.
 () Se sente neutro em relação ao tema.
 () Sente interesse em continuar recebendo informações sobre como inserir este tema em seu cotidiano.
 () Sente-se motivado a ter este tema como um tópico prioritário em sua vida.

22) Obrigada por colaborar nesta jornada ao longo de todas as etapas desta pesquisa.

Para encerrarmos este ciclo, você pode utilizar o espaço abaixo caso queira registrar algum comentário, reflexões finais ou sugestões sobre todo este processo

Sua resposta

